

ARQUITECTURA E IDENTIDADE

A EXPRESSÃO CRÍTICA DO
VERNACULAR NO TIBETE

FRANCISCO LIBÓRIO MENDES

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sob a orientação do Professor Doutor João Mendes Ribeiro

Apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC, Julho de 2013



A scenic view of a Tibetan village with traditional stone buildings and prayer flags on a rocky hillside. The buildings are multi-story, constructed from light-colored stone or brick, with dark brown or red accents around the windows and roofs. The hillside is rocky and covered with sparse green vegetation. Numerous colorful prayer flags are strung across the slope. In the background, a large concrete dam is visible. The sky is overcast with soft, diffused light.

ARQUITECTURA E IDENTIDADE

A EXPRESSÃO CRÍTICA DO
VERNACULAR NO TIBETE

Edificio tradicional, Tibete, 2010. Fotografia do autor.

Agradeço ao Professor João Mendes Ribeiro pela disponibilidade e apreço pelo tema.

Mãe, por não me perguntares muitas vezes “Então e a tese?”, Obrigado.

Ao meu Pai, um grande ‘Obrigado’ pelas correcções assertivas e o humor ‘popular’.

Quanto aos amigos, os que restam, obrigado e um beijo por aceitarem bem as minhas visitas de médico.

E porque os últimos são sempre os primeiros, agradeço particularmente à Melita por, não só ter impedido que ficasse mais uma década a acabar a tese, mas, acima de tudo, pela perseverança e maturidade que me transmite, (quase) sempre!

RESUMO

Desde a invasão chinesa do Tibete em 1950, têm sido postas em prática fortes alterações ao seu panorama arquitectónico e urbano, sobretudo no contexto específico da capital Lhasa. Estando perante um património vernacular único e de grande valor cultural, é pertinente a discussão sobre que caminhos a arquitectura tomará no futuro, de forma a que se procure uma identidade contemporânea que respeite e conviva com a identidade tradicional sem que uma se sobreponha à outra.

Partindo de uma análise da discussão decorrida ao longo do séc. XX em torno das relações entre arquitectura, ‘poder’ e ‘identidade, conseguida através de casos de estudo internacionais de diferentes épocas, faz-se uma aproximação ao caso tibetano, com a análise das características arquitectónicas tradicionais e da morfologia urbana tradicional de Lhasa. Segue-se um estudo sobre as principais intervenções chinesas no núcleo histórico da cidade, sustentadas pela dicotomia poder/identidade já estudada. Por fim, são apresentadas algumas obras de arquitectura tibetana contemporâneas construídas dentro e fora do Tibete, das quais são extraídas premissas de abordagem vernacular distintas que, em todos os casos, pretendem transmitir uma identidade local.

Alguns dos objectos de estudo apresentados, construídos recentemente em território tibetano, parecem já deixar antever uma maior abertura das autoridades para a manutenção da identidade tibetana. De um modo global, estabelecem-se referências e consolidam-se conceitos que permitem criar uma base operativa de suporte para desenvolver, mais do que um sentido crítico, alguns projectos pontuais exemplares para o futuro da arquitectura tibetana. Esta recente consciência e sensibilização para o contexto tibetano encontra neste trabalho outro meio de divulgação, entre os raros existentes, que vem colmatar uma inacessibilidade muito sentida no meio académico.

PALAVRAS-CHAVE: arquitectura tibetana; Tibete; Lhasa; identidade; moderno; vernacular; poder; autoridade; tradicional; NTNU; Le Corbusier; Jorn Utzon; Standardarchitecture; Embaixada.

ABSTRACT

Since the Chinese invasion of Tibet in 1950, strong changes to its architectural and urban landscape have been practiced, especially in the specific context of the capital Lhasa. Standing before a single vernacular heritage and cultural value, becomes pertinent to discuss which ways the architecture will take in the future, so that it gets a contemporary identity that respects and live with the traditional identity without one overlapping the other.

It is made an approach to the Tibetan case, analysing the traditional architectural features and Lhasa's traditional urban morphology through the analysis of the discussion throughout the twentieth century about the relationship between architecture, 'power' and 'identity', achieved through international case studies from different eras, . Then, a study of the major Chinese interventions in the historic town center is made, supported by a dichotomy power/identity that has been already studied. Finally, some works of contemporary Tibetan architecture built in and outside Tibet are presented, from which are extracted distinct vernacular assumptions that intend to convey a local identity.

Some of the presented study objects, recently built in Tibetan territory, seem to have let foresee greater openness from chinese authorities to maintain Tibetan identity. Globally, references are settled up and concepts consolidated, allowing to create a support operating base to develop, not only a critical sense, but some reference projects for the future of Tibetan architecture. This recent awareness for the Tibetan context acquires in this work another means of dissemination, among the existing few ones, and helps filling a long inaccessibility on the academic field.

KEY WORDS: Tibetan architecture; Tibet; Lhasa; identity; modern; vernacular; power; authority; tradicional; NTNU; Le Corbusier; Jorn Utzon; Standardarchitecture; Embaixada.

SUMÁRIO

iii **Introdução**

I – CONCEITOS E REFERÊNCIAS

1. DA IDENTIDADE VERNACULAR À EXPRESSÃO CONSTRUÍDA DO PODER

5 **Arquitectura Vernacular e Movimento Moderno**
Da negação ao triunfo

23 **Arquitectura e Poder**
A manipulação do urbano

2. CASOS DE ESTUDO À PROCURA DE UMA NOVA IDENTIDADE

43 **Le Corbusier e Chandigarh**
O Moderno Vernacular

55 **Jorn Utzon e Kuwait**
O Poder do Vernacular

II – O CASO DO TIBETE

1. TIBETE, UM TERRITÓRIO DE CONTRASTES

67 **Compreender o contexto**
Situação política e social

77 **Que língua fala esta cidade?**
Análise tipológica da arquitectura e análise morfológica da cidade

2. O TIBETE HOJE

103 **Expressões de Poder**
A intervenção chinesa em Lhasa

117 **O vernacular hoje**
Podemos falar de arquitectura contemporânea no Tibete?

137 **Pensar o Tibete**
Intervenções recentes num território em mudança

165 **Conclusão**

175 **Bibliografia e Fontes das Imagens**

ANEXOS

193 **Porquê o Tibete?**
O programa da NTNU

199 **Viagem ao Tibete**
Relato pessoal da experiência tibetana

227 **Entrevista**
Embaixada Arquitectura

231 **Projectos académicos (NTNU)**

INTRODUÇÃO

A participação no curso *Townhouse in a Foreign Culture: Advanced Course in Tibet with a longer field stay in Lhasa* possibilitou-me uma longa estadia de dois meses em Lhasa, capital do Tibete, abrindo-me portas para uma experiência pessoal e académica única. O curso, pertencente à NTNU (Norwegian University of Science and Technology), a cargo do Professor Emérito Knud Larsen, previa, tal como sugere o nome, um estudo avançado sobre a arquitectura e cultura tibetana, com especial incidência na cidade de Lhasa.

O imaginário que transportava no período que antecedeu a viagem não se enquadrava minimamente com a realidade que vim a encontrar. Lhasa revelou-se uma cidade de contrastes, entre a resistente identidade tibetana e a imposta globalização chinesa. Apesar das várias viagens por locais tibetanos nos terem ajudado a comprovar uma essência que ainda podemos afirmar como sendo ‘pura’, esses pequenos oásis de esperança não foram suficientes para compensar o impacto destrutivo que a ocupação chinesa provocou desde a invasão em 1950. São inúmeras as alterações marcantes na paisagem urbana da cidade de Lhasa que têm acontecido de forma abrupta, tal como a contaminação de uma arquitectura desqualificada que tem vindo progressivamente a absorver e substituir o património arquitectónico tradicional.

Através da análise de documentação histórica, de visitas a mosteiros e templos tibetanos e de um estudo etimológico da cultura e da linguagem locais, pretendia-se que cada elemento do grupo chegasse a uma proposta (sensível) de programa e projecto para um determinado local no centro histórico da cidade. Mais do que revivalismos estilísticos e historicistas, procurava-se fomentar um espírito crítico sobre essa arquitectura secular no sentido de encontrar soluções contemporâneas que estabeleçam uma ponte com o contexto vernacular.

A pertinência de uma discussão contemporânea sobre o futuro da arquitectura tibetana vai além do simples interesse pessoal e académico. Com a invasão chinesa em 1950 e consequente globalização desenfreada da capital, tornou-se urgente estabelecer campos de acção que consigam de alguma forma intermediar o ‘melhor de dois mundos’ e amenizar esse confronto para evitar

1 UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), é uma organização pertencente à ONU (Organização das Nações Unidas), que tem manifestado um especial interesse na protecção do património cultural do Tibete, sendo que já alguns edifícios e zonas urbanas tibetanas foram demarcadas como Património Mundial.

2 O Tibet Heritage Fund é uma organização não governamental e sem fins lucrativos, criada em Berlim, mas com sede operacional em Lhasa. Em parceria com as entidades e populações locais, trabalham na protecção de património arquitectónico, tendo já ganho dois prémios da UNESCO no âmbito do restauro de edifícios tradicionais.

3 O *Lhasa Historical City Atlas* é um projecto iniciado em 1994 por Knud Larsen e Amund Sinding-Larsen, dois arquitectos da Noruega, cuja intenção passou por criar uma cooperação universitária entre a Noruega e o Tibete no sentido de promover intercâmbio de alunos e desenvolvimento de investigação sobre a arquitectura do Tibete.

4 LARSEN, Knud; SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001.

resultados ainda mais catastróficos. Contudo, essas acções, quase inexistentes, são muito recentes e de abrangência pontual. Pensar à escala da cidade revelou-se uma questão essencialmente política e, até hoje, incontornável. Contudo tem havido um esforço de algumas organizações internacionais no sentido de proteger esse património, tais como a UNESCO¹ e o *Tibet Heritage Fund* (THF)², vocacionadas para a protecção e reconstrução do património arquitectónico e, num campo teórico, o *Lhasa Historical City Atlas* (LHCA)³ e o *Tibet Journal*, orientadas para a documentação dessa arquitectura e a promoção de um pensamento contemporâneo sobre o tema.

Como resultado do projecto LHCA, foi publicado em 2001 o livro *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*⁴ que, tal como o próprio título deixa transparecer, apresenta uma catalogação panorâmica das características comuns e particulares da arquitectura tibetana, focada no contexto particular de Lhasa. O próprio processo demorado na elaboração desse livro, iniciado em 1994, demonstra bem a inexistência anterior de documentação respeitante a essa arquitectura, sendo que os elementos apresentados foram recolhidos ou criados pelos autores, estabelecendo um lugar pioneiro no estudo desta cultura e afirmando-se como uma fonte respeitável de conteúdos. Acabou por ser também essa consciência que motivou este trabalho, com vista a permitir localizar bibliografia escassa e específica sobre este tema.

Contudo, o que aqui se pretende não é uma análise sociológica como, aliás, é frequente publicar-se, mas sim uma abordagem teórica no campo concreto da arquitectura como objecto, cidade, marco identitário vernacular e geradora de 'poder'. Procura-se não só perceber os princípios físicos e os simbolismos da arquitectura tradicional tibetana mas também, em oposição, analisar e avaliar os pressupostos das novas arquitecturas impostas pelos chineses e ocidentais na resposta a essa pré-existência.

Este trabalho organiza-se em duas partes: a primeira, onde se começa por abordar conceitos e referências nos campos do pensamento vernacular e do poder em arquitectura, acabando com a apresentação de alguns casos de estudo onde se explora o cruzamento e a relação dessas temáticas; a segunda, que diz respeito ao caso específico do Tibete, onde se tenta fazer uma análise cronológica até à contemporaneidade do contexto arquitectónico tibetano sob o signo dos conceitos e referências explorados anteriormente.

No capítulo “Da Identidade Vernacular à Expressão Construída do Poder” é feita uma exposição do panorama da arquitectura contemporânea do séc. XX em abordagem às grandes questões do património, nomeadamente em torno da discussão do vernacular. Num momento inicial, segundo o prisma do Modernismo centrado na figura de Le Corbusier, analisa-se a sua relação com o vernacular em paralelo com uma exposição das várias correntes vernaculares como o organicismo escandinavo, a própria obra tardia de Le Corbusier, ou até o estudo sobre “arquitectura sem arquitectos”⁵ de Bernard Rudofsky, as quais surgiram no seguimento ou em reposta a esse mesmo movimento. Portanto, pretende-se expor o percurso da arquitectura do séc. XX desde o início do Modernismo até ao “Regionalismo Crítico”⁶ de 1981, fomentado pelo surgimento de novas escolas europeias, defensoras de um entendimento historicista dos modelos vernaculares.

5 RUDOFSKY, Bernard. - *Architecture without architects : a short introduction to non-pedigreed architecture*. 1995.

6 O termo “Regionalismo Crítico” foi publicado pela primeira vez por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre no artigo “*Why Critical Regionalism Today?*” em 1981, tendo sido explorado depois por Kenneth Frampton no artigo “*Prospects for a Critical Regionalism*” em 1983.

Num segundo momento, tenta-se estabelecer uma relação entre arquitectura e ‘poder’, tanto no sentido em que o desenho do espaço pode servir de instrumento para se exercer um determinado tipo de autoridade sobre o meio, como, ao invés, assumir que o exercício de poder pode condicionar a configuração espacial na arquitectura. Conceitos como “força”, “coacção”, “manipulação”, “sedução”, “autoridade”, “controlo”, “hierarquia” e “escala” são temas constantes na análise. Pretende-se também estabelecer uma ponte entre referências arquitectónicas distintas e diferentes ideologias governativas, aqui realçando também conceitos como “nacionalismo” e “identidade”. Todos estes conceitos foram revisitados em diferentes contextos, importantes referências da história da arquitectura e política, como o iluminismo nas Salinas Reais de Arc-et-Senans (1775), a Berlim Nazi (1937), a revolução urbana em Pequim a partir de 1948, o plano para a nova capital Washington D.C. (1791) e o apogeu modernista em Brasília (1960), sendo que em todos existem premissas arquitectónicas comuns, ainda que, em alguns casos, fruto de ideologias díspares.

No capítulo “Casos de Estudo – À Procura de Uma Nova Identidade” são abordadas duas intervenções ímpares: o projecto para o Capitólio de Chandigarh (1951), de Le Corbusier, e o projecto para a Nova Assembleia do Kuwait (década 1970), do arquitecto Jorn Utzon. Ambos se enquadram na categoria de edifícios governamentais, em contextos pós-coloniais, procurando com o auxílio de arquitectos estabelecer uma nova identidade: Le Corbusier, segundo a vanguarda arquitectónica e tecnológica da altura, Jorn Utzon

numa tentativa de estabelecer um equilíbrio entre o passado e o presente. Com estas reflexões procura-se o cruzamento dos conceitos e referências apresentados anteriormente de forma a perceber como, em casos concretos da arquitectura recente, se podem conjugar valores de identidade vernacular com contemporaneidade e, simultaneamente, através das mesmas ferramentas, com um sentimento político e social.

No capítulo “Tibete, um Território de Contrastes” entramos no caso específico do Tibete. Aqui incide-se especialmente no exemplo de Lhasa, visto que este foi o principal foco de desenvolvimento cultural, social e político ao longo da história do Tibete, tendo sido também a cidade especial e drasticamente afectada após a invasão chinesa de 1950. Por outro lado, acaba por concentrar em si alguns dos principais exemplares de arquitectura tradicional, capazes de definir com rigor as premissas simbólicas e formais dessa arquitectura. Pretende-se, por um lado, introduzir esta temática começando por uma contextualização histórica da cultura e sociedade tibetanas, desde as suas raízes imperialistas até à sua cultura de ‘paz’, de premissas budistas que, a partir do séc. X, criou os alicerces religiosos e sociais para o que é hoje a sociedade tibetana. Por outro lado, importa apresentar a longa troca cultural e política entre o Tibete e os países vizinhos, incluindo a China, que nem sempre actuou nos moldes imperialistas actuais, muito pelo contrário.

Num segundo plano, é feita uma exposição das características morfológicas da Lhasa tradicional, desde o seu nascimento no séc. VII, com a construção do Templo Jokhang, até à invasão chinesa em 1950. Através da análise de mapas, é possível estabelecer padrões de organização e ocupação espacial, públicos e privados, segundo os quais a cidade se regeu, mantendo-os praticamente intactos durante muitos séculos. Além disso, são apresentadas as características da arquitectura tradicional tibetana, que se reflectem num jogo de condicionantes práticas e significados religiosos e espirituais, cruzando-se e dando origem a um só, sem que nenhum elemento seja apenas funcional ou decorativo. É a leitura detalhada dessa linguagem arquitectónica que permitirá ao observador um mínimo de sensibilidade àqueles que são os valores essenciais dessa arquitectura e, conseqüentemente, aqueles que maior necessidade de ‘conservação’ apresentam.

O capítulo “O Tibete Hoje” estabelece uma continuação temporal e de conteúdos a partir do capítulo anterior, focando-se nas principais alterações

urbanas e arquitectónicas que ocorreram na cidade no período pós-invasão, sendo que aqui, tal como indica o próprio título, o trabalho recai sobre as “expressões de poder”, no sentido em que se tenta perceber de que forma é que determinadas intervenções estão relacionadas com o “empoderamento” do invasor sobre o invadido. Procura-se perceber se existe realmente arquitectura contemporânea tibetana construída que vá minimamente ao encontro dos princípios vernaculares anteriormente estabelecidos.

Essa discussão leva, por fim, à recolha do trabalho de projecto realizado no âmbito académico do curso do Tibete, a partir de uma selecção de dez trabalhos feita pelo professor responsável, em que se tenta estabelecer um padrão de pensamento ocidental sobre a questão tibetana. Por último, é apresentado um resumo crítico do trabalho isolado do atelier de arquitectura *Standarchitecture*, com o qual se pretende, à semelhança do que acontece com os trabalhos académicos, abrir caminhos e marcar limites na procura de uma arquitectura contemporânea tibetana, que possa ser reconhecível criticamente como tal.

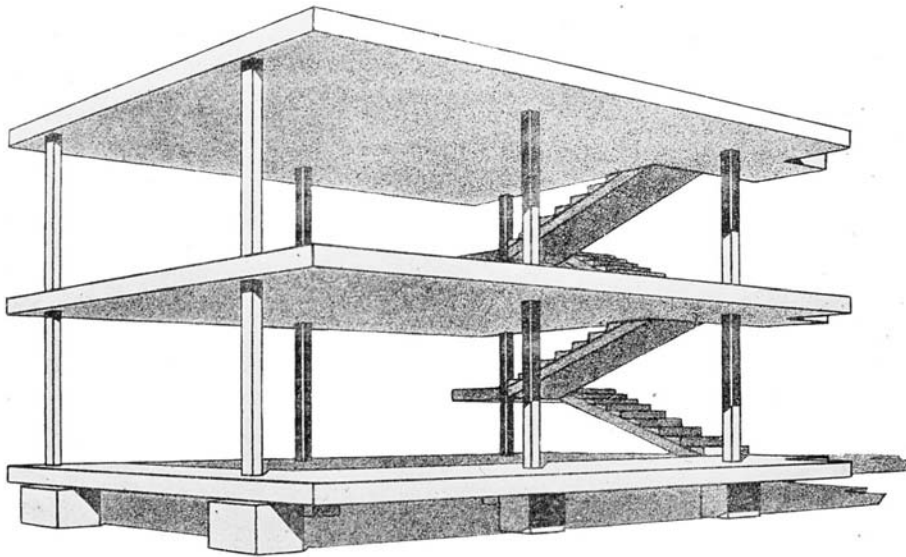
Como complemento, anexa-se um relato pessoal que permite perceber muitas das sensações e das experiências que despertaram a curiosidade necessária para a elaboração deste trabalho.

Em síntese, o que se pretende com este trabalho é a compreensão das relações que se podem estabelecer entre os mecanismos arquitectónicos consolidados pela história e as novas premissas contemporâneas, percebendo como estas têm acompanhado, e poderão continuar a acompanhar, a tão recente e forçada globalização, sem que se perca a reconhecida identidade tradicional tibetana.



Interior de um mosteiro, Tibete, 2010. Fotografia do autor.

1 | DA IDENTIDADE VERNACULAR À EXPRESSÃO CONSTRUÍDA DO PODER



11
Casa *Domino*, Le Corbusier,
1914-15

ARQUITECTURA VERNACULAR, DA NEGAÇÃO AO TRIUNFO

A arquitectura do séc. XX é, inegavelmente, um dos principais e mais mediáticos períodos da história da arquitectura, como prova a extensa produção teórica centrada nesse período. A primeira metade do século foi marcada pelo movimento Modernista, impulsionada pelos avanços tecnológicos, sobretudo no campo da produção industrial estandardizada.

Ao mesmo tempo que o Ford T, a partir de 1908,¹ se libertava dos constrangimentos da manufatura, em 1914-15 surgia a casa *Domino*, o primeiro passo Modernista rumo à “máquina de habitar”, assinado por Le Corbusier, patente no seu livro *Vers une architecture* (1923).²

A crítica teórica, que acompanhou desde o início essa caminhada modernista, fê-lo quase sempre no sentido da negação absoluta desses princípios incitando, de alguma forma, um regresso à história. É esse lado da crítica, contínua e fundamentada, que aqui se pretende valorizar, numa leitura focada do panorama da arquitectura do séc. XX. Além dos vários exemplos de arquitectura moderna que procuraram estabelecer ligações com tradições vernaculares por toda a Europa e EUA, importa destacar os estudos feitos sobre arquitecturas e culturas tradicionais. Nesse campo torna-se importante, acima de tudo, a relação destas autoridades vernaculares com as correntes arquitectónicas do séc. XX, a sua inspiração plástica e também historicista, uma vez que “o uso de linguagens arquitectónicas tradicionais é uma tentativa de sugerir pedigree e raízes”.³

É importante destacar os “conceitos geradores”⁴, referidos por Ronald Lewcock no artigo *Generative Concepts*, como fio condutor da história até ao presente. A vivência intuitiva da realidade foi transmitindo ao homem noções, mais ou menos conscientes, de frio, calor, perigo, protecção, sendo que a análise de qualquer situação destas permite estabelecer uma ideia racional associada a esse objecto ou acontecimento, que pela sua repetição, passa a ser um modelo, um conceito. Assim, “conceito gerador” em arquitectura é, por exemplo, uma gruta: primeiro não passava de um buraco, que mais tarde, pela experiência do homem, transmitiu um sentimento de protecção e de abrigo. Através da sua abstracção intelectual tornou-se um conceito, uma imagem geradora de um sentimento necessário à condição humana, reproduzível com

1 Rodrigo Samy - *Ford T, primeiro carro do mundo produzido em série, faz cem anos.* [Em linha. Disponível em] <http://revista.webmotors.com.br/antigos/ford-t-primeiro-carro-do-mundo-produzido-em-serie-faz-cem-anos/1334081194448>

2 LE CORBUSIER, pseud. - *Vers une architecture*. 1923.

3 SUDJIC, Deyan. *La arquitectura del poder*. 2007 p.127

4 LEWCOCK, Ronald - ‘Generative concepts’ in *vernacular architecture*. 2006 p.202



12
Casa Jeanneret, Le Corbusier,
1912

5 LEWCOCK, Ronald
– ‘Generative concepts’ in
vernacular architecture. 2006
p.202

base em premissas essenciais que se formalizam, neste caso, numa caixa de quatro paredes e um tecto a que chamámos ‘lar’.⁵ Conceitos como esse têm vindo a evoluir através de reciclagens intelectuais e sensoriais que marcaram por todo o mundo a evolução da arquitectura. Questões, essencialmente, de ordem cultural e climática, têm originado múltiplas possibilidades de soluções arquitectónicas determinantes, não apenas de um indivíduo, mas como resultado global da História.

Como se depreende de estudos contemporâneos sobre o assunto, de autores como Amos Rapoport, “a abordagem mais comum é copiar certas qualidades formais [...], frequentemente baseadas numa versão romantizada do vernacular.”⁶ Marcel Vellinga, por sua vez, afirma ser importante entender “o vernacular como uma fonte de conhecimento arquitectónico”⁷, tal como é fundamental examinar criticamente a forma na qual “este *know-how* deve ser integrado com novas formas, recursos e tecnologias tal como para desenvolver arquitectura ambiental e culturalmente sustentável para o futuro.”⁸

6 RAPOPORT, Amos –
*Vernacular Design as a model
system*. 2006. P.182

7 VELLINGA, Marcel –
*Engaging the Future: Vernacular
architecture studies in the
twenty-first century*. 2006. P.83

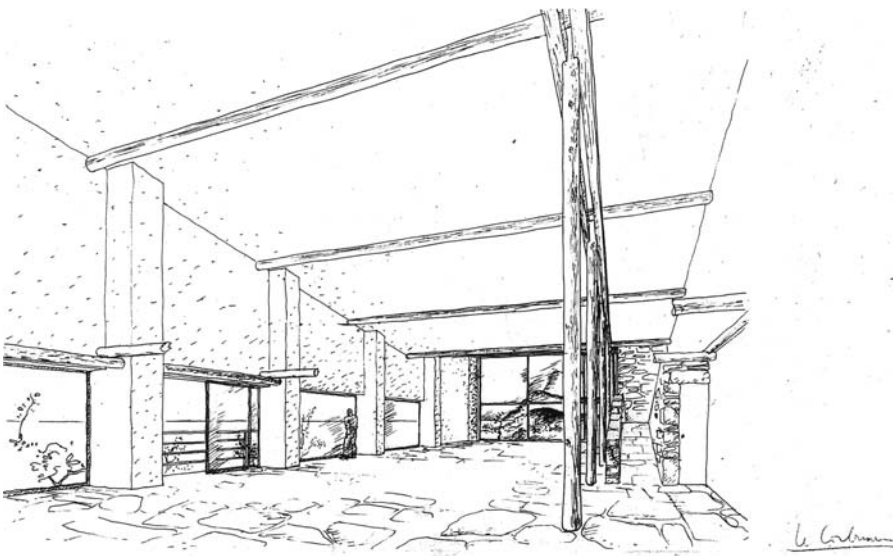
8 *Ibidem*. P.83

Le Corbusier, figura central do movimento Modernista, não só como seu impulsionador, mas mesmo como crítico activo desse *Esprit Nouveau* ao longo do séc. XX é também muito polémico e contraditório na resposta prática do seu trabalho às questões vernaculares. Sabe-se que antes de se tornar o Le Corbusier ‘maquinista’, Jeanneret deu os seus primeiros passos na arquitectura por caminhos tradicionais, entre 1905 e 1912, período que culminou na casa Jeanneret (1912), projetada para os seus pais, na sua terra natal La Chaux-de-Fonds.

Em 1911, quando inicia a sua viagem pelos Balcãs, Le Corbusier marca, paradoxalmente, o seu percurso. Se por um lado a transição da sua primeira arquitectura para a ideologia Modernista coincide com esta sua aventura, por outro, a ligação afectiva que parece estabelecer com as arquitecturas nativas dos locais que visita é inegável. Há evidências claras de uma dicotomia entre a inspiração moderna e a vernacular, sendo, a partir daí, uma constante na sua prática arquitectónica: “Na Hungria, ele observou a organização à volta de um pátio, em Tirnovo ele observou salas com janelas horizontais rasgadas de parede a parede. Na Roménia e em Tirnovo ele foi surpreendido pelo esquema de cores brilhantes das casas, repintadas duas vezes por ano com branco brilhante e tons de azul [...] deste modo, a janela de Tirnovo pode ser vista como a fonte da ‘fenêtre lounge’ que se tornou num dos arquétipos mais



I 3
Villa Savoye, Le Corbusier,
1928-31



I 4
Casa Errazuris, Le Corbusier,
1930

9 NEUTRA, Richard –
Regionalism in architecture.
1938. P.27

10 FRAMPTON, Kenneth
– *Historia crítica de la
arquitectura moderna.* 1998.
P.271

11 RICHARDSON, Vicky
– *Vanguardia y Tradición:
La Reinterpretación de la
Arquitectura.* 2004 P.14

12 SOBRAL, Luís Pedro
Pires - *Arquitectura com algum
pedigree: o vernacular na
arquitectura contemporânea.*
2009. P.23

distintivos da arquitectura modernista, e os pátios a que chamou *summer room*, podem ser vistos no terraço fechado da *Villa Savoye*.⁹

No projecto da *Villa Savoye* (1928-1931), Le Corbusier atinge o apogeu Modernista, desenhando a Máquina de Habitar mais completa no cumprimento dos cinco pontos essenciais desse “Estilo Internacional”. De tão perfeita e fiel às premissas conceptuais modernistas, talvez tenha sido esse o momento charneira que declararia, mais tarde, o grande fracasso dessa corrente purista. A verdade é que, em obras seguintes, ao contrário de uma esperada obsessão ainda maior pela Máquina de Habitar, é visível, por exemplo na casa Errazuris (1930), no Chile, e na casa Mandrot (1929-31), em Toulon, França, uma arquitectura mais próxima do vernacular, anunciando aquilo que se veio a confirmar daí para a frente, o “rompimento com a estética dogmática do Purismo.”¹⁰ Inaugurada a desilusão, “a maior parte do seu trabalho entre 1930 e 1960 baseia-se principalmente em métodos primitivos, em materiais naturais e em interpretações do passado.”¹¹

Se por um lado, em 1932, é organizada a exposição *The Internacional Style* no MoMA (Museum of Modern Art), com a pretensão de consolidar o Modernismo como um estilo universal, de vanguarda tecnológica e cultural, onde a ruptura com os ensinamentos históricos era evidente, por outro as divergências na actuação perante o Modernismo agravavam-se pela Europa fora. A discussão teórica, já na década de 30, começava a contar com a participação de críticos vindos de fora do panorama da arquitectura, nomeadamente das ciências sociais, para se envolverem na discussão da validade do moderno como solução para as cidades do futuro. Intelectuais como Pietro Belluschi, Sigfried Giedion, David R. Williams e John Gaw Meem atacam os cânones modernistas, apelando a uma maior flexibilidade e sensibilidade aos factores culturais da sociedade e ao seu contexto geográfico.¹²

O Congresso Internacional de Arquitectura Moderna (CIAM) de 1933, que aprovou a assinatura da “Carta de Atenas”, é a contra-resposta dos defensores acérrimos do Modernismo. Reforçando a ambivalência do Estilo Internacional, definiu, pela primeira vez, as premissas para a cidade moderna, inspirada na anterior *Ville Radieuse* de Le Corbusier, um modelo de cidade homogénea. A cidade proposta, que se afastava da escala humana, centrando-se numa normativa universal, funcionalista, higienista e mecânica, sem espaço para contextualizações formais e morfológicas, veio influenciar posteriores



I 5
Sanatório de Paimo, Alvar
Aalto, 1929-32.
Vista do terraço.

13 CORREIA, Maria Inês
Ramos - *Globalização vs
identidade : makarba housing
project (Ahmedabad, Índia).*
2011. P.27

expansões urbanas europeias¹³, e também planos tardios para cidades
construídas de raiz, como Brasília (1956-1960), desenhada por Lúcio Costa,
e Chandigarh (1951), a nova capital do Estado do Punjab, na Índia, desenhada
por Le Corbusier.

14 AVERMAETE, Tom.
- *Another modern [texto
policopiado] : the Post-War
architecture and urbanism of
Candilis-Josic-Woods.* 2005.
P.70

15 NEUTRA, Richard –
Regionalism in architecture.
1938. P.278

Estes ideais continuavam a não satisfazer parte da crítica internacional, assim
como algumas vozes dentro do contexto dos CIAM, como é o caso dos novos
arquitectos Georges Candillis (França) e Aldo Van Eyck (Holanda), ouvintes
sensíveis das necessidades de soluções arquitectónicas mais contextualizadas
e menos abstractas.¹⁴ Também Richard Neutra, que havia participado na
exposição *The International Style*, no texto *Regionalism in Architecture* de 1939,
reconhece que a “Arquitectura Moderna está longe de ser Internacional”¹⁵ e
alerta para a necessidade de novos conceitos que contextualizem a ‘máquina’
com a natureza, factores económicos e relativos à construção.

16 MORRISON, Hugh S.
– *After the International Style,
What?.* 1940. P.282

17 *Ibidem.* P.282

18 *Ibidem.* P.282

No contexto americano, o historiador e crítico Hugh S. Morrison, através da
publicação *After the International Style – What?*, de 1940, afirma a necessidade
de abandonar o ideal modernista, pois esse não “expressa a tradição da
arquitectura Americana”¹⁶. Acusa-o de não ser tão “funcional”, como é
frequentemente invocado¹⁷, defendendo também que “não se adequa à
topografia e à paisagem americana”¹⁸ e, por fim, Morrison reivindica um
modernismo regional, contextual, apontando a obra de Frank Lloyd Wright
como um caminho a seguir.

19 SOBRAL, Luís Pedro
Pires - *Arquitectura com algum
pedigree : o vernacular na
arquitectura contemporânea.*
2009. P.27

20 JENCKS, Charles –
*Movimentos Modernos em
Arquitectura.* 1985. P.159

21 AALTO, Alvar – *La
Humanización de La
Arquitectura.* 1940. P.142

Ao mesmo tempo, na Europa, começava a sentir-se a influência do recém
nascido “organicismo escandinavo”¹⁹, liderado por Alvar Aalto, que não
pretendia entrar na guerra por uma linguagem universal, desejando antes ser
assumidamente regional: “A muitos níveis a personalidade e a obra de Aalto
são o inverso das de Le Corbusier: descansadas e fluentes e não violentas e
tempestuosas, pacientes e não intempestivas.”²⁰ No seu texto de 1940, *The
Humanization of Architecture*, Aalto defende que o “funcionalismo deve ter em
conta o ponto de vista humano para ter uma eficácia completa.”²¹ De outra
forma, ele não teria chegado ao resultado apresentado no Sanatório de Paimio
(1929-1932), um edifício humanizado, onde a conceptualização é feita em
parceria com médicos, culminando numa arquitectura especializada, longe da
abordagem generalista do moderno, justificando, por exemplo, as varandas
que tanto caracterizam as fachadas e o terraço na cobertura.

Quando desenha o espaço doméstico, Aalto, acentua a proximidade com o



I 6
Villa Mairea, Alvar Aalto,
1938-39



I 7
Casa em Ofir, Fernando
Távora, 1957-58



I 8
Casa de Chá de Leça da Pal-
meira, Álvaro Siza, 1958-63

vernacular ao mesmo tempo que não se descola totalmente do movimento moderno: na Villa Mairea (1938-39) demonstra, por um lado, uma extrema organicidade nas relações externas e internas com o território, ao mesmo tempo que utiliza materiais tradicionais, como o tijolo à vista e madeira; por outro, faz uma reinterpretação plástica dos mesmos com recurso a técnicas modernas no sentido de uma aplicação prática mais abstracta e ao mesmo tempo complexa no seu desenho formal. De uma forma geral, os materiais, naturalmente ‘crus’, adquirem nas suas obras um enorme amadurecimento plástico, em que todos os elementos são trabalhados com grande pormenor. Aqui volta-se a uma ‘arquitectura de artesão’ que, apesar de inserida numa lógica de produção estandardizada, aproxima-se de um processo artesanal pela especificidade particular de cada elemento desenhado.

Já a cultura de Alvar Aalto estava bem enraizada na cultura arquitectónica finlandesa quando, no aproximar da década de 1950, o clima do pós-guerra veio rejeitar o Modernismo maquinista, pelo trauma tecnológico causado pelas máquinas da guerra, levando a que esse organicismo vernacular nórdico ganhasse mais mediatismo, acabando por influenciar de um modo determinante o rumo da arquitectura em países europeus. Destacou-se a intervenção crítica do italiano Bruno Zevi nessa difusão cultural, não só pelo seu país de origem, mas também por Espanha e Portugal, originando a “Escola catalã”²² e a “Escola do Porto”²³, respectivamente. Em Itália, essa influência escandinava inspirou a criação do neo-realismo, uma “arquitectura vernacular, rural e bucólica, ainda que às vezes marcada pela influência de tipos residenciais escandinavos.”²⁴ Em Portugal, contamos com vários exemplos da influência orgânica de Aalto ao longo do séc. XX, como a Casa de Férias em Ofir (1957-58) de Fernando Távora e a Casa de Chá de Leça da Palmeira (1958-63) de Álvaro Siza Vieira.

Távora defende, a propósito da casa em Ofir, que, “em verdade, há edifícios que são compostos e edifícios que são misturas (para não falar já nos edifícios que são mixórdias...) e no caso presente desta habitação no pinhal de Ofir, procurámos, exactamente, que ela resultasse um verdadeiro composto e, mais do que isso, um composto no qual entrasse em jogo uma infinidade de factores, de valor variável”²⁵, abrindo caminho para a fusão de conceitos opostos, como seriam “moderno” e “tradicional”.

Em oposição, e voltando ao panorama Europeu, Le Corbusier, quando começa

22 SOBRAL, Luís Pedro
Pires - *Arquitectura com algum pedigree : o vernacular na arquitectura contemporânea.*
2009. P.29
23 *Ibidem.* P.29
24 *Ibidem.* P.29

25 TÁVORA, Fernando
- *Casa de férias em Ofir.* In
TOUSSAINT, Michel - *Casa de férias em Ofir = Summer house at Ofir : Fernando Távora 1957-1958.* 1992.



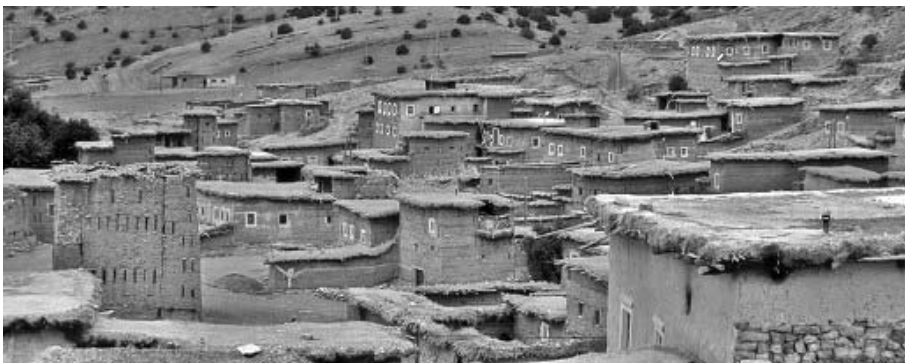
I 9
Unité d'habitation, Le
 Corbusier, Marselha, 1947.



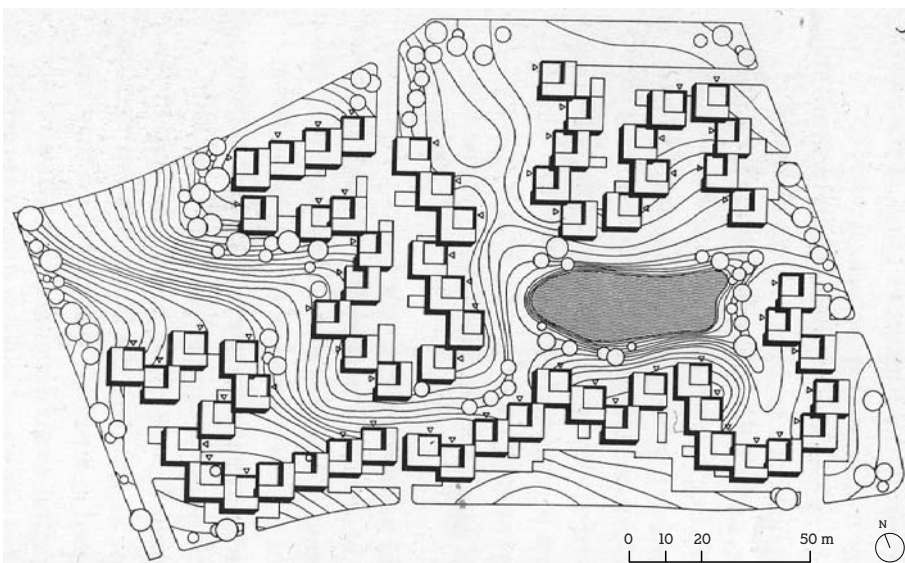
I 10
 Capela de Notre-Dame-
 du-Haut, Le Corbusier,
 Rochamp, 1950-55



I 11
 Janela típica de Engadine,
 Suíça.



I 12
 Aldeias berberes, Marrocos.



I 13
 Casas Kingo, Jorn Utzon,
 Elsinore, 1956-60.
 Planta de cobertura.

26 CURTIS, William J. R. -
Modern Architecture since 1900.
1997. p.420

27 *Ibidem.* p.420

28 SOBRAL, Luís Pedro
Pires - *Arquitetura com algum
pedigree : o vernacular na
arquitetura contemporânea.*
2009. p.17

29 CURTIS, William J. R. -
Modern Architecture since 1900.
1997. p.420

a projectar a primeira *Unité d'Habitation* em 1947, parece restabelecer-se no caminho Modernista. Em Marselha, reforça o paradigma da 'máquina de habitar', elevando o alcance do seus ideais à escala da grande estrutura doméstica. Apesar da imagem Modernista predominar no edifício, este "foi coroado por uma paisagem coberta com lareiras de serviço totémicas e formas paisagísticas esculpidas que evocavam os distantes penhascos rochosos."²⁶ Ainda não estava a obra de Marselha concluída, e ele apresentava a sua derradeira ressurreição dos males modernistas, ao desenhar a Capela de Notre-Dame-du-Haut, Rochamp, entre 1950 e 1955. Talvez a espiritualidade do programa em questão o tenha comovido e incitado o desenho orgânico de um rochedo construído, como se do contorno da paisagem envolvente se materializasse, erguendo-se no pedestal da montanha. O seu interior transporta-nos para o interior de uma caverna, escavada e composta por "ambiguidades de massa e espaço, do portante e o suportado".²⁷ Além da sua notória plasticidade, são lhe reconhecidas várias influências vernaculares, nomeadamente da relação da fachada principal da capela com as casas do Vale Engadine, na Suíça, ou possivelmente também na arquitectura argelina que ele visitou nos anos 30.²⁸

No decorrer da década de 50 surge Jorn Utzon, filho do Modernismo vernacular e aprendiz de Alvar Aalto e Asplund. Este arquitecto, à semelhança de Le Corbusier, teve um percurso inicial fortemente marcado por viagens pelo Este asiático, México e Norte de África, que naturalmente lhe atribuíram uma sensibilidade específica para as arquitecturas vernaculares: "Entre as mais fortes influências sobre ele estavam os edifícios de barro que ele viu em Marrocos e as formas cúbicas de agregação de aldeias berberes agrupadas em torno de plataformas e terraços nas Grandes Montanhas do Atlas."²⁹

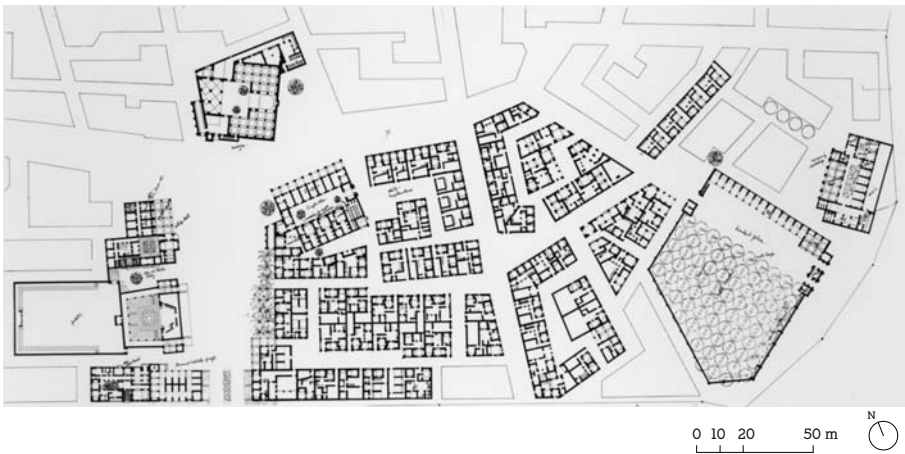
No célebre exemplo de habitação em banda das Casas Kingo (1956-60), em Elsinore, Utzon recria um modelo tradicional, com a habitação, de tijolo e madeira, em torno de um pátio, que parece remeter, de forma clara, para as aldeias em Marrocos. As habitações articulam-se entre si em pequenos aglomerados, dispostos fluentemente no terreno, mas segundo uma malha orientadora. O resultado é uma rede de espaços comuns complexa, e também um jogo variado de tensões entre as construções.

Em 1953, teve lugar o CIAM IX, em Aix-en-Provence, que assinalou o ponto final para a Carta de Atenas e o *Esprit Nouveau*. Um grupo de arquitectos mais novos, dos quais se destacaram Georges Candilis (França), Aldo Van Eyck



I 14
Carrières Centrales, ATBAT-
 Afrique, Marrocos, 1950-53.

I 15
 Casbás, Marrocos.



I 16
 Aldeia New Gourna, Hassan
 Fathy, Egipto, 1946.
 Planta do piso térreo.



I 17
 Aldeia New Gourna, Hassan
 Fathy, Egipto, 1946.

(Holanda) e os Smithson (Inglaterra), apresentou-se disposto a destronar os ideais modernistas, continuando o desenvolvimento tecnológico europeu, mas com uma abordagem mais historicista e, de certa forma, vernacular. Este conjunto de arquitectos auto-intitulou-se de Team X e ficaram responsáveis por organizar o CIAM seguinte, em Dubrovnik, três anos mais tarde. O seu trabalho passou muito por intervenção e reflexão em contextos pós-coloniais consequentes do pós-guerra, dos quais Candilis, inserido no grupo ATBAT-Afrique, projecta as *Carrières Centrales* (1950-53) em Casablanca, Marrocos, manifestando uma clara aproximação à arquitectura vernacular,³⁰ inspirado pelos “volumes cúbicos dos casbás e os celeiros fortaleza dos agricultores do sul de Marrocos”³¹.

30 SOBRAL, Luís Pedro
Pires - *Arquitectura com algum
pedigree : o vernacular na
arquitectura contemporânea.*
2009. P.39-41
31 ELEB, Monique – *An
Alternative to Functionalism
Universalism: Écochard, Candilis,
and ATBAT-Afrique.* 2000. P.59

Paralelamente às divergências estilísticas e ideológicas que marcavam um forte crescimento tecnológico na arquitectura europeia, no Egipto vivia-se o paradigma do moderno de uma forma muito distinta. Enquanto no Modernismo se discutia o papel egocêntrico do arquitecto na sua obra vanguardista e universal, Hassan Fathy, arquitecto egípcio, vivia a crença oposta. Fathy acreditava que o futuro da arquitectura no Egipto passava pelas técnicas, materiais e arquitectura local, moderna como sendo algo racional e consciente, mas ao mesmo tempo que fosse popular, no sentido em que se fazia uma arquitectura participativa entre o contexto, cliente e arquitecto. Quando tem oportunidade de planear a aldeia New Gourna (1946) para 7000 camponeses desalojados, promove uma arquitectura participativa, discutindo cada habitação com vista à economia de meios e materiais, deixando a construção a cargo da própria população. Hassan recorreu ao “conceito gerador” do pátio utilizando-os em diferentes escalas: desde o pátio privado, exclusivo a cada habitação, ao pátio comunitário dirigido a um grupo restrito de 10 ou 20 casas, sendo cada um desses um centro urbano, cultural, social e económico. Este projeto pretendia tornar-se um modelo ‘tipo’ para desenvolvimento urbano no Egipto, centrado numa arquitectura participativa, vernacular e “*no cost*”.³²

32 CORREIA, Maria Inês
Ramos - *Globalização vs
identidade : makarba housing
project (Ahmedabad, India).*
2011. P.51-55

Com a arquitectura modernista a sofrer constantes críticas por parte do CIAM, no fim da década de 50 e início da de 60, já não havia grandes dúvidas de que as políticas humanísticas e vernaculares tinham ganho a soberania ideológica para a futura continuidade da história. Vários arquitectos se seguiram às premissas e discussões lançadas durante estas décadas, mas a grande novidade foi a participação crescente, novamente, das ciências

sociais, despoletando uma dimensão interdisciplinar da arquitectura. Várias publicações importantes sobre o tema do vernacular começam a ser constantes, abrindo fronteiras para culturas e arquitecturas desconhecidas, fomentando uma cultura arquitectónica de massas híbrida, composta. Sibyl Moholy-Nagy publica *Native Genius in Anonymous Architecture* (1957), onde estuda vários casos de arquitecturas eruditas ‘artesanais’; Jane Jacobs dramatiza a morte do racionalismo no livro *The Death of Great American Cities* (1961) e Aldo Van Eyck expõe um exemplo de arquitectura indígena em *The Architecture of the Dogon* (1961).

A arquitectura vernacular estava de tal forma vigente na discussão cultural internacional que, em 1964, o MoMA acolhe a exposição *Architecture without Architects, a short introduction to non-pedigree architecture*, comissariada por Bernard Rudofsky. O objectivo era homenagear os “grandes exemplos arquitectónicos construídos pelas comunidades que os edificaram e não pelos arquitectos que comemoravam o poder e prosperidade”³³, portanto, um gesto de clara negação dos pressupostos modernistas referentes à figura do arquitecto omnipresente e egocêntrico. “Provocadoramente ele trouxe à tona e introduziu na agenda da arquitectura mundial uma área de arquitectura que tinha, até agora, passado praticamente despercebida e que costumava pertencer unicamente a um campo bastante oculto de pesquisa académica.”³⁴

Também Amos Rapoport, em 1969, publica o livro *House, Form and Culture*, onde debatia a razão de ser da arquitectura da ‘casa’, concluindo que essa “não é simplesmente o resultado das forças físicas ou de um único factor causal, mas é a consequência de um conjunto de factores socioculturais observados nos seus termos mais amplos”³⁵, considerando estes factores, os principais, e as questões técnicas e construtivas, secundárias.

No seguimento destes movimentos autóctones surgiu o termo Regionalismo Crítico, termo utilizado pela primeira vez por Alexander Tzonis e Liane Lefaivre (1981), e explorado posteriormente por Keneth Frampton. Segundo William Curtis, não poderemos falar do regionalismo na arquitectura moderna e pós-moderna sob um determinado *modus operandi*, visto que o seu princípio baseia-se precisamente na procura de soluções particulares para responder a acontecimentos igualmente singulares.³⁶ Esse passa por uma contextualização da obra de arquitectura, não só do enquadramento das influências modernas ou vernaculares, mas também por discutir o limite dos elementos tradicionais

33 BANDEIRINHA, José António – *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. 2001. P.31

34 OZKAN, Suha – *Traditionalism and Vernacular architecture in the twenty-first century*. 2006. P.99

35 RAPOPORT, Amos – *House, Form and Culture*. 1969. P. 47

36 CURTIS, William J. R. – *Towards an Authentic Regionalism*. 1986. P.24

37 CAPELA, José –
Regionalismo: Crítico?. 2002.
P.87

38 *Ibidem*. P.88

39 CURTIS, William J.
R. – *Towards an Authentic
Regionalism*. 1986. P.24

na modernidade, num processo mútuo de crítica. Dessa ‘discussão’ resulta “simultaneamente contextualização – pela escolha dos elementos significantes – e descontextualização – através da subversão linguística inerente à sua inserção.”³⁷ Isto é, sobre a memória formal, faz-se uma leitura referencial e manipulam-se novas formas arquitectónicas, fazendo “da linguagem uma metalinguagem.”³⁸ Evidentemente, esta é uma abordagem arriscada, pois poderá cair (como verificaremos em casos concretos ao longo deste trabalho) numa abordagem superficial da questão vernacular, gerando arquitecturas arquetípicas. No seu melhor, o regionalismo centra-se nos conceitos geradores e símbolos tradicionais, reciclando-os de acordo com as necessidades contemporâneas.³⁹



I 18
Memorial a Abraham
Lincoln, Washington D.C.,
1914-22



I 19
Nova Chancelaria Nazi,
Albert Speer, Berlim, 1938.
Vista da fachada.

I 20
Nova Chancelaria Nazi,
Albert Speer, Berlim, 1938.
Pórtico de entrada.

ARQUITECTURA E PODER A MANIPULAÇÃO DO URBANO

A associação de conceitos como identidade, tradição e/ou inovação pode reflectir na construção do espaço uma relação forte de ‘poder’, se essa formalização se analisar à luz de posturas políticas. Paul Hirst, no livro *Space and Power*⁴⁰, expõe a discussão em torno da preocupação com as “várias formas em que o espaço é configurado pelo poder e em que o espaço se torna um recurso para o poder”⁴¹, debaixo de contextos sociais e tecnológicos muito distintos. Aqui, importa realçar o edifício como instituição social e política, acima de qualquer valor ou princípio estético.⁴² Thomas A. Markus, em *Buildings & Power*, suporta este envolvimento antropológico e até filosófico, mas em torno da arquitectura Iluminista e pós Revolução Industrial, numa procura de maior compreensão acerca do que projectamos, erguemos e investigamos na actualidade. A compreensão da relação entre poder e arquitectura é tão essencialista que a simples análise formal dos edifícios se torna pouco esclarecedora, de tal modo que arquitecturas idênticas podem partir de contextos culturais, sociais e políticos muito distintos.⁴³ Tanto podemos presenciar uma arquitectura de referência clássica no memorial à liberdade republicana americana, construído em homenagem a Abraham Lincoln em Washington D.C. (1914-1922), ou na nova Chancelaria Nazi em Berlim (1938).

40 HIRST, Paul – *Space and Power: Politics, War and Architecture*. 2005. P.3

41 *Ibidem*. P.3

42 MARKUS, Thomas A. - *Buildings and power : freedom and control in the origin of modern building types*. 1993. P.xix

43 *Ibidem*. P.xix

Perante isto, Hirst explora como estes e outros espaços em realidades distintas podem ser interpretados perante sistemas de organização “espaço-poder”⁴⁴ intemporais, sintetizando os processos sobre os quais os edifícios procuram o confronto e o controlo social.⁴⁵ Contudo, alerta que, “quando os espaços são deliberadamente construídos por formas de poder”⁴⁶, as suas características e efeitos não devem ser lidas apenas dependendo das formas de poder por si só. Markus entende que a compreensão arquitectónica se reflecte numa narrativa carregada de significado experiencial.⁴⁷ Mas o que significa ‘poder’? Ao longo da história, a relação mais evidente do Homem com o ‘poder’ está relacionada com o exercício de autoridade de uns perante outros.

44 HIRST, Paul – *Space and Power: Politics, War and Architecture*. 2005. P.3

45 *Ibidem*. P.3

46 *Ibidem*. P.3

47 MARKUS, Thomas A. - *Buildings and power : freedom and control in the origin of modern building types*. 1993. P.xix

48 DOVEY, Kim. - *Framing places : mediating power in built form*. 1999. P.9

Kim Dovey, em *Framing Places*, estabelece que cada individuo apresenta o seu campo de acções de “empoderamento”⁴⁸, definido pela capacidade “para definir e controlar circunstâncias e eventos de forma a que consiga

49 DOVEY, Kim. - *Framing places : mediating power in built form*. 1999. P.9

50 *Ibidem*. 1999. P.9

51 *Ibidem*. 1999. P.9

influenciar as coisas para irem na direção dos seus interesses.”⁴⁹ Desta forma, “empoderamento” está ligado a uma noção de liberdade individual, que nem sempre é compatível com o poder excessivo de uma só entidade.⁵⁰ A “opressão e libertação são os dois lados da moeda do poder”⁵¹, sendo que nem sempre a liberdade de um acaba para dar lugar à de outro.

52 *Ibidem*. 1999. P.12

53 *Ibidem*. 1999. P.10

54 *Ibidem*. 1999. P.12

Dovey defende que, na arquitectura, essa relação de ‘poder’ encontra-se bastante institucionalizada, de modo a que a cada domínio espacial se associam determinadas expressões de “autoridade”⁵², seja um complexo governamental, uma instituição privada ou uma habitação familiar. Aqui estamos perante situações em que uma autoridade exerce um “poder sobre”⁵³ suportado num código político, social e cultural, composto por vários conceitos, como “força”, “coação”, “manipulação”, “sedução” e “autoridade”.⁵⁴

55 Rosmaninho, Nuno - *O poder da arte, O estado novo e a Cidade Universitária de Coimbra*. 2006. pág. 34

56 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.3

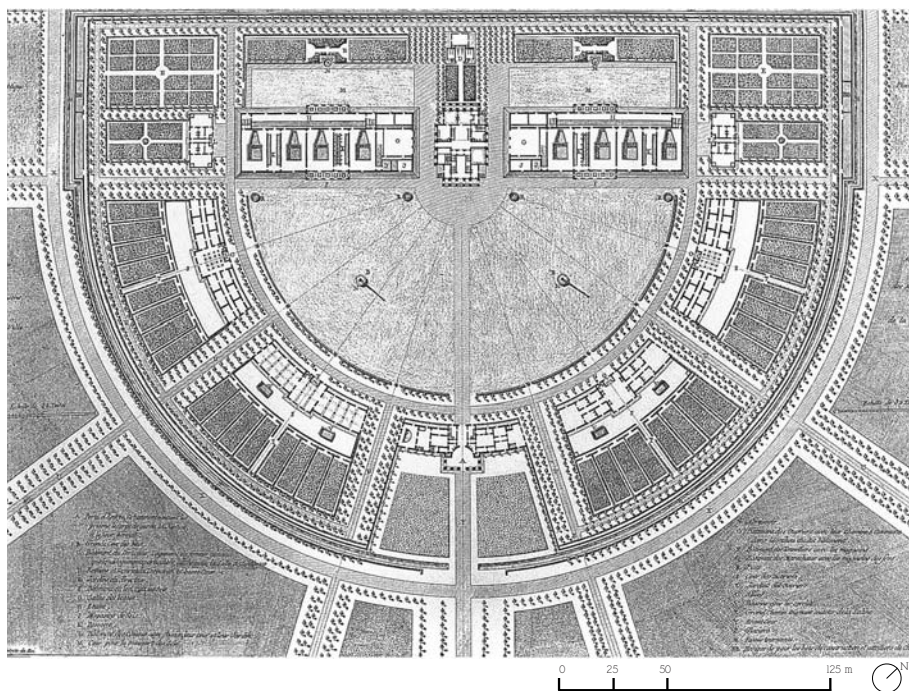
57 GEERTZ, Clifford – *The Interpretation of Cultures*. 1973. P.245

Dentro desse espectro de actuação, “a arquitectura constituiu, ao longo da história, uma das expressões privilegiadas do poder político. É por isso absolutamente legítimo falar de uma arquitectura de poder como categoria diferenciada, que inclui a generalidade das construções estatais desde a Antiguidade.”⁵⁵ Dessa forma, Lawrence Vale orienta o seu discurso, presente no livro *Architecture, Power, and National Identity*, para o estudo da relação arquitectónica com o poder sob a análise de edifícios governamentais. O autor defende que esses exemplos, “mais do que meras casas para líderes governamentais, servem como símbolos do estado”⁵⁶, arquitecturas com as quais podemos aprender bastante sobre os vários regimes políticos, de acordo com um “balanço cultural de poder”⁵⁷.

58 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.3

Por fim, também Vale se retém nos significados que os edifícios transmitem e na questão levantada pelo filósofo Nelson Goodman, de quais deveriam ser os significados transmitidos, apresentando vários mecanismos de leitura da arquitectura, para que no fim se alcance uma “interpretação multidimensional” desses casos.⁵⁸

Anteriores aos conceitos apresentados, estão várias cidades e respectivos significados políticos e sociais que representam a razão dessa crítica posterior, apresentando bases sólidas para a compreensão actual da relação espaço-poder. Tornam-se exemplos pertinentes o sonho nazi para Berlim (1937), a revolução urbana em Pequim a partir de 1948, o plano para a nova capital Washington D.C. (1791) e o apogeu modernista em Brasília (1960).



I 21
Salinas Reais de Arc-et-Senans, Ledoux, Chaux,
1775.
Planta do piso térreo.



I 22
Salinas Reais de Arc-et-Senans, Ledoux, Chaux,
1775.
Vista da entrada sobre a Casa
do Director e edificios fabris.

59 VIDLER, Anthony.
- *Claude-Nicolas Ledoux :
architecture and utopia in the
era of the french revolution.*
2006. 49

60 *Ibidem.* P. 50

61 *Ibidem.* P. 50

62 REIS, Sofia Borges Simões
dos - *Territórios de poder : notas
sobre a relação arquitetura-
poder no contexto urbano.*
2001. P.13

63 *Ibidem.* P.15

64 *Ibidem.* P.17

65 *Ibidem.* P.17

66 DOVEY, Kim. - *Framing
places : mediating power in
built form.* 1999. P.57

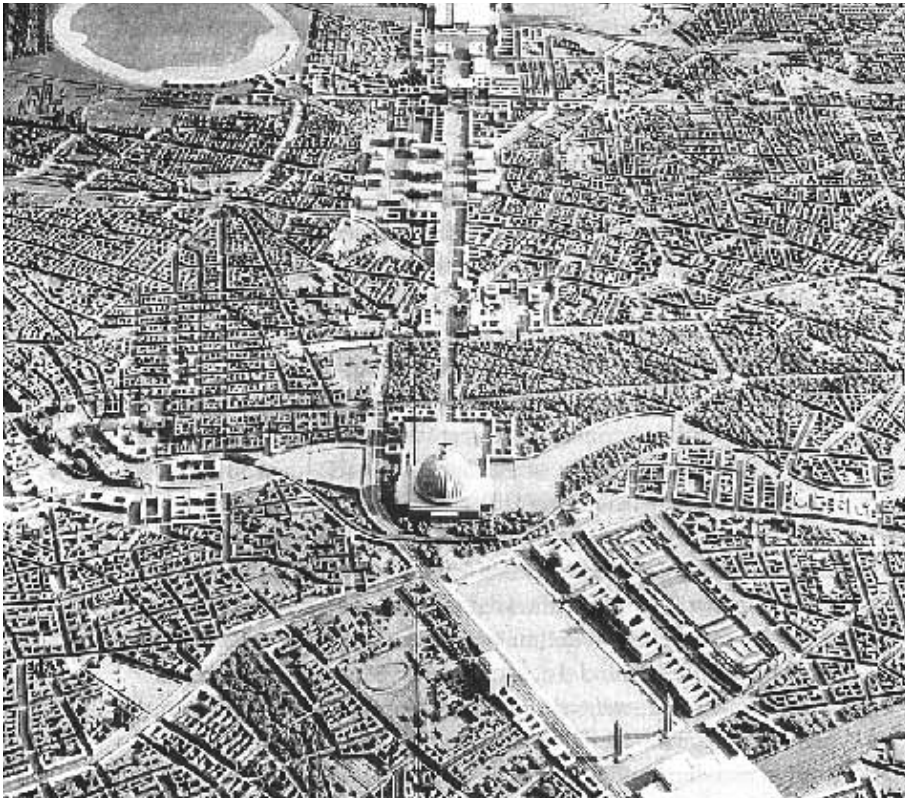
A título representativo, o projecto para as Salinas Reais de Arc-et-Senans (1775), vem enraizar no tempo estas transformações urbanas. Ledoux demonstrava uma tendência para a monumentalidade, não fosse recorrente a presença de elementos e conceitos clássicos nas suas obras. No caso das Salinas de Chaux, inclusive a entrada e volumes de serviço, ou até os de produção fabril, são marcados por um pórtico saliente que realça as entradas nos edifícios.⁵⁹ Ainda que esse projecto não tenha a escala de uma cidade, foi pensado como tal. Centrado num conceito pré-panóptico de poder por manipulação, o plano para as Salinas era composto por um perímetro circular de edifícios baixos de carácter social, como habitação para os trabalhadores e respectivos serviços necessários. Além destes, o edifício mais alto, a casa do director, situa-se a meio do diâmetro do complexo, entre os edifícios de manufatura, compondo assim a cena teatral do espaço, subjugando os dormitórios e serviços secundários.⁶⁰ Esta relação hierárquica transmite dois significados essenciais: por um lado, “o sempre-presente poder do director e os seus associados, supervisionando a produção como agentes de autoridade nobre; e por outro, uma comunidade de artesãos e operários cuidadosamente estruturada, desenhada para encorajar sociabilidade e moralização.”⁶¹

No cenário europeu, “Berlim é a cidade que melhor reflecte as várias fases da conturbada condição da arquitectura ao serviço do poder durante o século XX.”⁶² Após a derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Alemanha viveu períodos de grande instabilidade política, com várias experiências democráticas.

Na década de 20, a situação política germânica agravou-se com sucessivas recaídas na economia, tornando-se “favorável à implantação dos movimentos radicais”⁶³, acontecendo no florescimento do Partido Nacional-Socialista que, com a ajuda financeira e institucional de grandes industriais e militares, conseguiu chegar a um público de massas, tradicionalmente conservador. Após uma tentativa de golpe de Estado em 1923, os Nacional-Socialistas chegam ao poder em 1933⁶⁴ e rapidamente a “ditadura torna-se uma realidade incontornável”.⁶⁵ Adolf Hitler, chanceler do novo governo alemão, via a arquitectura além da representação cultural: um instrumento de identidade comunitária, seduzindo as pessoas para um patriotismo confiante no futuro. O seu gosto pelos valores estéticos monumentais do neo-clássico são determinantes nas opções arquitectónicas que se seguiram.⁶⁶



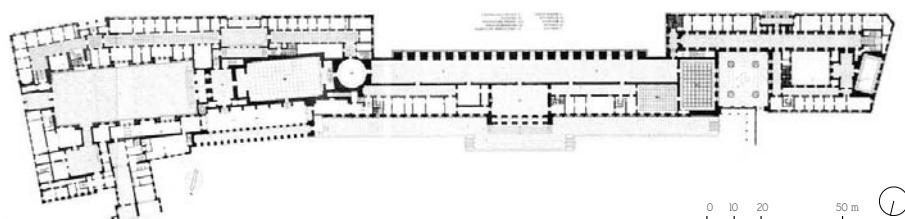
I 23
Estádio Olímpico, Albert
Speer, Berlim, 1936.
Pórtico de entrada e fachada
neo-clássica.



I 24
Modelo da Nova Germânia.
Plano de Albert Speer ao
centro e antiga Chancelaria
em baixo enviesada.



I 25
Nova Germânia, Albert
Speer, Berlim, 1937.
Vista da Tribuna.



I 26
Nova Chancelaria, Albert
Speer, Berlim, 1938.
Planta do piso térreo.

67 REIS, Sofia Borges Simões dos - *Territórios de poder : notas sobre a relação arquitectura-poder no contexto urbano.* 2001. P.35

68 *Ibidem.* P.35

O objectivo de Hitler passaria por reestruturar a capital à imagem do novo regime, dando lugar ao que ele chamou de Nova Germânia, uma “capital mundial”⁶⁷. Um dos momentos fulcrais para a propaganda inicial hitleriana foi a realização dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936: a arquitectura consequente desse evento permitiu ao líder alemão relançar a Alemanha no panorama internacional como uma nação na vanguarda social e tecnológica.⁶⁸

69 *Ibidem.* P.38

70 SCHACHE, Wolfgang – *Le plan d’urbanisme d’Albert Speer pour la capitale du Reich.* 1994. P.357

Em 1937, Hitler atribui o plano para a Nova Germânia ao arquitecto Albert Speer. Com claras referências do plano de Haussmann para Paris e superior à escala pretendida por Mussolini para Roma, Speer propôs desenho de fundamento axial, monumental e cenográfico com uma profunda e forte mensagem política. O carácter social da arquitectura foi descartado, inclusive na própria vivência urbana, fazendo prevalecer o lado cenográfico da arquitectura, com a finalidade propagandista do regime,⁶⁹ como se fosse “arte pública e visível por todos”⁷⁰. Além da evidente e esmagadora escala construída, outros elementos cénicos complementam e carregam a mensagem de intensidade, como é o caso das duas filas de canhões que ladeiam parte do eixo principal do plano, na sua entrada a Sul, simbolizando o poder bélico alemão, antes de se atravessar o arco triunfal⁷¹, entrada para a grande promenade até ao *Volkhalle* (Assembleia Nacional), no extremo Norte do que teria sido o maior eixo da Europa.⁷²

71 DOVEY, Kim. - *Framing places : mediating power in built form.* 1999. P.63

72 *Ibidem.* P.64

A nova Chancelaria de Berlim, adjacente à anterior, apresentava-se organizada segundo uma “promenade diplomática”⁷³, com influência clara do Palácio de Versailles, transportando o visitante para uma sucessão de espaços cenográficos, decorados com elementos arquitectónicos e escultóricos clássicos, símbolos representativos do poder e legitimidade política.⁷⁴ A própria cruz suástica, constante na caracterização do património nazi, carregava um enorme simbolismo de estabilidade, evocada pelo perímetro quadrangular e, ao mesmo tempo, por uma dinâmica de movimento constante.⁷⁵ No seu conjunto, Dovey defende uma “estetização do perigo”⁷⁶ para a arquitectura Nazi, onde o ‘sublime’ prevalece sobre o ‘bonito’⁷⁷, sendo que tal dimensão apenas se “encontra na natureza”⁷⁸.

73 *Ibidem.* P.59

74 *Ibidem.* P.59

75 *Ibidem.* P.58

76 *Ibidem.* P.70

77 *Ibidem.* P.70

78 *Ibidem.* P.70

*

A Cidade Proibida, em Pequim, outro exemplo destas relações, adquiriu esse nome por ter interdito o seu acesso aos chineses, tornando-se assim um retiro imperial, a partir do qual se governou o império, entre muros e portões,



I 27
Praça Tiananmen
(actualmente), Pequim.
Cidade Proibida no topo e
Mausoleo de Mao Tse Tung
ao centro.



I 28
Cidade Proibida
(actualmente), Pequim.
Entrada em baixo e Palácio
do Imperador no topo.



I 29
Praça Tiananmen
(actualmente), Pequim.
Monumento vertical de
homenagem ao povo chinês
e o Mausoléu de Mao Tse-
Tung.

79 DOVEY, Kim. - *Framing places : mediating power in built form.* 1999. P.71

80 *Ibidem.* P.72

vendo, mas sem ser visto. Um pouco à semelhança do que aconteceu também nas Salinas de Ledoux, mas aqui com uma clara estrutura social hierárquica, onde a grande Cidade Exterior englobava outras três, a Cidade Interior, a Cidade Imperial e por fim a Proibida, cada uma de acesso progressivamente condicionado, acabando na residência oficial do imperador. Estas pequenas cidades eram hierarquizadas espacialmente, por uma sucessão de patamares, divididos por muros⁷⁹ que “reflectem a paixão chinesa por clareza de relações humanas e de estatutos.”⁸⁰

81 *Ibidem.* P.72

A cidade, orientada rigorosamente segundos os eixos cardiais, estabelecia assim uma ligação celestial entre a terra e o céu, em que a própria aproximação à Cidade Proibida e ao Imperador era tida como a aproximação ao divino e à divindade.⁸¹ Apesar da forte estratificação na organização do espaço da grande cidade, não predominava qualquer tipo de verticalidade monumental, mas sim uma misteriosa horizontalidade desenhada pelos grandes muros, que impressionavam pelo ‘secreto’ e ‘proibido’, pela grande dimensão do vazio.⁸²

82 *Ibidem.* P.77

83 *Ibidem.* P.80

Já no séc. XX, mais concretamente no decorrer da revolução em 1948, foi construída a Praça Tiananmen (Paz Celestial) junto da entrada, a Sul da Cidade Proibida, apresentando-se como uma “antítese”, um lugar para o povo, democrático, com escala capaz de fazer frente à simbólica ‘proibição’, albergando mais de um milhão de pessoas. A ruptura dos muros exteriores do complexo, entre 1959 e 1960, veio destronar a cidade imperial de símbolo máximo do poder, deixando, definitivamente ‘livre’, a nova praça, reafirmando pela força o novo poder político ‘popular’. O que até há bem pouco tempo tinha sido proibido, passava a ser publicamente visível,⁸³ até se tornar numa atração turística actual.

84 *Ibidem.* P.81

Por outro lado, outros acontecimentos na Praça Tiananmen a foram afirmando cada vez mais como o ícone propagandístico do regime, como, por exemplo, a construção de um obelisco de 37 metros de altura no centro da praça em 1958, em homenagem aos heróis do povo, que “estabeleceu a praça como o centro do poder e não um percurso para ele.”⁸⁴ O simbolismo nacionalista da praça ganha mais significado, ainda durante a Revolução Cultural de 1966. Ali eram ensaiadas enormes paradas militares de apoio ao regime. Em 1976, com a morte do Imperador Mao Tse-Tung, foi construído a Sul da Praça Tiananmen o seu mausoléu, de forma a eternizar a personificação do regime no centro celestial da República Popular da China.⁸⁵

85 *Ibidem.* P.82

Em 1989, um milhão de pessoas, mobilizadas por um grupo de estudantes intelectuais, ocupou a Praça da ‘Paz Celestial’ em protesto contra o regime e a corrupção. O governo chinês respondeu com a força de uma ordem marcial, restituindo o poder sobre a ordem pública debaixo de um manto de sangue histórico. A partir desse dia, a praça das pessoas e da paz celestial voltou a ser “proibida”, sendo a partir de então negado o direito da concentração de pessoas ou qualquer tipo de manifestação social. O carácter repressivo característico da China Imperial foi restabelecido.⁸⁶ A Praça Tiananmen torna-se assim um exemplo claro de como a espacialidade, por vezes até mais que a simbologia, pode gerar acontecimentos significativos na história de um povo. A sua horizontalidade e abertura contrastantes, assim como o grande vazio que gera (metáfora do vazio social) fazem daquele espaço um caso particularmente interessante e uma relação (demasiado forte) entre arquitectura e poder.

86 DOVEY, Kim. - *Framing places : mediating power in built form*. 1999. p. 82

*

Num contexto sócio-cultural completamente distinto, no território que hoje conhecemos por Estados Unidos da América, existem também relações “espaço-poder” que interessam explorar. Sendo palco de uma duradoura ocupação colonial por parte dos britânicos, até à sua independência em 1783, em força de uma revolução liderada pelo General George Washington, que viria a ser preponderante na formulação da constituição federal americana, acabando por ser eleito como primeiro presidente em 1788, os EUA tornam-se, na última década do séc. XVIII, num caso determinante de afirmação política e institucional de um país.⁸⁷

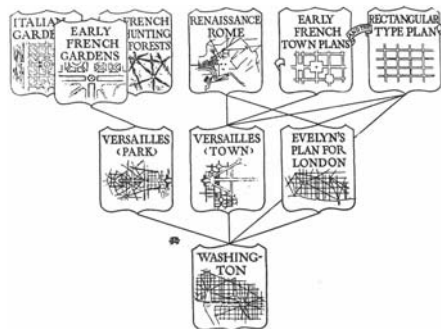
87 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.57

Com a necessidade de determinar uma capital para a nova nação, que se soltasse da história colonizada e immortalizasse o novo nacionalismo democrático, representativo da liberdade do povo americano, esta nasce em 1791, afastada dos centros de poder, exigindo a criação de um estado autónomo para a sua formação.⁸⁸

88 *Ibidem*. P.57

A nova capital, baptizada de Washington D.C. em homenagem a George Washington, deixou o seu planeamento a cargo do arquitecto L’ Enfant. De formação barroca, este arquitecto baseia-se em cidades imperiais europeias como Roma, Versailles e Londres para estabelecer o plano urbanístico da capital americana, marcado-o, assim, por grelhas, grandes eixos e diagonais.⁸⁹ Aparentemente, esta inspiração em modelos europeus, que pode parecer contraditória com uma ideia de ruptura pós-colonial, poderá também ser

89 *Ibidem*. P.57



I 30
Diagrama de influências que deram origem ao plano de Washington D.C.

I 31
Plano de Washington D.C., L'Enfant, 1791.
Escala 1/10 000.



I 32
Capitólio, Washington D.C.



I 33
Panteão Nacional de Roma.
Influência clássica.



I 34
Partenon de Atenas.
Influência clássica.

90 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.58

91 *Ibidem*. P.58

interpretada como uma demonstração provocatória da capacidade americana de superar as próprias referências. Além disso, a própria implantação e geografia do terreno escolhido para a nova capital reflectem já em si uma ideia democrática de organização do espaço, inclusive na forma como distribui os próprios monumentos pela cidade⁹⁰, afastando-se de um “controle autocrático.”⁹¹

92 *Ibidem*. P.58

A localização dos pontos-chave, urbanísticos e institucionais, está directamente relacionada com os realces topográficos na geografia da cidade, fazendo com que esses marcos assumam uma hierarquia colectiva e fortes relações visuais recíprocas com o conjunto urbano⁹². Esse processo urbanístico democrático, todavia, não foi aleatório na articulação programática. O edifício do Capitólio foi colocado numa posição central à cidade e até ao país. Num contexto social fragilizado pela Guerra Civil de 1812, também o seu progresso simbólico se tornou um símbolo estabilizador social e político,⁹³ em que o próprio George Washington defendia que ele devia “inspirar [...] a confiança pública.”⁹⁴

93 *Ibidem*. P.60

94 *Ibidem*. P.64

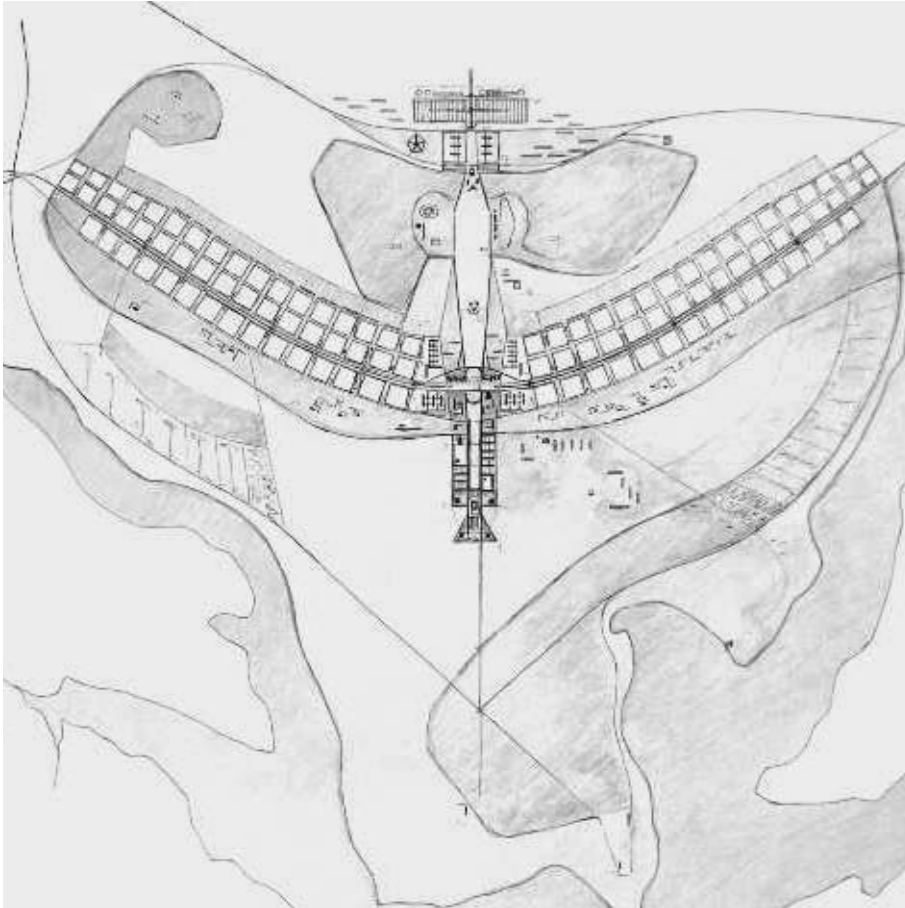
95 *Ibidem*. P.67

Washington, à semelhança do que aconteceu com regimes europeus, como o de Napoleão em Paris ou Hitler em Berlim, viu a sua arquitectura ser criada a partir das referências clássicas de Roma e Atenas. Os temas clássicos, como representantes da prosperidade moderna, acabam por definir a arquitectura de museus e edifícios governamentais, apelando à vanguarda política e cultural das sociedades clássicas, e não exclusivamente ao seu lado imperial.⁹⁵ Ainda assim, é inevitável considerar incoerente a escolha de referências arquitectónicas associadas a regimes imperialistas para construir uma sociedade moderna, supostamente assente em princípios de “igualdade democrática.”⁹⁶ Como um todo, solto desta inspiração clássica, o plano de Washington enfatiza a possível relação da organização territorial com a política. As suas partes, essas já mais decoradas à boa maneira europeia, usam a “memória” do que nunca foram, projetando o que quererem ser: mimetizar essa cultura longínqua é o desejo assumido de criar uma sociedade baseada em princípios já antes testados.

96 *Ibidem*. P.67

*

Por último, Brasília, a par com Chandigarh, terá sido o plano modernista executado mais relevante da história da arquitectura. Após a independência brasileira em 1822, o Brasil era um país com uma ocupação geográfica bastante desequilibrada, ainda fruto da herança colonial portuguesa de relação com o Mar, sendo que 80 por cento da população residia na altura na faixa litoral.



I 35
 Plano Piloto para Brasília,
 Lúcio Costa, 1957.
 Escala 1/10 000



I 36
 Praça dos Três Poderes,
 Lúcio Costa (Plano) e Oscar
 Niemeyer (Edifícios), Brasília.

97 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.115

98 *Ibidem*. P.116

Nesse sentido, a criação de uma capital de raiz surgiu também como uma reação nacionalista tardia,⁹⁷ no sentido de se soltar do poder colonial, partindo da necessidade de equilibrar a ocupação demográfica no país e neutralizar as disputas internas pela centralidade governativa,⁹⁸ à semelhança do que motivou a criação de Washington D.C..

99 *Ibidem*. P.117

O Plano Piloto de Lúcio Costa, escolhido para Brasília em 1957, resultado de um concurso nacional, inspirou várias interpretações relacionadas com o simbolismo de uma ave, no sentido em que funcionava como propulsor das ambições políticas do regime⁹⁹. O plano colocou o complexo governamental numa posição privilegiada, não só perante o resto da cidade, mas acima de tudo perante a natureza. Essa relação com o território é bastante evidente na Praça dos Três Poderes, último momento do eixo urbano principal, aberta sobre a paisagem, ‘amparada’ por três edifícios governamentais, que formam um triângulo entre si. O Secretariado, junto com a Assembleia Nacional, são os edifícios mais representativos do poder administrativo,¹⁰⁰ portanto os mais emblemáticos: o primeiro, pela sua escala vertical respeitável; o segundo, pela excentricidade e sedução arquitectónica das suas formas; no conjunto, também pela sua posição urbana, alinhados com o eixo principal antecipando o vazio da grande praça, contemplando em direcções opostas a cidade e a paisagem. Esse enraizamento da urbanidade sobre e sob a paisagem é um dos grandes hinos nacionalistas já que faz com que Brasília exista onde está e só possa ali existir.¹⁰¹

100 *Ibidem*. P.121

101 *Ibidem*. P.126

Este plano, apesar das fortes influências modernistas, pretendia afastar-se delas na sua arquitectura, tal como nas intenções sociais. Lúcio Costa, tal como Oscar Niemeyer, arquitecto responsável pelo desenho dos edifícios, previram uma arquitectura democrática, com superquadras (unidades residenciais) todas iguais, atenuando as diferenças sociais entre os cidadãos, de forma a que as várias classes se misturassem ao longo da faixa residencial. Na prática, rapidamente os conflitos sociais remeteram as classes mais baixas para a periferia da cidade, sendo que hoje, mais de três quartos da população de Brasília vive fora do Plano Piloto, em cidades satélite,¹⁰² transformando a capital, não numa “cidade de burocracias, mas para os burocratas”.¹⁰³

102 *Ibidem*. P.120

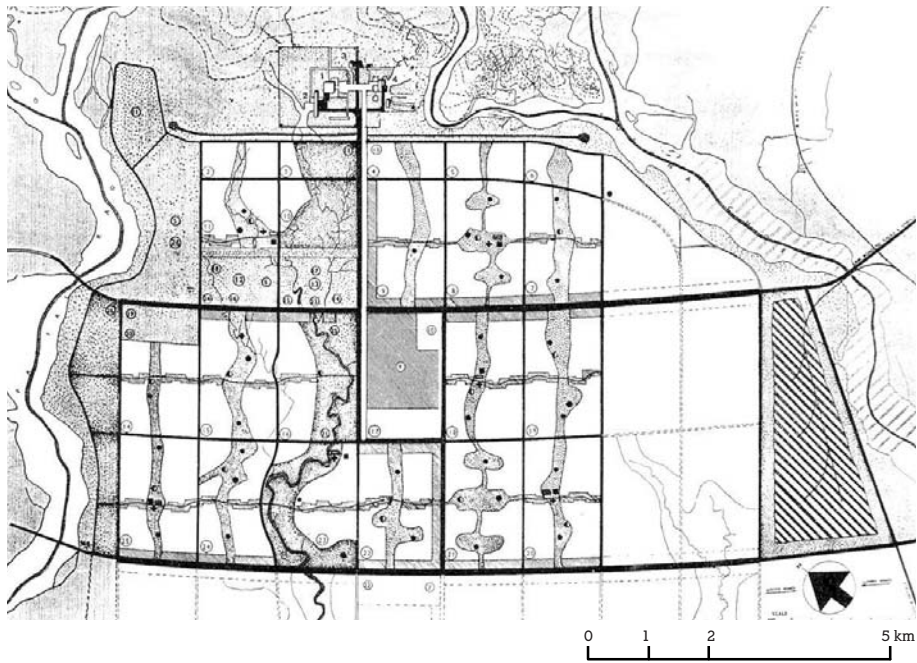
103 HOLSTON, James – *The Modernism City*. 1989. P.74

*

Desta exposição global depreende-se que, desde sempre, na história da arquitectura, a construção e o desenho serviram de instrumentos manipuláveis

em nome de uma entidade política. Embora os exemplos mais significativos estejam normalmente associados a um poder repressivo, depreende-se de uma realidade temporalmente mais próxima que a arquitectura pode também ser instrumento democrático. Independentemente do regime a representar, pode concluir-se que há permissas recorrentes: são exemplo disso a axialidade, a solidez, a escala e as referências clássicas que, quando adoptadas como meio de análise de outras realidades menos exploradas, como será o caso de Lhasa, capital do Tibete, podem por si só validar uma análise teoricamente pouco estudada.

2 | CASOS DE ESTUDO À PROCURA DE UMA NOVA IDENTIDADE



I 37
Plano para Chandigarh, Le
Corbusier, Punjab, 1951.

LE CORBUSIER E CHANDIGARH, O MODERNO VERNACULAR

A nova capital do Punjab, Chandigarh, surgiu da necessidade de realojar um governo regional e respectiva população depois da anterior capital, Lahore, ter sido perdida para o Paquistão, decorrente de uma disputa territorial que acabaria por fragmentar toda a região, até então, totalmente indiana. A necessidade de uma nova capital tornara-se imediata, não só pelas evidentes necessidades sociais de realojamento dos refugiados indianos como também ao nível institucional.¹

1 HÖGNER, Bärbel. - Chandigarh : living with Le Corbusier. 2010. P.16

Era essencial reconstruir a identidade do Punjab que, perdida para a História, reencontra em Chandigarh uma oportunidade de se reconstituir segundo um novo símbolo de independência para o futuro, não apenas da região, mas da própria Índia.² O próprio nome escolhido para a nova capital, composto por “Chandi” e “Garh”, “deusa hindu do poder” e “fortaleza”, respectivamente,³ representa mais do que o simbolismo físico e político e eleva-a a uma autoridade espiritual, como um “templo da nova Índia”.⁴

2 VALE, Lawrence J. - Architecture, power, and national identity. 1992. P.106

3 HÖGNER, Bärbel. - Chandigarh : living with Le Corbusier. 2010. P.16

4 CURTIS, William J. R. - Le Corbusier: Ideas and Forms. 1986. P.106

Simultaneamente à vontade expressa do governo indiano de criar uma cidade do futuro, à imagem da modernidade industrial europeia,⁵ Corbusier procurou, logo desde o início, equilibrar essa vontade política com os elementos identitários do lugar, começando pela paisagem. A sua proposta, apresentada em 1951, apresenta-se genericamente sobre uma grelha regular de circulação, preenchida por uma lógica de “Cidade Jardim”⁶, onde sectores de habitação de densidade moderada se articulam com enormes faixas verdes.⁷ Dessa grelha realçavam-se dois eixos principais, o Norte-Sul marcado pela presença de serviços públicos e, o outro, perpendicular ao primeiro, era pontuado pelo complexo do Capitólio no extremo nascente.

5 FRAMPTON, Kenneth - Historia crítica de la arquitectura moderna. 1998. P.233

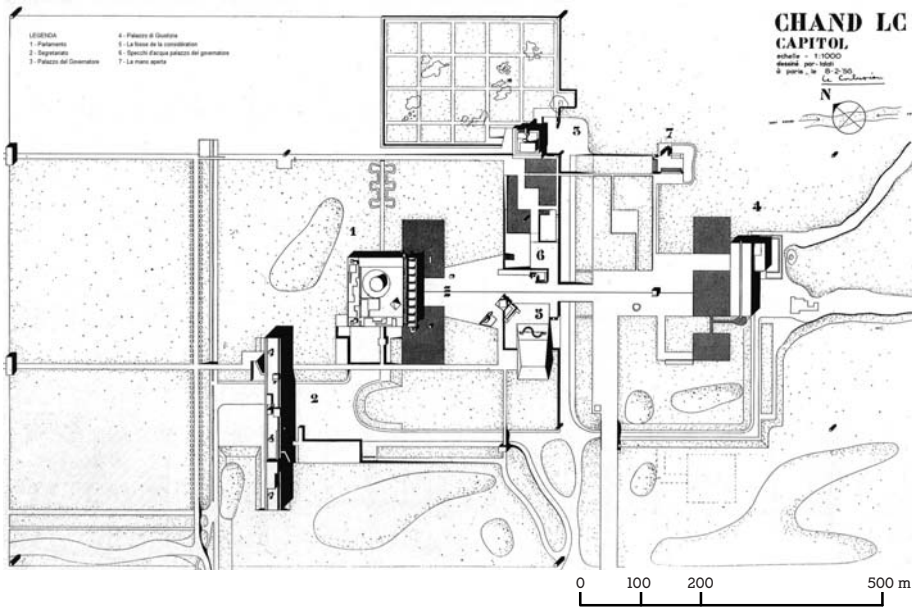
6 CURTIS, William J. R. - Modern architecture since 1900. 1997. 427

7 Ibidem. P.427

Contudo, essa grelha de mobilidade urbana, centrada na figura do automóvel, acabara por se tornar incongruente com uma ideia de democracia no sentido em que a realidade indiana ainda estava longe de representar uma sociedade tecnicamente desenvolvida,⁸ onde “são muitos os que todavia não têm uma bicicleta”⁹, quanto mais um automóvel.

8 FRAMPTON, Kenneth - Historia crítica de la arquitectura moderna. 1998. P.233

9 Ibidem. P.233



I 38
Plano para o Capitólio de
Chandigarh, Le Corbusier,
Punjab, 1951.



I 39
Tribunal Supremo, Le
Corbusier, Chandigarh.



I 40
Parlamento, Le Corbusier,
Chandigarh.



I 41
Secretariado, Le Corbusier,
Chandigarh.

I 42
Maqueta do Palácio
do Governador (não
construído), Le Corbusier,
Chandigarh.

10 CURTIS, William J. R. -
Modern architecture since 1900.
1997. 427

11 SARIN, Madhu – Urban
Planning in the Third World:
The Chandigarh Experience.
1982. P.70

12 CURTIS, William J. R. -
Modern architecture since 1900.
1997. 428

13 *Ibidem.* P.428

14 *Ibidem.* P.427

15 VALE, Lawrence J. -
*Architecture, power, and national
identity.* 1992. P.111

16 *Ibidem.* P.109

Ainda que o plano para Chandigarh estivesse carregado de símbolos e referências ao progresso político e social, não conseguiu libertar-se de fortes influências clássicas, nomeadamente da implantação do complexo do Capitólio na cabeceira do plano geral.¹⁰ Enquanto em Washington vemos o Capitólio central à cidade, numa posição democraticamente favorável perante a sociedade, Le Corbusier, com essa implantação do centro governativo, não só cria um desequilíbrio anti-democrático na relação do poder institucional com a sociedade, como também dá origem a uma estruturação urbana de tipo colonial, com uma evidente “disposição hierárquica de ricos para pobres a partir do Capitólio”.¹¹ No seguimento da procura por um estatuto superior, o complexo, à semelhança da Casa Branca em Washington D. C., é estrategicamente implantado no ponto mais elevado possível da topografia, de modo a que este fosse visto à distância e assumisse uma posição dominante, tanto na relação com a paisagem urbana de Chandigarh, mas também com o território rural da região.¹² Para Corbusier, o Capitólio tinha de ser a última amostra de civilização antes dos Himalaias¹³, servindo de ponto intermédio entre as escalas da paisagem montanhosa e da cidade.

O complexo governativo foi planeado para conter o Tribunal Supremo, o Parlamento, o Secretariado e o Palácio do Governador, sendo que o último não chegou a ser construído por ter sido considerado pelo governo, conceptualmente, muito pouco democrático.¹⁴ No que respeita à articulação entre os edifícios, essa é uma extensão da escala hierárquica iniciada no plano geral. À semelhança das cidades imperiais de Berlim e Pequim, o Palácio do Governador encontra-se no topo do plano, para “coroar o Capitólio”¹⁵, sendo o edifício mais afastado da cidade; num segundo plano, intermédio na proximidade à cidade, encontram-se os edifícios do Tribunal Supremo e do Parlamento, virados um para o outro; por fim, num terceiro plano, surge o Secretariado, posicionado lateralmente ao restante conjunto, “numa posição subordinada”¹⁶ perante o restante complexo. Sendo que, por ser o edifício de carácter mais público, terá sido essa a razão para ter sido colocado mais próximo da cidade.

Contudo, ao contrário do que acontecia nas Salinas de Chaux e na Cidade Proibida, a casa do governador não está associada a nenhuma espécie de conceito panóptico, antes pelo contrário, visto que, apesar de se situar numa posição privilegiada e soberana no plano urbano, pretende precisamente esconder-se de uma relação visual directa com a cidade. A intenção do

17 VALE, Lawrence J. -
*Architecture, power, and national
identity*. 1992. p.110

arquitecto não é de utilizar o edifício como símbolo monumental e opressor para transmitir “poder sobre” o povo, mas sim transmitir-lhe autoridade pela intimidade que essa entidade partilha com o poder superior e absoluto, que é a natureza do Punjab.¹⁷

É a partir dessa obsessão bucólica pela paisagem natural e cultural da região que ele compõe um dialecto de imagens, “conceitos geradores” e metáforas, em cruzamento com a sua herança modernista, de modo a legitimar um sentido vernacular, de pertença ao lugar, e acima de tudo, criar uma nova identidade, moderna, para a Índia.

No caso do espaço público do complexo administrativo, este é palco de uma enorme encenação, composta de elementos que remetem para os rios, montes e vales da paisagem local, sendo que “árvores, piscinas, estradas submersas, e um horizonte artificial de colinas feitas pelo homem combinam para bloquear a vista de estruturas inferiores e actividades”¹⁸, incluindo a própria existência da cidade. Os elementos urbanos mais expressivos são as duas praças existentes, que se destacam em frente do Tribunal e do Parlamento e, que através de uma ligação mais estreita, acabam por formar uma grande praça. Esta, que no plano de Corbusier, era interceptada, centralmente, por dois percursos: um, mais ‘dramático’, composto por uma sucessão de elementos arquitectónicos compositores de uma paisagem abstracta, que a ligava ao Palácio do Governador; o outro, desfasado e mais directo que o primeiro, ligava a grande praça do Capitólio à cidade.

18 *Ibidem*. P.109

O propósito da grande praça de Chandigarh poderá ser analisada à semelhança da Praça Tiananmen em Pequim, sendo que ambas se destinavam a criar uma relação de “espaço-poder” no sentido de confirmarem ‘poder’ à liberdade social. O facto das duas se situarem no complexo administrativo, poderá querer atribuir a essa liberdade uma legitimidade política, através da promoção do “confronto” democrático, física e metaforicamente, entre a sociedade e o regime. Talvez, por via dessa ambição, seja justificado o facto de ambas serem os marcos arquitectónicos com maior escala de ambos os casos.

A praça é bastante fragmentada, acontecendo numa sucessão de diferentes escalas e geometrias, de forma a gerar maior dinâmica nesse confronto. Mas, ao contrário de Tiananmen, por exemplo, aqui o Capitólio é descentralizado do núcleo social, tornando a existência da praça obsoleta, pois torna-se despropositado as pessoas deslocarem-se até lá ou até mesmo usarem-na como

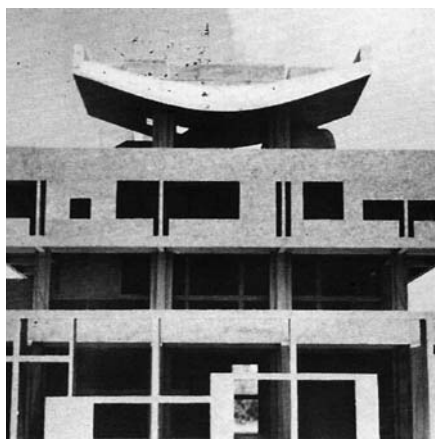


I 43
Monumento da Mão Aberta,
Le Corbusier, Chandigarh.



I 44
Exemplo dos *chattri* (pára-
sol) indianos, Fatehpur Sikri.

I 45
Pórcico da entrada do
Parlamento onde se verifica a
alusão do *chattri* indiano e ao
perfil de “meia-lua”.



I 46
Referência à cabeça de um
touro ou “meia-lua” na cúpula
da assembleia.

I 47
Influência da “meia-lua”
no terraço do Palácio do
Governador.

espaço de passagem. No plano original de Corbusier, este problema era ainda mais acentuado pela existência de uma *promenade* pedestre, que ligava a praça ao Palácio do Governador. Não construindo o palácio, também esse elemento dramático essencial não foi construído, criando uma ainda maior dificuldade na percepção actual das suas intenções por detrás daquele espaço.

Apesar da imensa escala do espaço público proposto, esse era exclusivo de um uso pedestre, reencaminhando o acesso automóvel lateralmente ao complexo, de forma a que assim pudesse desconstruir a profundidade axial clássica¹⁹, “diminuindo a distância perceptiva ao edifício”²⁰. Ao mesmo tempo que Le Corbusier criava condições para uma “citadela governamental”²¹ e social, ignorou a necessidade de motivos que legitimassem a escala da intervenção.

O ponto final da poética democrática foi a construção do monumento da Mão Aberta que, desenhado para estar perto do Palácio do Governador, acabara por ficar isolado. Nas palavras de Corbusier, esse monumento “não é um símbolo político”²², mas sim “um símbolo de paz e reconciliação [...], um testemunho de harmonia”²³ que deveria “ser o signo da nossa época.”²⁴

Encontramos na arquitectura de Chandigarh uma abstracção modernista de conceitos clássicos como a monumentalidade e hierarquia formal e, numa segunda escala, a evocação do pórtico,²⁵ não como influência estética, mas como “conceito gerador” de monumentalidade e estatuto institucional. Mas esta arquitectura, acima de tudo pretendia ser moderna, não fosse evidente a exaltação do betão armado, tecnicamente exímio. Por fim, a rigidez habitual do material, o paradigma da linha recta, é desconstruído, e o betão, levado ao limite da exploração plástica, dando origem a novas formas que, inspiradas pelo imaginário indiano, originam um novo léxico, autêntico, para a arquitectura indiana.

Uma das grandes preocupações de Corbusier perante os edifícios foi o clima quente e o sol intenso, daí fazer uso do tradicional pára-sol indiano, visível, por exemplo, em Fatehpur Sikri²⁶, tornando-se, assim, um “conceito gerador” determinante para o desenho e caracterização das fachadas.

No edifício do Parlamento, o conceito de pára-sol ganha a monumentalidade e profundidade de um pórtico clássico, expressão da fachada principal. O seu perfil em forma de meia-lua, alusão (assumida por Corbusier) à cabeça de um touro, adquire um significado político claro de ‘força’. Metáfora, aliás, que

19 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.112

20 *Ibidem*. P.112
21 *Ibidem*. P.109

22 CURTIS, William J. R. - *Modern architecture since 1900*. 1997. 429

23 *Ibidem*. P.429
24 *Ibidem*. P.429

25 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.109

26 FRAMPTON, Kenneth - *Historia crítica de la arquitectura moderna*. 1998. P.232



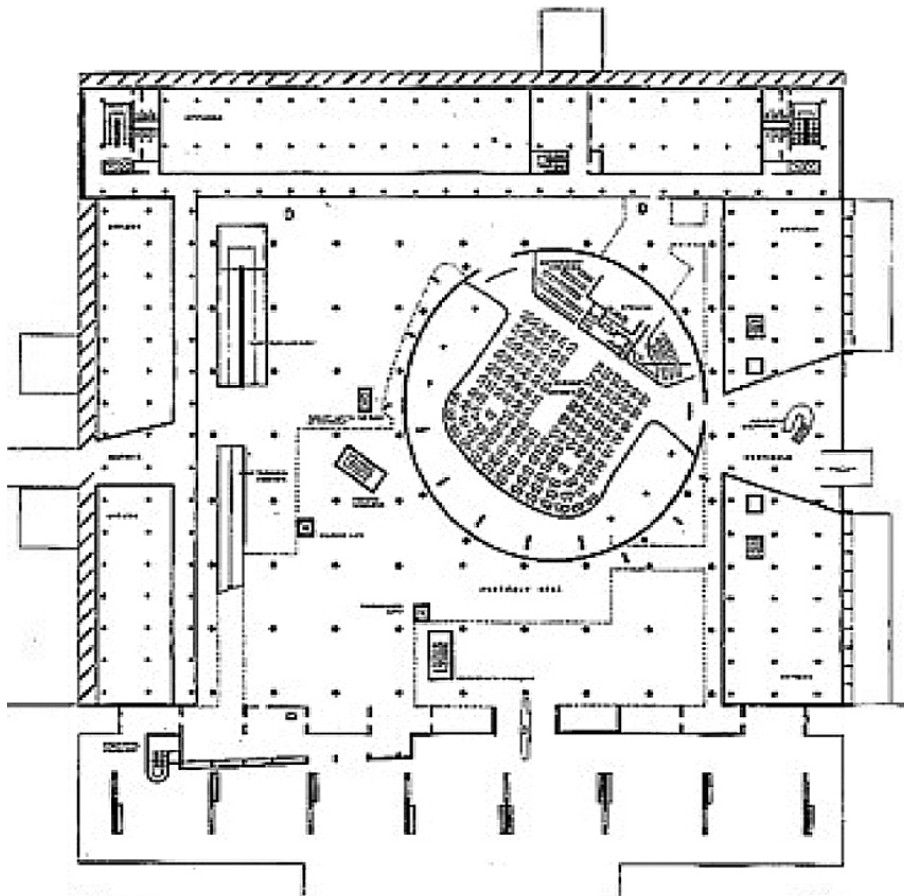
I 48
Pórtico de entrada do Tribunal, suportando uma cobertura abobadada.



I 49
Exemplo de um padrão orgânico utilizado para filtrar a luz solar nas janelas indianas.

I 50
Fachada em *brise-soleil* no Tribunal.

I 51
Fachada mais “racional” no edifício de Secretariado.



I 52
Parlamento, Le Corbusier, Chandigarh.
Planta do piso térreo.
Escala 1/1000.



27 CURTIS, William J. R. -
Modern architecture since 1900.
1997. p. 428

Corbusier utiliza também para coroar a cobertura da sala da Assembleia, tal como em maior escala no previsto Palácio do Governador.²⁷

28 *Ibidem.* 428

No caso do edifício do Tribunal, o pára-sol ganhava uma escala de um enorme pórtico que se estendia a toda a profundidade do edifício, sobre o qual se apoiava uma cobertura abobadada, remetendo para o “conceito gerador” do *chattri*, uma estrutura composta por uma cúpula apoiada em suportes elegantes.²⁸ As salas do tribunal são descoladas do chão e da cobertura, fazendo prevalecer a importância da estrutura de betão. Também neste edifício, a entrada acontece entre pilares colossais, que se insurgem na fachada quebrando por completo a continuidade desta.²⁹

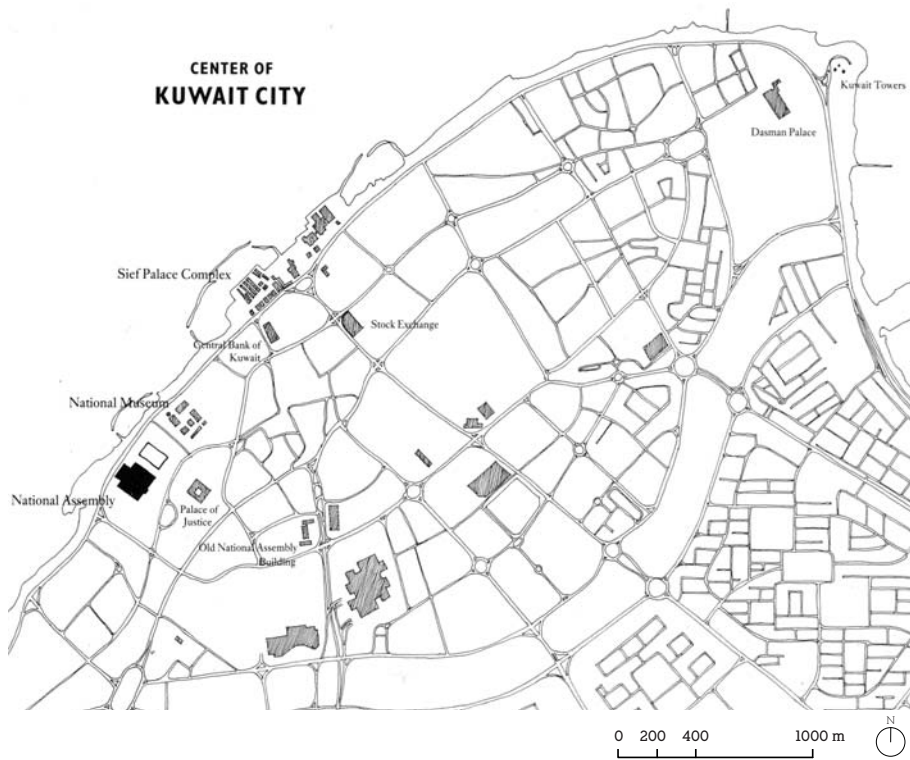
29 *Ibidem.* P.429

O *brise-soleil*, um “conceito gerador” permanente na linguagem modernista, surge de novo em Chandigarh sob diferentes formas, sendo presença predominante nas fachadas. Essa referência, contudo, pode ser vista também nas fachadas de Sikri, ainda que aí numa escala bem mais reduzida e com padrões mais orgânicos. Na fachada principal do Tribunal, esta estrutura adquire uma escala própria, muito diferente da escala tradicional de um quase rendilhado de pedra, para se reciclar de encontro a um padrão geométrico de finas lâminas de betão horizontais e verticais, enaltecendo assim a vanguarda técnica do material, e intrinsecamente da nova arquitectura. Várias versões desse conceito funcionalista foram utilizadas nas fachadas de todos os edifícios, mais precisamente em fachadas de carácter mais secundário, que não representassem os principais símbolos institucionais, criando assim uma clara hierarquia entre cada edifício e dentro de cada um. O edifício do Secretariado, além do papel secundário na composição urbana, também é caracterizado com duas fachadas principais puramente modernistas, na repetição e monotonia funcionalista, sem grande hierarquia nem pórticos monumentais.

No seu edifício do Parlamento, Corbusier vai além do pórtico na utilização de vocabulário clássico. A própria planta do edifício apresenta-se sobre um quadriculado regular, do qual se insurge a sala circular da Assembleia, à semelhança por exemplo das obras neo-clássicas em Berlim. Contudo, a Assembleia contraria uma lógica axial e posiciona-se descentralizada em relação ao edifício, estruturalmente autónoma. Esta atitude de ruptura acentua-se também com a cobertura do edifício, apresentando-se exteriormente como uma escultura cilíndrica irregular: um gesto colossal de quebra com a tradição, “uma espécie de equivalente moderno da cúpula: um

emblema da autoridade e do governo do estado.”³⁰

Em síntese, pode concluir-se que o plano para Chandigarh fica à quem das suas pretensões de construir uma sociedade democrática. A insistência em criar uma poética arquitectónica que carregasse o peso institucional de um novo regime político e, simultaneamente, as raízes locais, acabou apenas por resultar no desenho dos edifícios, onde consegue, de facto, desenvolver mecanismos capazes de resolver a ponte pretendida entre as influências autóctones e uma identidade moderna. Já no desenho do espaço público entre esses edifícios institucionais, Corbusier parece ter caminhado demais sob o campo metafórico, negligenciando as consequências reais e práticas da sua proposta. A procura de uma poética cenográfica que promova o encontro entre a sociedade e as paisagens arquitectónica e natural acabou por se revelar insensível à escala local, tendo sido justificada sobretudo por uma monumentalidade clássica e configurações espaciais urbanas que nada têm a ver com o contexto indiano.



I 53
Nova Assembleia Nacional do
Kuwait, Jorn Utzon.
Planta de Implantação.



I 54
Nova Assembleia Nacional do
Kuwait, Jorn Utzon.
Vista aérea.



I 55
Palácio Sief, Kuwait.

JORN UTZON E KUWAIT, O PODER DO VERNACULAR

31 VALE, Lawrence J. -
*Architecture, power, and national
identity*. 1992. P.218

A intervenção do arquitecto Jorn Utzon no Kuwait durante a década de 70 do séc. XX³¹ assinalou mais uma experiência modernista num contexto pós-colonial. Ao contrário dos ensaios antecessores de Chandigarh e Brasília, no Kuwait não se pretendeu uma nova capital nem nenhum plano urbano megalómano, mas apenas um novo edifício para albergar a Assembleia Nacional do Kuwait. Esta pretendeu revitalizar a identidade indígena do Kuwait, como forma de afirmar a independência e prosperidade do país após um longo período de colonização inglesa por motivos de exploração petrolífera. Este período levou a uma sociedade maioritariamente composta por população estrangeira e a uma distribuição desigual da riqueza, razões suficientes para a tentativa de emancipação da minoria indígena do Kuwait sobre a herança social colonial.³²

32 *Ibidem*. P.210

Assim sendo, a necessidade de uma nova Assembleia Nacional não se prendeu com questões infra-estruturais, visto que esta veio substituir um edifício construído apenas na década anterior para o mesmo efeito,³³ mas simplesmente com a criação de um símbolo construído do novo Kuwait, igualmente moderno e rico, mas que procurasse uma identidade nacional, mais próxima do contexto tradicional, sob o novo regime democrático.

33 *Ibidem*. P. 218

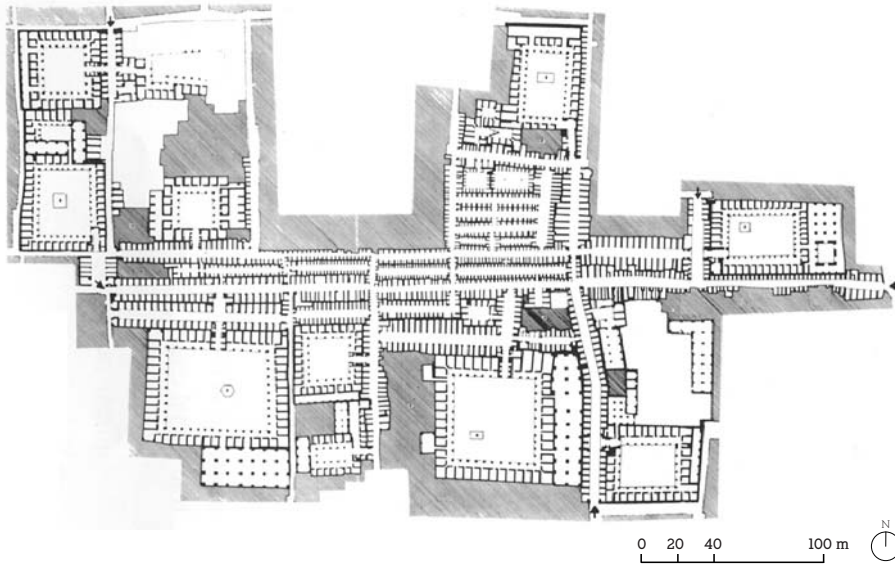
A implantação da nova Assembleia, o foco central do regime governativo, afastada do centro da cidade, onde a anterior havia sido construída, foi escolhida junto de edifícios histórica e politicamente simbólicos, como o Palácio Sief (residência do *Amir*, líder monárquico), o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Museu Nacional, e até a Mesquita Estatal, criando assim uma áurea institucional em torno da nova Assembleia.³⁴ Os próprios arquitectos defendiam o projecto como um “monumento público imponente”³⁵ com fim a prestar “um elevado tributo arquitectónico à fé no futuro do Kuwait.”³⁶ Contudo, as intenções sociais e políticas anunciadas foram, desde a primeira proposta, relativizadas por influência de interesses autocráticos, até que o edifício construído acabou por ser se tornar num símbolo de ironia democrática, aparentando ter sido construído para uma “sociedade muito mais aberta da que existia quando foi desenhado e construído.”³⁷

34 *Ibidem*. P. 220

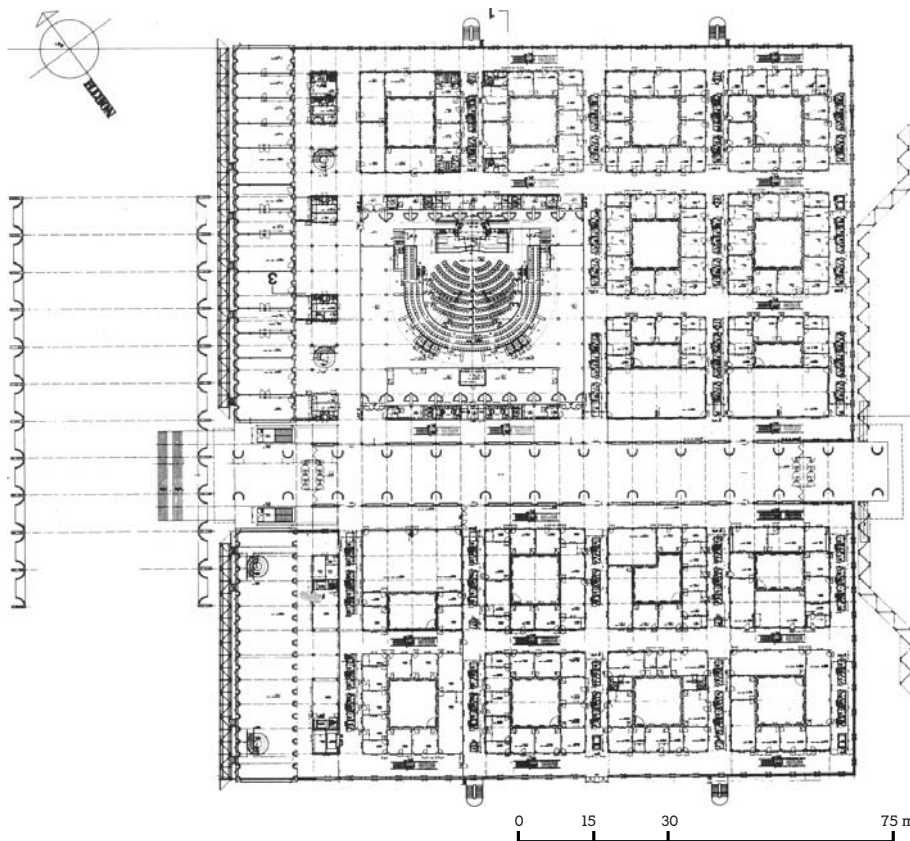
35 *Ibidem*. P. 218

36 *Ibidem*. P. 218

37 *Ibidem*. P. 218



I 56
Planta do Bazar de Aleppo,
sem escala.



I 57
Assembleia do Kuwait, Jorn
Utzon.
Planta da proposta
construída, sem escala.



I 58
Planta de uma cidade
Romana.
Sem escala.

38 CURTIS, William J. R. - *Modern architecture since 1900*. 1997. P. 31

39 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.227

A proposta que Utzon levou a concurso apropriava-se, em primeiro lugar, do bazar árabe como conceito gerador do projecto, mais propriamente, da sua organização. Desse conceito, faz uso de dois princípios funcionais fundamentais, o da “rua central” e da organização modular do espaço.³⁸ Assim, o edifício da Assembleia, grosso modo, funciona segundo uma rua central coberta, a partir da qual se acede a uma grelha regular de circulação secundária, dentro da qual funcionam parcelas individuais, cada uma organizada em torno de um pequeno pátio, à excepção de dois espaços idênticos: a sala do Parlamento e a Mesquita. Estas situavam-se no início da rua interna e apresentavam uma configuração comum³⁹, sendo que a mesquita, exterior ao programa exigido, acabou por ser retirada do programa do complexo construído. O governo decidiu vedar o acesso livre ao interior da Assembleia por recear que isso pusesse em causa a estabilidade governativa, numa época tão conturbada social e politicamente. Ainda assim, a intenção desse gesto torna clara a intenção social do arquitecto para o novo edifício do governo, um espaço democrático, para as pessoas, em que as duas grandes forças sociais, a política e a religiosa, se cruzariam livremente.

40 *Ibidem*. P. 227

Apesar da alegada relação do esquema funcional da Assembleia com conceitos árabes de organização espacial, essa semelhança é tão abstracta e redutora ao ponto de negar o seu próprio valor simbólico e metafórico, sendo que a proposta remete-nos mais para o plano de uma cidade romana antiga, do que propriamente para um bazar árabe.⁴⁰ A rua central evocada por Utzon acabara por perder a essência tradicional visível nos bazares, não só pela inconsequente relação urbana com a cidade, mas pela ausência de dinâmica social. O resultado foi uma rua que não leva a lado nenhum, tornando-se num beco institucional.

41 UTZON, Jorn - *A House for Work and Decisions: Kuwait National Assembly Complex*. P.222. cit. Por VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.227

Outra incongruência é a suposta flexibilidade modular do edifício. Apesar de Utzon alegar que as “livre-flexões dos limites exteriores do sistema estão muito relacionados com a arquitectura tradicional do bazar Islâmico”⁴¹, Lawrence J. Vale defende que essa relação acaba por ser maioritariamente simbólica, visto que na prática, enquanto o crescimento de um bazar é informal, desprendido de limites rígidos, a Assembleia é uma “ilha murada, aprisionada na sua própria grelha.”⁴²

42 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P. 229

A entrada do edifício é uma parte essencial do mesmo, não pela seu programa autónomo, mas pela ponte que estabelece entre a Assembleia e o Mar, fisicamente, e como metáfora de liberdade que, ali, parece ser



I 59
Assembleia Nacional do
Kuwait. Vista da praça
coberta.



I 60
Tenda árabe.

transportada para o lugar construído. Esta surge num dos extremos da rua central, a partir de um hall exterior coberto, que, segundo o arquitecto, seria um espaço, à “sombra do qual as pessoas podem encontrar os seus líderes.”⁴³ Utzon justificou-o também com uma questão prática que se prende com as condições climatéricas extremas, de uma forte exposição solar e a conseqüente necessidade de grandes espaços ensombrados, sendo que essa protecção, dada por uma ondulante cobertura, poderá ser estendida a um sentido de salvaguarda política do governo sobre a população.⁴⁴ Esse espaço, contudo, acabara por não considerar outros factores climatéricos frequentes no Kuwait, como os ventos fortes e tempestades de areia.⁴⁵ E, tal como a rua central, converteu-se num lugar de uso restrito privado, em que os comícios de pessoas idealizados por Utzon a acontecer ali foram substituídos por um estacionamento privilegiado dos governantes.⁴⁶

43 MARKKU, Komonen – *Elements in the Way of Life*. P.81. cit. Por VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.231

44 CURTIS, William J. R. – *Towards an Authentic Regionalism*. 1986. P.31

45 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P. 224

46 *Ibidem*. P.231

O edifício da Assembleia respeita a cêrcea local de ter apenas dois pisos em altura, à excepção de dois momentos do edifício, a sala do Parlamento e a praça exterior coberta. Ambas emergem sobre o plano horizontal dos telhados da cidade, com duas coberturas em curva, invocando o tema da tenda árabe.⁴⁷ Com esses dois elementos (três na proposta inicial, contando com a mesquita), Utzon transmite, antes de mais, uma monumentalidade ao edifício e uma clara hierarquia institucional, não só dentro dos programas restritos àquele edifício, mas também na relação com a própria cidade. A forma das coberturas, abrindo no sentido do céu, no caso da sala do Parlamento, e para o Mar, no caso da praça, além da natural função de iluminar os espaços, transmite um sentimento de contemplação da natureza, e inspiração através da mesma.

47 CURTIS, William J. R. – *Towards an Authentic Regionalism*. 1986. P.31

A localização do edifício, entre a terra e o Mar, possibilita uma dualidade de inspirações vernaculares para as coberturas arqueadas, fazendo referência para o imaginário marítimo das velas dos barcos e para o tema da tenda nómada árabe.⁴⁸ Utzon assume a relação dessas duas coberturas com a tradicional tenda, sendo que essa ligação pode ser interpretada como uma homenagem à história e cultura nómada do país e, por outro lado, transportando o significado de protecção a esse elemento associado.

48 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.223

A estrutura utilizada, em betão pré-fabricado, é uma tentativa de conjugar a vanguarda técnica desse material com a “pureza da estrutura Islâmica”.⁴⁹ O “conceito gerador” da estrutura vertical dos pilares, tal como das vigas onduladas das coberturas em arco, é proveniente do *mudhif*,⁵⁰ espaço

49 CURTIS, William J. R. – *Towards an Authentic Regionalism*. 1986. P.31

50 VALE, Lawrence J. - *Architecture, power, and national identity*. 1992. P.225



I 61
Interior da sala da
Assembleia. Cobertura
ondulada.



I 62
Interior de um *mudhif* árabe.

tradicional destinado à reunião entre membros de povoações locais para reunião e discussão pública. Além das claras influências formais para o desenho da estrutura, o *mudhif* serve de metáfora da democracia para os espaços em questão: o hall (ou praça coberta) e a sala do Parlamento.

A Assembleia Nacional, apesar das tentativas de se relacionar com as raízes culturais e arquitectónicas do Kuwait, e também de criar um rumo para uma arquitectura moderna no país, parece ter caído numa utopia social e política. As sucessivas condicionantes políticas à liberdade espacial proposta por Utzon acabaram por remeter as influências vernaculares para um plano meramente formal. Longe da essência cultural e social dos elementos vernaculares que lhe deram origem, a proposta acaba por apresentar uma arquitectura “arabesca” e não uma arquitectura verdadeiramente árabe.⁵¹

51 CURTIS, William J. R. — *Towards an Authentic Regionalism*. 1986. P.31

A oportunidade que Utzon tentou criar neste edifício para a construção de um novo rumo da arquitectura institucional local baseada em “conceitos-geradores” de sociabilização democrática e numa reinterpretação de elementos formais vernaculares (Bazar e tenda árabes, pátio e *mudhif*), muito embora se tenha revelado demasiado pretensiosa e até utópica para o contexto político e cultural, acaba por apresentar soluções, ainda que de um modo bastante sintetizado, únicas e inovadoras no contexto local, libertando aquele tipo programa de uma organização ‘palaciana’ e em direcção a uma contextualização ‘popular’.



Edifício em ruína, Lhasa, 2010. Fotografia do autor.

1 | TIBETE UM TERRITÓRIO DE CONTRASTES



I 63
Mapa da Àsia Central.



I 64
Palácio de Yumbulagang, Vale Yarlung, séc.II.



I 65
Templo de Jokhang, Lhasa, 640 D.C.

COMPREENDER O CONTEXTO

SITUAÇÃO POLÍTICA E SOCIAL DO TIBETE

Após os conteúdos explorados na parte anterior do trabalho, insere-se o Tibete como sujeito principal desta discussão contemporânea. Para se compreender minimamente a situação política, social e cultural actual do Tibete, é preciso ir aos alicerces da sua formação. Pouco se sabe sobre a real origem dos tibetanos mas desde o início que mantiveram fortes ligações políticas, religiosas e culturais com os seus países vizinhos, sobretudo a Índia, China e Nepal. Com grande crença na sua mitologia, reza a lenda de origem *bon*¹ que eles são fruto de um encontro numa gruta no cimo do monte de Gangpo Ri, perto da cidade de Tsetang, no Tibete Central (Utsang).²

1 Culto animista que se antecedeu ao budismo.

2 CASTRO, Joaquim Magalhães de - *Viagem ao Tecto do Mundo: o Tibete desconhecido*. 2010. p. 25

3 *Ibidem*. P. 26

4. The Tibet Discovery - *What is Yumbulagang Palace?* [Em linha. Disponível em] www.tibetdiscovery.com/what-to-see/yumbulagang-palace/

5 LARSEN, Knud; SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. P.114

6. The Tibet Discovery - *What is Yumbulagang Palace?* [Em linha. Disponível em] www.tibetdiscovery.com/what-to-see/yumbulagang-palace/

7 Antiga língua da religião Brama, teve origem em 1500 a.C. Descrito como um equivalente asiático do Latim pelo seu papel na literatura religiosa e histórica da Índia.

8 CASTRO, Joaquim Magalhães de - *Viagem ao Tecto do Mundo: o Tibete desconhecido*. 2010. p. 26

A civilização tibetana ganhou raízes no fecundo Vale Yarlung, banhado pelo rio Yarlung Tsangpo, com a construção da fortaleza de Yumbulagang³ (séc.II A.C.), a mando do primeiro rei do Tibete, Nyatri Tsanpo. Este foi o primeiro edifício de que há registo no Tibete, tornando-se para sempre num marco histórico da região. Este Palácio deu lugar aos aposentos reais tibetanos até ao séc.VII, quando o rei Songtsen Gampo decidiu mudar-se para Lhasa,⁴ então fundada com a construção do Templo Jokhang (640 D.C.)⁵. Desta forma, o palácio real foi convertido num mosteiro Gelugpa (Ordem dos Chapéus Amarelos) sob o comando do então quinto Dalai Lama.⁶

O rei Songtsen Gampo, o primeiro grande rei do Tibete, terá tido um papel preponderante na sua expansão territorial e na difusão do Budismo na região. Enviou eruditos à Índia estudar o seu sânscrito⁷, do qual veio a resultar o alfabeto tibetano e algum interesse pessoal por essa religião. Por outro lado, havia reforçado também os laços com a China e o Nepal, ao esposar-se com as princesas Wencheng e Bhrikuti dos dois países, respectivamente. Do lado chinês vieram os ensinamentos científicos, essencialmente de astronomia e medicina, enquanto a presença da princesa nepalesa veio fomentar o interesse do rei, e sucessivamente da corte tibetana, pelo Budismo. Estas ligações foram postas em causa quando o mesmo rei decidiu invadir o Nepal, o Norte da Índia e enfrentar a dinastia Tang na China.⁸

Desde o séc. VII e durante dois séculos, o Tibete prosperou pela sua força militar, conquistando um grande território na região dos Himalaias, mais



I 66
Mosteiro Samye, Vale Yarlung,
séc. VIII



I 67
Mosteiro Sera, Lhasa, séc.
XV



I 68
Mosteiro Drepung, Lhasa,
séc. XV



I 69
Mosteiro Tashilhunpo,
Xigatse, séc. XV

9 CHOEDON, Yeshi – *Issues of Tibetan Nationalism and National Identity*. 2000. P.361

10 CASTRO, Joaquim Magalhães de - *Viagem ao Tecto do Mundo: o Tibete desconhecido*. 2010. p. 26

11 CHOEDON, Yeshi – *Issues of Tibetan Nationalism and National Identity*. 2000. P.362 e 363

12 *Ibidem*. P.26 e 27

13 CASTRO, Joaquim Magalhães de - *Viagem ao Tecto do Mundo: o Tibete desconhecido*. 2010. p. 27

14 *Ibidem*. P.27

precisamente, a Norte, o Turquestão, e a Sul, as províncias de Gansu e Sichuan na China. Em 840, o Rei Lang Dharma foi assassinado, levando à dissolução do Império Tibetano. O período que se seguiu foi marcado por uma guerra civil, assinalando a “idade negra” da história do país,⁹ marcada por conflitos entre donos feudais e, no caso da religião, por uma grande oposição interna da religião *bon* contra a propagação do Budismo. Ainda assim, esse período, ironicamente, acabou por ser marcado precisamente pela difusão do Budismo no platô tibetano. Ainda no séc. VIII foi construído o mosteiro budista de Samye no vale Yarlung e o Budismo considerado religião oficial do Tibete. Finalmente, no fim do séc. X, com o regresso de novos estudiosos Tibetanos vindos da Índia, deu-se a ressurreição budista na região.¹⁰ O país assistiu à “histórica transição de autoridade real baseada na força para a autoridade lamaísta baseada na crença religiosa.”¹¹

A partir de Oeste, começaram a surgir dezenas de mosteiros e escolas budistas de várias ordens, sendo uma das mais importantes, a ordem de Kagyupa (1012-1093) fundada por Marpa, “o tradutor”, e seguida pelo seu discípulo Milarepa. Pelas mãos de Sakya, seguiu-se a ordem de Sakyapa que, com a invasão mongol (séc. XIII) de toda a Ásia Central, aproveitou para se aliar ao novo poder político e assim governar espiritualmente a região do Tibete por um século. O rei mongol Godan Khan acabou mesmo por adoptar o Budismo como religião oficial da Mongólia, uma coligação que provocou forte contestação por parte das restantes ordens religiosas tibetanas, dando origem a conflitos políticos, que nada tinham a ver com os preceitos budistas e que foram uma constante até ao fim da dinastia Yuan (1279-1368).¹²

Após o derrube do governo mongol, tanto o Tibete como a China recuperaram a sua autonomia, restabelecendo as ligações diplomáticas entre ambos. Nos reinados que se seguiram, até finais do séc. XVI, a autoridade religiosa passou pelas mãos dos Karmapa, uma variação da ordem Kagyupa. A partir daí assisteu-se à ascensão da seita Gelugpa, ‘seita dos virtuosos’. Esta, criada em 1374 por Tsongkhapa, e tal como a sua alcunha, pretendia afastar as ordens religiosas de quaisquer interesses políticos,¹³ defendendo “uma pureza doutrinal e a disciplina monástica.”¹⁴

O mosteiro de Ganden, perto de Lhasa, mandado erguer pelos Gelugpa, tornou-se pequeno para o número de seguidores, que era já muito elevado, o que levou à construção dos mosteiros Sera e Deprung, perto de Lhasa, e Tashilhunpo, em Xigatse. Estes acabaram por ser os maiores mosteiros do



I 70
Palácio Potala, Lhasa, séc.
XVII
Visto do Monte Chakpori,
em 1937.

15 CASTRO, Joaquim
Magalhães de - *Viagem ao Tecto
do Mundo: o Tibete desconhecido.*
2010. p. 27

Tibete, chegando a albergar dezenas de milhares de monges. Os Gelugpa foram os precursores, no Tibete, do sistema de sucessão de líderes religiosos através da crença na reencarnação.¹⁵

16 *Ibidem.* P.27

Já durante o reino de Sonam Gyantso, filho da terceira reencarnação Gelugpa, voltou a haver um interesse mongol no Tibete, desta vez focado em adquirir controlo sobre essa recente e poderosa seita espiritual. Dessa feita, os Mongóis passaram a chamar os líderes espirituais tibetanos de Dalai Lama, “oceano de sabedoria” em mongol. Esta aproximação veio reinstalar o velho clima de instabilidade política e de violência entre a ordem predominante Gelugpa e as restantes.¹⁶ A paz só se voltou a sentir na região já depois do nascimento do quinto Dalai Lama (1656), por obra dos mongóis. Deu-se início a mais um período próspero para o Budismo, tendo sido construídos novos mosteiros e o Palácio de Potala, a nova residência dos Dalai Lamas.¹⁷

17 *Ibidem.* P.28

Entretanto, na vizinha China assistia-se ao derrube da dinastia Ming, para dar lugar à dinastia Qing Manchu em 1644. Logo desde início as relações deste novo governo com o Tibete não foram as melhores, em grande parte devendo-se à conflituosa presença mongol naquele território. Desta forma, o segundo imperador manchu, Kang Xi, invadiu Lhasa com o intuito de expulsar os mongóis. Os tibetanos receberam de braços abertos esta intervenção, aceitando que o Tibete se tornasse um protetorado da China, fazendo com que dois representantes chineses, intitulados de *ambans*, se instalassem em Lhasa, juntamente com força militar.¹⁸

18 *Ibidem.* P.28

A governação chinesa acabou por não ser amigável, sendo o principal ponto de partida histórico para a posterior ocupação comunista do Tibete. Chegaria ao fim em 1911, tornando-se a última dinastia imperialista da China e seguida por uma revolta social levada a cabo pela massa intelectual chinesa, regressada do Japão e da Europa, que deu oportunidade para a formação do que viria a ser a República Popular da China.¹⁹

19 *Ibidem.* P.29

Simultaneamente ao que acontecia na China, os tibetanos e mongóis aproveitaram para expulsar a ocupação já não desejada dos chineses no seu território. Depois disso a vizinha Mongólia havia conseguido protetorado russo, e o Tibete, inglês. Ingleses que, de resto, já haviam demonstrado interesse em terras tibetanas uns anos antes, alegadamente por questões comerciais entre o Tibete e a Índia, que ocupavam. Em 1913, o 13º Dalai Lama declara a independência do Tibete, juntamente com a Mongólia, pela assinatura



I 71
Residência *in exile* do 14º
Dalai Lama em Dharamsala,
Índia.



I 72
Imagem de um mosteiro
destruído durante a
Revolução Cultural.

do *Tratado Tibeto-Mongol de 1913*. Aquilo que parecia a libertação definitiva de conflitos acabou não sendo legalmente aceite pela República da China, tendo apenas sido considerado válido em condições *de facto* pelos restantes países intervenientes.²⁰

20 CASTRO, Joaquim Magalhães de - *Viagem ao Tecto do Mundo: o Tibete desconhecido*. 2010. p. 29

Em 1949, a quando da instauração da República Popular da China, o Tibete é tido, pelo governo chinês, como parte integrante do território da nova república. O regime de protectorado de vários séculos levou a China a legitimar, assim, a ocupação militar efectiva da região do Tibete em 1950. A incapacidade de resistência tibetana levou à assinatura de um acordo de 17 pontos, no qual o Tibete reconhecia a soberania da China sobre si. O governo do 14º Dalai Lama pouco conseguiu fazer para travar os avanços dos chineses em solo tibetano.²¹

21 FJELD, Heidi – *Commoners and Nobles: Hereditary Divisions in Tibet*. 2005. P.9

Em 1959 o “exército vermelho” deu entrada na capital da região autónoma do Tibete, um processo envolto em rumores de uma possível intenção de supressão do poder do líder tibetano, provocando assim violentos conflitos entre tibetanos e as tropas do ELP (Exército de Libertação Popular). Além das milhares de mortes a registar, esta data ficou marcada pela fuga do Dalai Lama, acompanhado de milhares de seguidores, para a Índia.²² Dharamsala, situada no estado indiano do Himachal Pradesh, no sopé dos Himalaias, foi a cidade escolhida para ser a capital *in exile* do líder espiritual tibetano e desde então tem vindo a intensificar-se a presença tibetana cujo “desafio não é apenas a sobrevivência física mas a sobrevivência da sua cultura ameaçada.”²³

22 Ibidem. P. 9

23 NORIEGA, Ernesto – *Tradition and Innovation in the Tibetan Diaspora*. 2003. P.161

O período que se seguiu foi de enorme aperto à liberdade dos tibetanos. Em 1966 deu-se início à Revolução Cultural (1966-1976), um processo chinês para desenraizar a cultura tibetana, processo no qual, milhares de tibetanos foram perseguidos ou até mesmo mortos. Cerca de “6000 mosteiros foram destruídos”²⁴, artefactos e livros religiosos também, e até a prática religiosa foi proibida.²⁵ Foi uma década de total perseguição à identidade local no sentido de fazer prevalecer e possibilitar uma maior expressão chinesa no território tibetano.

24 BOYLE, Kevin; SHEEN, Juliet - *Freedom of religion and belief: a world report*. Routledge. 2003. p.217

25 BARNETT, Robert – *Lhasa: Streets with Memories*. p. xxvi

A década de 1980 foi marcada por um certo arrependimento chinês pelos estragos feitos durante a Revolução Cultural, sendo que foi restituído, à semelhança do regime implementado na década de 1950, uma maior liberdade e direitos aos tibetanos. Manifestações culturais e religiosas voltaram a ser permitidas, mas mais do que o direito à própria identidade, os tibetanos

26 BARNETT, Robert –
Lhasa: Streets with Memories.
p. xxvi

tiveram direito a uma maior igualdade social nas oportunidades de trabalho, estudo e inclusive passaram a ter permissão para viajar fora da região.²⁶

27 FJELD, Heidi – *Commoners and Nobles: Hereditary Divisions in Tibet.* 2005. P.11

Contudo, as tentativas do governo de agradar ao povo tibetano, e de tentar provar que havia condições no país que possibilitassem o regresso do Dalai Lama foram em vão, nunca deixando de se sentir descontentamento.²⁷ O período de exílio não descolou o Dalai Lama da influência enquanto líder espiritual, religioso e político tibetano, até a nível internacional, tendo-lhe sido atribuído, em 1989, o Prémio Nobel da Paz, um reconhecimento à causa tibetana e simultaneamente uma humilhação para a actuação chinesa. A tentativa de atrair o Dalai Lama de novo ao Tibete, não só falhou, como a contestação popular não diminuiu. Esse dia foi festejado como uma vitória pelos tibetanos, e sentida a dor da derrota pelos chineses.²⁸

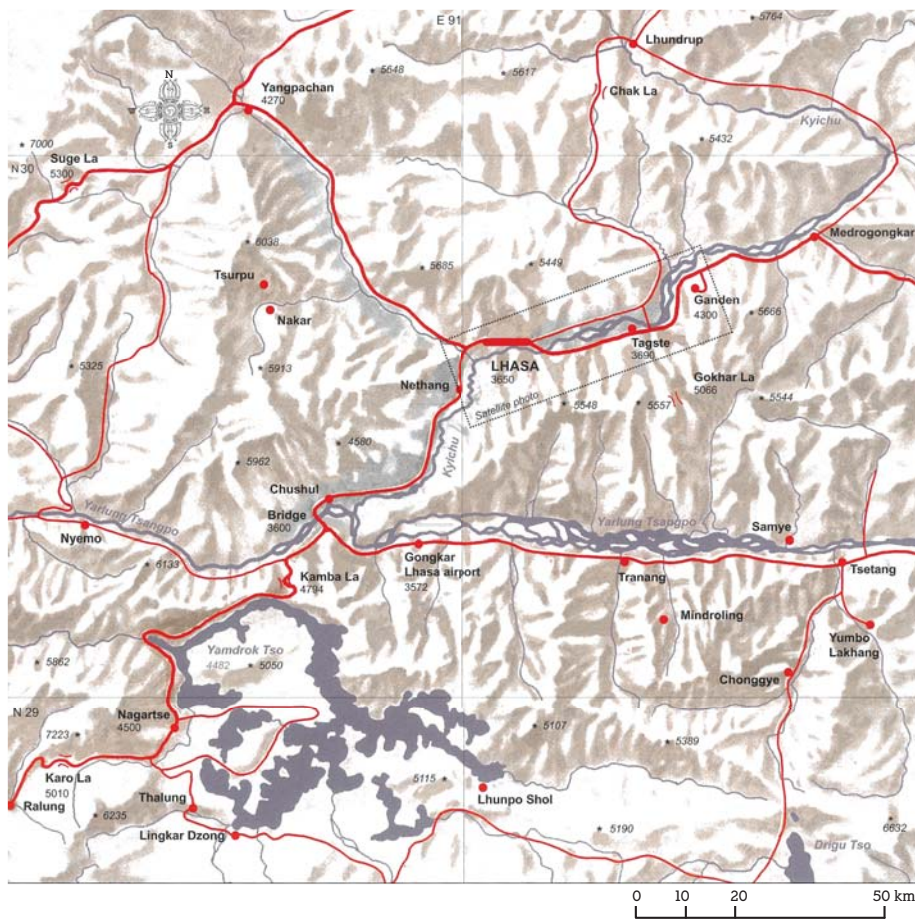
28 CHOEDON, Yeshi –
Issues of Tibetan Nationalism and National Identity. P. 375

Em resposta, a China decidiu retroceder no direito à liberdade por parte da população tibetana, iniciando um novo ataque à cultura indígena, mas desta vez, optando por um controlo mais discreto em que, ao invés de reagirem às manifestações anti-regime, agiram de forma a preveni-las: “Os tanques e os soldados e a polícia com metralhadoras que eram uma parte da fotografia da cidade de Lhasa no final do anos 80 foram substituídas por largos números de polícia à paisana.”²⁹ O governo passou a trabalhar com um sistema de vigilância constante e imprevisível, remetendo para uma ideia de panóptico, actuando assim através da manipulação pelo receio e o medo.

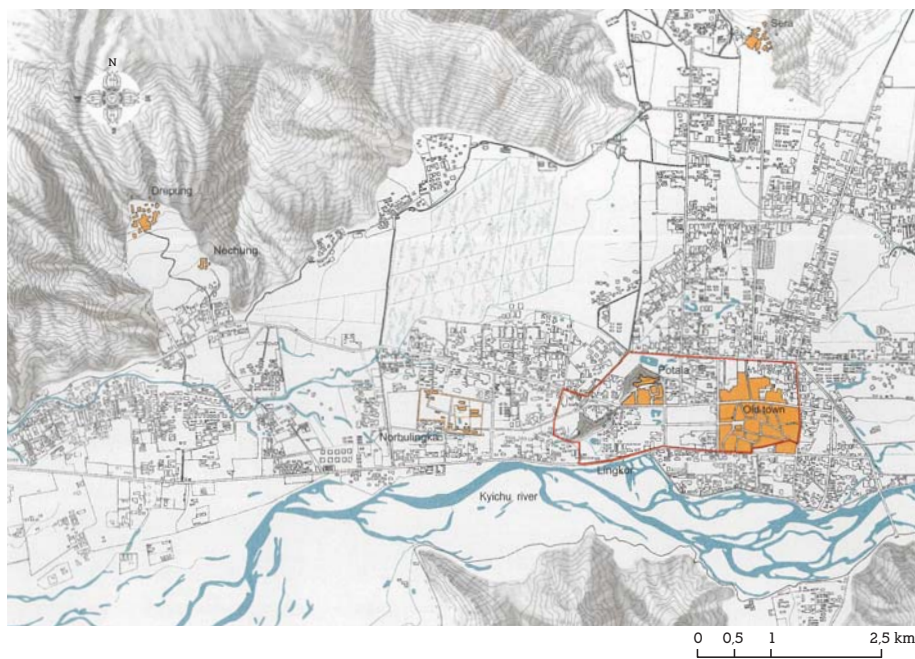
29 FJELD, Heidi – *Commoners and Nobles: Hereditary Divisions in Tibet.* 2005. P.10 e 11

Apesar deste reconhecimento internacional da causa tibetana e da sua legitimidade evidente, a China defende que a região do Tibete há muito lhe pertence, o que, pela análise histórica feita anteriormente, sabemos ser falso. Nos dias de hoje, além de qualquer tipo de manifestação anti-regime ser punida severamente, deparamo-nos com novos problemas, de futuro, como a falta de oportunidade de estudo e trabalho para os tibetanos. O governo de Pequim tem vindo a modernizar a região do Tibete de modo a ‘achinezá-la’ o máximo que lhe seja conveniente, complementando com restrições nas práticas religiosas e no uso da língua tibetana, já que considera o Budismo e a língua local sinais de retrocesso. De momento, a sua principal arma é a colonização demográfica exponencial no território tibetano. O governo chinês promove incentivos fiscais e de condições de vida excepcionais para os novos residentes chineses na região do Tibete, provocando, dessa forma, um desequilíbrio acentuado na capital Lhasa.³⁰

30 *Ibidem.* P13



I 73
 Mapa do Tibet Central e Lhasa.
 Relação entre os vales Yarlung e Kyichu, locais de origem do Budismo e de Lhasa, respectivamente.



I 74
 Mapa da grande Lhasa em 1985.
 Perímetro da Lingkor assinalado a vermelho. Rio Kyichu a Sul da cidade, Mosteiro de Sera a Norte e o de Drepung a Noroeste.

QUE LÍNGUA FALA ESTA CIDADE?

ANÁLISE MORFOLÓGICA DA CIDADE E ANÁLISE TIPOLÓGICA DA ARQUITECTURA

PAISAKGEM URBANA

Origens

A origem da cidade de Lhasa remonta ao séc. VII, reinado de Songtsen Gampo. Surge nesse tempo a lenda da existência de uma presença demoníaca deitada sobre a região do Tibete, impedindo o Budismo de se difundir. Diz-se também que em resposta a essa ocupação maligna, o rei mandou erguer 108 templos budistas por todo o território tibetano, distribuídos sobre as partes vitais da criatura, com a finalidade de a domar. O templo de Jokhang, plantado sobre o coração, circunscreve-se também à organização, estrategicamente definida por outros tantos edifícios religiosos e abrindo assim caminho para o Budismo prosperar.³¹ Esta lenda epopeica marca o mandato do rei Songtsen, não só na história, mas também no legado heróico e espiritual do Tibete.

31 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. P.18

Mitos à parte, Lhasa foi erguida no vale do rio Kyichu, um afluente do Yarlung Tsangpo, em grande parte pela fertilidade do solo (atributo raro naquela região) e pela sua localização propícia para boas trocas comerciais, como aliás é característico nos lugares tibetanos. Lhasa surgiu assim de uma vontade de mudança e recomeço no reinado tibetano. O palácio onde o rei Songtsen se instalou, construído no monte Marpori, onde, mil anos mais tarde, se construiu o Palácio de Potala.³²

32 *Ibidem*. p.12

Os registos da morfologia urbana de todo o Tibete começam apenas a surgir a partir do séc. XVII, quando o quinto Dalai Lama transferiu a capital do reino para o vale de Lhasa. O epicentro desta operação foi o restauro do Templo de Jokhang, a partir do qual se iria desenvolver uma nova cidade,³³ uma nova identidade, uma nova capital. Até então, as cidades tibetanas não eram mais do que pequenos aglomerados habitacionais ou pequenas cidades que por norma se situariam perto de mosteiros e estados feudais. Até mesmo as principais cidades tibetanas, como Gyantse e Shigatse, se apresentavam como territórios agrícolas, longe das suas grandes estruturas urbanas e económicas do séc. XX. Lhasa, como é norma nas cidades tibetanas, tem um desenho urbano bastante orgânico, sendo que até aos anos 60 do séc. XX não existia qualquer rua

33 *Ibidem*. P. 42

34 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund
- *The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape*. 2001. P.42

direita na cidade. Além disso, era uma cidade com baixa densidade, mesmo comparada com o centro histórico (Bhaktapur) da capital vizinha Kathmandu, no Nepal, apresentando vazios urbanos generosos entre os edifícios.³⁴

Cidade em mutação

35 *Ibidem*. P.15

Hoje em dia Lhasa ocupa praticamente toda a superfície do vale, com um crescimento demográfico superior a dez vezes a população pré-invasão chinesa,³⁵ registrando em 1998 um número de 382 000 habitantes, sendo que cerca de 50 000 residiam na área antiga. A partir dos anos 60, foi posto em prática um plano de desenvolvimento urbano por parte do governo chinês, com o intuito de expandir a existência de serviços principais pelo vale. Contudo, nas últimas três décadas, instituições governamentais, escolas e hospitais têm competido por espaço junto do centro histórico, outrora tão generosamente vazio.³⁶

36 *Ibidem*. P.18

Uma das grandes alterações relacionadas com a invasão chinesa de 1951 foi a industrialização da cidade. Indústrias foram instaladas na planície de Lhasa, sobretudo a Oeste, enquanto a Sul e Sudoeste da Cidade Antiga rapidamente se tornaram numa extensão nas novas zonas comerciais e administrativa da cidade. A presença militar no território intensificou-se, seja nas ruas através de patrulhas armadas, seja nas bases instaladas um pouco por toda a periferia da capital. Novos hábitos de consumo foram introduzidos no quotidiano tibetano, dos quais destaco a introdução do automóvel. Esta operação, além da crescente poluição, tem vindo a ter consequências devastadoras na morfologia urbana da cidade e principalmente nas práticas culturais e sociais a si inerentes.³⁷

37 *Ibidem*. P.18 e 19

Como afirmam os autores do *The Lhasa Atlas*, “uma cidade é uma composição de elementos, padrões de edifícios e características estruturais com ‘veias’ - ruas, becos, ruas, espaços públicos - que tornam cada paisagem urbana diferente de qualquer outra. A cidade pode ser descrita como jovem, madura ou velha. Uma cidade madura é coerente, tendo atingido uma forma em harmonia com as necessidades e usos. Depois de mudanças dramáticas nos valores e circunstâncias, uma comunidade urbana pode-se dividir numa ‘cidade nova’ ou numa ‘cidade velha’ - frequentemente conduzindo à deterioração da parte antiga da cidade, culturalmente e economicamente marginalizada.”³⁸ O caso de Lhasa corresponde a um dos piores cenários possíveis. A autenticidade

38 *Ibidem*. P.63

da Cidade Antiga e de todo seu ‘ecossistema’ cultural está a ser tomada por uma economia e governação paradoxal. Por um lado, tem-se assistido nas últimas décadas, a uma ditadura cultural e política, e por outro, a uma exploração perversa das potencialidades económicas dessa mesma identidade.

PRINCÍPIOS ARQUITECTÓNICOS

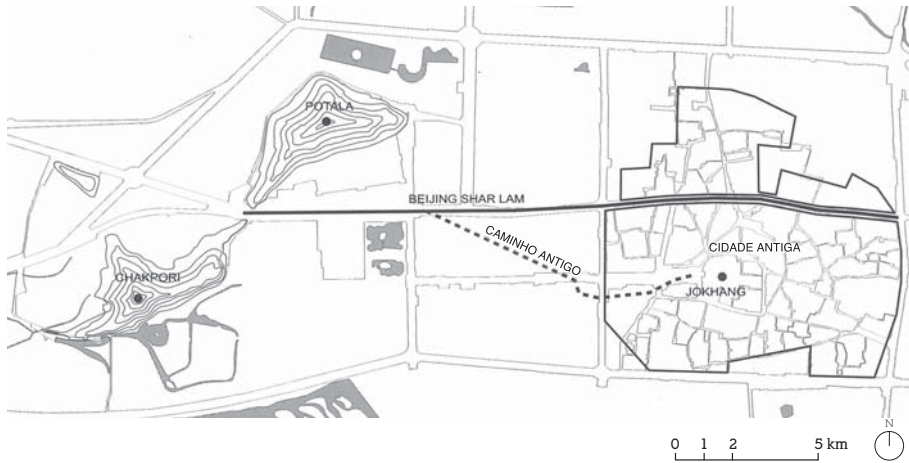
Localização

A arquitectura tibetana tradicional apresenta uma linguagem complexa, por ser, ao mesmo tempo, tão solta e emotiva como rigorosa nos seus cânones conceptuais e obedece a determinadas normas no que respeita à implantação dos edifícios, espacialidade arquitectónica e à sua construção. A implantação dos edifícios tibetanos esteve sempre ligada a uma grande preocupação com a protecção e as relações com a paisagem, seja no contacto com o solo ou com a vista sobre a mesma. Estruturas como mosteiros, fortes ou estruturas monásticas eram construídas, por norma, em pontos altos, no cimo de colinas, protegidas pelas características adversas da montanha, dispondo sempre de um ponto culminar para vigia e onde a protecção era assegurada por muros fortificados em torno deles próprios. O mosteiro de Samye, por exemplo, situado na margem Norte do rio Tsangpo, está rodeado de uma estrutura muralhada circular, onde a entrada é feita apenas por uns pequenos portões, da mesma forma que os mosteiros de Sakya, Shigatse e Gyantse. Escritos indicam que Lhasa também dispôs de uma muralha construída em seu redor, da qual apenas restam os portões de entrada, ainda hoje situados entre os montes Marpori e Chakpori, a Oeste da zona Lingkhör (Cidade Antiga). Também quintas ou mesmo pequenas localidades evitavam os terrenos áridos, procurando fundir-se com a paisagem, em parte pela utilização de matérias primas locais.³⁹

39 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43

A altitude, conceito constantemente presente no pensamento estratégico tibetano, remete também para questões hierárquicas da sociedade, na medida em que qualquer símbolo ou função do poder era posta nos pontos mais altos. O primeiro palácio construído no Monte Marpori em Lhasa, para o rei Songtsen, deve a sua posição não só ao elevado nível de protecção mas também a uma vontade de domínio sobre toda a planície de Lhasa; o mesmo acontece com o Palácio de Potala, tornando-se fundamental para a ocupação comunista actual marcar aquele espaço com a sua bandeira, símbolo máximo do regime.⁴⁰

40 *Ibidem*. P.43



175
 Mapa da relação geográfica entre a planície da Cidade Antiga com os Montes Marpori (Potala) e Chakpori, à entrada da cidade.



176
 1, 4, 5-Lingkor; 2-Tsekor; 3-Barkor; 6-Ramoche Lam; 7-Praça Jokhang; 8-Barkor Tromshung Jang (Praça Norte da Barkor); 9-Sungchora (Praça Sul da Barkor); 10-Praça de Ramoche.



177
 Palácio Potala, Lhasa, séc. XVII.
 Vista da fachada Norte.

Outro aspecto fundamental é o simbolismo de alguns aspectos particulares do tecido urbano de Lhasa, muito relacionados com o Budismo. Um deles é a importância de circundar quaisquer símbolos sagrados com rotas de peregrinação (*koras* em tibetano), que funcionam apenas no sentido dos ponteiros do relógio, existindo assim uma série de circuitos religiosos no Tibete, com especial incidência na cidade de Lhasa.⁴¹

41 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43

Não é por acaso que a capital é o centro religioso tibetano, atraindo milhares de peregrinos vindos dos quatro cantos da região para as tão sagradas koras. Na cidade existem três percursos principais, a Lingkor (coincidente com o perímetro da Cidade Antiga), a Tsekor (concêntrica ao Monte Marpori) e a Barkhor (circundante ao Templo de Jokhang). Barkhor teve um papel de destaque no desenvolvimento urbano da cidade já que a partir dela se desenvolveu, inicialmente, segundo uma sucessão de paralelismos e perpendicularidades em relação à origem, uma parte importante da urbe.⁴² No fim, podemos assumir que a origem urbana de Lhasa, tal como uma kora, “não é uma estrutura planeada, mas um resultado físico da prática religiosa”⁴³.

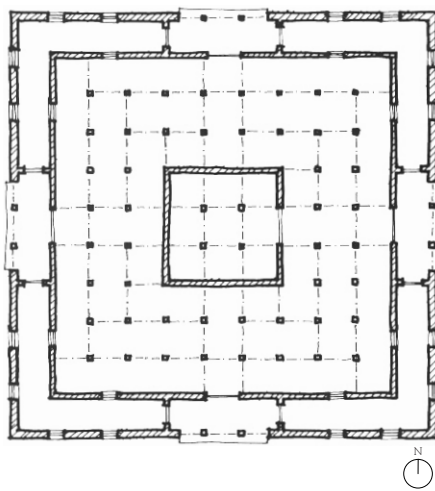
42 *Ibidem*. P.43

43 *Ibidem*. p. 43

Uma outra característica particular das construções tibetanas é a orientação solar, onde a regra são as fachadas principais viradas a Sul, enquanto que nos países vizinhos Butão, Sikkim e Ladakh, os edifícios se viram preferencialmente a Este.⁴⁴ A origem deste fenómeno é, possivelmente, proveniente da vontade de uma maior exposição solar ou talvez fruto de uma herança cultural chinesa, onde se privilegia o eixo Norte-Sul. Contudo, curiosamente, os dois mais importantes templos de Lhasa, Jokhang e Ramoche, são exceções raras à regra, orientados a Oeste e Este, respectivamente. A explicação hipotética para tal facto poderá estar relacionada com a proveniência das duas mulheres do rei Songtsen, Bhrikuti do Nepal e Wen Cheng da China, para quem foram mandados construir os mosteiros. Além destes, o Templo de Jebumgang apresenta também uma situação única no panorama arquitectónico tibetano. Na primeira fase, construída no ano 321 D.C., é erguida uma volumetria estrutural e de fachadas absolutamente simétrica nas quatro faces do quadrado em que se baseia, e na segunda, já no séc. XVII, o sacrário construído, central ao edifício, tem a única entrada para Este. É assim possível afirmar uma certa tendência, relativamente recorrente, para alterar a lógica solar em edifícios religiosos.⁴⁵

44 SEMPLE, William – Symbolism and Ritual in Tibetan Architecture. Cit. por LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43

45 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43



178
Templo Jebugang, Lhasa, séc.
IV e XVII.
Planta do piso térreo, escala
1/500.

Axialidade

O Templo de Jebumgang, referido acima, apresenta qualidades axiais e de simetria muitos particulares na linguagem urbana tibetana, muito à semelhança do rigor racional de uma arquitectura europeia, por exemplo. No Ocidente, à semelhança da China, “um eixo pode ser descrito como funcional e direcional para guiar o movimento linear para um ponto — uma característica urbana importante, um altar ou trono do imperador”⁴⁶. O mesmo princípio pode sublinhar um desejo de imposição do construído sobre a paisagem, trate-se de um edifício governamental ou até mesmo de um plano urbanístico.⁴⁷

46 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43

47 *Ibidem*. p. 43

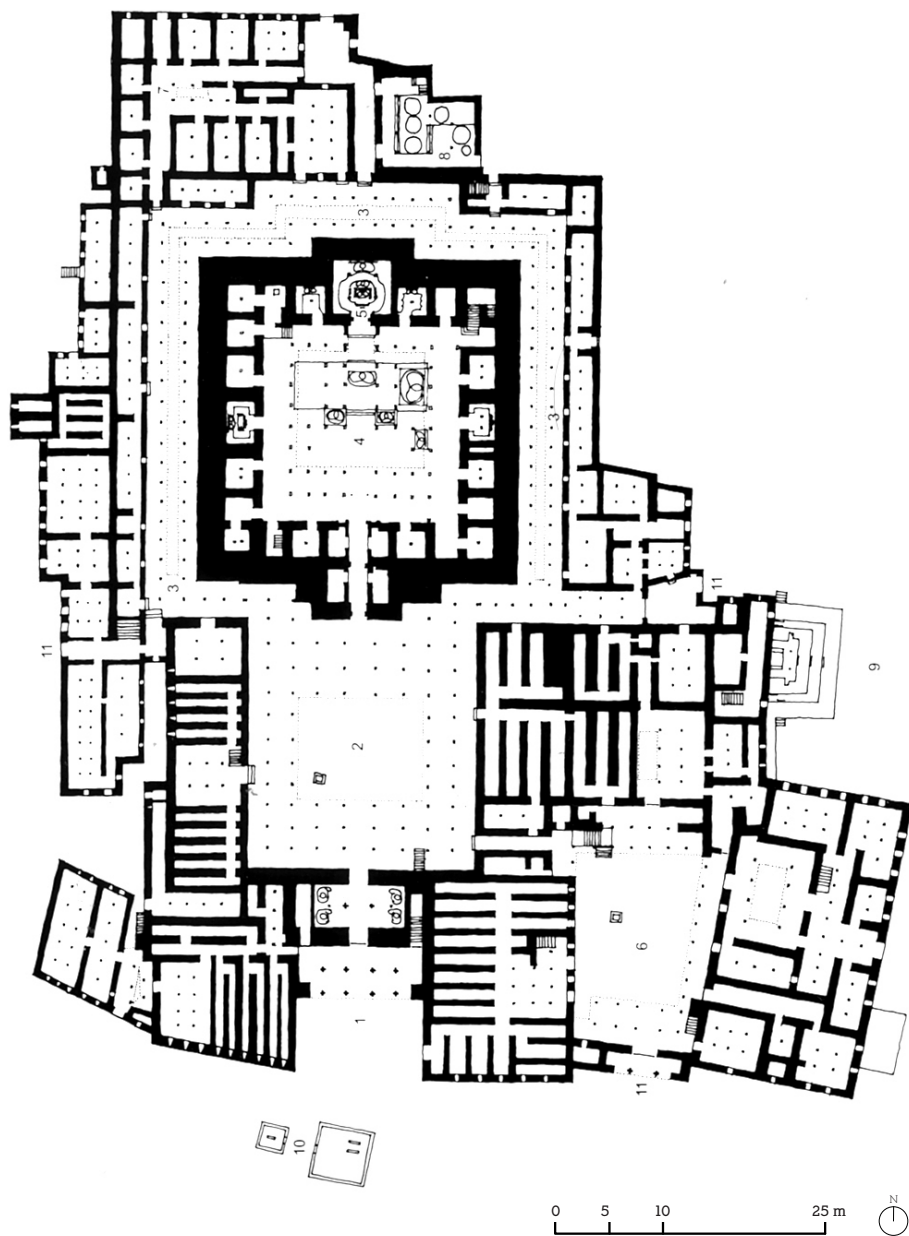
Na cidade tradicional tibetana a única ordem intencional no seu desenho é o funcionamento circular em torno de eixos verticais, centrados em locais sagrados. A abordagem da arquitectura tibetana à questão axial é muito díspar na transição da linguagem urbana para a escala do edifício. Como cidade, vêem-se composições orgânicas e informais, enquanto os edifícios procuram simetria na fachada frontal. Contudo, em grandes complexos edificados irregulares, como o Palácio de Potala, regista-se uma assimetria do conjunto, numa composição feita por elementos simétricos individualmente, como se tratasse de uma colagem de vários edifícios. Nos edifícios monásticos, tanto os espaços exteriores como os interiores são, por norma, organizados com aparente simetria em torno da direcção de acesso, ainda que esse movimento seja assimétrico. No caso das habitações, também se verifica uma regra para um plano de fachada axial, dentro das quais se organizam espaços de acordo com as necessidades domésticas.⁴⁸

48 *Ibidem*. p. 43

Conceitos Geradores

Tipologicamente falando, a arquitectura tibetana divide-se entre edifícios monásticos, religiosos e habitação, sendo que os dois últimos remetem para uma espacialidade gerada a partir de um pátio central, composto por um ou dois pisos anexos ao edifício, que, por sua vez, inclui um volume de três pisos, a Norte, virado a Sul. O pátio permite uma ambivalência de funções sociais e culturais no interior do edifício, durante todo o ano, recorrendo muitas vezes a toldos em tecido para complementar a protecção face às investidas climatéricas.⁴⁹

49 *Ibidem*. p. 44



I 79
 Templo Jokhang, Lhasa,
 séc. VII.
 Planta do piso térreo.

Os edifícios religiosos são marcados por um percurso contrastante de atmosferas, desde o ponto de entrada, a partir do caos urbano, até ao remoto silêncio interior, onde é a luz a hierarquizar os espaços. No Templo Jokhang, por exemplo, essa quebra entre os ambientes exterior e interior é levada ao extremo: da generosa e frenética Praça Jokhang atravessamos a nuvem de incenso e deparamo-nos com a entrada do edifício. À nossa frente um murmúrio ensurdecedor de *mantras* oradas constantemente, avistando uma pequena entrada central, escura, quase negra, para o seu interior. Daí transitamos, através de um átrio sombrio, para a luz vertical de um tão tradicional pátio, e que marca um dos espaços divinais, onde os monges se reúnem para debaterem ensinamentos budistas, deixando antever a derradeira passagem para o interior do templo. O acesso interno conduz-nos junto das escuras paredes maciças que circundam o pátio, afastando-nos da luz, “como parte de um consciente e elevado desenvolvimento arquitectónico e abordagem espiritual ao espaço, que criavam uma íntima e adequada atmosfera para a devoção.”⁵⁰ A entrada na sala central de culto é feita por uma passagem profunda e estreita que nos transporta para o seu íntimo. Do outro lado, espera-nos um espaço inicialmente contido e muito fragmentado por uma grelha apertada de largos pilares que servem de filtro para o espaço de assembleia principal, central na sala, mais alto e limpo de elementos estruturais. O mesmo espaço é pontualmente iluminado por feixes de luz vindos das clarabóias, iluminando a colorida construção em madeira, os têxteis e as estatuetas douradas, criando um labirinto de diferentes profundidades, texturas, contrastes e matizes.⁵¹

50 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 44

51 *Ibidem*. P. 44

Formalmente, o pátio é um espaço privado, sagrado ou não, encerrado para a rua por grandes e pesados portões. Não existe espaço público formal, pelo menos, que assim tenha sido planeado. As praças existentes na Cidade Antiga de Lhasa não são mais do que alargamentos de rua, resultado do crescimento urbano informal, acabando por funcionar como pequenos mercados ou até mesmo como extensões das entradas de templos (como é o caso de Jokhang). Este esquema de funcionamento público pode indicar que, em tempos, a cidade assentava numa rede primária de instituições e comunidades monásticas com zonas residenciais secundárias, descartando a necessidade de criar espaço público formal.⁵²

52 *Ibidem*. P. 44

No caso das habitações dos aristocratas feudais, o pátio adquire um papel unificador e também higienista entre a habitação principal e os serviços anexos



I 80
 Mansão Shatra, Lhasa, 1800.
 Planta piso térreo, escala
 1/1000.



I 81
 Palácio de Norbulingka,
 Lhasa, 1922.
 Grande vão envidraçado
 horizontal contemporâneo à
fenetre à longueur.

53 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund.
*The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape*. 2001. p. 119 e 120

de serventia, armazém e pecuária. A Mansão Shatra, construída em 1800, é um dos exemplos mais bem preservados do género, inserida na Barkor, bem no coração da cidade. A casa para a família, desenvolve-se sobre um rectângulo ao longo de três pisos, situada a Norte do complexo. A Sul, encontra-se o pátio e restantes edifícios, estes bastante mais estreitos e mais baixos um piso, como é norma. A luz solar, sendo um bem essencial para o espaço tibetano, está presente no volume principal através de pequenos pátios, exclusivos de poucas divisões, criando ambientes mais intimistas e de reclusão.⁵³

Em Lhasa, a tipologia mais comum continua a ser a habitação, sendo que esta, à semelhança do Modernismo na Europa e nos EUA, passou por alguns exemplos mais experimentais no início do séc. XX. Destaco o pavilhão em Norbulingka, construído em 1922, alegadamente para servir de dormitório para o 13º Dalai Lama. À procura de uma simbiose entre interior e exterior, abandona-se a solidez das paredes de pedra para dar lugar a dois grandes envidraçados, definindo a esquina do edifício apenas com um ligeiro pilar de madeira, um detalhe “miesiano” vernacular. Por fim, uma laje de madeira tradicionalmente ornamentada paira sobre a estrutura depurada, numa sobreposição do ‘vernacular’ sobre o ‘moderno’. Pode-se especular acerca das possíveis relações deste exemplo tibetano mais recente com a situação contemporânea no Ocidente, mas sem certezas. Sabe-se, por exemplo, que Frank Lloyd Wright, impulsor do movimento moderno americano, foi um grande estudioso da arquitectura tibetana, mas não há documentação escrita de alguma troca de influências.⁵⁴

54 *Ibidem*. P. 44

Construção

A sociedade tibetana é bastante hierarquizada também no que diz respeito às funções necessárias à construção. No topo da pirâmide hierárquica existe o mestre de obra (*wuchen*), responsável por planear a geometria base do edifício e respectiva organização, a sua altura e consequentemente as necessidades estruturais. No fundo, é a figura central no processo de criação de um edifício, mas será ele um arquitecto? Segundo a definição no Dicionário Priberam de Língua Portuguesa, o arquitecto é a “pessoa que tem como profissão idealizar e projectar edifícios ou espaços arquitectónicos, podendo também dirigir a sua construção.”⁵⁵ Um *wuchen* faz exactamente isso, mas não tudo. Além dele, há uma equipa de artesãos responsáveis por idealizar e concretizar os vários

55 *Ibidem*. P. 44

56 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund.
*The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape*. 2001. p. 44

57 *Ibidem*. P. 44

58 *Ibidem*. P. 45

59 *Ibidem*. P. 45

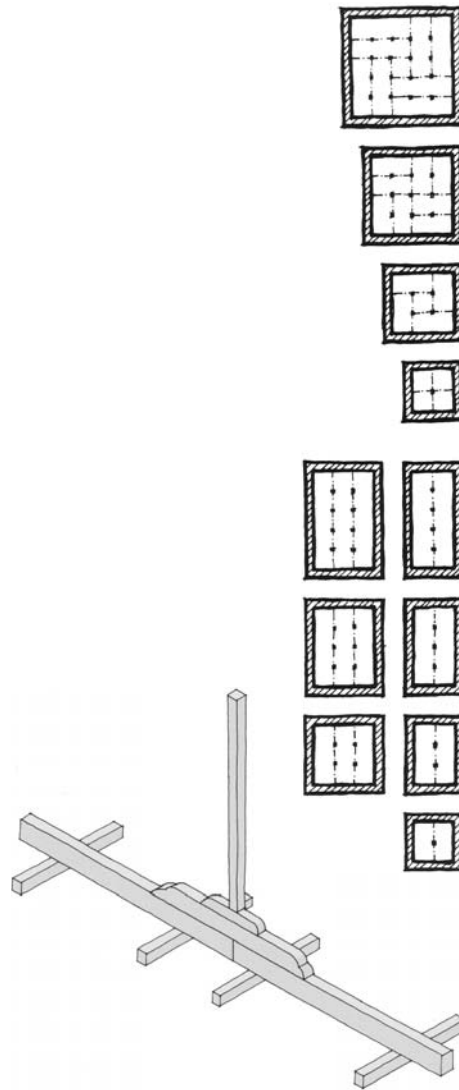
elementos construtivos em madeira, que depois são pintados e decorados por outros artesões de várias áreas, da pintura e escultura ao têxtil. Já em fase de construção, juntamente com o *shalbon*, o responsável máximo pelos estuques do edifício, o *wuchen* certifica-se, por exemplo, se a cobertura é bem executada. A aplicação, ainda hoje, fica a cargo de um grupo vasto de pessoas, na sua maioria mulheres que nunca poderão atingir qualquer nível de mestria, devido ao seu baixo estatuto na sociedade.⁵⁶

A construção de toda a obra está envolta de um enorme ritual social e religioso, com destaque para o início e o fim dos trabalhos. “Ofertas de manteiga, chá, cerveja e arroz são feitas às divindades terrestres no início.”⁵⁷ Ao artesão responsável são entregues *khatas*, tal como a toda a equipa no fim de cada fase da execução da obra, como mostra de apreço pela sua perícia e dedicação. No fim, dá-se a “cerimónia de libertação” do edifício, com a respectiva inauguração e festejos em honra do *wuchen*. Actualmente, estes rituais tendem a desaparecer em Lhasa, mas em áreas remotas do Tibete Ocidental e do Ladakh, ainda perduram.⁵⁸

A construção tibetana, apesar de aparentar uma grande informalidade técnica, apresenta um grande rigor. A partir de uma unidade de medida própria, o *karma*, equivalente a 9.5 milímetros, são estipuladas medidas específicas para cada elemento construtivo. Quatro karmas fazem um *tsun*, uma medida padrão na construção tibetana e, por sua vez, sete tsuns menos um karma fazem um *jongdo* (256 milímetros), medida que se acredita ter sido utilizada na construção do Samye, o primeiro mosteiro do Tibete. Essa medida foi reavivada nos anos 40, aquando do restauro desse mesmo mosteiro, passando assim a ser utilizada na construção corrente.⁵⁹

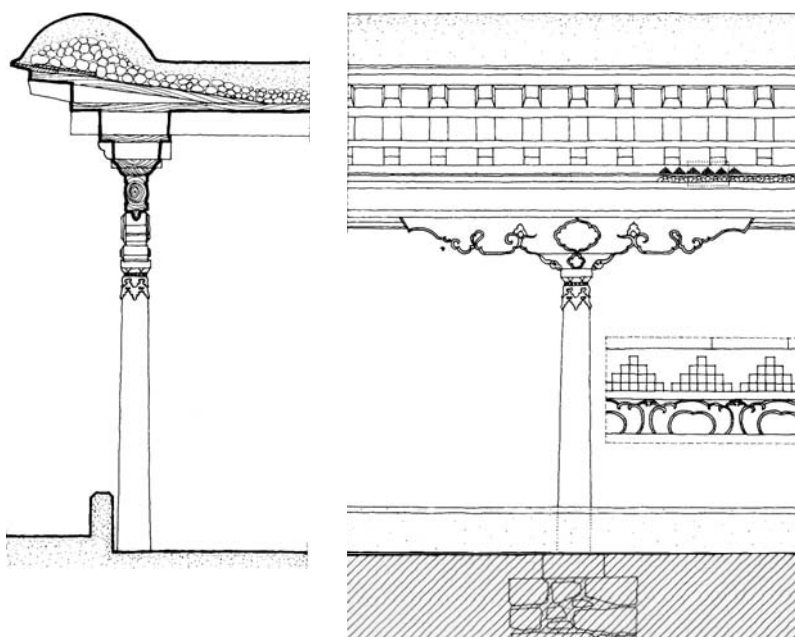
Espaço versus Construção

A arquitectura tibetana suporta-se em paredes exteriores de alvenaria e, internamente, em estrutura de madeira, uma arte ‘camaleónica’, na medida em que os sistemas construtivos modelo são de uma enorme versatilidade na resposta às diferentes escalas, programas e condições climatéricas e topográficas dos edifícios. O Palácio de Potala resume o potencial de adaptação da construção tradicional tibetana a uma situação complexa: destaca-se o seu encaixe no terreno tão adverso de Marpori, um complexo montanhoso,



I 82
Esquemas modelares "tipo" do espaço interno, escala 1/750.

I 83
Modelo explicativo do processo de montagem da estrutura interna em madeira.



I 84
Corte e Alçado "tipo" da construção e ornamento da estrutura em madeira. Sem escala.

60 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund.
*The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape.* 2001. p. 45

não obstante a utilização de elementos e técnicas construtivas populares, indiferentes aos métodos adoptados numa simples habitação na planície.⁶⁰

61 *Ibidem.* P. 45

Apesar da madeira ser maioritária no edifício o modelo construtivo utilizado tem os seus prós e contras. Por um lado, a madeira é uma matéria prima de fácil manuseamento e transporte (factor determinante se considerarmos as distâncias feitas da origem até alguns locais de construção), mas, por outro lado, acaba por ser muito limitada na sua versatilidade estrutural.⁶¹

62 *Ibidem.* P. 45

O espaço interior tibetano é caracterizado por uma “arquitectura de pilares”⁶², distribuída sempre segundo uma grelha uniforme, variável entre 2 e 2.2 metros, normativa instaurada por questões logísticas de transporte. Os espaços têm em regra proporções quadradas ou rectangulares, com o número de pilares variável, dependendo da sua dimensão. Em edifícios de habitação são utilizados módulos mais pequenos, de apenas um pilar central e uma medida aproximada de 4 por 4.4 metros (17.6 m²). Na situação de uma habitação urbana de baixos recursos económicos existem dois desses espaços, dentro dos quais funcionará a cozinha, zonas de dormir e de convívio familiar. Com a entrada das estruturas metálicas no panorama arquitectónico tibetano no séc. XX, foi posta em causa a continuidade da tradicional estrutura em madeira na construção desses pequenos módulos devido aos seus fortes constrangimentos para a qualidade espacial. Porém, o elevado custo do seu transporte impede as vigas metálicas de se massificarem na construção popular tibetana.⁶³

63 *Ibidem.* P. 45

A estrutura em madeira de pinho ganha raízes em fundações de pedra, não mais profundas do que 30-40 centímetros abaixo do nível do solo, e com uma largura até uma vez e meia a largura da base das paredes exteriores, feitas de pedra e argila, e desempenhando um papel estrutural fundamental, sobretudo na resposta às exigências externas como o clima e o terreno. Surgem de uma base entre 1 e 1,5 metros de espessura, afunilando até aproximadamente metade dessa medida, junto da cobertura, sendo que as faces interiores são totalmente verticais. Esta construção permite à parede obter uma melhor performance estrutural e estabilizadora do edifício, reduzindo o seu peso bruto.⁶⁴

64 *Ibidem.* P. 45

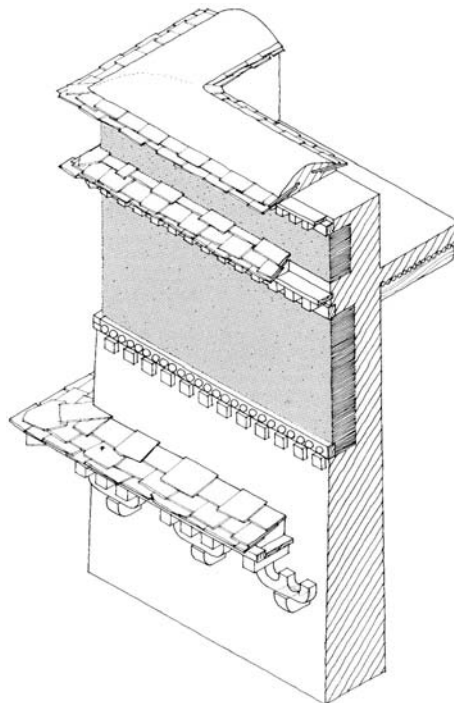
Uma característica interessante é a lógica de pré-fabricação adoptada na construção da estrutura interna de madeira. Antes da deslocação das peças, estas são montadas em posição invertida de modo a serem feitos ajustes nos



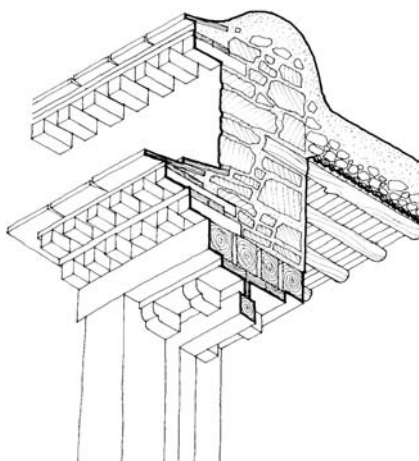
I 85
Thangka tibetano
representativo de uma
Mandala.



I 86
Pilares na entrada do Templo
Jokhang com perfil de uma
Mandala.



I 87
Corte axonométrico do
remate "tipo" de uma parede
exterior tibetana com a
utilização do friso *benma*.
Sem escala.



I 88
Corte axonométrico do
pormenor "tipo" da junção da
janela com a parede.
Sem escala.



I 89
Grande envidraçado na
Mansão Shatra decorado com
um friso têxtil.

65 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund.
*The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape*. 2001. p. 46

encaixes, fazendo com que a montagem em obra seja depois imediata e sem transtornos. Em situações de edifícios de maior dimensão (templos, palácios, mosteiros), é necessário utilizar vários tamanhos de peças de madeira para conceber um pilar, que no fundo são vários pilares normais num só, resultando num perfil semelhante a uma *mandala* ou até mesmo a uma coluna gótica.⁶⁵

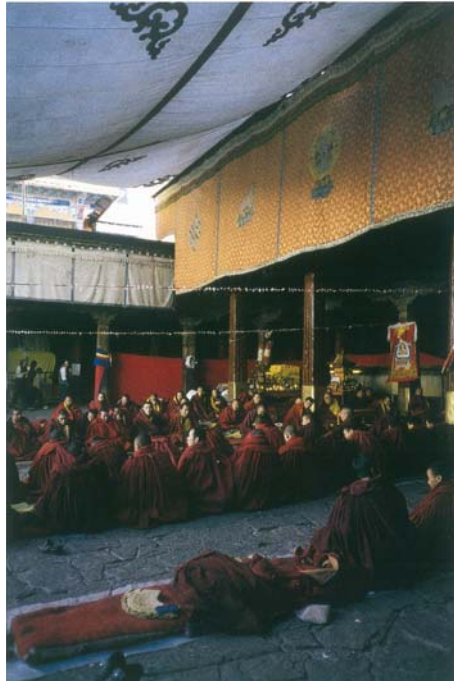
66 *Ibidem*. P. 47

A madeira é um material primordial na arquitectura tibetana, pois garante a polivalência necessária para se adaptar a necessidades de grande medida e ao mesmo tempo possibilita gestos arquitectónicos de grande pormenor. Da sua intervenção na espacialidade e solidez do edifício, a madeira espalha-se pela restante construção até atingir os mais ínfimos pormenores decorativos presentes por toda a obra. Além de dar origem à estrutura interna primária, garante o suporte dos pavimentos dos pisos elevados, estes em argila, é responsável por resolver os estruturantes lintéis das portas e janelas e os respectivos toldos, que filtram o clima.⁶⁶ Numa escala mais leve, é utilizada no remate superior das paredes exteriores (à semelhança da nossa platibanda), na forma de um friso de *benma*, uma característica singular, exclusiva desta arquitectura. Este elemento horizontal, composto por finos ramos de tamarisco compactados, é anexado a uma parede fina de pedra interior, tendo simultaneamente uma função estrutural e de remate decorativo do edifício. Nem sempre a parede estrutural afunila como previsto, sendo terminada baixa demais, acabando por ser esse friso a garantir a altura necessária ao edifício e fazendo com que se apresente com medidas bastante díspares, sujeitando-se a cada situação particular.⁶⁷

67 *Ibidem*. P. 49

No que diz respeito à relação do interior dos espaços com o espaço exterior, as condicionantes técnicas são grandes e determinantes para a qualidade arquitectónica. Além dos pátios, o principal meio de comunicação entre os edifícios e o exterior são as janelas. As fachadas tibetanas são maioritariamente compostas por uma grelha densa e equilibrada de janelas verticais de tamanho comedido e alinhadas em ambos os sentidos horizontal e vertical, de forma a não fragilizar demasiado a estrutura do edifício. Também recorrentes são outras aberturas como ranhuras estreitas, presentes no arranque dos alçados do Palácio de Potala,⁶⁸ fazendo lembrar um castelo medieval português. Em espaços mais importantes, como salas de estar ou zonas monásticas, podem existir grandes vãos envidraçados, sobretudo no último piso, de forma a não causar um grande desafio estrutural. Existindo em vários pisos são empilhadas criando uma única superfície vertical que chega a atingir a altura de vários

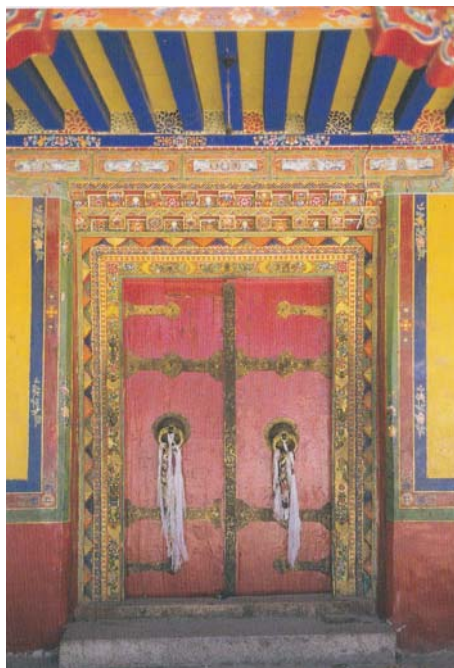
68 *Ibidem*. P. 49



190
Utilização de têxteis no pátio do Templo Jokhang.



191
Tenda nómada.



192
Decoração tradicional na entrada do Palácio de Norbulingka, onde, entre outros elementos, é visível o friso *chotseg*.

69 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 50

70 *Ibidem*. P. 50

pisos, como é o caso de Potala, onde existe um exemplar com sete pisos de alto.⁶⁹ As janelas sempre foram grandes responsáveis pela performance térmica e ventilação natural dos edifícios. Antes de existirem janelas envidraçadas, as aberturas eram tapadas com portadas de madeira conseguindo um efeito semelhante.⁷⁰

71 *Ibidem*. P. 53

Por fim, é de salientar a utilização de têxteis como intervenientes activos na construção e parte integrante da arquitectura. Estes aparecem com mais destaque em forma de grandes telas a cobrir integral ou parcialmente pátios de edifícios, desde habitações a mosteiros. Esta ideia de utilizá-los como arquitectura pode ser uma influência nómada.⁷¹ Antes de Lhasa se tornar numa cidade densificada, durante datas festivas, estas grandes telas espalhavam-se perto da rua Barkhor originando pequenas cidades-tenda, de modo a alojar os peregrinos vindos de fora. Obrigatórias nesta construção são também estreitas cortinas de tecido, durante as estações quentes, penduradas sobre as extremidades dos toldos presentes no topo das janelas e portas.⁷²

72 *Ibidem*. P. 60

Construção ou Ornamento?

A decoração é uma cláusula transversal à expressão tibetana. Nesta arquitectura a decoração e a construção são a causa uma da outra. É impossível dissociá-las porque ambas fazem parte de uma identidade cultural, cruzando-se em vários pontos determinantes dessa arte unitária que é a arquitectura. Temas decorativos são visíveis por todo o edifício, seja qual for a sua tipologia, ainda que quanto mais erudito for o programa, maior será o nível e escala da decoração existente.

73 *Ibidem*. P. 54

De um modo geral, o ornamento densifica-se em elementos de madeira com funções de transição espacial, como pilares, vigas, portas e janelas. Esse processo pode ser feito por colagem de elementos decorativos à estrutura ou esculpindo-a directamente. Os motivos presentes são normalmente orgânicos, como flores de Lotus, herança budista, e, em contraste, padrões geométricos, baseados na forma quadrada, chamados *chotseg*, representado o “empilhamento de leis religiosas”⁷³. No exterior, essa tendência também se verifica na transição das paredes para o céu, através do friso de *benma*, complementado com escudos e estátuas douradas e remates trabalhados das vigas aparentes.⁷⁴

74 *Ibidem*. P. 54

A cor é também uma característica inerente a toda a cultura tibetana. A aplicação de elementos decorativos e das paletes cromáticas, aparentemente



193
Janela tradicional tibetana.

75 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund.
*The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape.* 2001. P. 52

livre, é rigorosa mediante os diversos significados e simbolismos associados. Aqui existem cinco cores essenciais e respectivos significados, ordenadamente, azul para o céu, branco para a espiritualidade budista, vermelho para o fogo, verde para a água e amarelo para a terra. Na generalidade da arquitectura, os edifícios são pintados de branco, por acreditar-se que essa cor transmite paz e tranquilidade espiritual, representando também as pessoas comuns. O vermelho, por sua vez, é associado a força e poder, sendo utilizado apenas para pintar edifícios monásticos.⁷⁵ O facto de também o friso *benma* ser de tom avermelhado indica a presença de um poder dominante religioso e político sobre as brancas paredes da sociedade. Por vezes, a cor amarela também é utilizada para cobrir edifícios religiosos ou importantes por outro motivo, como é o caso da residência Lubu Gowa Khangsar em Lhasa, pintada dessa forma em homenagem a uma visita do 6º Dalai Lama. No caso da estrutura dos edifícios, não há distinção na utilização de cores entre tipologias diferentes. Os pilares e as vigas principais são em regra vermelhos (sinal de força), sendo que as secundárias são maioritariamente azuis, tratando-se do “céu” da divisão. As paredes não escapam ao plano decorativo, seja no exterior, pela forma como são construídas ou por padrões feitos em reboco, seja no seu interior, pintadas com cores vivas ou até com gravuras budistas, no caso de se tratar de um edifício monástico.⁷⁶

76 *Ibidem.* p. 54

As janelas são tidas pelos tibetanos como elementos de um enorme significado, pois são vistos como os olhos do edifícios, fazendo as fachadas como caras. A própria palavra tibetana para fachada, *dong*, significa cara, o que talvez explique a tendência para fazê-las simétricas. No Tibete Ocidental as janelas são intituladas de *karmik*, “olhos brilhantes”, e os toldos sobre essas *mikshed* ou sobancelhas. Outra grande característica comum a todas as fachadas tibetanas são as molduras pretas exteriores, feitas em reboco, cuja origem e finalidade não é consensual. A explicação técnica divide-se entre uma necessidade de reforço estrutural das paredes e as razões de conforto térmico interior, servindo como catalisador do calor solar para dentro dos edifícios. Por outro lado, uma crença popular, possivelmente de origem nómada, afirma que toda a estrutura da janela simboliza a face de um yak, justificando assim a cor preta e o formato trapezoidal da moldura, garantindo-se assim protecção adicional aos edifícios contra espíritos malignos. Inclusive no Tibete Oriental ainda são visíveis casas onde chifres verdadeiros de animais fortes são pendurados na fachada⁷⁷, costume existente em algumas zonas rurais de Portugal, ainda no séc. XX.

77 *Ibidem.* P. 54

2 | O TIBETE HOJE CONSERVAÇÃO E MUDANÇA



194
Mapa de Lhasa em 1999.

EXPRESSÕES DE PODER

A INTERVENÇÃO CHINESA EM LHASA

Como explicado anteriormente, a morfologia urbana de Lhasa tem sofrido severas alterações desde a sua formação. Com a mudança do 5º Dalai Lama para a cidade no séc. XVII, deu-se o primeiro grande êxodo de pessoas para a capital, centradas na devoção em torno de Jokhang. Foi a centralidade demográfica conseguida por Jokhang, Ramoche e Potala que originou, possivelmente, as rotas de peregrinação (koras) de Nangkor, Barkor e Lingkor. As duas primeiras dizem respeito a Jokhang, sendo que a primeira acontece no seu interior e a segunda no exterior. A Lingkor estabelece uma cintura em torno da Cidade Antiga, circundando Jokhang, Ramoche, e o Palácio de Potala nas colinas de Chakpori, tal como o vizinho Monte Bhamari.

São as rotas de peregrinação que acabam por determinar o crescimento da cidade, pelo menos numa primeira fase de expansão, como, aliás, ainda hoje é visível no mapa da cidade. Alguns vestígios urbanos indicam que possam ter existido *lingkors* anteriores ao séc. XVII, com uma escala mais reduzida e desenho orgânico, que permitiram uma adaptação e flexibilidade perante as alterações da cidade, mas nunca perdendo a sua essência funcional de conexão espiritual com os respectivos núcleos sagrados.¹

Como pudemos depreender do início deste capítulo, o caminho da evolução urbana de Lhasa esteve sempre ligado às raízes históricas e culturais. Passaram séculos desde a formação da cidade e esta manteve-se sempre intacta na sua génese, afastada de qualquer espécie de factor de globalização. Só com a invasão chinesa houve uma primeira ruptura de grande escala na integridade cultural tibetana, promotora do conflito entre os dois povos. A China, que ao longo da história havia partilhado muitas influências culturais com o Tibete, vivia, já nos anos 50 do séc. XX, uma ocidentalização exponencial da sociedade, com constante tentativa de afirmação na vanguarda de uma permanente modernidade. Esse mesmo espírito, trouxeram-no para o Tibete intrinsecamente fixado na reforma chinesa “libertadora” perante a sociedade tibetana.

A simples explosão demográfica adjacente à invasão de 1950 veio forçar uma reestruturação rápida do tecido urbano das cidades tibetanas, com especial incidência em Lhasa. O governo chinês começou por desenvolver um novo

¹ LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. P.64 e 65

centro urbano, de raízes contemporâneas, a Sul de Marpori, já afastado da Cidade Antiga. Isso veio criar uma descentralização da vida administrativa, económica e cultural para fora da cidade histórica, deixando-a à margem do desenvolvimento geral. Apesar dessa tendência de crescimento urbano se ter vindo a intensificar e contrastar cada vez mais com a zona velha, hoje, o centro histórico continua a ser o centro cultural da cidade, sustentado pela força da verdadeira identidade que ainda habita aquele lugar.²

² LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. P.151

Os chineses marginalizaram a cidade pré-existente, mas não foram capazes de criar uma identidade moderna (e digo moderno no sentido da verdadeira libertação do tradicional) para a nova arquitectura, que se pretendia desprendida das premissas culturais tibetanas: “A questão do que constitui as qualidades de uma cidade histórica pode ser respondida de múltiplas formas. Alguns enfatizam a presença de importantes e representativos edifícios antigos, outros todo o ambiente de edifícios anónimos ou vernaculares. Outros, de novo, reivindicam o espaço público para representar a principal qualidade. Proteger e manter-se uma cidade histórica, depois das suas funções originais serem extintas, apresenta um dilema. Devia esta ser transformada num museu gigante, ou devia ser reinterpretada ou autorizada a desaparecer como ambiente histórico?”³ Por isso mesmo, levanta-se a questão: como actuar sobre uma cidade secular e uma identidade consolidadas ao longo de séculos de existência?

³ *Ibidem*. P. 63

Fernando Távora, a respeito de uma intervenção sua no Convento de Santa Marinha da Costa, defende a importância de um diálogo “não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade, do que cultivando a diferença e a ruptura.”⁴ Em oposição, “Le Corbusier defende que a cidade histórica não pode responder às novas necessidades da vida moderna. Por isso não existe outra possibilidade senão transformá-la num grande museu, imerso em verde, destacado do ritmo e da exigência de todos os dias... com o propósito de dar-lhe silêncio e Paz...”⁵ O próprio pensamento arquitectónico internacional do séc. XX teve dificuldades em estabelecer abordagens consensuais no que respeita ao património arquitectónico. Mas como podemos inferir das afirmações anteriores, não se defendeu nunca a sua destruição, apenas diferentes formas de integração dessa arquitectura na contemporaneidade. Independentemente dos regimes políticos em vigor aquando de uma determinada arquitectura, esta vale por si só, vale pelos seus “conceitos geradores”, e transmite significados próprios, que não apenas políticos, mas sobretudo culturais e estéticos.

⁴ Citação de Fernando Távora sobre o Convento de Santa Marinha da Costa, memória descritiva do projecto, ver em Fernando Távora, Editorial Blau, Lisboa, 1993

⁵ Costa, Joana Mendes Soldado Ferreira da - *Arquitectura, Identidade e Transformação: o dialogo entre novo e antigo*. 2001. P. 31

A intervenção chinesa perante a arquitectura tibetana apresenta abordagens muito distintas e até paradoxais, mesmo nos termos em que impõe a sua autoridade soberana. Por um lado, tem-se vindo a assistir à destruição de património arquitectónico por força da sobreposição de uma nova identidade, contemporaneamente chinesa; por outro, a ‘musealização’ (perversa?) e demarcação de construções mais mediáticas dessa mesma herança cultural; por fim, a difusão de novas arquitecturas contemporâneas e pretensiosamente vernaculares, de que se falará no capítulo seguinte.

Em 1961, no seguimento da reforma cultural, o governo chinês protegeu os edifícios de Potala e Jokhang como monumentos nacionais. No entanto essa política era limitada a uma minoria dos elementos patrimoniais, visto que entre 1959 e 1976 vários edifícios e locais de valor inestimável foram destruídos por todo o Tibete. Além da destruição levada a cabo durante a Revolução Cultural, todos os edifícios foram expropriados, indo parar às mãos do governo chinês sem qualquer retorno.⁶

6 LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. P.151

O controlo absolutista por parte do governo, no seguimento das operações de “tomada de posse”, levou a um acréscimo das suas responsabilidades de manutenção do património urbano, a par com os encargos a respeito da construção da nova cidade. Eram os edifícios antigos que naturalmente mais necessitavam de cuidado, e para os quais o governo dispunha de recursos limitados e um planeamento urbano deficiente. Nos anos 90, já alguns desses edifícios tinham voltado para as mãos dos antigos proprietários! Ainda assim, essa gestão não impediu uma grande parte dos edifícios tradicionais de Lhasa de entrarem em colapso e deterioração, situação que se tornou insustentável de contrariar, sobretudo pelos custos económicos necessários para o efeito.⁷

7 *Ibidem*. P.151

Acabaria por acontecer rapidamente a ‘guetização’ da Cidade Antiga em relação à nova urbe chinesa da capital, esta bastante sobrepovoada, já com um total aproximado de 80 000 habitantes, mais de três vezes o número de habitantes de Lhasa anterior à invasão. A resposta chinesa a esse problema crescente dá-se sob a forma de uma demolição de cerca de 70 edifícios ou complexos edificadas até 1999, sendo que em 1994 havia registo de aproximadamente 330. Os edifícios abandonados à destruição foram rapidamente substituídos por edifícios modernizados e outros restaurados à imagem da nova arquitectura chinesa do Tibete. Da grande parte dos edifícios perdidos não sobrou qualquer registo.⁸

8 *Ibidem*. P.151 e 152

Com a entrada da lógica comercial imobiliária na cidade de Lhasa, em meados dos anos 90, a gestão das habitações foi fugindo das mãos do governo para o controlo privado. Entre 1995 e 2000, os preços médios da habitação aumentaram 50 e até mesmo 100 vezes. Esta perversão dos mercados levou ao crescimento espontâneo de habitação informal, sobretudo sob o sistema de mutação dos edifícios já existentes. No caso dos edifícios históricos surge um problema adicional, relacionado com as consequências dessas alterações tipológicas no património físico existente. Teria sido necessária uma fiscalização destas situações para garantir ao máximo a integridade arquitectónica dessas estruturas seculares, vigilância essa que não se verificou. O próprio governo incentivou esse crescimento urbano selvagem com vista a uma maior optimização dos vazios urbanos existentes, sobretudo na ocupação dos tradicionais pátios tibetanos.⁹

⁹ LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. P.152

Todos os edifícios construídos de raiz modernizada no coração da cidade já obedecem a padrões simples de construção, permitindo maior densidade e rapidez de construção, juntamente com uma correspondente redução do espaço público que os antecedia. O Plano de Desenvolvimento de Lhasa de 1980 – 2000, aprovado em 1983 pelo Conselho de Estado em Pequim, que estipulava a protecção do património cultural como uma preocupação prioritária, não se veio a confirmar, uma vez que a sobreposição da nova construção à paisagem urbana tradicional era já um dado adquirido.¹⁰

¹⁰ *Ibidem*. P.154 e 155

Hoje deparamo-nos com uma cidade histórica igualmente orgânica na sua organização, mas apenas intacta nas suas origens, ‘contaminada’, mais densa e sobrelotada do que outrora.

O Conselho de Estado previu também uma linha de caminho de ferro que ligaria a capital regional do Tibete ao resto da China, infraestrutura essa que hoje se encontra construída, cerca de 2 km a Oeste de Norbulingka. Estariam também previstas, no plano estratégico para o desenvolvimento urbano de Lhasa, quatro pontes sobre o rio Kyichu, de modo a que a cidade ‘conflua’ com os bancos de terra situados a Sul e Este da cidade já sobrelotada. O mesmo plano de 1990 “definiu unidades de conservação e zonas de protecção, com as áreas históricas divididas em três categorias de protecção.”¹¹ Em 1996 foi aprovado o Plano de Conservação da Barkor, cuja finalidade era fazer um inventário das necessidades de conservação e potencial desenvolvimento de cada área da Cidade Antiga, todavia sem uma análise do conjunto. Estranhamente, Tromsikhang, um dos edifícios protegidos por esse programa,

¹¹ *Ibidem*. P.155



I 95
Edifício Tromsikhang, antes
da demolição.



I 96
Edifício Tromsikhang,
durante a demolição em
1997.



I 97
Ponte Yutok Zampa, antes da
intervenção.

12 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund
- *The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape*. 2001. P.154 e 155

foi demolido em 1997 e imediatamente substituído por um novo complexo residencial, possivelmente por interesses imobiliários.¹²

Ainda no âmbito do mesmo plano, surgem duas alternativas para a protecção futura do centro histórico: uma limitada aos edifícios interiores à Barkor, classificando-os com protecção de primeiro grau; e a outra, além dessa área, abrangia também os edifícios circundantes num raio de 30 a 100 metros. A classificação dos edifícios fora da Barkor com o terceiro grau de protecção histórica parece ter sido a adoptada pelas autoridades, deixando-os expostos e desprotegidos. De igual forma, em 1985, o Gabinete das Relíquias Culturais da Cidade de Lhasa indicou todos os locais e edifícios monásticos para protecção, incluindo os mosteiros inutilizados. Ainda assim, mais uma vez, as boas intenções do governo chinês não impediram alguns edifícios protegidos de serem danificados.¹³

13 *Ibidem*. P.156 e 157

Além das incongruências generalizadas relacionadas com o não cumprimento dos programas de protecção governamental de património ao longo das últimas décadas, são de salientar as relações causa-efeito, “espaço-poder” a respeito da construção das praças de Jokhang e da Nova Praça de Potala. Antes da ocupação chinesa, a organicidade da cidade de Lhasa era mais evidente, e a forma como esta interagiu com a paisagem natural também. Um dos canais do rio Kyichu entrepunha-se na ligação entre a entrada Oeste da cidade e o Templo de Jokhang, problema resolvido pela ponte coberta Yutok Zampa, construída no séc. VII,¹⁴ um objecto singular no conjunto arquitectónico de Lhasa que foi sempre de grande importância para a vivência local.

14 *Ibidem*. P.122

Esse eixo principal da circulação interna da cidade foi um dos primeiros focos da intervenção chinesa, perdendo a sua função devido à construção da nova rua Yutok Lam, que passou a ligar o fim do seu extremo Norte directamente ao núcleo histórico, num eixo (quase) perpendicular a Jokhang. Num futuro apressado, essa rua transforma-se num pólo comercial chinês, parte integrante do crescimento da cidade nova. A ponte foi (brutalmente) inserida no contexto urbano, estranho à sua natureza, acabando por se transformar também num espaço comercial, desta vez sem rio, uma vez que este foi aterrado, tal como outros canais na cidade.

A intenção de ruptura que desenha a Rua Yutok, muito ao jeito ‘Haussmanniano’ de Paris, ou mais adequado ainda, à semelhança da Nova Germânia, é forçadamente linear e impositiva. Criada como uma rua

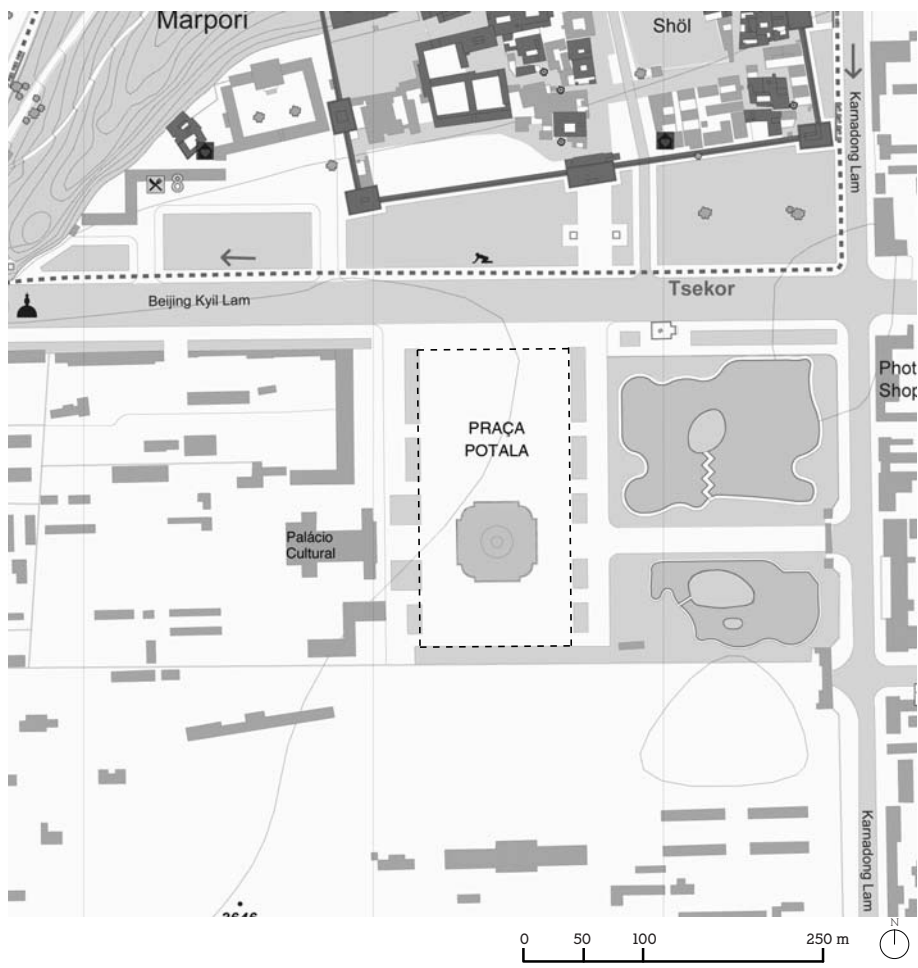


I 98
Mapa ilustrativo da
intervenção da Rua Yutok, na
reinscrição da Ponte Yutok e
da nova Praça Jokhang.

manifestamente chinesa, com o objectivo de ligar a Cidade Nova à Antiga, desagua na Praça Jokhang, que por sua vez culmina no símbolo primordial da cultura tibetana, o Templo Jokhang. Esses dois novos elementos urbanos apresentam ambos configurações e conceitos espaciais únicos no contexto tibetano, sem que se perceba outra justificação para a sua existência que não somente romper com a pré-existência e desviar a centralidade funcional do Centro Histórico para as novas zonas chinesas.

A Yutok Lam é uma rua paralela à Beijing Sharlam e define um eixo estrutural de uma das novas zonas da cidade, e possivelmente a que tem uma maior relação com a cidade histórica. Não sendo mais que uma rua de comércio chinês, apresenta-se com a escala de uma avenida, muito mais longa e larga do que qualquer rua tibetana e semelhante à escala da principal avenida da Cidade Antiga, a Beijing Sharlam. As lojas são acedidas a partir de abastados passeios, por uma pequena sucessão de degraus, colocando-as num patamar elevado, conferindo-lhes assim um estatuto (bem clássico) de superioridade perante a tão intimista e popular rua de comércio tibetana. Mas a verdade é que a Yutok Lam acaba por não ter grande vivência urbana, possivelmente devido à sua posição perante a cidade, visto que, por um lado, os tibetanos não se revêm naquela configuração espacial e no próprio tipo de comércio, e por outro, a rua acaba por se encontrar descentralizada dos grandes núcleos urbanos chineses.

A Praça Jokhang, por sua vez, é ainda menos justificável do ponto de vista do planeamento urbano. A praça estabelece uma ponte entre a ‘velha Lhasa’ e a ‘nova Lhasa’, que poderia ter existido na mesma através de duas ruas de escala tradicional que ali existiam, mantendo desse modo a génese urbana da cidade histórica. Substitui um quarteirão que antes encerrava a rua da Barkhor junto à entrada do Templo Jokhang para dar lugar a um vazio meramente contemplativo, visto que o conceito de praça, pelo menos ampla como esta, não se vê em Lhasa e não faz parte dos seus rituais de vivência urbana. À excepção das entradas dos Templos de Ramoche e Jokhang e do largo Sungchöra, anexo à entrada Sul de Jokhang, todos os vazios urbanos com uma escala de largo ou de praça que existem na Cidade Antiga não são intencionais, mas simplesmente espaços sobranes do crescimento urbano orgânico, que acabam por ser ocupados com bancas de comércio tal como qualquer outra rua tibetana. Mesmo no caso dos Templos de Ramoche e Jokhang, em que a entrada principal acontece num plano recuado ao limite da rua, criando um



I 99
Mapa ilustrativo da
intervenção da Praça Potala.

hall de antecipação ao edifício destinado à prática religiosa tibetana, ambos não se aproximam minimamente da escala do vazio criado pela Praça Jokhang.

Esse conjunto de intervenções apresenta uma relação “espaço-poder”, escala e poder, bastante evidente. Não o poder e submissão hierárquica erguidos num Capitólio, mas um “empoderamento” por “força” do vazio e da violação, mais do que do espaço físico, mas do espaço social. Enquanto os Capitólios de Chandigarh ou do Kuwait pretendiam criar unidade social e institucional, este vazio urbano pretende destabilizar essa mesma ideia de unidade e coesão tibetanas, forçando uma unidade geral entre as pólis tibetana e chinesa, por via da criação de um palco para o “confronto e o controlo social”, sendo os tibetanos o espectáculo e os espectadores, uma praça cheia de turistas e máquinas fotográficas.

Por fim, a Nova Praça de Potala, construída em finais do século XX, sobre terrenos baldios existentes a Sul do complexo do Palácio de Potala, é o maior símbolo político da intervenção chinesa em Lhasa. Um vazio com aproximadamente 40 000 m², separado do palácio por uma grande via, à semelhança do que acontece em Pequim com a Praça Tiananmen e a Cidade Proibida, faz frente à entrada do complexo Shöl, que por sua vez antecede a escadaria de acesso principal ao palácio.

Quando foi construída, não passava de um gigantesco espaço vazio perdido entre uma vista sublime, espaços verdes e alguns edifícios, embora totalmente desenquadrada de fortes relações urbanas com a restante cidade, a não ser a forte centralidade com o palácio. Parecia que tinha sido colocada ali como um ‘estender do tapete’ a Potala, até que, no arranque do novo século, foi construído o Monumento da Libertação Pacífica do Tibete.¹⁵ Uma estrutura vertical de pedra, coroada com estrelas douradas comunistas, fazendo lembrar o obelisco dedicado aos heróis do povo, na Praça Tiananmen, que, como o próprio nome insinua, pretende simbolizar a libertação do Tibete de si mesmo e das suas próprias raízes. Assim, esta praça é mais uma materialização da invasão chinesa, neste caso da Praça de Potala, um confronto à medida do adversário.

Em causa está mais do que manter ou não uma paisagem urbana, mas acima de tudo uma intimidade espiritual e cultural, outrora livre, que foi violada e se encontra agora exposta explicitamente, sem qualquer filtro cultural e muito menos arquitectónico.

15. Xinhua News Agency
- Monument Erected to
Commemorate Tibet's Peaceful
Liberation. [Em linha.
Disponível em] [http://
news.xinhuanet.com/
english/20010718/431185.
htm](http://news.xinhuanet.com/english/20010718/431185.htm)

O VERNACULAR HOJE PODEMOS FALAR DE ARQUITECTURA CONTEMPORÂNEA NO TIBETE?

Uma outra questão inerente às alterações na paisagem urbana de Lhasa é também a linguagem formal e tipológica da nova arquitectura que surge por mão de uma entidade estranha ao contexto cultural tradicional. Da mesma forma que teria sido, aquando das primeiras intervenções arquitectónicas chinesas no Tibete, necessário dialogar com o passado para saber responder ao futuro. Hoje, por falta dessa cooperação estratégica, deparamo-nos com uma cidade fragmentada e, acima de tudo, com uma crise da identidade arquitectónica tibetana.

As sucessivas tentativas de intervenção na cidade histórica ao longo das últimas seis décadas passaram por vários entendimentos diferentes no que respeita à conservação do património. A invasão trouxe consigo princípios negativos no que respeita à ocupação do território, mas veio também permitir à comunidade local uma universalização de conhecimentos técnicos modernos reactivos à construção e conforto da arquitectura, até aí desconhecidos naquele território, como seja a introdução de saneamento particular, até então inexistente. Todavia, essa “universalização, enquanto é um avanço [...], ao mesmo tempo constitui uma espécie de destruição subtil”¹⁶ das bases culturais tibetanas. Perante o confronto inevitável entre culturas subdesenvolvidas e uma súbita modernização, Frampton levanta a questão: “será necessário abandonar o antigo passado cultural que tem sido a razão de sempre de uma nação?”¹⁷ O mesmo apresenta uma resposta paradoxal no sentido em que, por um lado, essa modernização “tem de enraizar-se no solo do passado, forjar um espírito nacional, e expandir esta reivindicação espiritual e cultural antes da personalidade colonialista”¹⁸, e por outro, “de modo a fazer parte na civilização moderna, é necessário ao mesmo tempo fazer parte de uma racionalidade científica, técnica, e política, algo que muito frequentemente exige o puro e simples abandono de um passado cultural inteiro.”¹⁹

Deste modo, torna-se pertinente uma especial atenção ao caso tibetano, mais precisamente no que diz respeito às intervenções sobre o património arquitectónico e o futuro das práticas tradicionais de fazer essa arte. No fundo, pode-se defender esse mesmo “Regionalismo Crítico” como resposta a esta

16 FRAMPTON, Kenneth
— *Prospects for a Critical
Regionalism*. 1983. P.148

17 *Ibidem*. P. 148

18 *Ibidem*. P. 148

19 *Ibidem*. P. 148

20 FRAMPTON, Kenneth – *Prospects for a Critical Regionalism*. 1983. P.148

situação, sendo que a base desse pressupõe um “compromisso com o *lugar* em vez do *espaço*”²⁰. Gregotti reafirma essa posição defendendo que “o projecto deve condizer com a tradição reguladora do estilo e do ofício. Mas o que confere veracidade e concretude a essa tradição é a sua compatibilidade com o sítio, pois somente percebendo o local como um ambiente específico podem aflorar as exceções que geram a arquitectura.”²¹

21 GREGOTTI, Vittorio – *Território e Arquitectura*. 2008. P.375

Contudo, como foi dito anteriormente, a posição colonialista chinesa não passa por qualquer espécie de integração amigável, mas precisamente pelo oposto: assenta numa ideologia de base essencialmente política de sobreposição e ruptura. Pouco a pouco, após a ocupação, a cidade de Lhasa foi sendo pontuada por exemplos de uma arquitectura tibetana “populista”. Certamente longe das raízes orgânicas tibetanas, a nova cidade crescia mais racional e regular no seu planeamento: uma revolução tão forte na sua expressão urbana e tão fraca na sua identidade arquitectónica, ao ponto de ser concebida recorrendo muitas vezes a colagens de modelos arquitectónicos internacionais sobrepostas a elementos decorativos tradicionais tibetanos. Não estamos, portanto, perante um Regionalismo Crítico arquitectónico, ou seja, em vez de um “forte desejo de libertar uma identidade” mas sim uma abordagem populista, de uma recorrente “evocação simplista de um sentimento [...] vernacular.”²²

22 FRAMPTON, Kenneth – *Prospects for a Critical Regionalism*. 1983. P.149

Essa formatação para uma contemporaneidade em constante mutação acabou por atingir a paisagem urbana da Cidade Antiga com diversas variações estilísticas, não muito distintas entre si, que resultam todas numa tentativa de criar uma arquitectura ‘moderna’ mas de inspiração vernacular, ainda que maioritariamente superficial.

O governo chinês tem falhado nos seus objectivos de procurar um Regionalismo Crítico que defina bases para a nova arquitectura tibetana e, conseqüentemente, o povo tibetano sempre foi muito temeroso na aceitação de qualquer tipo de ‘arquitectura moderna tibetana’, bem justificado pelo receio de, naquele caso, ser posta em causa a sua tradição. Além dos vários episódios de sobreposição arquitectónica, por via da destruição injustificada de património, a falta de uma entidade tibetana reguladora deixou que essas influências externas invadissem o panorama arquitectónico sem qualquer controlo, e de um modo muito pouco democrático, visto que os meios tradicionais de construção foram reprimidos para dar lugar às inovações tecnológicas e, claro, estilísticas. As principais alterações dessa modernização



I 100
Novo cinema em finais do
séc. XX, Lhasa.

revolucionária estão relacionadas precisamente com essas novas técnicas construtivas e os novos materiais utilizados, que não só são causadores de estranheza aos olhares nactivos, como apresentaram dificuldades aos seus construtores, acostumados a técnicas mais artesanais.

23 LARSEN, Knud,
SINDING-LARSEN, Amund
- *The Lhasa Atlas: Traditional
Tibetan Architecture and
Townscape*. 2001. P.158

Por exemplo, no novo cinema de Lhasa, uma obra iniciada no fim do séc. XX na Beijing Sharlam,²³ é visível uma preocupação de inserir a volumetria na escala da envolvente urbana existente, quando, por outro lado, há a procura de uma linguagem moderna e contrastante, aparentemente aleatória na sua composição formal. A sua forma não se insere em nenhum estilo contemporâneo, e muito menos se aproxima de uma arquitectura tradicional tibetana; é uma colagem desconexa de diferentes influências (muitas extraídas de revistas internacionais), das quais destaco a *fenêtre a longueur* presente na fachada. Os materiais utilizados são também novidade, sendo que a principal, à semelhança das outras construções contemporâneas chinesas, se prende com a utilização do betão armado no desempenho estrutural do edifício. Além disso, no seu exterior, está presente um revestimento cerâmico que nos remete para o “sentimento simplista” do padrão da tradicional alvenaria tibetana. O processo da sua construção foi bastante demorado com destaque para um episódio em que os construtores tentaram colocar uma clarabóia elíptica no topo de um volume cilíndrico truncado diagonalmente, tarefa que ao fim de três anos ainda não havia sido terminada.²⁴

24 *Ibidem*. P.158

O Plano de Conservação da Barkor, aprovado em 1997, estabeleceu directrizes para a utilização de estilos arquitectónicos em treze áreas no interior da Lingkor. Essas variações estilísticas têm como ponto de partida o estilo tradicional tibetano (Estilo A), estabelecendo a partir daí uma ordem decrescente de utilização do mesmo, caminhando sobre a contemporaneidade com destino ao Moderno. Os estilos A e B estavam previstos para toda a paisagem urbana do núcleo histórico, dando liberdade aos designers para utilizarem os estilos tibetanos nacionais ou regionais, sendo que o Estilo A se estipulou obrigatório em edifícios monásticos, casas nobres e outros edifícios de relevância artística elevada. Contudo, no decorrer do tempo, a tendência estilística verificada no núcleo histórico foi a aplicação generalizada de estilos C (edifícios tibetanos modernos), D (edifícios Modernos com elementos arquitectónicos tibetanos) e E (edifícios Modernos).²⁵ Aqui, mais uma vez, questiona-se a continuidade da arquitectura vernacular no panorama arquitectónico tibetano, em detrimento de uma modernidade galopante, cada vez mais imagem de uma fraca e superficial contemporaneidade.

25 *Ibidem*. P.156 e 174



I 101
Palácio de Verão para o
décimo Panchen Lama,
Shigatse, 1954.

Um dos primeiros exemplos que procurou estabelecer um caminho para a modernização da arquitectura tibetana foi o Palácio de Verão para o décimo Panchen Lama, construído em 1954, em Shigatse. Devido ao forte significado do segundo maior representante político e religioso tibetano (Panchen Lama) para a cultura tibetana, o governo chinês construiu o edifício depois do anterior ter sido destruído por um desastre natural, fazendo uma jogada dupla no que respeita à influência sobre o poder local.²⁶

26 REPO, Joona -
*Contemporary Tibetan
Architecture in the People's
Republic*. 2010. P. 27

27 *Ibidem*. P.27

Essa obra veio reafirmar a arquitectura numa dimensão política “*vis-à-vis* a chinesa”²⁷, que a partir daí passou a manipular a figura do Panchen Lama para equilibrar a influência do principal líder espiritual Dalai Lama, da mesma forma que se servia desse palácio para tentar desbloquear a desconfiança dos tibetanos perante a modernização da sua arquitectura. A fachada principal apresenta-se com uma linguagem tradicional nas alas laterais, interrompidas por um volume central, ‘moderno’, mas ainda com muitas reminiscências vernaculares, como as paredes exteriores inclinadas, os têxteis nas janelas, as cores que pintam o edifício e até o friso Benma na platibanda. No que respeita aos elementos externos, começamos pelo betão e variações de cimentos utilizados na construção, passando para os arcos usados na entrada e também as próprias portas. Pelo acesso no volume central deparamo-nos com um espaço amplo, onde a estrutura moderna permitiu a inexistência de pilares, gerando uma grande escadaria num dos extremos. Programaticamente, o edifício respeita a tipologia espacial tradicional, mantendo a existência de espaços de conforto, burocracia e meditação. Para não perder o carácter identitário, as altas paredes do hall são pintadas com motivos budistas.²⁸

28 *Ibidem*. P.27

Neste caso, tal como em todos os casos que veremos, o detalhe ou mais frequentemente, a decoração, são utilizados como geradores de identidade. O próprio arquitecto Tadao Ando, a propósito do seu projecto para a Residência Koshino, defende que o “detalhe existe como o mais importante elemento a expressar identidade.”²⁹

29 FRAMPTON, Kenneth
– *Prospects for a Critical
Regionalism*. 1983. P.159

Ainda a respeito do Palácio, esse edifício, à imagem do governo, poderia ser perfeitamente de categoria C, mas mais do que discutir percentagens de vernacular e moderno combinadas nele, interessa realçar a separação clara que este apresenta entre os propósitos arquitectónicos distintos, e o facto destes não se sobreporem nem misturarem, mas sim fazerem parte de uma composição que tenta ser intemporal.

Um dos problemas da importação do estilo tradicional tibetano para a arquitectura moderna de autoria chinesa foi o “populismo” verificado na



I 102
Hotel Tibet, Pequim.

30 REPO, Joona -
*Contemporary Tibetan
Architecture in the People's
Republic*. 2010. P. 28 e 29

'fetichização' de elementos decorativos característicos de edifícios nobres, maioritariamente religiosos, hoje banalizados por toda a China e visíveis em qualquer tipo de construção, sem qualquer hierarquia, como é visível no *Tibet Hotel* em Pequim.³⁰ Contudo, o problema da 'tibetização' vai além da ocupação chinesa do Tibete, atingindo também as colónias tibetanas no exílio em países vizinhos. Na Índia, por exemplo, são visíveis espaços de assembleias monásticas construídas ao estilo tibetano tradicional, mas devido aos recursos existentes, os materiais utilizados, como mármore e betão armado, tal como as técnicas construtivas, são distintos. É claro o esforço de preservar a cultura arquitectónica vernacular tibetana, sobretudo na sua herança fora do país, mas até que ponto essas alterações aparentemente reduzidas não serão diferença suficiente para justificar um percurso autónomo de fazer essa arquitectura *in exile*? Os próprios pormenores decorativos tibetanos são feitos com materiais que não pertencem ao seu vocabulário tradicional. Considerando o estilo tradicional tibetano tectónico na sua relação causa-consequência entre as matérias-primas e a arquitectura em si, estaremos antes perante "edifícios indianos modernos, decorados para aparentarem ser tibetanos em estilo."³¹

31 *Ibidem*. P. 29

Sendo assim, "porquê tentar reproduzir um tipo específico de arquitectura de um meio e clima específicos noutros completamente diferentes, e mais importante ainda, será mesmo necessário construir um edifício religioso num estilo tibetano tradicional? Porque não a criação consciente de uma arquitectura budista tibetana contemporânea que não é apenas a tentativa de imitar a arquitectura do passado?"³²

32 *Ibidem*. P. 29

Já próximo do final do séc. XX assistiu-se a um retrocesso no que toca ao futuro, até então preocupante, da arquitectura tradicional tibetana, com o regresso de muitos lamas tibetanos (autoridades religiosas) ao país de origem, que até então estavam exilados em países próximos, sobretudo na Índia. O alívio regulador da ordem chinesa sobre a prática religiosa na região permitiu esse regresso, e uma consequente vontade monástica de reconstruir os mosteiros e edifícios importantes, até então em ruínas. O caso do tão importante Mosteiro de Samye, tão danificado durante a Revolução Cultural, foi um desses casos, onde, à semelhança de outros exemplos, todo o trabalho foi feito recorrendo a uma autenticidade vernacular de matérias e processos construtivos. Em 1985, o regressado Dilgo Khyentse Rinpoche, um grande mestre budista da ordem *Nyingma* e antigo professor do actual Dalai Lama, conseguiu deslocar-se algumas vezes ao Tibete, tempo suficiente para que, com



I 103
Operações de restauro num
mosteiro financiadas pelo *Tibet
Heritage Fund*.

33 REPO, Joona -
*Contemporary Tibetan
Architecture in the People's
Republic*. 2010. P. 30

o aval do governo chinês, o mosteiro estivesse restaurado por completo em 1990. Este exemplo tornou-se apenas um dos muitos mosteiros reconstruídos e financiados por tibetanos no exílio.³³

No decorrer dessa nova janela aberta para um retorno às raízes, também outras iniciativas tomaram lugar no Tibete a respeito da conservação e reconstrução de património arquitectónico, das quais destaco a intervenção da organização internacional sem fins lucrativos *Tibet Heritage Fund* (THF), fundada em 1996, em Berlim. Esta tem vindo, desde então, a actuar junto das comunidades locais na recuperação de vários edifícios, segundo uma arquitectura e técnicas integralmente vernaculares, mas sempre demonstrando uma preocupação nas melhorias de condições de habitabilidade dentro dos limites da cultura tradicional.³⁴

34 Tibet Heritage Fund –
THF's aims and principles. [Em
linha. Disponível em]
[http://www.tibetheritagefund.org/
pages/about-thf.php](http://www.tibetheritagefund.org/pages/about-thf.php)

É certo que aqui, tal como no exemplo do restauro do Mosteiro Samye, não estamos presente um “Regionalismo Crítico” e muito menos, um “Populismo”, mas, quanto muito, assistimos a algo semelhante ao “Regionalismo Realista”, na medida em que ambos propõem uma arquitectura “que seria acessível à generalidade da população”³⁵. O que acontece nestes casos é fruto de um sentimento proteccionista, naturalmente provocado pela brutal ameaça de extinção do património cultural tibetano por parte das autoridades chinesas. Não tentam procurar uma arquitectura moderna tibetana porque sentem que as raízes não fazem só parte do passado, mas que acompanham, ainda hoje, o espírito e vivências quotidianas do povo tibetano. Essa persistência na conservação da tradição arquitectónica, mais do que um sinal de esperança, é um sinal político que, através destas instituições, adquire outra dimensão mediática e internacional, determinante na legitimação da causa tibetana.

35 FRAMPTON, Kenneth
– *Prospects for a Critical
Regionalism*. 1983. P.149

Ainda assim, apesar dos esforços conservadores perante uma eminente modernização do património arquitectónico, estes não foram suficientes para impedir algumas ideias contemporâneas de se afirmarem de vez, mesmo no seio monástico a cargo das entidades espirituais mais eruditas. Hoje é possível vermos exemplos de construção de salas de assembleia em mosteiros pelo Tibete, especialmente na regiões de Kham e Amdo, semelhantes tanto no estilo arquitectónico como nos materiais e técnicas construtivas aos exemplos presentes na Índia e Nepal. Acabou por ser inevitável, após tantos anos numa troca directa com as influências externas, não ceder a alguns aspectos arquitectónicos, acabando estes por serem importados para a reconstrução de vários edifícios monásticos ao longo do séc. XX.

O Mosteiro de Kagyu Benchen, reconstruído por dois lamas, reencarnações de Dilgo Khyentse Rinpoche, e exilados em *Swayambhu*, no Nepal, possivelmente explicará o porquê desses novos hábitos. O novo salão principal é muito semelhante aos que vemos nas comunidades exiladas, possivelmente por ter sido desenhado no Nepal e só depois construído no Tibete. Esse edifício da assembleia, terminado em 2001, foi construído com recurso a materiais contemporâneos, onde surgem o betão armado, pavimentos em mármore e interiores ricos. Esta nova aparência estende-se por um volume de quatro pisos, conferindo a esse espaço uma escala soberana perante o restante, mais pequeno e de construção maioritariamente tradicional. O próprio processo de acompanhamento da obra foi muito pouco tradicional visto que esta foi controlada por um arquitecto chinês, contratado para desenhar a planta da intervenção com base em fotografias (aparentemente) do Mosteiro de Rumtek, em Sikkim, e atendendo aos custos de materiais.³⁶

36 REPO, Jona -
*Contemporary Tibetan
Architecture in the People's
Republic*. 2010. P. 31 e 32

O resultado dessas intervenções é fruto das experiências e trocas culturais que resultam em influências trazidas por lamas tibetanos de outros países, culturalmente próximos, mas em parte também por razões económicas, visto ser substancialmente mais caro construir um edifício com a escala de um mosteiro pelo processo tradicional. Nestes mosteiros, tanto os das comunidades refugiadas como os mais recentes construídos no Tibete, estamos perante uma arquitectura tibetana intercultural, como aliás sempre o foi. A cultura tibetana sempre foi uma reciclagem de influências, maioritariamente budistas indianas, e nestes exemplos continua a sê-lo, mas sem deixar de ser ela própria. Seria de esperar que esta relação inter-vernacular entre o tibetano e o contemporâneo internacional pudesse resultar em algo mais criativo e novo, numa nova arquitectura tibetana, dos tibetanos, de consequências maiores na relação com essas mudanças, mas simultaneamente consciente. Situação que, até ver, só há registo de edifícios desenhados por não tibetanos e sobretudo fora do Tibete.³⁷

37 *Ibidem*. P. 33

Em Lhasa, contudo, a recente estação de comboios, do começo do séc. XXI, tem fortes bases contemporâneas que tenta exactamente a procura de uma nova linguagem, de uma identidade actual. Ainda que remeta para pontuais elementos da construção vernacular tibetana, como as varandas ou os detalhes em madeira presentes nas janelas, estes são estilizados, abandonando as cores e pinturas budistas, de um modo mais abstracto e não revivalista como a generalidade das intervenções chinesas na cidade. O arquitecto



I 104
Estação Ferroviária de Lhasa.



I 105
Instituto Tibetano, Ulrich
Fluck e Robi Vock, anos 60,
Rikon, Suíça.



I 106
Templo Tsuglagkhang, 1969,
Dharamshala.

chinês responsável pretendia distanciar-se de qualquer significado religioso e excessivamente nacionalista, e ainda assim conseguiu criar um edifício que se reconhece como tibetano, mas por outro lado, também chinês na sua escala monumental e monolítica do betão, à semelhança das influências soviéticas.

Outro exemplo do que poderia ser uma arquitectura tibetana contemporânea é o Instituto Tibetano em Rikon, Suíça, na década de 1960. Desenhado pelos arquitectos suíços Ulrich Fluck e Robi Vock, apresenta um Regionalismo Crítico na forma como estabelece uma arquitectura “híbrida”³⁸, num meio termo entre uma clara inspiração modernista e premissas da arquitectura tibetana.³⁹ O edifício sugere um edifício tibetano levantado sobre fachadas de *pilotis*, como se fosse uma vénia modernista à arquitectura tibetana. As paredes erguem-se sob planos brancos, marcadas por um ritmo constante de aberturas de dimensão próxima das janelas tibetanas mais comuns, onde os vidros são colocados bastante recuados, transmitindo uma robustez visual às paredes, enviando-nos para a imagem das paredes espessas em alvenaria tradicionais tibetanas. No topo do edifício surge, num volume mais pequeno e central, espaço para os aposentos do Dalai Lama, este pintado com um vermelho ocre, simbolicamente ligado ao poder religioso budista.⁴⁰

Destaco um outro edifício construído, desta vez em Dharamshala, a capital tibetana *in exile* na Índia, residência actual do Dalai Lama. Refiro-me ao Templo Tsuglagkhang, inaugurado em 1969, cuja autoria é desconhecida. Trata-se de um edifício de clara natureza modernista, cuja pureza estrutural em betão poderá lembrar o esquema estrutural da Casa Domino de Corbusier. Composto, muito genericamente, por duas lajes de betão assentes numa grelha de *pilotis*, fazendo também lembrar o interior colunado de um salão principal de qualquer mosteiro tradicional tibetano. Os espaços fechados acontecem no interior da estrutura, libertando esta de ocupação junto às fachadas. O edifício é liberto de qualquer elemento da arquitectura tradicional, à excepção de um pequeno telhado em estilo chinês e outros elementos utilizados na arquitectura tradicional, utilizados na cobertura do edifício, ainda que só sejam visíveis a partir de muito longe ou do próprio telhado. E mais curioso ainda é o facto deste edifício extremamente contemporâneo, não só ser o principal núcleo de culto budista dos tibetanos em exílio, como ter sido o próprio líder espiritual Dalai Lama a concebê-lo. A verdade, é que nos dias de hoje esta estrutura moderna cumpre a sua função monástica e parece ser reconhecida pela população com igual respeito.⁴¹

38 FRAMPTON, Kenneth
– *Prospects for a Critical Regionalism*. 1983. P.149

39 REPO, Joona -
Contemporary Tibetan Architecture in the People's Republic. 2010. P. 33

40 *Ibidem*. P. 33

41 REPO, Joona -
Contemporary Tibetan Architecture in the People's Republic. 2010. P. 33

42 REPO, Joona -
*Contemporary Tibetan
Architecture in the People's
Republic*. 2010. P. 33

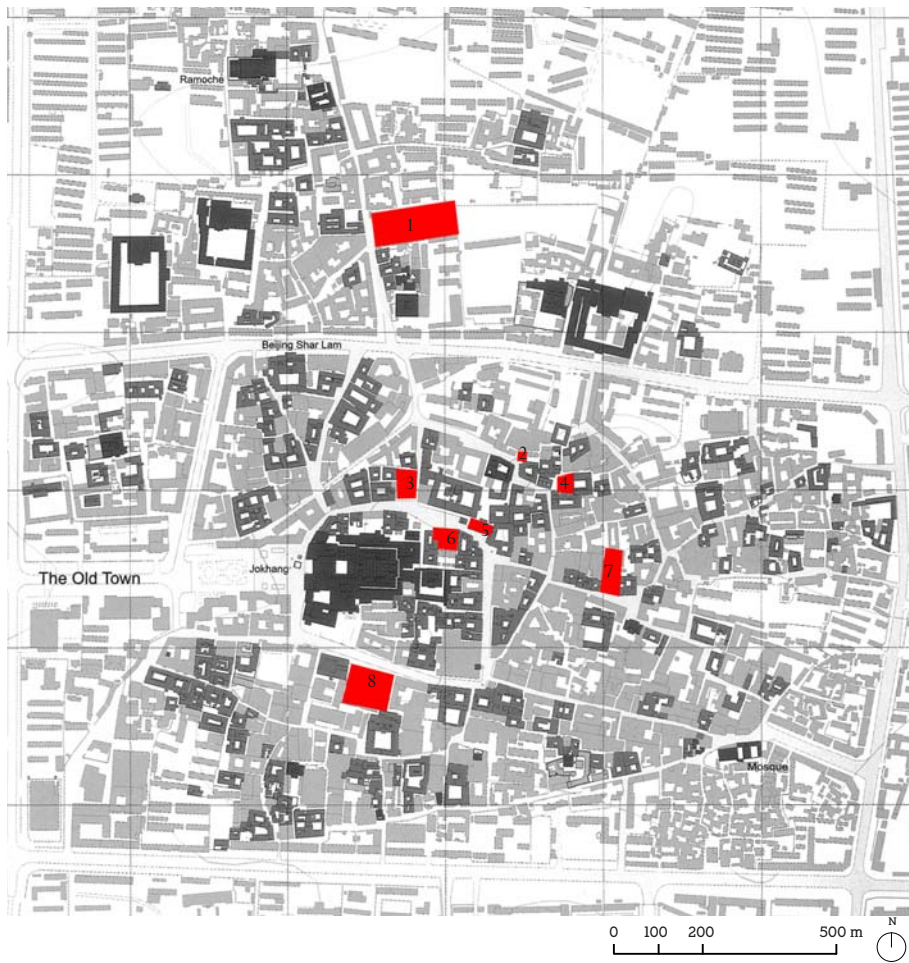
Ainda que nas regiões tibetanas de Kham e Amdo a forma de encarar a contemporaneidade arquitectónica tenha mudado no sentido de um maior entendimento entre o vernacular e o novo, há ainda muitos tibetanos, principalmente no Tibete Central, que permanecem resilientes em aceitá-la.⁴² Tendo sido essa a região mais atacada pela ocupação chinesa, essa resistência à ruptura conceptual da sua arquitectura pode ser uma forma de manifestação de independência e poder cultural. Todavia, essa resistência tende a cair numa hipocrisia, já que após tantos esforços aparentes para preservar todo um ecossistema arquitectónico, social e religioso vernacular, a rendição disfarçada a novas técnicas de construção e novos materiais têm levado a que o papel de artesãos, outrora tão imprescindíveis, se tenha tornado quase redundante, não fosse o trabalho persistente de grupos como o THF.

43 Os Standardarchitecture são um escritório de arquitectura chinês, sediados em Pequim, onde iniciaram a sua prática em 2001. O colectivo é liderado por Zhang ke, Zhang Hong e Cláudia Taborda, ambos Mestres pela Universidade de Harvard entre 1998 e 1999. Desde a sua fundação têm vindo a desenvolver um trabalho consistente em várias áreas da arquitectura, desde o urbanismo até ao desenho paisagístico. No caso específico do Tibete, começaram a desenvolver um trabalho consistente desde 2007 até hoje, sendo o principal grupo de trabalho na exploração de uma arquitectura contemporânea tibetana.

Por fim, realço o trabalho dos Standardarchitecture⁴³ que, tal como o THF, actuam em território tibetano, ainda que num processo de actuação oposto, portanto, não na área de conservação e restauro do património pré-existente, mas na procura de um caminho próprio e simultaneamente enraizado para a arquitectura contemporânea. Ainda que o seu trabalho apenas tenha começado neste século, o facto destes arquitectos serem tão jovens, pode representar um sentido de mudança no panorama, não só da arquitectura tibetana, mas na própria abordagem chinesa ao património do Tibete. Estes, como veremos mais à frente, procuram uma abordagem bastante experimental, mas verdadeira nos pressupostos vernaculares e contemporâneos em que se baseiam, tentando em todas as suas obras caminhar sobre uma ideia de equilíbrio e respeito pelos valores em questão. Portanto deixam de lado qualquer fetichização ou “populismo” arquitectónico e tentam procurar, acima de tudo uma arquitectura que pertença ao ‘lugar’ como urbe ou paisagem, mais do que a um dogmatismo espacial ou formal.

Com vista nestes exemplos, não seria a melhor forma de preservar o património tibetano existente, deixá-lo isolado no seu dialecto vernacular? Retirarmos os ensinamentos necessários das várias experiências ao longo da história, mas assumir as consequências inevitáveis da natural evolução da humanidade, e consequentemente da arquitectura? Ou será que, tal como pratica o THF, fará igualmente sentido continuar pelo caminho tradicional numa sociedade que ainda vive nas suas raízes? Penso que a resposta poderá ser por aqui e por algo à semelhança de um certo “Regionalismo Crítico” praticado nos exemplos externos ao contexto tibetano apresentados anteriormente e

pelo trabalho dos Standardarchitecture. Seja o trabalho destes últimos ainda por explicar ou os casos dos edifícios na Suíça, em Dharamshala e até a estação de comboios em Lhasa, são quatro exemplos de crítica e compreensão dos valores essenciais da arquitectura e cultura local distintos, mas ambos com o valor acrescido de servirem de motivo para uma maior discussão, não tanto internacional, mas acima de tudo local, para que de uma vez se quebre a pouca receptividade local as novas e diferentes soluções arquitectónicas, desde que estas respeitem a herança histórica.



I 107
 Mapa de implantação dos
 10 projectos académicos
 seleccionados:

- 1- **Habitação Social**, David Silva
- 2- **Mediateca**, Matthieu Cambuzat; **Horta Urbana**, Diogo Vasconcelos; **Hotel**, Carla Carvalho
- 3- **Hotel**, Mona Mellem
- 4- **Jardim de Infância**, Marie Dronneau
- 5- **Salão de Chá**, Bas Olsman
- 6- **Centro de Arte**, Magnus Langli
- 7- **Orfanato**, Monica Marstad
- 8- **Habitação**, Rasa Simatonyte

PENSAR O TIBETE

INTERVENÇÕES RECENTES NUM TERRITÓRIO EM MUDANÇA

A partir do curso *Townhouse in a Foreign Culture: Advanced Course in Tibet with a longer field stay in Lhasa*, a cargo do Professor Emérito Knud Larssen, da NTNU, na Noruega, com início em 1994 e término em 2010, tornou-se possível para 65 estudantes internacionais de diferentes escolas, ao longo de 10 edições, realizarem trabalhos académicos de projecto na cidade de Lhasa, a capital da Região Autónoma do Tibete.

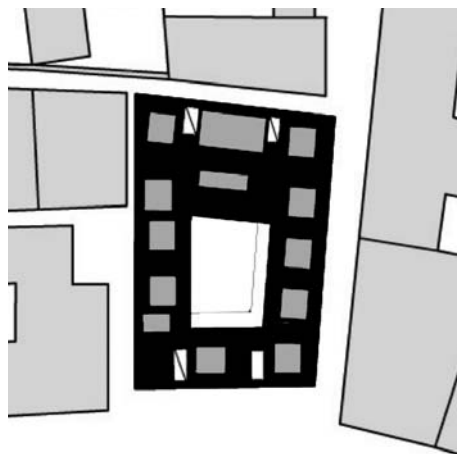
A partir desses trabalhos de arquitectura torna-se pertinente fazer uma análise generalizada na perspectiva de perceber como estudantes de arquitectura ocidentais de diferentes origens e formações académicas pensam e abordam a prática de projecto num contexto geográfico e cultural tão distante dos seus meios e, ao mesmo tempo, apresentar várias possibilidades e pontos-chave para o que poderá vir a ser o rumo da arquitectura contemporânea no Tibete.

Contudo, a totalidade desse conjunto de projectos seria demasiado extensa para o que aqui se pretende, de modo que foi solicitado ao regente do curso, Knud Larssen, uma selecção reduzida dos que, no seu entender e a respeito de considerações como a relação com o contexto social, cultural e arquitectónico, tivessem apresentado melhores respostas de projecto. A selecção é composta por 10 trabalhos, distribuídos por 8 implantações, diferentes programas, mas todos se encontram situados no interior da Lingkor, 9 na área ou próxima da Barkhor, a Sul da Beijing Sharlam, e o outro, na Ramoche Lam, a Norte da via principal.

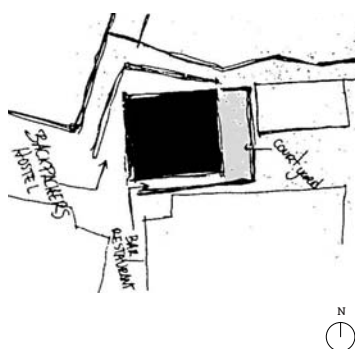
PROJECTOS ACADÉMICOS

Enquadramento Urbano

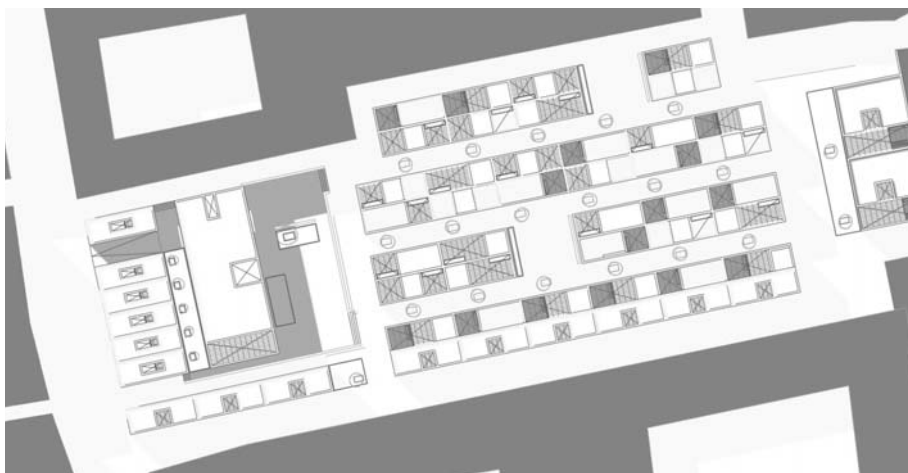
A generalidade das propostas apresentam abordagens semelhantes no enquadramento urbano com a cidade. Primeiro, ambos se situam em lotes já ocupados, de modo que todos tentam preservar os limites urbanos da pré-existência, principalmente junto à rua, possivelmente de modo a não quebrar



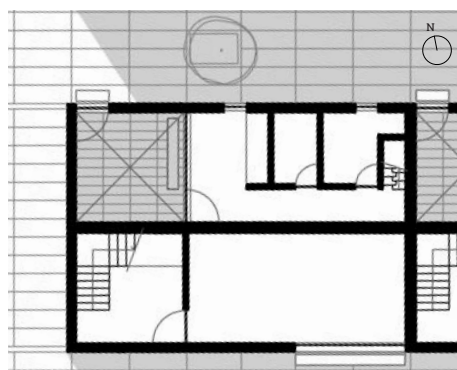
I 108
Habitação, Monas Mellem.
Planta de cobertura.
Escala 1/2000.
Exemplo da configuração
tradicional do pátio.
(Ver anexo 2.1.8)



I 109
Hotel, Carla Carvalho.
Esquiso da implantação.
Escala 1/300.
Exemplo da utilização do
pátio anexo ao edifício.
(Ver anexo 2.1.2)



I 110
Habitação Social, David Silva.
Planta de cobertura.
Escala 1/1000.
Visível a organização por
ruas internas e a presença de
pequenos pátios individuais.
(Ver anexo 2.1.3)



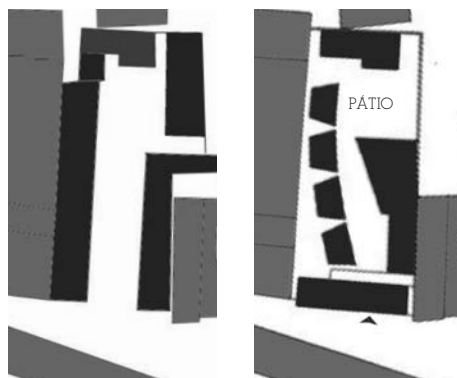
I 111
Habitação Social, David Silva.
Planta do piso térreo da
tipologia.
Escala 1/200.
Visível a existência de um
pátio privado que estabelece
a transição entre a habitação
e a rua.

a identidade orgânica característica das ruas do centro histórico de Lhasa. As únicas exceções relacionam-se com a marcação de um momento diferente e de maior hierarquia como a entrada para o edifício ou o acesso a um pátio interior.

Também em todos é predominante a utilização do “conceito gerador” do pátio, tal como é regra nos edifícios tibetanos. Ao longo da tradição arquitectónica tibetana, houve sempre uma forte tradição dos edifícios viverem para uma grande fachada principal, mas sobretudo concentrarem-se, cada um, sobre um pátio interior. Todavia, nem todos os projectos em questão fazem uso do pátio central como espaço gerador da volumetria e da organização espacial do edifício. Três desses edifícios, um infantário, uma horta urbana e um hotel, apresentam uma variação comum na articulação lateral do pátio com o edifício, isto é, esse elemento deixa de ser o “conceito gerador” e organizador do edifício para passar a funcionar com um espaço secundário, no sentido em que é anexo ao funcionamento interno do edifício.

Outros dois casos, de uma ainda maior reinterpretação do tema do ‘pátio’ tradicional tibetano, são dois projectos sociais: um, composto por habitação social, um pequeno centro social e também por comércio; o outro, proposto para ser um orfanato. Em vez de edifícios que funcionam circularmente em torno de um ou mais pátios, e talvez por se estarem localizados em dois lotes com uma configuração longa e estreita, pouco habitual, ambos se soltam do pátio como elemento gerador global, remetendo-o para uma utilização secundária e particular. Em ambos é introduzido o conceito de rua interna como articulador espacial exterior dentro de cada lote e, no caso do primeiro, também funciona como articulador entre o interior do lote e a rua principal.

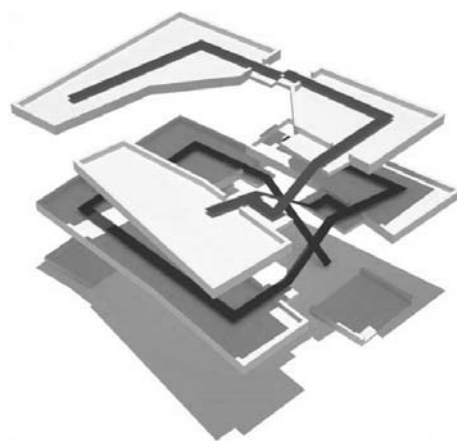
No caso do projecto de habitação, cinco ruas, paralelas entre si, e interligadas por pequenos segmentos urbanos com diferentes medidas, criando uma rede de espaços e usos semi-públicos. Esta configuração urbana apresenta uma excepção na morfologia urbana histórica de Lhasa, a começar pelo desenho extremamente ortogonal que o regula, mas principalmente pelos parâmetros de privacidade do espaço social exterior que cria, bem diferente dos pátios e recintos fechados entre construído e muros, em que esses espaços internos, ao mesmo tempo que são espaço privado, relacionam-se abertamente (ainda que de um modo filtrado) com o contexto público envolvente. Neste caso, a apropriação do pátio deixa de adquirir a grande escala do pátio comunitário



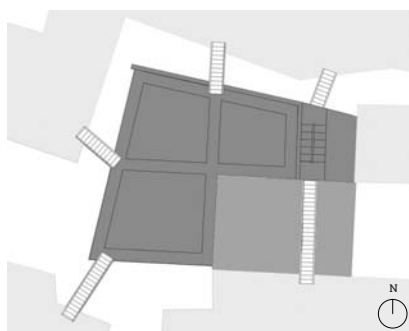
I 112 e 113
Orfanato, David Silva.
Esquema de volumes da
pré-existência e da proposta,
respectivamente.
Escala 1/1500.
(Ver anexo 2.1.9)



I 114
Mediateca, Matthieu
Cambuzat.
Planta primeiro piso.
Escala 1/250.
(Ver anexo 2.1.7)



I 115
Mediateca, Matthieu
Cambuzat.
Esquema de circulação e
distribuição em torno do
pátio central.
(Ver anexo 2.1.7)



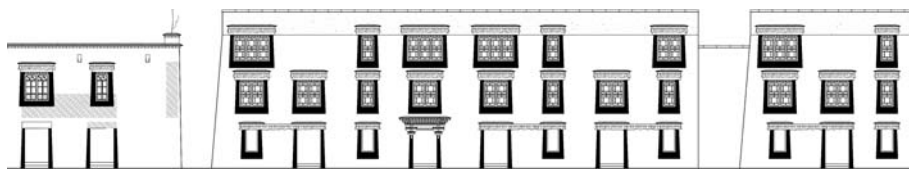
I 116
Horta Urbana, Diogo
Vasconcelos.
Planta de cobertura.
Escala 1/500.
Visível 5 'pontes' de acesso
aos terraços envolventes.
(Ver anexo 2.1.4)

para se dividir em pequenas células individuais de cada apartamento, ainda que estes comuniquem com a rua através de aberturas envidraçadas.

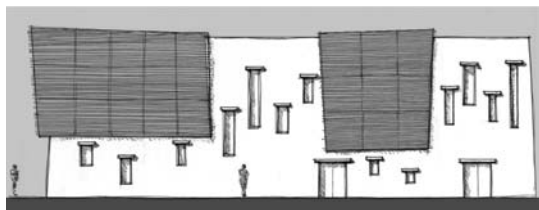
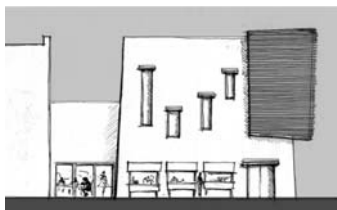
Já no projecto do orfanato, a racionalidade geométrica do projecto anterior é substituída por uma composição mais orgânica, remetendo para a morfologia urbana informal presente na cidade de Lhasa, mas onde se pode já verificar um certo rigor na sua geometria. A distribuição volumétrica acontece à semelhança da pré-existência, com a diferença de que, enquanto antes existia uma rua central contínua, nesta proposta essa mesma rua é ‘estrangulada’ a meio, dando origem a dois momentos diferentes, dois espaços hierarquicamente distribuídos crescentemente, da entrada para o extremo oposto do local, onde aí se propõe um grande pátio de utilidade mais abrangente que faz a união entre os volumes novos e um pequeno edifício tradicional reaproveitado, que define o pátio no fim do lote. Enquanto isso, o programa dos dormitórios é fragmentado em pequenos volumes, iguais, que criam entre si e em confronto com o limite do edifício do lado, pequenos pátios e uma alameda semi-privada, respectivamente. Contudo, neste caso, à semelhança do projecto anterior, todos os espaços exteriores comunicam entre si em vários pontos, segundo uma rede de relações espaciais hierárquicas, com a diferença de a todos esses espaços ser totalmente vedado o acesso público livre.

Um último e singular exemplo de subversão da temática do pátio central e respectiva circulação interna circular, aplicado numa mediateca. Neste projecto, a ideia do ‘pátio’ fica circunscrita a uma ‘caixa’ totalmente fechada, ao longo da qual se vai desenrolando uma escada que vai interligando vários volumes suspensos na mesma ‘caixa’, disposto sobre uma espiral vertical em redor de um grande pátio vertical. Apesar da ocupação programática ser inconstante nos vários níveis, a articulação interna, em si, é muito semelhante à que se verifica na arquitectura tibetana.

Por fim, destaco a peculiaridade a respeito da excepcional relação urbana no edifício para horta urbana. Neste edifício é feita uma referência ao plano superior da cidade que são as coberturas planas dos edifícios, visto que existem passagens aéreas para os terraços vizinhos, sugerindo uma extensão programática e social para esses espaços complementares. Desta maneira, este edifício vem romper com uma longa tradição de introspecção social no que respeita à interação espacial e vivencial entre edifícios vizinhos.



I 117
Habitação, Rasa Simatonyte.
Alçado da rua (ao centro).
Escala 1/500.
(Ver anexo 2.2)



I 118 e 119
Salão de Chá, Bas Olsman.
Alçados da rua.
Escala 1/500.
(Ver anexo 2.1.1)

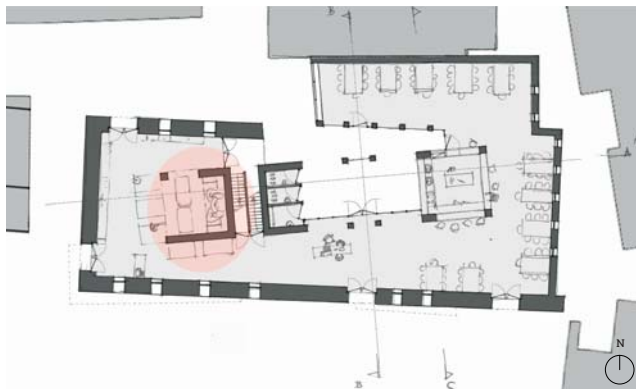
Enquadramento Formal

Se no campo urbanístico podemos confirmar alguma homogeneidade na forma como os vários projectos interagem com o contexto, no que toca ao enquadramento formal das diferentes arquitecturas com a paisagem construída tradicional, já estaremos perante um maior leque de divergências.

Ainda que metade dos dez projectos em discussão apresente uma construção de fachada em alvenaria tibetana, apenas um apresenta totalmente uma construção e composição de fachada tradicional. Trata-se de um edifício de habitação que, talvez por se situar na mítica Barkhor e por se tratar de um edifício de habitação, um programa convencional no panorama tibetano, a sua fachada principal corresponde na totalidade à linguagem vernacular, não só nos materiais e construção, mas também na própria composição da fachada e na utilização da janela típica tibetana. Contudo, nas fachadas interiores do pátio, são introduzidas algumas rupturas conceptuais na modulação espacial, tal como na materialidade, em que as galerias de acesso, de desenho ‘livre’, são em vidro e a respectiva estrutura é feita em metal, transmitindo experiências contemporâneas.

Nos restantes cinco exemplos, a principal modificação na construção das fachadas da rua, à semelhança do que tem vindo a acontecer com a nova construção no Tibete, é a utilização do betão armado nos elementos estruturais verticais e horizontais do edifício; em alguns casos, verifica-se a introdução de isolamento térmico, mas na generalidade realça-se sobretudo a sintetização formal da janela e fachada vernaculares.

No caso do projecto para uma casa de chá e loja de artesanato de monges na Rua Barkhor estamos perante duas ideias distintas: por um lado, o edifício apresenta-se sob uma fachada de reminiscência vernacular, onde a janela tibetana é simplificada e reduzida quase à sua essência formal – além disso, a lógica de fachada regular é abandonada, primeiro pela utilização de novas medidas nas janelas, e depois através de uma dinâmica de fachada contemporânea, de uma aparente aleatoriedade; por outro lado, existem dois grandes volumes de madeira ‘cegos’ situados no piso superior, que rompem as paredes para o exterior dos limites das paredes exteriores de pedra, insurgindo-se na fachada como que a sublinhar uma ideia de ruptura



I 120
Salão de Chá, Bas Olsmán.
Planta do piso térreo.
Escala 1/500.
Sala de meditação destacada a
vermelho.
(Ver anexo 2.1.1)



I 121
Orfanato, Monica Marstad.
Alçado da rua (ao centro).
Escala 1/500.
(Ver anexo 2.1.9)

e particularidade programática. Mas na verdade, ao contrário do ‘jogo’ de janelas, esse gesto não se compreende nem justifica, visto que não existe uma causa específica para o mesmo, fazendo com que esses elementos arquitectónicos acabem por se tornar numa colagem de estilos inconsequente na transmissão de um novo significado e na demonstração de uma nova arquitectura. O seu interior acaba por ser mais interessante na forma como tenta explorar o pátio como elemento gerador do edifício e do seu simbolismo social e religioso. Tratando-se de um espaço destinado à exploração monástica, este contém pequenos espaços de reflexão espiritual, aglomerados num volume vertical e secção quadrada, posicionado no interior da galeria de forma a destacar-se da restante volumetria e simultaneamente permitir uma liberdade de peregrinação circular em torno do espaço sagrado. Também no interior do pátio estão presentes pilares suportantes das galerias exteriores, que aqui adquirem uma escala propositadamente exagerada, como se tratasse de um hino ao tradicional pilar tibetano.

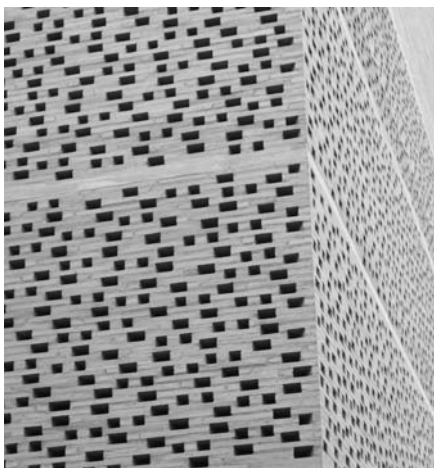
Também no projecto do orfanato é apresentada uma desconstrução da riqueza formal da fachada tradicional, sendo que aqui a composição das aberturas continua a ser convencional. Contudo, as semelhanças entre estes dois projectos revela-se, também aqui, na introdução de um novo elemento na fachada, neste caso um grande vão envidraçado inserido numa caixa de madeira saliente sobre os limites vertical e horizontal da fachada que, simultaneamente, marca a entrada do edifício por baixo dele e acentua a ideia de ruptura com o contexto arquitectónico. Neste exemplo, tal como no anterior, assistimos, no que respeita à fachada principal, a uma articulação entre contemporâneo e vernacular muito simplista, próximo de um “populismo” gratuito, mas com um certo refinamento na escolha dos novos materiais. No que respeita à correspondência dos novos volumes propostos com a arquitectura local, pouco há a assinalar na relação com a arquitectura vernacular, não só pela composição formal dos novos volumes, mas também na sua construção. Ao contrário dos dois volumes de construção maioritariamente tradicional que definem os topos do terreno, os novos edifícios já se regem por uma construção completamente contemporânea, dominada pela utilização de planos rectos em betão armado.

Outro exemplo, e possivelmente dos mais adequados no que toca a uma utilização crítica e moderada de referências da arquitectura tradicional, é um projecto para um hotel situado na Rua Barkhor. Provavelmente por uma

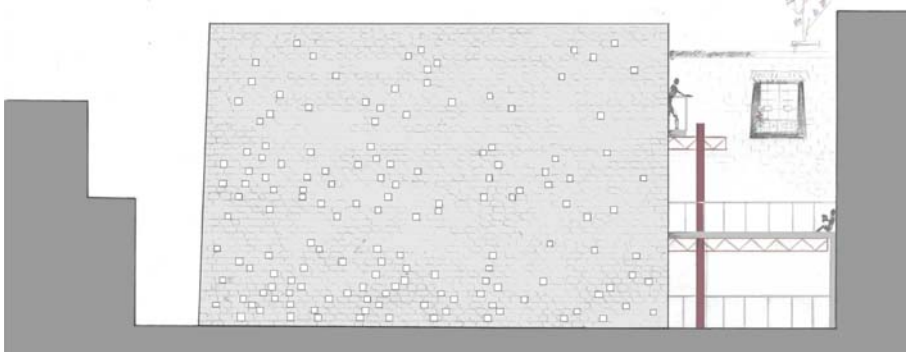


I 122
Hotel, Mona Mellem.
Vista do espaço de estar
exterior (Ver anexo 2.1.8)

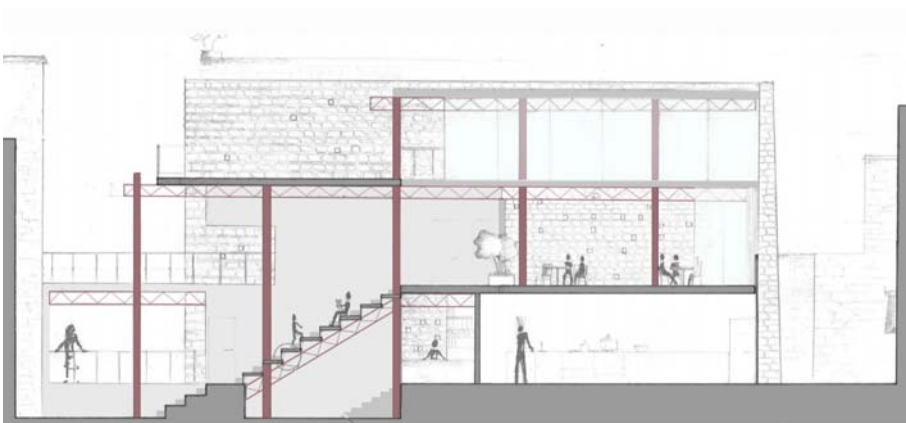
I 123
Hotel, Mona Mellem.
Vista das cabines da
cobertura.
(Ver anexo 2.1.8)



I 124
Museu Kolumba, Peter
Zumthor, 2008, Colónia.
Referência para a fachada
do projecto do infantário da
aluna Marie Dronneau.



I 125
Infantário, Marie Dronneau.
Alçado Oeste (rua).
Escala 1/250.
(Ver anexo 2.1.6)



I 126
Infantário, Marie Dronneau.
Corte Longitudinal.
Escala 1/250.
Visível a existência do pátio
à esquerda (Sul) que se
relaciona com o anfiteatro.
(Ver anexo 2.1.6)

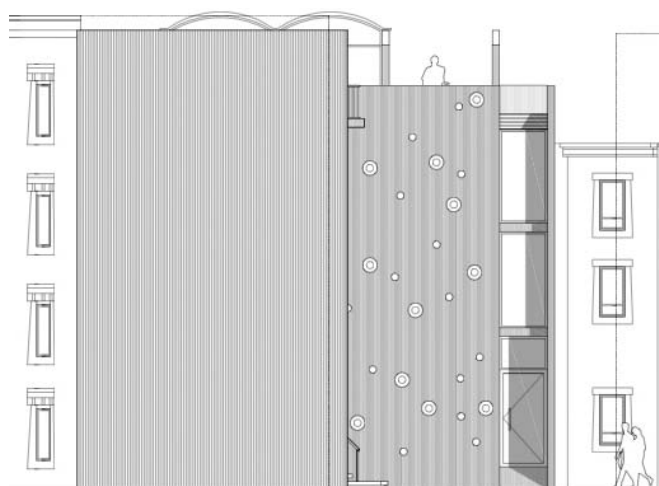
questão de continuidade com as fachadas vizinhas, este edifício apresenta um desenho de fachada que no fundo se resume a uma simplificação absoluta das geometrias típicas das aberturas e também do contorno do próprio edifício. Nesse seguimento as paredes exteriores são construídas da maneira tradicional, à excepção da existência de qualquer friso ou outro tipo de adorno no remate com a cobertura.

Espacialmente, este projecto tenta estabelecer uma ponte com dois conceitos de 'habitar' tibetanos, a casa na cidade e o imaginário da tenda nómada. Esquemáticamente, o corpo principal do edifício é igual a qualquer edifício tradicional de habitação: organiza-se em dois pisos, em torno de um pátio central, sendo que as divisões apresentam todas uma proporção próxima do módulo 2 x 2,2 metros entre pilares ou paredes estruturais. A galeria interna é apoiada naturalmente por pilares, equidistantes segundo o mesmo módulo do restante edifício, sendo que num dos lados, esta dá lugar a um espaço de estar exterior, adquirindo uma dinâmica social pouco comum neste tipo de espaços. No que toca à construção, todo o edifício é proposto ser contemporâneo, não só pela predominância do betão, mas também pela arquitectura reduzida ao essencial, depurada de qualquer ornamento. A introdução do imaginário nómada cinge-se ao piso da cobertura, sob a forma de volumes cúbicos de madeira, dispostos com pouca liberdade sobre o terraço, tentando estabelecer uma relação experiencial semelhante à de uma tenda ao relento a descoberto. Neste ponto, talvez a abstracção tenha sido demasiado rígida, aproximando-se demasiado de conceitos geométricos racionais recorrentes na arquitectura contemporânea internacional, formal e conceptualmente muito afastados dos princípios fundamentais da tenda nómada, a mobilidade e o carácter efémero.

Por fim, ainda nesta categoria, destaco o projecto para um infantário como um exemplo de um bom equilíbrio entre referências vernaculares, contemporâneas e novos valores espaciais. O edifício desenvolve-se segundo uma caixa cuja materialidade resulta do cruzamento assumido da alvenaria tibetana com o Museu Kolumba, do arquitecto suíço Peter Zumthor, em Colónia, Alemanha. As paredes exteriores convertem-se numa fortaleza abstracta perfurada por incontáveis micro aberturas dispersas aleatoriamente na fachada, com maior densidade no piso mais baixo. De resto, a iluminação natural fica a cargo de dois pátios, um a Sul do lote, que cria um recreio anexo a um pequeno anfiteatro multiusos coberto, enquanto o outro pátio atravessa os dois últimos pisos, sendo aberto para o exterior. Espacialmente, apresenta



I 127
 Horta Urbana, Diogo
 Vasconcelos.
 Esquisso de estudo da
 fachada envidraçada.
 (Ver anexo 2.1.4)



I 128
 Backpack Hotel, Carla
 Carvalho. Alçado Oeste
 (rua).
 Escala 1/200.
 (Ver anexo 2.1.2)

uma composição mais complexa, com grandes espaços vazios destinados a actividades exteriores. A própria estrutura interna é independente da parede exterior, funcionando sobre uma grelha estrutural metálica autónoma e sobreposta ao restante desenho do edifício, acabando por não ter consequência directa na espacialidade nem ser influenciado por esta.

Fora estes edifícios mencionados anteriormente, existem ainda outros cinco projectos que assumem, pela sua materialidade e linguagem, uma ruptura clara com o contexto arquitectónico pré-existente. Talvez no caso da *Green House*, projecto para uma horta urbana, a ideia de uma estética de ruptura e novidade possa estar associada à inovação que é o programa em questão perante o panorama da cidade – talvez uma estética do vidro associada a um conceito ocidental possa ser um caminho mais fácil para atrair turistas tímidos, para, no fim de contas, conviverem com produtos de origem local.

Já no caso do *Backpack Hotel*, um hotel para viajantes de mochila às costas (um conceito aliás muito ocidental), predomina a ideia de que aquele projecto tem um carácter tão contemporâneo que chega a ser universal, no sentido em que nada o prende àquele lugar, a não ser a sua implantação. Nem a sua arquitectura nem as referências espaciais têm alguma coisa a ver com a arquitectura tibetana. É uma arquitectura ‘estranha’ ao lugar para utilizadores igualmente estranhos.

O projecto proposto para o *Artifactory*, um centro de arte localizado bem no coração da cultura tibetana, a Barkhor, acaba por apresentar um desequilíbrio entre a funcionalidade e o significado a que se propõe e as incongruências que apresenta na proposta arquitectónica. Apresenta uma configuração em pátio, com a novidade deste se abrir directamente para a rua, sendo a sua volumetria composta por dois corpos principais: um mais pequeno, uma sala de espectáculos, construído em alvenaria tradicional tibetana, adquirindo assim destaque perante o restante edifício; o outro, um edifício em construção contemporânea, maioritariamente em betão e metal, onde se concentram espaços de oficinas e ateliers das artes tibetanas, apresenta uma transição formal a partir do espaço da pequena sala de espectáculos para o pequeno volume da cafetaria no extremo oposto. Ainda se desenrola em torno de uma galeria circular de acesso, apresentando alçados interiores com uma composição semelhante aos pátios tradicionais tibetanos, apesar da galeria e os espaços interiores já não apresentarem qualquer reminiscência do pilar



I 129
Centro de Arte, Magnus
Langli. Imagem da fachada
da cafeteria virada para a rua.
(Ver anexo 2.1.6)



I 130
Mediateca, Matthieu
Cambuzat.
Maqueta do edifício
(Ver anexo 2.1.8)



I 131
Habitação Social, David da
Silva.
Imagem de algumas
habitações vistas da rua.
(Ver anexo 2.1.3)

tibetano. O pequeno volume que encerra o pátio e simultaneamente faz a fachada da rua é destinado a uma cafetaria e apresenta linguisticamente o momento de maior ruptura com a arquitectura tradicional, apresentando-se por dois planos marcados por um jogo de vidro e painéis coloridos com cores familiares à cultura tibetana, mas que, pela composição em si e pela marcação das lajes a preto, mais nos remete para um quadro Neo-plástico de Mondrian. Mas tal semelhança não é mera coincidência visto que o próprio cartaz de apresentação do projecto é estruturado por uma grelha ‘mondriana’, facto que não deixa de ser contraditório com a ideia de um espaço cultural reservado exclusivamente à cultura tibetana.

O projecto para uma mediateca, que aparentemente nada parece ter a ver com a cultura local, acaba por se manifestar no seu funcionamento e apropriação espacial bastante próximo das práticas sociais tibetanas. Primeiro, há que lembrar a lógica de circulação em torno de um pátio central referida anteriormente, mas realço também a informalidade proposta na utilização dos espaços e também na articulação entre eles, característica no quotidiano social dos tibetanos.

Por último, destaco o carácter higienista e social do projecto de habitação social na Ramoche Lam, que propõe os já mencionados pátios particulares, reservando o espaço comum a uma fragmentação em vários espaços mais pequenos, remetendo o grande espaço social para um recinto coberto e, de certo modo, mais controlado do que a rua. Quanto à linguagem arquitectónica em si, apresenta uma construção contemporânea, com uma linguagem depurada, mas onde é perceptível no volume que faz a frente para a rua Ramoche um enquadramento tipológico com o contexto, pelo facto de também praticar a tipologia tipo de comércio no piso térreo e habitação nos pisos superiores.

PROJECTOS CONSTRUÍDOS

Actuação do escritório Standardarchitecture

Apesar da prática, no âmbito do programa académico *Townhouse in a Foreign Culture: Advanced Course in Tibet With a longer field stay in Lhasa*, apresentar vários caminhos para futuras intervenções arquitectónicas contemporâneas no Tibete,



I 132
Centro de Visitantes
de Namchabawa,
Standardarchitecture, 2007.

dentro e fora do espectro vernacular urbano, faz falta uma maior abrangência de diferentes palcos de actuação, não só a respeito da intervenção em núcleos históricos, como também em cenários rurais, de menor escala arquitectónica, mas maior predominância de outro elemento principal, a paisagem natural.

44 FRAMPTON, Kenneth
– *Prospects for a Critical Regionalism*. 1983. P.148

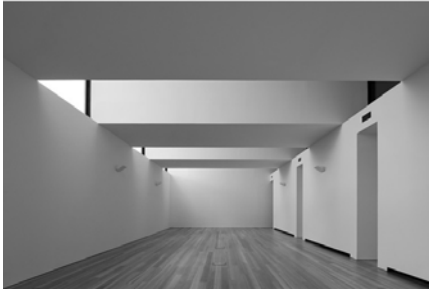
Muito pouco se construiu no campo da arquitectura contemporânea tibetana de mínima qualidade, e por qualidade não falo de gosto estético, mas sim de arquitectura, tal como já defendi, “comprometida com o *lugar*”⁴⁴ e crítica sobre si mesma. Enquadrando a prática de grupos como o Tibet Heritage Fund (THF) num outro plano de actuação que não o desta arquitectura em questão, resta-me realçar o trabalho do escritório de arquitectura chinês *Standardarchitecture* que, desde 2007, têm desenvolvido um trabalho ímpar e privilegiado no panorama tibetano. Uma iniciativa da instituição Tibet Tourism CO.,LTD lançou um plano de desenvolvimento turístico do vale ao longo do Rio Yalung Tzumbo, lançando este escritório de arquitectura numa série de intervenções,⁴⁵ tendo já sido responsável pelo menos por oito projectos, dos quais destaco três: dois Centros de Visitantes nas localidades de Namchabawa (2007) e Niyang (2009) e o Terminal de Niangou (2007), este último com a particularidade de ter sido realizado em parceria com o escritório de arquitectura português EMBAIXADA.

45 Em conversa com Cristina de Mendonça do escritório de arquitectura português EMBAIXADA.

Todos os projectos mencionados apresentam uma característica comum entre eles: uma forte ligação ao “*lugar*”, visível imediatamente pelo revestimento em pedra local comum entre eles, proporcionando uma coerência geral imediata entre os vários elementos e criando um duplo elo de ligação com a arquitectura e paisagem tradicionais.

O Centro de Visitantes de Namchabawa situa-se no vale de Yaluntzangpu, em Linzhi, precisamente no sopé do Monte Namchabawa, um dos pontos mais altos da cordilheira dos Himalaias. O edifício tenta dissimular-se na paisagem como se fosse uma simples composição de muros em pedra ‘cravados’ no declive acentuado da base montanhosa. Apenas num plano mais próximo se ganha percepção de que estamos perante volumetrias habitáveis, ainda que estas não apresentem janelas, senão apenas uma abertura por força de uma relação (obrigatória!) com a paisagem, nomeadamente um vão envidraçado horizontal que se abre sobre o rio. Os arquitectos assumem que o edifício “não se anuncia como arquitectura tibetana tradicional”⁴⁶, por não terem grande interesse em criar um objecto facilmente reconhecível como aconteceria no

46 *Standardarchitecture* – *Namchabawa Visitor Centre* [Em linha. Disponível em] www.designboom.com/architecture/standardarchitecture-namchabawa-visitor-center/



I 133
 Casa das Caldeiras, João
 Mendes Ribeiro, Coimbra.
 Exemplo contemporâneo
 que, apesar de tão distante do
 projecto em Namchabawa,
 remetem para influências
 semelhantes.

I 134
 Centro de Visitantes
 de Namchabawa.
 Standardarchitecture, 2007.



I 135
 Casa Koshino, Tadao Ando,
 Japão.
 Exemplo contemporâneo
 da utilização recorrente do
 tipo de clarabóia existente no
 Centro de Visitantes.

I 136
 Centro de Visitantes
 de Namchabawa.
 Standardarchitecture, 2007.



I 137
 Centro de Visitantes
 de Niyang,
 Standardarchitecture, 2009,
 Tibete.

caso de ser um edifício tradicional tibetano, pelo impacto que teria numa paisagem tão imaculada como esta. Depreende-se, assim, que não se pretendia criar um epicentro urbano, mas algo pontual, prevalecendo a sensação visual de que estamos perante um rochedo esculpido na natureza, e não um edifício pousado sobre a mesma.

No seu interior, a sua construção contemporânea denuncia-se, em primeiro lugar, pela existência de materiais universais como o gesso cartonado e, em segundo lugar, pela configuração espacial dominada pela presença de expressivas clarabóias que, além de serem praticamente o único meio de iluminação artificial do edifício, remetem-nos para referências da arquitectura contemporânea. A performance estrutural do edifício é dividida entre uma construção integral de pedra ou parcial com reforço de betão armado, sobretudo nas coberturas, para uma eficaz protecção anti-sísmica.⁴⁷ Segundo os autores, a ausência de elementos decorativos tradicionais pretende acentuar o processo construtivo e os materiais, ideia justificada por percursos internos ‘esmagados’ entre “paredes fortificadas”⁴⁸ de pedra e uma escadaria “para o céu”⁴⁹ que conduz a uma sala de descanso e a um terraço na cobertura.

47 Standardarchitecture –
Namchabawa Visitor Centre
[Em linha. Disponível em] www.designboom.com/architecture/standardarchitecture-namchabawa-visitor-center/

48 *Ibidem.*
49 *Ibidem.*

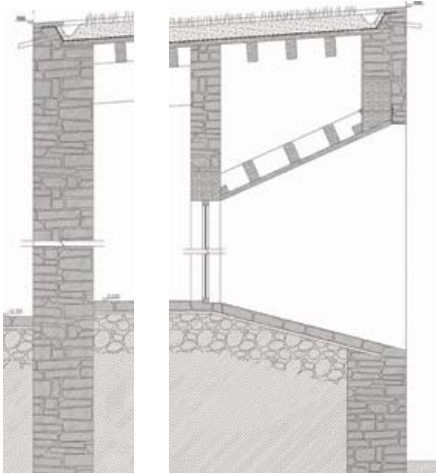
O Centro de Visitantes de Niyang, localizado no início da vila de Daze, em Linchi, na margem do Rio Niyang, pretende servir de ponto de entrada para o percurso turístico até ao Desfiladeiro de Brahmaputra. Este edifício, ao contrário do exemplo anterior, encontra-se num contexto misto, entre uma ligeira urbanidade e uma predominante paisagem natural. Talvez essa presença arquitectónica tenha levado a que o edifício se aproxime da configuração e características da arquitectura vernacular, apresentando uma maior unidade volumétrica. Por outro lado, essa proximidade de programas possibilita-lhe não ter de incluir tantas infraestruturas, incluindo apenas uma bilheteira e serviços sanitários.

A geometria irregular do edifício é justificada pelos arquitectos como uma resposta aos condicionamentos impostos pelos limites do terreno.⁵⁰ O edifício configura-se em torno do conceito tradicional do ‘pátio central’, aqui “esculpido”⁵¹ sobre a forma de um quadrilátero distorcido de modo a responder às intenções de distribuição programática, esquemas de circulação pública e relações visuais com a paisagem.⁵² Neste edifício, o pátio adquire um carácter que transcende o leque de práticas quotidianas ou monásticas habituais na cultura tibetana; transcendendo-o, através da evocação dessas

50 Standardarchitecture –
Niyang Visitor Centre [Em
linha. Disponível em] www.standardarchitecture.cn/oldflash/index.html

51 *Ibidem.*

52 *Ibidem.*



I 138 e 139
Centro de Visitantes
de Niyang,
Standardarchitecture, 2009.
Cortes constructivos.
Escala 1/50.

I 140
Centro de Visitantes
de Niyang,
Standardarchitecture, 2009.
Proposta inicial com
a utilização das cores
primárias.



I 141 e 142
Centro de Visitantes de
Niyang, Standardarchitecture
+ Embaixada, 2007.
Apenas quando se vê de
baixo, se consegue ver a
existência de um edifício.



I 143
Centro de Visitantes de
Niyang, Standardarchitecture
+ Embaixada, 2007.
Visto de cima, a existência
do edifício é anulada pelos
percursos e declives do
terreno.



I 144
Palácio Potala.
'Zig-zag' de escadas
marcadas por muros de
suporte em escadinha.

memórias, adquire um simbolismo arquitectónico de uma certa identidade vernacular, sendo aquele espaço essencialmente cenográfico.

53 Standardarchitecture
– Niyang Visitor Centre [Em
linha. Disponível em] [www.
standardarchitecture.cn/
oldflash/index.html](http://www.standardarchitecture.cn/oldflash/index.html)

54 *Ibidem.*

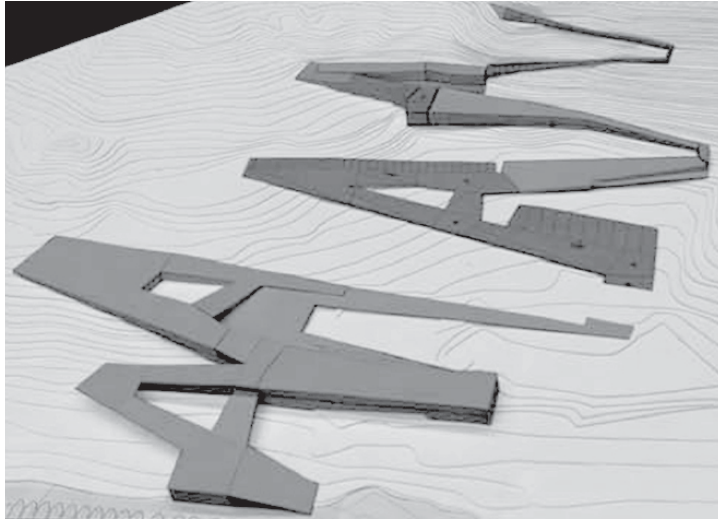
A proposta inicial previa um contraste entre a cor ‘crua’ da pedra, no exterior do edifício, e cores primárias “vibrantes”⁵³ sobre o empedrado das molduras das aberturas e das paredes internas do pátio, aludindo à pintura da arquitectura tibetana vernacular, sendo que até as tintas utilizadas eram de produção orgânica tradicional. Contudo, ainda que os arquitectos tenham determinado que essa era meramente uma referência visual abstracta,⁵⁴ essa escolha certamente não terá sido bem aceite pela comunidade local devido às implicações culturais relacionadas com o forte significado da cor para a sua cultura e religião, de modo que o edifício acabara por ser repintado todo de branco, respeitando assim a hierarquia cromática tradicional.

No que respeita à construção, o edifício reaproxima-se de uma abordagem tradicional, utilizando exclusivamente técnicas e materiais tradicionais, sendo as espessas paredes erguidas em pedra, e a cobertura composta por estrutura de madeira, sobre a qual assenta uma contemporânea tela impermeabilizante, seguida do tradicional acabamento com uma camada de barro tibetano (*arga*). Neste projecto destaca-se em particular a ligação à identidade arquitectónica e construtiva da arquitectura vernacular: pretende-se homenagear essas influências e demonstrar como se podem desenvolver e adaptar as técnicas e materiais tradicionais no campo de actuação contemporâneo sem se perder os elementos identitários essenciais.

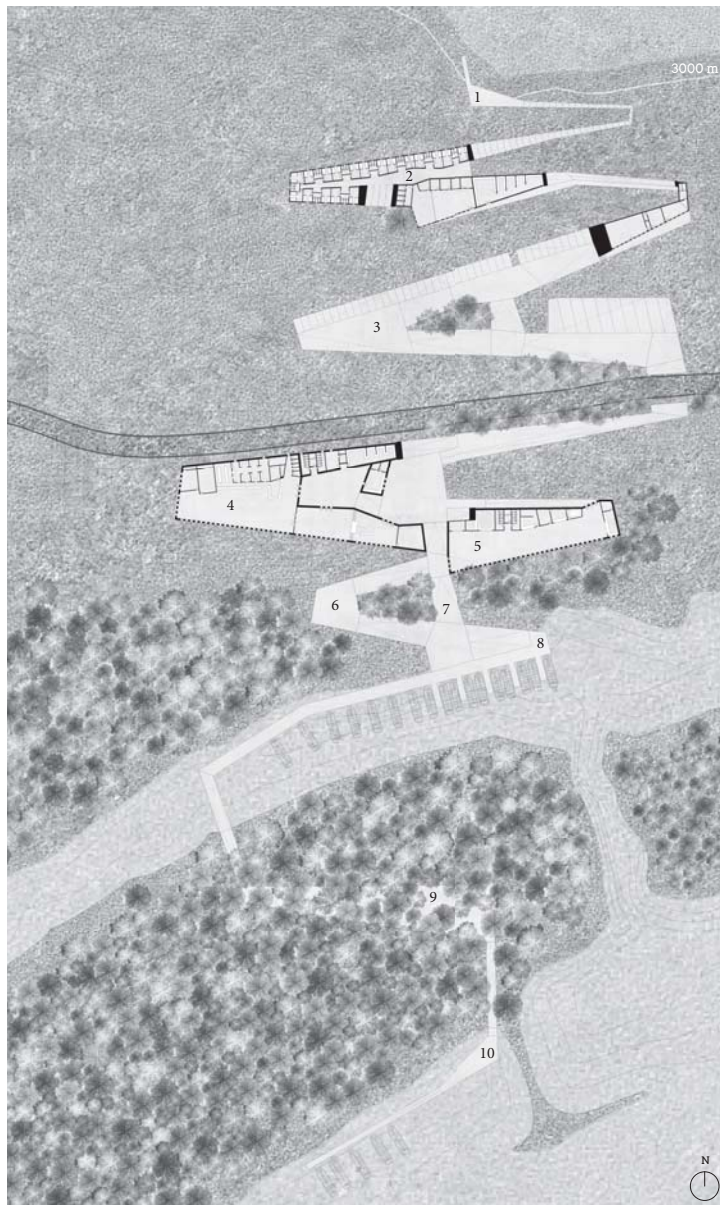
Por último, apresento o trabalho feito em colaboração com o escritório português EMBAIXADA para o Terminal de Niyang, junto ao cruzamento entre os rios Yalung Tzumbo e Niyang, debruçado sobre um extenso e acentuado declive de 30 metros, levantando imediatamente a questão da implantação no terreno: “O projecto proposto parte da premissa de que é necessário estabelecer um diálogo contextual à escala da paisagem, e que só depois é possível articular processos construtivos.”⁵⁵ Desse modo, o projecto desenvolve-se segundo um percurso unificador dos vários programas, hierarquizados e desenhados organicamente sobre o terreno, intercalando a escala da intervenção entre caminhos estreitos, sucessivos alargamentos e estrangulamentos e grandes momentos de encontro e ‘confronto’ inter-programático.⁵⁶

55 EMBAIXADA – Geração
Z [Em linha. Disponível em]
[www.revarqa.com/uploads/
docs/geracao_z/92-93-GZ.
pdf](http://www.revarqa.com/uploads/docs/geracao_z/92-93-GZ.pdf), p. 147

56 *Ibidem.*



I 145
 Centro de Visitantes de
 Niyang.
 Maqueta.
 Visível a organicidade da
 intervenção, onde não se
 distingue os limites entre
 edifício, percurso e muro de
 suporte.



I 146
 Centro de Visitantes de
 Niyang.
 Planta do piso térreo.
 Escala 1/3000.
 Legenda:
 1- Miradouro
 2- Alojamento para funcionários
 3- Estacionamento
 4- Restaurante 1
 5- Restaurante 2
 6- Bilheteira
 7- Apoio aos barcos
 8- Doca
 9- Cafeteria
 10- Doca flutuante

57 Em conversa com Cristina de Mendonça do escritório de arquitectura português EMBAIXADA.

Os programas principais, ainda que expressivos, dissimulam-se sob articuladas rampas e largos pátios e plataformas, num equilíbrio rico e complexo entre cheio e vazio, imposição e dissimulação, entre a rocha e a água. Este edifício, juntamente com o Palácio de Potala, são dois exemplos de arquitecturas tibetanas distintas, mas que “ao mesmo tempo que se impõem na paisagem, desenvolvem-se e adaptam-se reforçando a sua força natural”⁵⁷, isto é, reafirmando a sua pertença ao lugar. Ambos parecem querer suscitar dúvidas entre o que é intencional e o que é accidental, entre o que é arquitectura formal e informal, de tão grande que é a liberdade orgânica expressa não só no desenho, mas também nos materiais utilizados.

Neste campo, no exemplo do Terminal, o sentido de pertença vai mais longe que o simbolismo monumental de Potala. Enquanto no palácio, acima de tudo, se faz prevalecer uma identidade arquitectónica, coroando a paisagem com a mais requintada arte tibetana, em Niango pretende-se desenvolver a faceta mais naturalista dos materiais utilizados, depurando esta arquitectura dos adereços arquitectónicos vernaculares, prevalecendo a essência da matéria: a pedra que, tradicionalmente era transformada e inserida num ‘estilo’ específico, aqui apresenta-se praticamente ‘virgem’ e livre de relações hierárquicas entre os materiais, sendo presença dominante no projecto. No seu interior, apesar de toda a obra ter sido pensada para ser construída essencialmente em madeira e alvenaria tradicional, a “população local sendo bastante carenciada não entendia porque razão este grande investimento não lhes providenciava melhores condições, condições estruturais semelhantes às da população das cidades grandes. Sendo que a questão colocada era a da construção em betão, a opção foi a de construir em betão mas com a aparência tradicional local.”⁵⁸ Em termos gerais, acabamos por estar perante um exemplo claro de arquitectura tibetana contemporânea: em primeiro lugar, por pertencer àquele lugar especificamente, sem se reger por configurações espaciais pré definidas culturalmente, criado de raiz exclusivamente para aquele lugar; em segundo lugar, por não forçar a existência de qualquer tipo de estereótipos contemporâneos, procurando a simbiose entre esses dois universos de referências.

58 *Ibidem.*

Em conclusão, da análise da actuação dos vários intervenientes anteriormente apresentados, podemos ir ao encontro de uma certa ideia de “Regionalismo Crítico” como solução para o futuro, tornando-se evidente a pertinência de “respeitar a preexistência, [porque] é ela que determina a nova ordem, dá

59 Da Costa, Joana
Mendes Soldado Ferreira
- *Arquitectura, Identidade e
Transformação: o dialogo entre
novo e antigo*. 2001. p.7

60 Standardarchitecture -
*Yarluntzangbu Grand Canyon
Art Centre*. [Em linha.
Disponível em] [www.
standardarchitecture.cn/
v2news/3250](http://www.standardarchitecture.cn/v2news/3250)

61 *Ibidem*.

62 *Ibidem*.

certezas, mesmo que hipotéticas, sobre as partes que são realmente estáveis para um entendimento tipológico da arquitectura”.⁵⁹ É neste campo de actuação que algumas propostas, sejam elas académicas, dos EMBAIXADA e dos Standardarchitecture, apostam. É como uma crítica implícita à frequente actuação chinesa sobre o património tibetano que devem ser entendidas as palavras destes últimos: “os edifícios contemporâneos no Tibete nunca devem ser baseados na cópia e repetição de formas e ornamentos superficiais tibetanos”⁶⁰, acusando esse tipo de práticas de serem um “respeito hipócrita por essa cultura”⁶¹. Ainda que de forma aparentemente imparcial eles defendam uma “arquitectura Chinesa contemporânea”⁶² no Tibete, podemos aferir que qualquer um dos projectos apresentados correspondem precisamente a uma procura de caminhos para uma arquitectura contemporânea legitimamente tibetana.



Cerimónia monástica, Lhasa, 2010. Fotografia do autor.

CONCLUSÃO

A pertinência de uma discussão contemporânea com vista a estabelecer caminhos de futuro para a arquitectura tibetana é legitimada pela existência de um conjunto diverso de padrões de actuação, seja por meios mais conservadores, como o Tibet Heritage Fund, seja pela amplitude e “irreverência” de soluções académicas ou ainda pela intervenção coerente dos Standardarchitecture. É esta diversidade de instrumentos operativos que sublinham ainda mais a importância e a necessidade de uma discussão cada vez mais actual e contemporânea do tema.

Simultaneamente à invasão e ocupação do Tibete, a segunda metade do séc. XX ficou marcada pela rendição do *Esprit Nouveau* modernista e por uma ideia de “Regionalismo Crítico”, uma abordagem que considera princípios vernaculares locais, reduzindo-os ao essencial e transformando-os na base para uma arquitectura contemporânea identitária. Abordado em diversos contextos, cada um representado por uma ‘escola’ de arquitectura diferente, gera em cada contexto cultural vocabulários arquitectónicos diferentes, ainda que com pontos conceptuais comuns, como a consideração do ‘lugar’, elemento fundador do projecto. Esta discussão internacional permite fundar os princípios arquitectónicos recentemente aplicados nos exemplos tibetanos.

Dessa forma, podemos posicionar a acção governamental chinesa das últimas seis décadas em oposição à sensibilidade referida anteriormente, sendo essa digna apenas de um olhar crítico. Consta-se pelas intervenções urbanas determinantes na cidade de Lhasa, como as praças Jokhang e Potala, e na decorrente apropriação indevida do estilo tibetano que, tanto quanto a sociedade, a arquitectura tibetana foi alvo de uma tentativa de extinção identitária em prol de uma soberania globalizada e sintonizada com uma política “revolucionária”.

Se “a arquitectura tem o poder de organizar o espaço, de formar uma identidade”¹ então “o Poder, representado no Estado, afirma-se na produção desse mesmo espaço, servindo-se da arquitectura como um dispositivo, como um fenómeno cultural que traduzirá o domínio do sistema político sobre a sociedade.”² Contudo, no caso da intervenção chinesa, o contrário também é válido. A anulação de uma identidade acaba por transmitir, até com maior

1 GONÇALVES, Juliana -
*Da Arquitectura do Poder ao
Poder da Arquitectura: Um lugar,
duas épocas, dois regimes, duas
obras.* 2007. p.10

2 *Ibidem.* p. 10

expressão, uma mensagem semelhante de força política. Pode aferir-se então que não se trata tanto de uma relação da arquitectura com o 'poder' construído, da invasão do território por arquitecturas desenraizadas, mas mais no sentido de um 'poder' destruidor, em que se verifica uma aniquilação física do património existente. A destruição de milhares de mosteiros por todo o Tibete, em consequência da Revolução Cultural da década de 1960, foi a prova dessa mesma demonstração de 'força'. Dentro do contexto específico de Lhasa, assistiu-se a um processo contínuo de destruição de edifícios e quarteirões, onde o único critério foi a necessidade de criar novas configurações urbanas que implementassem uma relação (forçada) entre a cidade histórica e a Cidade Nova, rumo a uma 'reciclagem' da identidade local para uma outra, que tenta relacionar-se maioritariamente com a cultura chinesa contemporânea.

A verificação do modo como essa abordagem se serviu de instrumentos de base vernacular impõe um novo sentido de hierarquia através da expressão de uma monumentalidade gratuita, que legitima uma autoridade governativa. Se, nos casos do Kuwait e de Chandigarh, as características vernaculares eram levadas a um grau de monumentalidade para conferir um espírito nacionalista, em Lhasa essa monumentalidade manifesta-se na escala dos vazios urbanos criados, grande parte com recurso à destruição de pré-existências vernaculares.

A intenção desse 'vazio' acaba por ser essa mesma, valer pela inexistência de património local e difundir uma ideia de controlo absoluto, em que nada, nem mesmo as maiores barreiras arquitectónicas e culturais, o podem dissuadir. Além dessa interferência directa na arquitectura tibetana, a intervenção chinesa teve também consequências indirectas e não tão nocivas. A abertura do Tibete a uma sociedade globalizada permitiu aos tibetanos melhorias de alguns aspectos da vivência quotidiana, dos quais destaco a introdução de uma rede de saneamento, de uma rede viária e de uma ligação de caminho de ferro. Na arquitectura, por sua vez, a inevitável implementação de materiais e métodos construtivos contemporâneos levantou questões de eficiência, sustentabilidade e conforto nos métodos tradicionais existentes. Rapidamente, por questões de difícil logística e consequentes custos económicos, a própria iniciativa monástica tibetana se rendeu, de um modo pouco questionado, às recentes tecnologias, pondo assim em causa a validade e continuidade da arquitectura tradicional. Fosse por melhoria da qualidade da habitabilidade ou

por simples fascínio pela novidade, essas alterações não deveriam acontecer sem um processo de discussão e articulação com as bases vernaculares já que, tal como pudemos confirmar neste trabalho, a válida amplitude desta arquitectura está comprovada pelo tempo e pela história. Estamos perante um património demasiado rico e particular para ser avaliado de uma forma tão simplista. É preciso atender a um esforço especial, acima de tudo das entidades governamentais, mas também dos próprios tibetanos, de forma a preservar e desenvolver técnicas e materiais tradicionais porque já chegou o momento, tal como antecipou Jorge Figueira em 2001, em que volta a ser necessária a “história da arquitectura para projectar o futuro — e não apenas para consolidar o passado”³.

3 FIGUEIRA, Jorge –
*História da Arquitectura:
No Frigorífico Depois do
Supermercado*. 2001. P. 59

Ainda assim, este processo tem sido dificultado pela quase inacessibilidade da comunidade internacional ao contexto arquitectónico tibetano, impossibilitando a sua influência neste processo. A própria actuação do Tibet Heritage Fund na protecção de património vernacular, ainda recente, tem sido limitada, mas é essencial para a preservação de património e para a sensibilização junto das instituições governamentais locais e internacionais.

Talvez pelo despertar de consciências a respeito da arquitectura tibetana ser tão recente, são escassas as tentativas internacionais de estabelecer pressupostos contemporâneos enraizados no vernáculo tibetano. Tornou-se igualmente importante realçar o trabalho académico realizado no âmbito do *Tibet Course* pela sensibilização internacional para a discussão do problema, mais do que pelas soluções apresentadas. A verdade é que seria necessária uma maior maturidade atingida através de um estudo mais detalhado e também um período mais alargado de contacto com aquela cultura para que as propostas pudessem atingir outro grau de validade arquitectónica e servissem de influência para casos reais.

Por outro lado, o trabalho dos Standardarchitecture no Tibete, apesar de ter começado apenas em 2007, permitiu verificar um sentido de mudança no panorama contemporâneo da arquitectura tibetana. É recorrente, a respeito das suas intervenções, apresentarem uma preocupação primordial com a contextualização e contemplação de características vernaculares essenciais que acaba por se verificar nos próprios edifícios. Sem descartar a validade de influências contemporâneas internacionais, assumem um “Regionalismo Crítico”⁴ sobre o ‘lugar’, numa rendição tectónica à construção tradicional.

4 FRAMPTON, Kenneth
– *Prospects for a Critical
Regionalism*. 1983.

5 O atelier de arquitectura EMBAIXADA, formado em 2001, é composto por três elementos principais, ambos licenciados pela Universidade Lusíada de Lisboa. Apesar de serem um grupo recente, têm vindo a fazer um trabalho experimentalista reconhecido internacionalmente.

6 FRAMPTON, Kenneth
— *Prospects for a Critical Regionalism*. 1983. p.159

E se nada pode ser feito na região sem a aprovação do governo, a aceitação dessa nova arquitectura consciente e contextualizada revelou uma maior abertura das próprias autoridades para a manutenção da identidade local. Por outro lado, a cooperação no projecto para o Terminal de Niangou com o atelier português EMBAIXADA⁵ abriu um precedente no caminho de uma maior abertura a intervenientes internacionais na discussão do futuro daquele território e das suas pessoas. As divergências políticas e sociais, finalmente, parecem começar a ser postas num segundo plano.

Ainda assim, não deixa de ser preocupante a inexistência de mão-de-obra qualificada tibetana para dar continuidade a este processo. Seria importante criar mecanismos de formação académica local que permitissem uma maior autonomia da população nativa, dotando-os também de um maior sentido crítico para contrapor as tendências de ocupação urbana e de utilização “populista”⁶ da arquitectura vernacular.

O objectivo deste trabalho cumpre-se, assim, apresentando-se como um futuro transmissor de informação, inserido no meio académico português, que visa colmatar a distância física e a ausência de documentação específica sobre o tema do Tibete. Ainda assim, existe a consciência de que este é um trabalho limitado. Em primeiro lugar, pelo facto dos conceitos explorados na primeira parte se referirem maioritariamente a uma realidade europeia, geográfica e culturalmente próxima entre os seus intervenientes, o que cria dificuldades acrescidas na compreensão de casos como o do Tibete. Seria pertinente alargar a abrangência da fundamentação e reflexão para contextos semelhantes, possibilidade que se revelou indisponível durante a realização do trabalho pela escassez de documentação. A própria fundamentação dos conteúdos referentes ao Tibete é feita com base em fontes limitadas, impedindo por isso o cruzamento de informação necessária para estabelecer relações mais fundamentadas. Além disso, também a distância geográfica do objecto de estudo, e conseqüente inacessibilidade, deixam por fazer um levantamento mais rigoroso das transformações urbanas de interveniência externa chinesa e também das emergentes arquitecturas locais que se relacionam criticamente com a sua identidade.

Para finalizar, gostaria de sinalizar algumas perspectivas para trabalhos futuros, proporcionadas justamente quer pelas experiências académicas anteriores de que aqui deixei relato quer pela realização desta monografia. Saliento, em

primeiro lugar, o interesse de estudos que aprofundem a relação causa-efeito entre o arquitecto/estudante e viagens/intercâmbios, na medida em que as últimas despoletam sensibilidades específicas que podem posteriormente enriquecer a acção arquitectónica em qualquer território. E ainda a necessidade, em tempos de acelerada globalização, de disponibilizar num futuro próximo informação fidedigna que sustente a prática arquitectónica em contextos mais particulares e longínquos, criando garantias para que intervenções como a dos EMBAIXADA possam, de forma fácil, encontrar sustento. Por último, no caso do Tibete, fica ainda muito por fazer, na tentativa de conquistar atenção internacional para uma situação crescente e preocupante de destruição de património da Humanidade.

BIBLIOGRAFIA

Livros

- AALTO, Alvar – **La Humanización de La Arquitectura** In SCHILDT, Goran – Alvar Aalto: de palabra y por escrito. Madrid: El Croquis Editorial, 2000. ISBN: 8488386133
- AUGÉ, Marc - **Não-lugares : introdução a uma antropologia da sobremodernidade**. Lisboa: 90 Graus Editora, 2007. ISBN 9728964021
- AVERMAETE, Tom. - **Another modern: The Post-War architecture and urbanism of Candilis-Josic-Woods**. Rotterdam: NAI Publishers, 2006. ISBN 13: 9789056624736
- BANDEIRINHA, José António, ed. lit. - **Fernando Távora : modernidade permanente = permanent modernity**. [S. l.]: Associação Casa da Arquitectura, 2012. ISBN 9789892033938
- BARNETT, Robert – **Lhasa: Streets with Memories** [Em linha]. New York: Columbia University Press, 2006. [Consult. 10 Janeiro 2013]. Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=vPOcKlPjyJlC&printsec=frontcover&dq=Lhasa+-+streets+with+memories&hl=pt-PT&sa=X&ei=AFGaUcDBMYfC7Aa324DIAQ&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=Lhasa%20-%20streets%20with%20memories&f=false>. ISBN 978 0 231 13681 5
- BOYLE, Kevin; SHEEN, Juliet. **Freedom of religion and belief: a world report**. London: Routledge, 2003. [Consult. 17 Março 2013]. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=JxgFWwK8dXwC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- BRONNER, Simon J. – **Building Tradition: Control and Authority in Vernacular Architecture**. In Vernacular architecture in the twenty-first century : theory, education and practice. London : Taylor & Francis, 2006. ISBN 0-415-35795-0
- CASTELLS, Manuel – **O Poder da Identidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. ISBN 972-31-1008-3
- CHING, Francis D. K. - **Arquitectura : forma, espaço e ordem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. ISBN 8533608748
- CHOAY, Françoise - **O urbanismo : utopias e realidades : uma antologia**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1997. ISBN 8527301016
- CHOEDON, Yeshi – **Issues of Tibetan Nationalism and National Identity**. In Tibet, Past and Present: Tibetan Studies I, PIATS 2000: Tibetan Studies: Proceedings of the Ninth Seminar of the International Association of the Tibetan Studies, Leiden 2000 [Em linha]. Boston: Brill, 2002. [Consult. 25 Abril 2013]. Disponível em: < http://books.google.pt/books?id=UsC1sEKQNeYC&pg=PA361&lpg=PA361&dq=Issues+of+Tibetan+Nationalism+and+National+Identity&source=bl&ots=LFKIo-BIb0&sig=Yldn_QCjSkB6AXiWXa-XKxglEUE&hl=pt-PT&sa=X&ei=3U5aUeWtBlyf7AbshoHgAQ&redir_esc=y#v=onepage&q=Issues%20of%20Tibetan%20Nationalism%20and%20National%20Identity&f=false >. ISBN 90 04 12775 5. P. 361-376
- CHUECA GOITIA, Fernando - **Breve historia del urbanismo**. 3ª reimp. Madrid: Alianza Editorial, 2002. (Libro de Bolsillo. Humanidades, Geografía ; 4650). ISBN 8420635197
- CASTRO, Joaquim Magalhães - **Viagem ao Tecto do Mundo: o Tibete desconhecido**. Lisboa: Editorial Presença, 2010. ISBN: 9789722343503
- CURTIS, William J. R. - **Modern architecture since 1900**. 3th ed, reprint. London: Phaidon, 1997. ISBN 0714833568
- CURTIS, William J. R. – **Le Corbusier: Ideas and Forms**. New York: Rizzoli, 1986. ISBN 978-0714827902
- CURTIS, William J. R. – **Towards an Authentic Regionalism**. MIMAR 19: Architecture in Development [Em linha]. Singapore: Concept Media Ltd, 1986. [Consult. 20 Maio 2013]. Disponível na Internet: http://archnet.org/library/documents/one-document.jsp?document_id=4558.
- DELFANTE, Charles. - **A grande história da cidade : da Mesopotâmia aos Estados Unidos**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000. ISBN 972771207X
- DOVEY, Kim. - **Framing places : mediating power in built form**. London; New York: Routledge, cop. 1999. ISBN 041517368X
- ELDEN, Stuart; CRAMPTON, Jeremy W. – **Space, Knowledge and Power: Foucault and Geography** [Em linha]. [Consult. 17 Maio 2013]. Disponível em: < http://www.ashgate.com/pdf/samplepages/space_knowledge_and_power_intro.pdf>
- ELEB, Monique – **An Alternative to Funcionalist Universalism: Écochard, Candilis, and ATBAT-Afriqué In GOLDHAGEN**, Sarah Williams; LEGAULT, Réjean; ed. – Anxious modernisms. Cambridge: The MIT Press, 2000. ISBN 0262072084
- FATHY, Hassan. - **Arquitectura para os pobres : uma experiência no Egipto rural**. 1ª ed. Lisboa : Argumentum: Dinalivro, 2009. ISBN 9789728479640

FJELD, Heidi - **Commoners and nobles: Hereditary Divisions in Tibet** [Em linha]. Copenhagen: NIAS, 2005. [Consult. 23 Abril 2013] Disponível em: http://books.google.pt/books?id=g0V51V_M-SY C&printsec=frontcover&dq=Commoners+and+nobles&hl=pt-PT&sa=X&ei=5VOaUhbH3Kqfy7AaquYC4Bg&ved=0CDAQ6AEwAA. ISBN 87 91114 17 9

FRAMPTON, Kenneth - **Historia crítica de la arquitectura moderna**. 9ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 1998. ISBN 8425216656

FRAMPTON, Kenneth - **The 20th century architecture and urbanism : New York**. Tokyo: A+U Publishing, 1994. ISBN 4900211443

FRAMPTON, Kenneth 1930-, ed. lit. ; WANG, Wilfried, ed. lit. ; KUSOLITSCH, Helga, ed. lit. - **World architecture 1900-2000 : a critical mosaic**. Wien: Springer, 2000. ISBN 3211832866

GEERTZ, Clifford - **The Interpretation of Cultures**. London: Fontana Press, 1993. ISBN 0006862608

GREGOTTI, Vittorio - **Território e Arquitectura**. In Uma Nova Agenda para a Arquitectura (2ª Edição) [Em Linha]. Editora Cosac Naify, 2008. [Consult. 13 Maio 2013]. Disponível na Internet: <<http://books.google.pt/books?id=XghJ9hkBpKkC&pg=PA371&dq=vittorio+território+e+arquitectura&hl=pt-PT&sa=X&ei=sEcaUfX-B42O7AbCroDgDQ&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=vittorio%20território%20e%20arquitectura&f=false>>. ISBN 9788575035993

HAYDEN, Dolores. - **The power of place : urban landscapes as public history**. Cambridge; London: The MIT Press, 1999. ISBN 0262581523

HIRST, Paul - **Space and Power: Politics, War and Architecture** [Em linha]. 1ª ed. Cambridge: Polity Press, 2005. [Consult. 14 Fevereiro 2013]. Disponível em: <<http://books.google.pt/books?id=2-HyH6O7VYoC&printsec=frontcover&dq=paul+hirst&hl=pt-PT&sa=X&ei=0UaaUbmXFuy7AbPzICIC&ved=0CDMQ6AEwAA>>. ISBN 9780745634555

HÖGNER, Bärbel - **Chandigarh: living with Le Corbusier**. Berlin: Jovis Verlag, 2010. ISBN 9783868591378

Holston, James - **The Modernist City: An Anthropological Critique of Brasília**. Chicago: University of Chicago Press, 1989. [Consult. 14 Fevereiro 2013]. Disponível em: http://books.google.pt/books?id=Syc2y5QhgQgC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbgs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

JEANE, Marie Teutonico (ed.); MATERO, Frank G. (ed.) - **Managing Change: Sustainable Approaches to the Conservation of the Built Environment** [Em linha]. 1ª ed. Los Angeles: Getty Publications, 2001. [Consult. 3 Fevereiro 2013]. Disponível em: <<http://books.google.pt/books?id=XJNM4TP-UBIC&printsec=frontcover&dq=Managing+Change:+Sustainable+Approaches+to+the+Conservation+of+the+Built+Environment&hl=pt-PT&sa=X&ei=L0eaUanFGsnH7Ab-s4HQBw&ved=0CDMQ6AEwAA>>. ISBN 0- 89236 692 3

JENCKS, Charles - **Movimentos modernos em arquitectura**. Lisboa : Edições 70, 2006. ISBN 9724404986

KAUFMANN, Emil - **De Ledoux a Le Corbusier : origen y desarrollo de la arquitectura autónoma**. 2ª ed. Barcelona : Gustavo Gili, 1985. (Colección Punto y Línea). ISBN 8425211336

KLIEGER, P. Christiaan - **Riding High on the Manchurian Dream: Three Paradigms in the Construction of the Tibetan Question**. In Contemporary Tibet: politics, development, and society in a disputed region [Em linha]. USA: M.E. Sharpe, 2006. [Consult. 10 Março 2013]. Disponível em: <http://books.google.pt/books?id=Ou4f4q8GclC&pg=PA214&dq=KLIEGER,+P.+Christiaan+-+Riding+High+on+the+Manchurian+Dream:+Three+Paradigms+in+the+Construction+of+the+Tibetan+Question&hl=pt-PT&sa=X&ei=pkeaUYG5HMbB7Aay-oDQDw&ved=0CDcQ6wEwAA#v=onepage&q=KLIEGER%2C%20P.%20Christiaan%20-%20Riding%20High%20on%20the%20Manchurian%20Dream%3A%20Three%20Paradigms%20in%20the%20Construction%20of%20the%20Tibetan%20Question&f=false>. ISBN 0 7656 1354 9. P. 214-229

KNAPP, Ronald G. - **Chinás vernacular architecture : house form and culture**. Honolulu: University of Hawaii, 1989. ISBN 0824812042

KOSTOF, Spiro. - **The city shaped : urban patterns and meanings through history**. London : Thames and Hudson, cop. 1991. ISBN 0500341184

KOSTOF, Spiro. ; CASTILLO, Greg - **The city assembled : the elements of urban form through history**. London : Thames and Hudson, cop. 1992. ISBN 0500341249

LARSEN, Knud; SINDING-LARSEN, Amund - **The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape**. 1ª ed. Londres: Serindia Publications, 2001. ISBN 0 906026 57 1

LE CORBUSIER, pseud.. - **Le Corbusier : conversa com os estudantes das escolas de arquitectura**. Lisboa: Edições Cotovia, 2003. ISBN 9727950825

LE CORBUSIER, pseud.. - **Le Corbusier : Voyage d'Orient : carnets**. Milano : Electa architecture, cop. 2002. 1 vol. ISBN 190431306X

LEWCOCK, Ronald - **“Generative concepts” in Vernacular Architecture**. In Vernacular architecture in the twenty-first century : theory, education and practice. London : Taylor & Francis, 2006. ISBN 0-415-35795-0

- LYNCH, Kevin - **A imagem da cidade**. Lisboa : Edições 70, 2008. ISBN 9789724414119
- MARKUIS, Thomas A. - **Buildings and power : freedom and control in the origin of modern building types**. London ; New York: Routledge, cop. 1993. ISBN 041507665X
- MORRISON, Hugh S. – **After the International Style, What?** In CANIZARO, Vicent, ed. – *Architectural Regionalism, collected writings on place: identity, and tradition*. New York: Princeton Architectural Press, 2007. ISBN 978-1-56898-616-6
- MUMFORD, Eric Paul - **The CIAM discourse on urbanism : 1928-1960**. Cambridge (Mass.); London : MIT Press, cop. 2000. XV. ISBN 0262133644
- NEUTRA, Richard – **Regionalism in Architecture**. In CANIZARO, Vicent, ed. – *Architectural Regionalism, collected writings on place: identity, and tradition*. New York: Princeton Architectural Press, 2007. ISBN 978-1-56898-616-6
- OZKAN, Suha – **Traditionalism and Vernacular Architecture in the Twenty-First Century**. In *Vernacular architecture in the twenty-first century : theory, education and practice*. London : Taylor & Francis, 2006. ISBN 0-415-35795-0
- PAYNE, Geoffrey – **A Journey through Space: Cultural Diversity in Urban Planning**. In *Vernacular architecture in the twenty-first century : theory, education and practice*. London : Taylor & Francis, 2006. ISBN 0-415-35795-0
- RAPOPORT, Amos – **Aspectos humanos de la forma urbana : hacia una confrontación de las ciencias sociales con el diseño de la forma urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978. ISBN 84-252-0718-5
- RAPOPORT, Amos – **Culture, Architecture and Design**. Dijon Quetigny: Infolio, 2003. ISBN 2-88474-511-4
- RAPOPORT, Amos – **House, Form and Culture**. Michigan: Prentice-Hall, 1969. ISBN: 978-0133956733
- RAPOPORT, Amos – **Vernacular Design as a Model System. In Vernacular architecture in the twenty-first century: theory, education and practice**. London: Taylor & Francis, 2006. ISBN 0-415-35795-0
- RICHARDSON, Vicky – **New Vernacular Architecture**. Califórnia: Watson-Guptill, 2001. ISBN 978-0823031993
- RICHARDSON, Vicky – **Vanguardia y Tradicion: La Reinterpretacion de la Arquitectura**. Blume, 2004. ISBN 8489396744
- ROSSI, Aldo - **A arquitetura da cidade**. [2ª] ed. Lisboa: Ed. Cosmos, 2001. ISBN 9727621260
- RUDOLFSKY, Bernard. - **Architecture without architects : a short introduction to non-pedigreed architecture**. Reprint. Albuquerque (New Mexico): University of New Mexico Press, 1995. ISBN 0385074875
- SARIN, Madhu – **Urban Planning in the Third World: The Chandigarh Experience**. London: Mansell, 1982
- SCHACHE, Wolfgang – **Le Plan d' Urbanisme pour la Capitale du Reich**, In DETHIER, Jean, GUIHEUX, Alain - *La Ville, art et architecture en Europe, 1870-1993*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1994. ISBN: 2858507430
- SHELTON, Barrie. - **Learning from the japanese city : west meets east in urban design**. London: E & FN Spon, 1999. ISBN 0419223509
- SUDJIC, Deyan. *La arquitectura del poder*. Barcelona: Editorial Ariel. 2007. ISBN: 84-344-5308-1
- TÁVORA, Fernando ; SIZA, Álvaro, ed. lit. ; MARNOTO, Rita, ed. lit. - **Diário de “bordo”**. Porto : Associação Casa da Arquitectura, 2012. 2 vol. ISBN 9789892033945
- TÁVORA, Fernando - **Da organização do espaço**. 8ª ed. Porto: FAUP, 2008. ISBN 9789729483226
- TINNISWOOD, Adrian **1954- - Visions of power : ambition and architecture from ancient Rome to modern Paris**. London : Mitchell Beazley, 1998. ISBN 1840000279
- TOUSSAINT, Michel - **Casa de férias em Ofir = Summer house at Ofir : Fernando Távora 1957-1958**. Lisboa: Blau, cop. 1992. ISBN 560107300371
- TZONIS, Alexander; LEFAIVRE, Liane – **Why Critical Regionalism Today?**. In *Theorizing a New Agenda for Architecture: An Anthology of Architectural Theory 1965-1995* [Em linha]. New York: Princeton Architectural Press, 1996. [Consult. 17 Abril 2013]. Disponível em: <<http://books.google.pt/books?id=U3Npok0HJVEC&pg=PA484&dq=Why+Critical+Regionalism+Today?&hl=pt-PT&sa=X&ei=bEmaUay-MK-I7AaO8IHgBA&ved=0CDMQ6AEwAA#v=onepage&q=Why%20Critical%20Regionalism%20Today%3F&f=false>>. ISBN 1 56898 053 1
- VALE, Lawrence J. - **Architecture, power, and national identity**. New Haven: Yale University Press, 1992. ISBN 0300049587
- VELLINGA, Marcel – **Engaging the Future: Vernacular Architecture Studies in the Twenty-First Century**. In *Vernacular architecture in the twenty-first century: theory, education and practice*. London : Taylor & Francis, 2006. ISBN 0-415-35795-0

VIDLER, Anthony. - **Claude-Nicolas Ledoux : architecture and utopia in the era of the french revolution**. Basel ; Berlin ; Boston: Birkhauser, 2006. ISBN 3764374853

Artigos

CAPELA, José – **Regionalismo: Crítico?**. In *Jornal Arquitectos* N° 207. Lisboa: A.A.P., 2002. ISSN 0870-1504

FIGUEIRA, Jorge - **História da Arquitectura: No frigorífico depois do supermercado**. In *Jornal Arquitectos*. N° 202. Lisboa: A.A.P., 2001. ISSN 0870-1504

FRAMPTON, Kenneth – **Prospects for a Critical Regionalism**. *The Yale Architectural Journey* [Em linha]. Vol. 20 (1983). [Consult. 3 Maio 2013]. Disponível em: < http://www.giant-step.org/wp-content/uploads/2012/09/Frampton_Prospects-for-a-Critical-Regionalism.pdf > . ISSN 0079 0958

REPO, Joona – **Contemporary Tibetan Architecture in the People's Republic**. In *Tibet Journal* Vol. XXXV, n°4. Dharamsala: L.T.W.A., 2010. ISSN 0970-5368.

STEVENSON, Mark – **The Politics of Identity and Cultural Production in Amdo Reb gong**. In *Tibet Journal*. Vol. XXIV, n°4. Dharamsala: L.T.W.A., 1999. ISSN 0970-5368

Teses

CARVALHO, Carla Coelho - **Comunidade : a escala do lugar para o arquitecto de hoje**. Coimbra: 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da F. C. T. da Univ. de Coimbra, sob a orientação do Prof. Doutor António Lousa.

CORREIA, Maria Inês Ramos - **Globalização vs identidade : makarba housing project (Ahmedabad, India)**. Coimbra: 2011. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da F. C. T. da Univ. de Coimbra, sob a orientação do Prof. Doutor Jorge Manuel Fernandes Figueira Ferreira.

COSTA, Joana Mendes Soldado F. – **Arquitectura, Identidade e Transformação: o dialogo entre novo e antigo**. Porto: 2002. Prova Final da Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Univ. do Porto, sob a orientação do Prof. Francisco Barata Fernandes.

REIS, Sofia Borges Simões dos - **Territórios de poder : notas sobre a relação arquitectura-poder no contexto urbano**. Coimbra: 2001. Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da F.C.T. da Univ. de Coimbra.

SOBRAL, Luís Pedro Pires - **Arquitectura com algum pedigree : o vernacular na arquitectura contemporânea**. Coimbra: 2009. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, apresentada ao Departamento de Arquitectura da F. C. T. da Univ. de Coimbra, sob a orientação do Prof. Doutor Nuno Grande.

GONÇALVES, Juliana Maria da Silva L. – **Da Arquitectura do Poder ao Poder da Arquitectura: um lugar, duas épocas, dois regimes, duas obras**. Porto: 2007. Prova Final da Licenciatura em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Univ. do Porto, sob a orientação do Prof. Rui Tavares.

Sites consultados

www.tibetdiscovery.com/what-to-see/yumbulagang-palace/ [Consultado a 1 de Julho de 2013]

<http://revista.webmotors.com.br/antigos/ford-t-primeiro-carro-do-mundo-produzido-em-serie-faz-cem-anos/1334081194448> [Consultado a 1 de Julho de 2013]

FONTES DE IMAGENS

- Imagem 1** - <http://3.bp.blogspot.com/-mIloq78Edqs/Trlo9t5yT9I/AAAAAAAAAB4/4-RRr22UXwM/s1600/domino.jpg>
- Imagem 2** - http://www.neuchateltourisme.ch/pictures/content/neuchatel/ville_maison_blanche1.jpg
- Imagem 3** - villa_savoie_ville-poissy.fr/uploads/pics/villa_savoie2.jpg
- Imagem 4** - BROOKS, H. Allen, ed. lit. - **Le Corbusier : 1887-1965**. Milano : Electa, cop. 1993. 354 p : il. ISBN 884353498X
- Imagem 5** - FLEIG, KARL, ED. LIT. - **ALVAR AALTO**. BASEL [ETC.] : BIRKHAUSER VERLAG, 1995. 3 VOL. ISBN 3764355174
- Imagem 6** - WESTON, Richard. - **Villa Maira : Alvar Aalto**. London : Phaidon, 1992. [55] p : totalmente il. (Architecture in detail). ISBN 0714827681
- Imagem 7** - DOMINGUEZ LAINO, Ana, ed. lit. - **Fernando Távora : desenhos de viagem, projectos**. 2ª ed. [S.l.] : C.O.A.G., D. L. 2002.
- Imagem 8** - 2.bp.blogspot.com/-r_tVFvRoxRg/Th4rHNE930I/AAAAAAAAOxk/7R_zV2V2XcM/s1600/casa%2Bcha%2B77.JPG
- Imagem 9** - 25.media.tumblr.com/tumblr_lgprxkjtai1qh7k5ko1_1280.jpg
- Imagem 10** - www.buildersmagazine.ro/uploads/articole/272_Ronchamp_Pieter_Morlion_1.jpg
- Imagem 11** - www.worldofstock.com/slides/TES1463.jpg
- Imagem 12** - www.caminhosdanatureza.pt/communities/9/004/009/560/489/images/4562345323_525x204.jpg
- Imagem 13** - relationalthought.files.wordpress.com/2012/02/jc3b8rn-utzon-kingo-houses-near-elsinore-denmark-1956-60.jpg
- Imagem 14** - movingcities.org/wordpress/wp-content/photos/books12/120615-books-colonial-housing-project-Casablanca.jpg
- Imagem 15** - media-cdn.tripadvisor.com/media/photo-s/01/11/cf/d9/kasbah-of-ait-ben-haddou.jpg
- Imagem 16** - dome.mit.edu/bitstream/handle/1721.3/73766/157468_sv.jpg?sequence=2
- Imagem 17** - whc.unesco.org/uploads/activities/documents/activity-637-1.jpg
- Imagem 18** - traditional-building.com/clem_labine/wp-content/uploads/2012/02/Clem-Lincoln_Memorial_Close-Up12.jpg
- Imagem 19 e 20** - ARIZMENDI BARNES, Luis Jesus. - **Albert Speer : arquitecto de Hitler : una arquitectura destruida**. Pamplona : Eunsa, 1978.
- Imagem 21 e 22** - VIDLER, Anthony. - **Claude-Nicolas Ledoux : architecture and utopia in the era of the french revolution**. Basel ; Berlin ; Boston : Birkhauser, 2006. 159 p. ISBN 3764374853
- Imagem 23** - estádio olímpico berli_www.exposuregallery.info/wp-content/gallery/berlin/leslie-hossack_east-gate-1936-berlin-olympic-stadium.jpg
- Imagem 24** - http://www.archiver.cc/wp-content/uploads/2009/12/Zeppeinfeld_1938_Nuremberg_011.jpg
- Imagem 25** - http://www.archiver.cc/wp-content/uploads/2009/12/reamenagement_speer_berlin_1937.jpg
- Imagem 26** - nova.Chancelaria_classconnection.s3.amazonaws.com/238/flashcards/1219238/jpg/lecture_11-39_copy1336063364445.jpg
- Imagem 27** - helpintourism.com/images/stories/azia/kitay/ploshad/13.jpg.jpg
- Imagem 28** - blog.chinatraveldpot.com/wp-content/uploads/2011/07/beijing-forbidden-city.jpg.jpg
- Imagem 29** - Tiananmen Square mausoleum_www.abc.net.au/news/image/4560228-3x2-940x627.jpg.jpg
- Imagem 30** - VALE, Lawrence J. - **Architecture, power, and national identity**. 1992. P. 58
- Imagem 31** - VALE, Lawrence J. - **Architecture, power, and national identity**. 1992. P. 59
- Imagem 32** - http://www.jorston.com/STooo_UploadFiles/image/20121016/20121016172662386238.jpg
- Imagem 33** - net-guide.hu/graphics/roma/Pantheon1.jpg
- Imagem 34** - upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7a/The_Parthenon_Athens.jpg
- Imagem 35** - img.estadao.com.br/fotos/73/C0/15/73C015F63A314B3599EC66C528E05AC5.jpg.jpg
- Imagem 36** - 4.bp.blogspot.com/-ojVcUCrxCIM/UFmwo5J2tfl/AAAAAAAAABhc/fiYwEHNS0Tw/s1600/st+1112.jpg.jpg
- Imagem 37** - classconnection.s3.amazonaws.com/238/flashcards/1219238/jpg/lecture_14-431338711674255.jpg
- Imagem 38** - www.archweb.it/dwg/arch_arredi_famosi/Le_corbusier/chandigarh/chandigarh_

master_plan.jpg

Imagem 39 - projetoblog.com.br/wp-content/uploads/2011/12/Chandigarh_High_Court.jpg

Imagem 40 - s3.amazonaws.com/data.tumblr.com/tumblr_l2kmfcS9eC1qbgbnbo1_1280.jpg?AWSAccessKeyId=AKIAI6WLSGT7Y3ET7ADQ&Expires=1372423904&Signature=LQHjb9CY01K7gnd5HI%2F6Vxiufn8%3D#_=_ .jpg

Imagem 41 - farm7.staticflickr.com/6009/5991651133_8639f57ec3_z.jpg

Imagem 42 - www.quondam.com/xcalen/12112203.jpg

Imagem 43 - 24.media.tumblr.com/tumblr_m65qf7HZZQ1qafy7ho1_1280.jpg

Imagem 44 - www.pbs.org/thestoryofindia/images/gallery/fatehpur_sikri_main.jpg

Imagem 45 - upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/84/Palace_of_Assembly_Chandigarh_2007.jpg

Imagem 46 - agingmodernism.files.wordpress.com/2010/02/assembly.jpg

Imagem 47 - superradnow.files.wordpress.com/2012/05/le-corbusier-le-palais-du-gouverneur-chandigarh0001.jpg

Imagem 48 - farm5.staticflickr.com/4113/5014078043_9eab958152_z.jpg

Imagem 49 - dirkn.home.xs4all.nl/TPG/east%20asia/india/large/Fatehp2a.jpg

Imagem 50 - farm5.staticflickr.com/4102/4854485471_ed4cf460bc_z.jpg

Imagem 51 - 24.media.tumblr.com/tumblr_l4y8j2eva71qanwopo1_500.jpg

Imagem 52 - lebbeuswoods.files.wordpress.com/2011/02/changigarh-plan-0.jpg

Imagem 53 - VALE, Lawrence J. - **Architecture, power, and national identity**. 1992. P.219

Imagem 54 - images.lib.ncsu.edu/des/Size2/NCSULIB-1-NA/1273/98882.jpg?userid=1&userame=admin&resolution=2&servertype=JVA&cid=1&iid=NCSULIB&vcid=NA&usergroup=Design_Library-1-Admin&profileid=1

Imagem 55 - www.tajsuites.com/images/interior/10.jpg

Imagem 56 - VALE, Lawrence J. - **Architecture, power, and national identity**. 1992. P.228

Imagem 57 - VALE, Lawrence J. - **Architecture, power, and national identity**. 1992. P.232

Imagem 58 - ravb.nl/sites/default/files/005%20Timgad,%20rational%20planning%20of%20a%20Roman%20city%20-%20Frederik%20Pöll_1.jpg

Imagem 59 - farm7.staticflickr.com/6162/6218348180_9646fbefe6_z.jpg

Imagem 60 - www.mcdonough.com/wp-content/uploads/2013/04/Bedouin-Tent.jpg

Imagem 61 - farm7.staticflickr.com/6167/6204132345_223f219f6a_b.jpg

Imagem 62 - www.laputanlogic.com/images/2004/01/27-Y99DU09J00.jpeg

Imagem 63 - www.circleofblue.org/waternews/wp-content/uploads/2008/05/122_china_tibet_Texture-cop.jpg

Imagem 64 - farm8.staticflickr.com/7244/7183449212_ec12382bb1_b.jpg

Imagem 65 - http://www.mountainsoftravelphotos.com/Tibet/Lhasa/slides/Tibet%20Lhasa%2002%2004%20Jokhang%20Outside%20Full%20View.JPG

Imagem 66 - www.chinatourguide.com/china_photos/tibet/attractions/Tibet_Shannan_Samye_Monastery_main_building.jpg

Imagem 67 - tibetvacationguide.com/wp-content/uploads/2012/11/26765_1303920238Hg7A.jpg

Imagem 68 - upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/a6/Great_Assembly_Hall_Drepung_Monastery.jpg

Imagem 69 - www.shafir.info/shafir_images/10Album/09Tibet~25Shigatse~10Tashilhunpo_Monastery~30Tashilhunpo_Monastery_11.jpg

Imagem 70 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 96

Imagem 71 - 1.bp.blogspot.com/-H9iMEjUIMV0/UA6FvdCoG1I/AAAAAAACAA/0XJG07bMqk/s1600/dharamsala2.jpg

Imagem 72 - livedoor.blogimg.jp/kinbricksnow/imgs/9/c/9c4290ed.jpg

Imagem 73 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 12

Imagem 74 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 15

Imagem 75 e 76 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43

Imagem 77 - worldalldetails.com/sightseeing/potala_palace_tibet_039434.jpg

Imagem 78 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 43

Imagem 79 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 44

Imagem 80 - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 119

- Imagem 81** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 44
- Imagem 82, 83** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 45
- Imagem 84** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 47
- Imagem 85** - <http://www.dawaarts.com/inventory/images/mandala.jpg>
- Imagem 86** - http://farm3.staticflickr.com/2341/2059985527_a9aee3ab01_z.jpg?zz=1
- Imagem 87 e 88** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 49
- Imagem 89** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 119
- Imagem 90** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 53
- Imagem 91** - www.goshangrila.com/ImagesMany/album/devildancefestival/Tibetan%20tent129684765613818332
- Imagem 92** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 44
- Imagem 93** - http://farm6.staticflickr.com/5447/9019551749_217b0e713d_z
- Imagem 94** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 34
- Imagem 95** - http://www.asianart.com/associations/lhasa_restoration/report98/small/8.1photo
- Imagem 96** - http://www.asianart.com/associations/lhasa_restoration/full/100020
- Imagem 97** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund - *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 122
- Imagem 98 e 99** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 34
- Imagem 100** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 158
- Imagem 101** - www.tibettour.org/uploads/121113/1-12111313093O54
- Imagem 102** - beijingtibethotel.com/wp-content/uploads/2011/08/Tibet-Hotel-Beijing
- Imagem 103** - www.tibetheritagefund.org/media/projects/china%20program/qinghai/ragya/07_jokhang_jun06_007
- Imagem 104** - www.tibettoursguide.com/upload/tourlist/201203/201203200425411599949458
- Imagem 105** - upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a9/Tibet_Institute_Rikon_IMG_2756.JPG/800px-Tibet_Institute_Rikon_IMG_2756
- Imagem 106** - www.adventuresofagoodman.com/wp-content/uploads/2012/06/Dali-Lama-Complex-McLeod-Ganj-2012-05-09-15-09-33-.jpg
- Imagem 107** - LARSEN, Knud, SINDING-LARSEN, Amund. *The Lhasa Atlas: Traditional Tibetan Architecture and Townscape*. 2001. p. 34
- Imagem 108** - MELLEEM, Monas - **KA-TA Hotel**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.8)
- Imagem 109** - CARVALHO, Carla - **Backpack Hotel**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.2)
- Imagem 110 e 111** - SILVA, David da - **Habitação Social**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.3)
- Imagem 112 e 113** - MARSTAD, Monica - **Orfanato**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.9)
- Imagem 114 e 115** - CAMBUZAT, Matthieu - **Mediateca**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.7)
- Imagem 116** - VASCONCELOS, Diogo - **Greenhouse (Horta Urbana)**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.4)
- Imagem 117** - SIMATONYTE, Rasa - **Habitação**. NTNU (Disponível no anexo 2.2)
- Imagem 118, 119 e 120** - OLSMAN, Bas - **Salão de Chá, Loja e Centro de Meditação Monástico**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.1)
- Imagem 121** - MARSTAD, Monica - **Orfanato**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.9)
- Imagem 122 e 123** - MELLEEM, Monas - **KA-TA Hotel**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.8)
- Imagem 124** - http://www.eikongraphia.com/images/cologne/Kolumba_Peter_Zumthor_Photographer_Michiel_van_Raaij_3_S
- Imagem 125 e 126** - DRONNEAU, Marie - **Infantário**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.6)
- Imagem 127** - VASCONCELOS, Diogo - **Greenhouse (Horta Urbana)**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.4)
- Imagem 128** - CARVALHO, Carla - **Backpack Hotel**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.2)
- Imagem 129** - LANGLI, Magnus - **Centro de Arte**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.5)
- Imagem 130** - CAMBUZAT, Matthieu - **Mediateca**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.7)
- Imagem 131** - SILVA, David da - **Habitação Social**. NTNU (Disponível no anexo 2.1.3)
- Imagem 132** - www.designboom.com/weblog/images/images_2/lauren/namchabawa/nam02

Imagem 133 – Fotografia do autor
Imagem 134 - www.designboom.com/weblog/images/images_2/lauren/namchabawa/nam05
Imagem 135 e 139 - fc02.deviantart.net/fs71/f/2011/015/f/9/koshino_house___interior_2_by_freedom-d377sjn
Imagem 136 - www.designboom.com/weblog/images/images_2/lauren/namchabawa/nam07
Imagem 137 - www.designboom.com/weblog/images/images_2/lauren/standardarchitecture/mar02
Imagem 138 e 139- www.archiscene.net/wp-content/uploads/2011/10/Niyang-River-Visitor-Centre-by-Standardarchitecture16
Imagem 140 - c214210.r10.cf3.rackcdn.com/files/projects/25604/images/900-w/5%20Niyang%20river
Imagem 141 - www.standardarchitecture.cn/uploads/2011-09-21/standardarchitecturetibet1196007
Imagem 142 - www.standardarchitecture.cn/uploads/2011-09-21/standardarchitecturetibet1196009
Imagem 143 - www.standardarchitecture.cn/uploads/2011-09-21/standardarchitecturetibet1196012
Imagem 144 – http://www.patz.com/images/china_tibet/JP_about_to_climb_the_potala_steps
Imagem 145 e 146 - EMBAIXADA – *Geração Z* [Em linha. Disponível em] www.revarqa.com/uploads/docs/geracao_z/92-93-GZ.pdf, p. 149

Apenas se inclui a nota bibliográfica completa para as fontes que não se encontram referenciadas na bibliografia.

ANEXOS

PORQUÊ O TIBETE? PROGRAMA DA NTNU

A possibilidade de uma candidatura a programas de projecto em culturas remotas, fossem elas por África ou na Ásia, seduziria à partida qualquer estudante de arquitectura. Infelizmente, não são tantas quantas deveriam as escolas de arquitectura europeias a permitir este tipo de mobilidade intercontinental. A partir da Universidade de Trondheim (NTNU), na Noruega, e do seu protocolo no âmbito do programa ERASMUS com o Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, tornar-se-ia, para mim, definitivamente possível a oportunidade de conhecer uma cultura suficientemente díspar para marcar o meu percurso académico e a minha cultura individual. O programa do Tibete tornou-se escolha absoluta por ser um país com uma paisagem natural única e avassaladora, mas acima de tudo, pela sociedade e património cultural que ainda hoje resiste à passagem do tempo.

O curso do Tibete tinha o nome de Townhouse in a Foreign Culture: Advanced Course in Tibet with a longer field stay in Lhasa, e estava a cargo do Professor Emérito Knud Larssen.

De origem dinamarquesa (1939), mas residente em Oslo, Noruega, Knud Larssen lecionou arquitectura na Universidade de Trondheim (NTNU). Em 1994, em parceria com Amund Sinding-Larsen, também arquitecto, deram início ao projecto Lhasa Historical City Atlas (LHCA), que além da documentação histórica da cultura arquitectónica do Tibete, pretendia também estabelecer bases para uma cooperação entre as universidades de Trondheim e Lhasa, no sentido de criar programas de intercâmbio de alunos entre os dois países. Após sete anos de investigação, o projecto ganhou força com o lançamento do livro *The Lhasa Atlas*, primeira versão em Inglês (2001), e mais tarde em Chinês/Tibetano (2005). Desde a primeira edição do programa de intercâmbio académico em 1994, Knud Larsen viajou mais de trinta vezes para o Tibete, dez das quais, com alunos europeus, estudantes na NTNU, num total de 65 estudantes. Em 2010 aconteceu o último curso no Tibete, do qual eu fiz parte.

O programa das várias experiências relacionadas com o Curso Avançado do Tibete manteve os mesmos propósitos ao longo dos anos. Estas experiências

tiveram sempre como objectivo uma análise política, religiosa, e sócio-cultural, dando especial ênfase aos efeitos de todos esses factores na arquitectura, sobretudo a tradicional. O trabalho foi essencialmente de campo, passando pela análise da estrutura urbana da cidade, a visita de edifícios de enorme valor histórico e arquitectónico, resultados esses que teriam de se reflectir no trabalho final de projecto. Para isso, a compreensão tectónica dos materiais e da sua construção em relação com a espacialidade dos espaços públicos e dos edifícios era fundamental. Numa fase mais tardia existiriam sempre dois ou três locais na Cidade Histórica à disposição para o trabalho de projecto e respectiva análise contextual pormenorizada. A escolha do local e do programa a aplicar ficariam então ao critério de cada aluno, que deveria fazer-se munido de uma fundamentação lógica para as suas decisões.

Em 1994, Knud Larsen inaugurou o Curso Avançado do Tibete com um grupo de oito estudantes da NTNU, com um programa base de três semanas de estudo da arquitectura em Lhasa, seguido de um período igual em Dharamsala, Índia, local onde se encontra a sede do actual Dalai Lama. Procedeu-se ao trabalho de análise do local para depois, já na Noruega, proporem, individualmente, um projecto para um pequeno edifício complementar de uma biblioteca ao estilo “Tibetano”, matriz esta que não voltou a ser repetida nos 8 anos seguintes. Este foi também o único ano em que os alunos viajaram até à Índia ou outro país que não a China ou o Tibete.

A experiência seguinte, alguns anos depois, já em 1998, foi igualmente pontual. Consistiu no trabalho de dois alunos apenas para os seus projectos finais de curso acerca da situação urbana em Lhasa.

Em 2003 aconteceu o terceiro curso, o primeiro que inaugurou o método sistematizado de trabalho no Tibete. Um grupo de sete estudantes da NTNU permaneceu no Tibete por seis semanas, dirigindo as suas opções de projecto para a rua Barkhor na Cidade Antiga, bem no coração da cidade de Lhasa.

Em 2004 e 2005, os grupos de apenas cinco e seis estudantes, respectivamente, permaneceram no local por um período de oito semanas, calendário este, que foi adoptado para os cursos que se seguiram. O local de projecto escolhido foi também a rua Barkhor. Ainda em 2005 foram integrados também dez restauradores arquitectónicos e dois estudantes dinamarqueses para fazerem estudos no Tibete em parceria com a NTNU.

Em 2006, o número de participantes voltou a aumentar, desta vez para sete. Durante a sua estadia, eles trabalharam os seus projectos no centro histórico da cidade de Lhasa, como também fizeram levantamentos detalhados de um edifício histórico tibetano.

Nos três anos que se seguiram, grupos de sete e oito alunos, além do trabalho de projecto já habitual, ficaram encarregues de fazer medições no Heritage Hotel (hotel onde ficaríamos também hospedados em 2010), gerando plantas de duas habitações incluídas nele, duas secções verticais e também um levantamento detalhado de duas salas ilustres do complexo.

Por fim, em 2010, o último ano em que o curso era leccionado, o grupo era metade português, contando com um total de 8 alunos. A par do trabalho relacionado com a intervenção de projecto, fizeram-se também levantamentos do mesmo edifício, desta vez plantas e cortes de um dos pátios e o levantamento de uma fachada principal interior, concluindo assim esta compilação de informação de grande utilidade para estudos futuros sobre a riqueza da arquitectura tibetana.

VIAGEM AO TIBETE

RELATO PESSOAL DA EXPERIÊNCIA TIBETANA

1 GOMES, Paulo Varela –
Prefácio. P. 12

“Os arquitectos viajam como se sabe. Faz parte do código genético da profissão.”¹

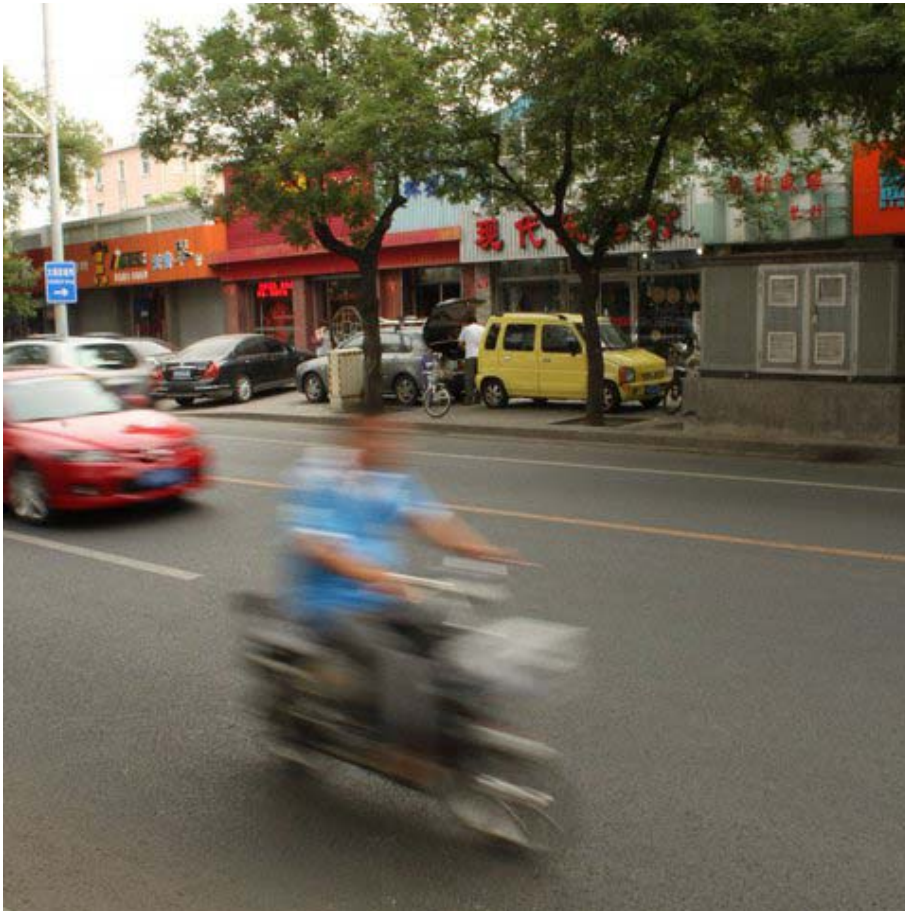
Em meados de Agosto de 2010 inicio a minha viagem rumo ao topo da civilização Ocidental, a Noruega. Cheguei a Trondheim, a terceira cidade norueguesa e pouco mais do que casas, casas e mais casas, envolvidas num exuberante rendilhado de rocha, verde, branco e água, os ecléticos *Fjords*.

Mas, apesar do óbvio fascínio pelos atributos naturais e sociais da Noruega, não era por isso que eu ali estava (pelo menos no princípio). Inserido no programa de intercâmbio ERASMUS e através de uma cadeira de Projeto semestral disponível na NTNU (Norwegian University of Science and Technology), tive a oportunidade de voar até ao lado oposto do globo, e conhecer, viver e trabalhar durante dois meses na Região do Tibete.

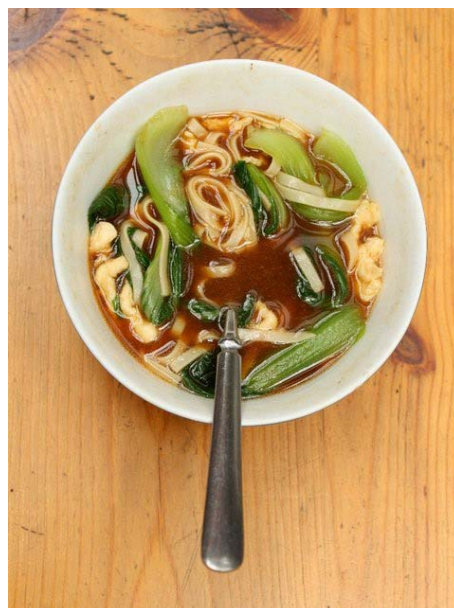
À conversa com uma China ocidentalizada

Cerca de duas semanas depois de chegar à Noruega, descolo em direcção ao Oriente. Numa breve escala em terras de Alvar Aalto, ainda deu tempo de uma visita relâmpago ao Kiasma, Museu de Arte Contemporânea de Helsínquia, do arquitecto Steven Holl — recomendação do nosso professor, incompreensível a meu ver, já que tínhamos, ali tão perto, a tão bem menos *Hi-Tech*, mas mais interessante, Ópera de Alvar Aalto. Já com o visto chinês na mão dou início ao derradeiro voo de dez horas com destino a Pequim, acompanhado pelo professor norueguês responsável pelo programa, Knud Larssen, e um grupo de mais sete alunos, composto por um par de norueguesas, outro de francesas e três portugueses. À excepção do Knud, era a primeira vez qualquer um de nós viajava até à Ásia, sendo que até ali, nada nos fazia verdadeiramente preparados para o que em poucas horas nos esperava.

Três filmes depois, dá-se o primeiro impacto, Pequim vista do céu. Finalmente a capital chinesa e uma das maiores cidades do mundo e, sem dúvida, a mais poluída. Na aproximação ao aeroporto apercebo-me da escala soberba e elegante da sua estrutura metálica zoomórfica, em feitio de espinha dorsal de



Rua junto ao nosso hotel em Pequim.



Sopa de *noodles* (massa de arroz)

um dragão vermelho chinês. Desembarcamos finalmente perto da hora de almoço e, ainda no aeroporto, acontece o segundo impacto: “Estamos no país mais populoso do mundo!” Após uma viagem de metro e uma fila interminável de pessoas, passamos pelo controlo de imigração e estamos oficialmente em território chinês.

À nossa espera tínhamos uma carrinha e um motorista já conhecidos do nosso professor que nos acompanhava. Próxima paragem: Hotel. O caminho, ainda que rápido, denunciava a verdadeira escala da cidade. Grandes vias, enormes! Qualquer rua local tem quatro faixas de rodagem e todas têm um elo em comum: caos! Um constante frenesim de pessoas, carros, motos, bicicletas, *placards* e *neons*. O hotel situava-se na periferia da cidade de Pequim, numa zona residencial com muitos pequenos hotéis e, mais ainda, comércio. A primeira impressão daqueles bairros, como estudante de arquitectura, foi a ausência de arquitectura: as fachadas não eram mais que letreiros luminosos em tons de vermelho e amarelo, candeeiros em forma de bolas de papel vermelho pendurados à entrada dos estabelecimentos e uma construção fraca, de amontoados de remendos pré-fabricados. Já no interior do hotel, esperávamos uma decoração *kitsch*, a remeter para o tradicional chinês. Era hora de almoço e, ali mesmo, provei a tão popular sopa de *noodles*. Pavorosa!

Seguiu-se uma estadia de quatro dias em Pequim — é de notar que esta passagem pela capital chinesa nada teve a ver com o programa académico e pessoalmente encaro-a como uma transição cultural necessária antes do Tibete, pois esse breve contacto com a cultura contemporânea chinesa revelou-se fundamental para decifrar alguns parâmetros da sua intervenção em Lhasa.

Esta foi uma experiência a outra dimensão, a uma outra escala de cidade e das suas vivências. Desde a herança imperialista ao mais recente arranha-céus, predomina a ditadura do maior sobre o mais pequeno, do rico sobre o mais pobre, predomina um confronto e escala tão exorbitantes, que a análise daquela cidade passa a ser meramente abstracta e generalista. Perde-se a noção de perto e de longe, e deixamos de conseguir vivê-la ao pormenor. A hierarquia normal de uma cidade e da sua comunidade, ali, descontrolou-se, abrindo caminho para uma visão focada na noção de poder.

A passagem pela Praça Tiananmen, logo no primeiro dia, foi breve, mas longa. Impressionante pela estranheza de encontrar um espaço tão vazio numa cidade tão densificada; tanto que quase não se sentia o funcionamento natural de uma



Estádio Olímpico, Herzog & De Meuron, 2008, Pequim.



Texturas da fachada das piscinas olímpicas, Pequim.

cidade daquele dimensão. Lembro-me das pessoas serem a única referência real da profundidade e escala do lugar, visto o contexto construído em redor ser tão monumental que chega a ser abstracto. Aquele recinto acaba por ser um palco para um espectáculo institucional, tais eram as multidões que ali se movimentavam tendo como destino visitar o Mausoléu de Mao Tse Tung, a Cidade Proibida ou até mesmo o Museu Nacional. A nossa estupefacção cruzava-se com sorrisos orgulhosos de milhares de turistas chineses.

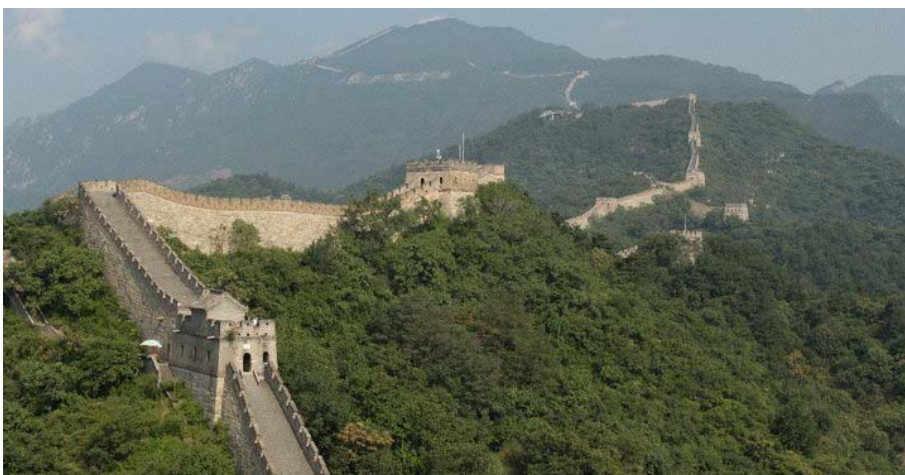
A aproximação à Cidade Proibida passou despercebida tal é a discrição arquitectónica dos muros que a cercam, senão quando se insinua a entrada, de onde me surpreendeu o retrato sereno de Mao Tse-Tung, colocado bem visível sobre o pórtico da entrada. A arquitectura da Cidade Proibida em si é modesta e austera, mas a hierarquia e mecanismos arquitectónicos segundo os quais ela nos é imposta é fascinante e acaba por nos fazer sentir a tal dimensão imperialista na relação “espaço-poder”, ali medida por uma longa caminhada sobre obstáculos rumo à ascensão celestial.

O Segundo dia foi dedicado a uma pausa ocidental numa visita ao complexo olímpico de 2008. O complexo foi construído de raiz numa zona nova da cidade de carácter empresarial, muito limpa e controlada, ainda que não o suficiente para não haver poluição atmosférica. Chegámos de metro a uma alameda e ao fundo vemos o edifício “bolha” das piscinas à esquerda e, à direita, o “Ninho de pássaro” dos arquitectos Herzog & De Meuron e do artista chinês Ai Weiwei. O primeiro parecia uma brincadeira de estudante de arquitectura no primeiro ano do curso, principalmente quando comparado com a plasticidade estrutural admirável do estádio olímpico. Apesar de estarmos perante arquitecturas contemporâneas sem nenhuma identidade específica, estas mesmas encontravam-se posicionadas simetricamente em relação a um eixo pedonal estruturante de todo o complexo. Este era atravessado ao longo de umas centenas de metros, num percurso de aproximação hierárquica, subjugando as infraestruturas secundárias em edifícios mais discretos num primeiro momento, estimulando depois um certo entusiasmo ao longo de uma *promenade* contemplativa de encontro aos ícones do complexo e das Olimpíadas. Tínhamos passado da não arquitectura subdesenvolvida do bairro do nosso hotel, para uma expressão da maior vanguarda tecnológica e arquitectónica ocidental.

Ao visitar os edifícios, deparámo-nos naturalmente com uma multidão



CCTV, OMA, Pequim.
Confronto evidente
entre a nova cidade e as
infraestruturas pré-
existentes.



A Grande Muralha da China.

de visitantes chineses. Achei particularmente curioso o modo como contemplavam aquelas construções como se não estivessem no seu próprio país. E de facto, ali, tanto podia ser Pequim como Nova Iorque. Depois do universo olímpico, continuámos rumo ao centro empresarial de Pequim para visitar o complexo da CCTV (Chinese Central Television) da autoria do escritório de arquitectura holandês OMA (Office of Metropolitan Architecture). Um dos edifícios ardeu por completo devido a um incêndio em 2009, estando já em reconstrução aquando da nossa visita. Pouco ou nada deu para perceber do espaço térreo envolvente aos edifícios verticais já que a obra ainda não se encontrava acabada. Aquela era uma zona da cidade que já se encontrava bastante ocidentalizada, com as suas torres envidraçadas, limpas e sem qualquer identidade. Identidade...essa que vim a encontrar (enquanto deambulava em torno das torres da CCTV à procura de mais uma foto) numa rua suja, pequena, mas intrinsecamente chinesa. Ali sim, no meio daquele gigantesco vazio emocional, encontrei algo por que sorrir, um lugar popularmente chinês com todos os seus elementos característicos: bicicletas, pessoas, o cheiro da comida e candeeiros de papel vermelhos com caracteres amarelos, bem à semelhança do bairro do nosso hotel. Contudo, aquela identidade certamente não iria durar por muito mais tempo e por agora já terá sido arrasado e as pessoas dali despejadas para, no fim de tudo, dar lugar a mais um “não lugar”².

² Definição de AUGÉ, Marc
- *Não-lugares : introdução
a uma antropologia da
sobremodernidade*. 2007. O
autor define “não-lugar”
como diametralmente oposto
ao lar, à residência, ao espaço
personalizado.

De noite voltámos ao oriente ao entrarmos num restaurante de nome americanizado com comida tradicional chinesa. Ali falhei o meu primeiro grande desafio gastronómico chinês: depois do já conhecido Pato à Pequim do dia anterior, neste havia cão no menu. Mas sendo o único a estar disposto àquele desafio, a insegurança e falta de companhia deixaram-no ficar apenas na ideia...

Chegou o último dia em Pequim e uma visita à Muralha da China. Depois de uma primeira viagem de carro até uma aldeia nas redondezas, seguiu-se uns minutos de teleférico até à muralha, muito menos glorificante que as centenas de degraus alternativos, mas certamente mais cómodo. Chegado lá acima, tive pela primeira vez a experiência de uma verdadeira paisagem natural chinesa. Apesar da invasão comercial que a muralha sofrera, a sua escala permite-lhe desprender-se dessa contaminação inóspita. Pronto e ali estava eu a caminhar sobre um largo e extenso muro composto por tijolo cinzento escuro e argamassa esbranquiçada. É impressionante a maneira como aquela



Localidade tibetana vista do avião à chegada.



Paisagem tibetana a caminho de Lhasa.

linha construída à mão se impunha firmemente sobre a adversa paisagem montanhosa, teimando em se perder das nossas vistas. Aquela estrutura que em tempos havia sido o símbolo político do poder do grande Império Chinês, hoje vive pelo seu simbolismo e excentricidade tão mediática, estando cada vez mais transformada numa atracção turística.

De volta à cidade, acabámos o dia a fazer umas compras no famoso e concorrido Mercado de Roupas de Yashow: sete pisos de consumo desenfreado à margem de qualquer lei e regra. Tudo ali é relactivo e discutível. Depois seguimos caminho para um jantar num terraço de um edifício que, como já tantos outros em Pequim, se reserva à cultura ocidental, desde os livros que dispõe à música e à comida. Não teria sido a minha escolha de eleição para uma despedida, mas o terraço compensou. Estávamos finalmente a poucas horas de partir da Capital da China para a Capital regional do Tibete, Lhasa.

Tibete: Primeiras Impressões

Na manhã do dia 5 de Setembro de 2010 começa a tão ansiada chegada a solo tibetano. De entre as nuvens brancas de um belo dia de verão, surge uma paisagem imaculada intercalada com picos, rios e planícies em tons de castanho árido. Ainda não tinha saído do avião, mas já sentia o ar puro que ali se respirava e pela primeira vez via céu azul em território chinês. Sob mim apresenta-se o vale de Yarlung, controlado pelo rio Tsangpo. Em ponto pequeno surge a pequena localidade de Gongbar onde iríamos aterrar no único aeroporto da região do Tibete, situado a 70 km de Lhasa.

À chegada esperava-nos um modesto mas moderno aeroporto, onde as únicas ligações estabelecidas eram esporádicas e “domésticas”. À nossa espera tínhamos uma carrinha, em melhores condições que a de Pequim, e um condutor tibetano, que, ao contrário do outro, falava inglês. Chamava-se Tendzin e viria a ser o nosso guia durante os 58 dias de estadia no Tibete. Antes de arrancarmos tivemos a honra de uma pequena cerimónia de acolhimento típica para novos visitantes, que consistiu na oferta de um *Kata* (lenço branco de seda), colocado à volta do pescoço pelas mãos do nosso guia. Estava assegurada a primeira boa impressão da hospitalidade tibetana!

O caminho até Lhasa foi pintado por extensos vales de terra e água controlados pelas silhuetas montanhosas que desenham permanentemente o horizonte tibetano. Pontualmente passávamos por pequenos aglomerados de casas



Pequeno aglomerado de habitações remoto, mas ao qual não escapou a 'presença' chinesa.



Outdoor de propaganda comunista à entrada de Lhasa.



'Trânsito' na Beijing Shar Lam

dispersas ao longo da estrada, como se de peças de museu se tratasse. Algumas tinham alguns animais em redor, outras apenas uma criança à beira da estrada e outras ainda sem qualquer vida visível. Não existiam em número nem proximidade suficientes para serem, sequer, comunidades. Eram apenas casas e as suas famílias, exemplos típicos da vida rural tibetana, indiferentes à azáfama de turistas que por ali passavam sistematicamente. Ainda assim, estas não conseguiram escapar ao controlo chinês, tendo cada casa a presença estranha de uma bandeira chinesa hasteada no topo.

À medida que nos íamos aproximando de Lhasa, surgiam sinais de que algo diferente se avizinhava. Grandes *outdoors* publicitários introduziam os primeiros grandes sinais da colonização chinesa e faziam-nos regressar do imaginário rural vivido anteriormente. À chegada da cidade, a publicidade é tomada pela propaganda comunista e a paisagem natural rapidamente se transforma em urbanidade.

Os primeiros instantes em Lhasa foram de grande surpresa e desilusão porque tudo à nossa volta era “China” e não o Tibete que todos tínhamos no nosso imaginário. De repente senti-me nas grandes ruas e avenidas de Pequim, cheias de chineses nos seus carros ou grandes néones vermelhos que pareciam censurar uma outra essência. Aquela imagem de uma civilização rural e fiel às suas raízes que, durante as duas horas de viagem de carrinha me alimentaram a imaginação, acabara ali. Felizmente, não passou de uma primeira impressão. Rapidamente demos entrada na verdadeira Lhasa, a cidade genuína que ainda hoje tenta resistir à invasão chinesa.

Já dentro da zona da *Lingkor*, chegamos à *Beijing Shar Lam*, onde se encontrava o nosso hotel. Esta avenida, ainda que mais estreita do que muitas outras por onde tínhamos passado, era ainda mais caótica devido à excessiva concentração de actividades que ali se cruzavam. Estávamos em pleno coração da cidade de Lhasa, portanto sinónimo de turismo (excessivo?), comércio, táxis, riquexós, misturados com a natural peregrinação religiosa dos tibetanos.

Uma das impressões fulcrais ao chegar à Cidade Antiga, foi a predominância do Palácio Potala sobre a paisagem e sobretudo o seu peso visual sobre a cidade. Estivéssemos nós onde estivéssemos naquela planície, ele estava sempre presente no nosso olhar. E por mais longe que estivéssemos dele, ele exercia uma espécie de poder “panóptico”, não de controlo, mas de salvaguarda sobre os tibetanos e a cidade — a ideia do Dalai Lama na sua varanda no topo do



'Presença' de Potala sobre a linha horizontal da cidade.



Imagens do pátio mais pequeno do *Yabshi Phunkhang Heritage Hotel*



Imagem do pátio maior do hotel onde é visível a riqueza formal da fachada interior.

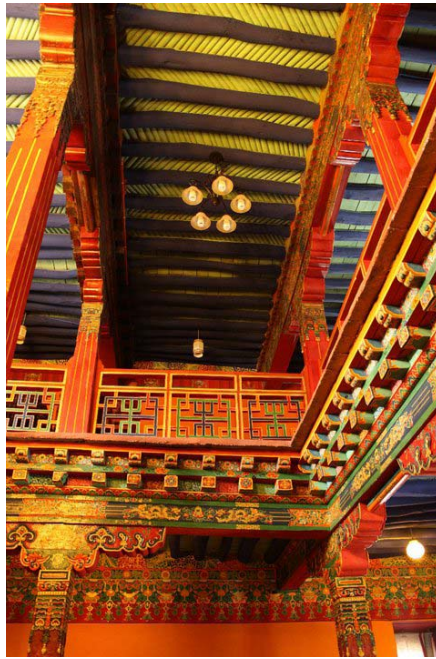
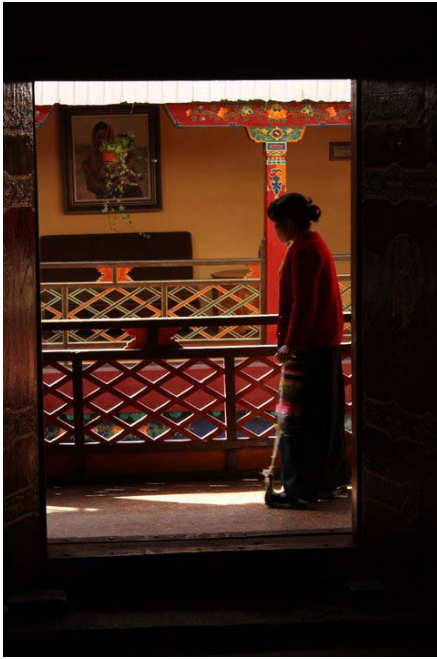
palácio a olhar sobre o vale de Lhasa supera em muito, física e espiritualmente, a escala do Papa na “janela do Vaticano”. E, ainda hoje, apesar de desabitado, os tibetanos continuam a acreditar na força do Palácio como se o Dalai Lama ainda olhasse sobre eles, ali naquela varanda, ao longo das últimas cinco décadas no exílio.

O *Yabshi Phunkhang Heritage Hotel*, local onde permaneceríamos hospedados, era um belíssimo edifício de arquitectura tradicional tibetana, impressionando-me a sua expressividade das molduras pretas e grossas nas janelas. No seu interior foi paixão à primeira vista! Cores e texturas vibrantes invadiam qualquer canto e pormenor do edifício, como se todo o espaço fosse um *Thangka*³. A entrada era feita pela loja do hotel onde se podiam encontrar produtos de artesanato tibetano da melhor qualidade, fazendo-se realçar as joalharias em prata. Seguiu-se um pequeno pátio muito acolhedor, “gerador” dos acessos a quartos e ao restaurante, antecedendo-se também à recepção. Depois de darmos entrada no hotel, fomos levados por um muito simpático serviço de quartos para um segundo pátio, bem maior e luminoso, onde estavam os nossos quartos. Este pátio tinha fachadas interiores bastante ricas em ornamento, sobretudo no trabalho de artesanato feito nas caixilharias em madeira, também pintadas com temas recorrentes e alegremente tibetanos, denunciando assim um especial valor arquitectónico, não fosse aquele edifício a antiga residência dos pais do actual Dalai Lama.

³ Tipo de pintura tradicional tibetana com origem no Nepal e trazidas para o Tibete pela Princesa Bhrikuti no séc. VII. Consiste na representação de episódios da vida de Buda, pintados em papel de seda ou algodão com tintas orgânicas.

Avizinhava-se um pequeno lance de escadas que dava acesso aos quartos num hotel desprovido de elevador. Estávamos a 3650 metros de altitude e o nosso corpo acusava os sintomas do ‘mal de montanha’: náuseas, dores de cabeça e dificuldades de respiração. Não foi fácil. Os primeiros dias foram assim, ainda que com a ajuda de umas ampolas milagrosas da substância *Rodhiola Rodea* fornecidas pelo experiente Knud.

A primeira refeição foi no restaurante do hotel onde estava hospedado o nosso professor, a umas dezenas de metros para Oeste, na mesma rua. Este edifício aparentava ser um edifício de construção tradicional, mas não o era. Era uma arquitectura “populista” que tentava reencontrar-se com uma identidade tradicional a partir de falsas alusões decorativas e ornamentais à arquitectura vernacular tibetana. Na altura faziam obras de expansão e era visível que os elementos fundamentais da construção e estética tradicionais estavam a ser reproduzidos fielmente, à excepção da substituição das madeiras



Imagens do interior da sala de jantar do hotel.



Yutok Lam.



Chrgada à Praça Jokhang.

por blocos de cimento, pilares de betão e caixilhos de alumínio, que depois seriam disfarçados com pinturas tradicionais, tão identitárias. Os interiores, por sua vez, já eram feitos com gesso cartonado sendo decorado com colagens de imagens tradicionais de modo a não perder o ambiente ‘tibetano’, mas com o conforto ocidental. A cozinha nesse hotel era também mais refinada e especializada em comida ocidental (mais do que na tradicional). Não era ideal para quem, como eu, esperava ansiosamente a experiência da cultura local.

Acabei o dia a receber o meu segundo *Kata* pelas mãos de uma simpática empregada de um restaurante de “western food” recomendado pelos nossos colegas portugueses que haviam estado lá um ano antes. Afinal de contas, o meu primeiro dia no Tibete, foi simultaneamente o dia do meu aniversário.

No segundo dia, 6 de Setembro, tivemos a nossa primeira refeição no hotel. Estávamos numa sala central no edifício, com frente para a rua e para o pequeno pátio. Tinha pé-direito duplo e o ornamento era especialmente ostensivo, com uma riqueza de elementos construtivos tão superior ao restante edifício que mais parecia que estávamos no interior de um mosteiro. A sensação mais forte que senti naquele espaço, e mais tarde noutros edifícios importantes, foi a luz. Era forte mas pontual, a que entrava pelas janelas regulares. Eram impressionantes, por um lado, o misticismo originado pelo forte contraste entre luz e sombra, e por outro, a exuberância e brilho das cores vivas e texturas que iluminavam, por si só, aquele espaço. Certamente que aquela sala teria sido igualmente a sala de jantar e convívio enquanto residência oficial dos pais do Dalai Lama.

Sáímos à rua na naturalmente caótica Beijing Shar Lam em direcção ao centro histórico de Lhasa, o Templo Jokhang. Era o segundo dia e ainda andávamos sozinhos, sem guia, à descoberta da cidade, apenas com o auxílio de um mapa. Seguimos pela Mentsikhang Lam, rua transversal à anterior avenida e que faz ligação, simultaneamente, ao extremo Oeste da Praça Jokhang e ao início da Yutok Lam. Esta última reconheci-a como uma rua ‘chinesa’, não tanto no sentido da sua ocupação, mas na sua escala: era larga demais, e muito direita para ser tibetana.

Chegados à praça, ainda com cheiro a novo, e mergulhámos num novo conflito cultural (mais um!). De um lado, tínhamos o tão esperado Templo Jokhang e a praça homónima, ladeada pelo típico comércio de rua tibetano, distribuído por pequenas barracas; do lado oposto, uma rua (Yutok Lam)



Patrulha militar na Praça Jokhang.



Fluxos de pessoas na Praça Jokhang e à entrada do Templo Jokhang.



Exemplo de uma oração com uso de um korlo.

axialmente alinhada com a praça, agigantada, com as suas lojas chinesas, limpinhas e sem vida nos seus amplos passeios. A praça em si era um espaço vazio e desinteressante. Talvez pelo seu formato alongado ela se parecesse demasiado com uma *passerelle*, tinha apenas uma função urbana de passagem, como se se tratasse apenas de uma rua fora de escala. Inclusive, o espaço encontrava-se constantemente vigiado por uma patrulha militar chinesa, com os soldados em movimentos deambulatórios, bem pelo centro do espaço, para que todos soubessem que, mesmo junto do grande núcleo espiritual Jokhang, era a autoridade política que governava. Ignorando-a quem dali era natural, quem o visitava, tal como eu, não ficaria certamente indiferente àquele triste insólito desconexo. Como se não bastasse, a utilização desse espaço como gerador urbano assumiu o seu fracasso quando a transformaram numa espécie de estacionamento para veículos turísticos. Finalmente, junto a Jokhang, deparámo-nos com uma plateia de turistas numa exploração fotográfica, quase ‘pornográfica’, da privacidade de quem passava e de quem ali rezava, de corpo estendido no chão, murmurando orações.

Apesar da existência da enorme praça em frente ao templo, a entrada deste, recuada face à rua, conseguia manter alguma privacidade devida à existência de dois pequenos edifícios, os Dorings. Ali acendiam-se incessantemente centenas de velas de manteiga aos deuses, num ambiente pesado pela cerimónia em si mas também pelo cheiro forte proveniente da manteiga queimada. A par disso existiam dois fornos, em forma de pêra, para queimar incenso e paus de zimbro porque os Tibetanos acreditavam que assim purificavam o ar. Além disso, dois mastros erguiam-se no ar, enquadrando a entrada do templo, marcados por pequenas bandeiras coloridas de oração, contendo *mantras* (textos sagrados) que, assim espalham pelo vento as mensagens sagradas. Esta é uma prática muito recorrente e de um enorme poder simbólico que mais tarde veríamos também no cimo de montanhas, perto de mosteiros, sendo que aí as bandeiras estariam dispostas em longas cordas, estendidas pelas encostas.

Ao circular pela Barkhor, apercebemo-nos do enorme fluxo de peregrinos que o Budismo movimenta, sempre no sentido dos ponteiros do relógio. Milhares de pessoas, de novos a velhos, de monges a meros cidadãos, todos transportavam na mão um cilindro de oração (*Korlo*, em Tibetano), que eles faziam rodar sobre um eixo para que, tal como nas bandeirinhas coloridas, os *mantras* se propagassem pelo ar. Confesso que aquela devoção toda ao Budismo me incomodou um pouco ao início (talvez por eu ser ateu), e apenas com o tempo fui percebendo que mais que uma religião, é um estado de espírito



Exemplos de comércio de rua no centro histórico de Lhasa.



Entrada para o Templo Ramoche filtrada por uma nuvem de incenso que não permitia ver o edifício a partir da rua.

Percurso de peregrinação em torno de Ramoche sempre rodeado de grandes e sucessivos cilindros de oração dourados.



Escadaria e aproximação ao Palácio Potala.

constante que mantém os tibetanos, ainda hoje, unidos, felizes e indiferentes ao contexto cada vez mais adverso.

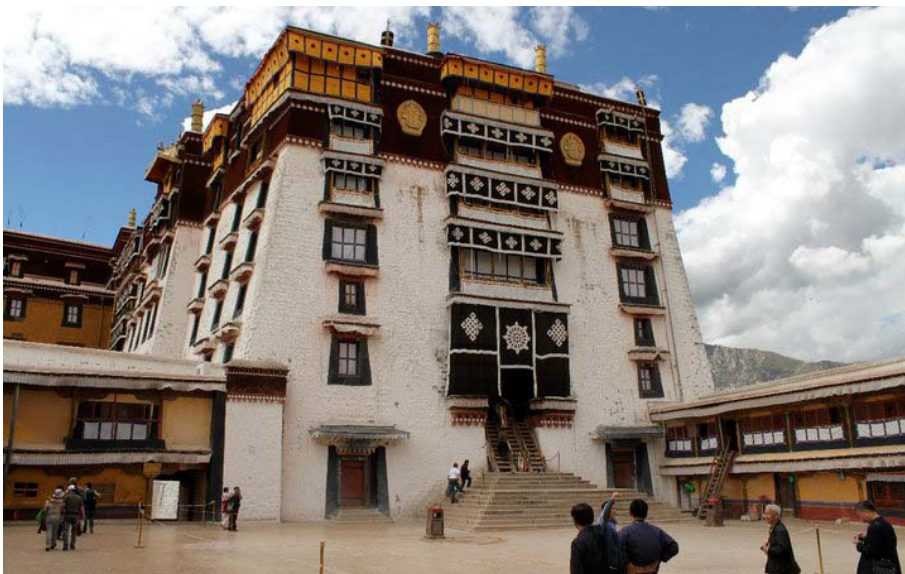
A partir daí as ruas labirínticas iam-nos seduzindo com os seus sorrisos tímidos, mas sinceros. De banca em banca, simpáticas vendedoras chamavam a nossa atenção para os produtos de artesanato que vendiam: “Looky! Looky!” e “Cheapy! Cheapy!” eram os lemas mais utilizados para atrair os turistas. Nas ruas vendia-se de tudo, sem ordem ou selecção: artesanato, roupa, comida de rua e até talhos aconteciam ao ar livre, sem pudor nem preconceitos. Os supermercados e centros comerciais em Lhasa não existiam para os tibetanos. Isso eram importações chinesas que eles ainda se recusavam a aceitar. Havia, por princípio tibetano, uma separação constante das opostas realidades. Não estarei longe da verdade ao dizer que a totalidade do comércio de rua existente na Lhasa antiga estava na mão de tibetanos.

Monge por uns dias

O primeiro templo que visitei foi o Templo Ramoche, apenas um dos mais de dez que visitámos ao longo da viagem, espalhados pelo território do Tibete. Todos eles têm uma grande parte de características comuns: a mesma arquitectura ao dispor da mesma religião — e dos mesmos credos também. Até o preço do registo fotográfico daqueles cenários era em todos o mesmo: um valor mínimo de 20 *yuans* (2,5 euros, aproximadamente) para levar, mais do que na fraca memória, um registo daqueles impressionantes momentos.

No dia 14 de Setembro, já há 9 dias sob o seu (aparente) olhar constante, aconteceu a tão esperada visita ao Palácio Potala. Se a expectativa era alta, a desilusão foi maior!

Começámos por entrar no recinto fechado do Shol, uma pequena vila que outrora serviu de apoio ao Palácio e à própria cidade. Seguimos por uma infinita escadaria, que serpenteava encosta acima. Tantos degraus que era impossível contá-los! Esse troço é apenas uma parte do caminho que tinha de ser feito da cota baixa ‘social’ até ao topo da hierarquia social, os aposentos monásticos do Dalai Lama. Apesar da sociedade tibetana ser conhecida como uma democracia budista, a dimensão do edifício do Palácio criava uma sensação de poder muito superior, por exemplo, à da própria Cidade Proibida em Pequim. Também ali estávamos perante uma fortaleza, espacialmente hierarquizada por etapas de aproximação ao líder.



Pátio antigamente destinado a assembleias monásticas para ouvirem o Dalai Lama falar da varanda amarela no edifício.



Altar numa sala do Palácio Potala.



Avistamento do Mosteiro Drigung Thel no cimo da colina.

Da visita ao edifício pudemos ver apenas espaços exteriores e, no seu interior, um percurso restrito, delimitado por barreiras metálicas, deixando-nos ver pouco mais do que corredores e salas gerais. O espaço estava refém de multidões, visitantes sem conta, demasiados para aquele espaço, que corriam em fila indiana em busca da história e mística que já lá não estava. Potala, a ‘estrela’ tibetana, acabou por não brilhar tanto aos meus olhos como tudo me indicava, não pelo valor cultural inquestionável, mas simplesmente porque o acesso à alma daquele espaço não nos foi permitido. Aquele edifício estava agora transformado num tesouro privado do novo governo, com direito à já familiar bandeira chinesa no cume.

Alguns dias depois, a 27 de Setembro, deu-se o início de uma das experiências que mais me ficou gravada na memória. Drigung, uma pequena localidade perdida num vale alimentado apenas por um rio. Aqui, era claro como a religião era o gerador máximo de urbanidade! O Mosteiro Drigung Thel, implantado na encosta Norte, estava rodeado de pequenos edifícios de habitação, submissos às suas necessidades. Chegados lá, somos recebidos num terreiro largo, aberto para o vale onde passámos uma noite e comemos a pior refeição daqueles dois meses: *noodles*, outra vez! O sol já estava baixo quando ali chegámos e sobravam apenas uns raios de sol para visitar o mosteiro. O edifício era orgânico na sua relação com o terreno, desenvolvendo-se em patamares e lances de escadas intermináveis, mas sempre preservando uma forte relação visual com o vale. Tinha entrada logo pelo largo inicial mas na extremidade oposta do mosteiro, onde pude espreitar uma reunião privada de monges, havia um outro espaço exterior, este mais pequeno. Ali existiam celas de isolamento para os monges, onde, de forma deliberada, se submetiam a um período de meditação constante durante tempo indeterminado, sem qualquer contacto com o exterior, e alimentados apenas uma vez por dia. Alguns saíam ao fim de uns anos quando tivessem atingido o *Nirvana*, o nível máximo da paz de espírito, enquanto outros desistiam ou morriam a tentar!

Também neste mosteiro era praticado um ritual fúnebre por encarnação, usual no Tibete inóspito. Ali, dá pelo nome de *Jhator*, significando “esmola às aves”. Consiste nisto mesmo, em devolver o corpo à vida. Os Tibetanos acreditam que o corpo de nada serve depois da alma ‘partir’ e decidem ser cremados, tal como Buda, ou entregues aos abutres. Choque cultural! Mas também algum fascínio.



Amanhecer visto do mosteiro sobre o Vale de Drigung.



Avistamento do Convento de Drigung situado no vale junto à nascente de água.



Tanque de água quente onde era obrigatória estar-se nu.

No dia seguinte acordamos radiados por um sol limpo, que já aquecia as terras baixas do vale. Despedimo-nos do mosteiro e seguimos rumo a um convento, ali também em Drigung. Estas freiras tinham-se instalado junto de uma nascente de água quente, situada na parte baixa de um vale estreito, sombrio e de difícil acesso. Aquelas nascentes haviam sido transformadas num *Spa* tibetano, rudimentar como seria de esperar, onde pagámos para ‘ferver’ o corpo de modo a ‘evaporar’ os nossos males. Confirmou-se quente, muito quente!

Trabalho de campo

Após um período de duas semanas para habituação, iniciámos, intercaladamente com as actividades turísticas, as actividades académicas, sendo maioritariamente trabalhos de campo. No âmbito curricular e pessoal era fundamental que compreendêssemos minimamente a sociedade e cultura que estávamos a experienciar, para que a nossa passagem pelo Tibete não estivesse apenas ao nível de um postal ilustrado.

O primeiro trabalho e o que mais gostei de fazer, foi analisar o espaço público na ligação principal entre os Mosteiros Ramoche e Jokhang. Aqui, juntamente com uma colega Norueguesa, percorremos ruas que já conhecíamos com um olhar diferente, clínico. Procurávamos objectivamente perceber a morfologia geral do espaço público (ruas, praças, pátios, largos, becos, etc.), as suas variações e por fim, tentar perceber o reflexo disso na vivência do espaço. A par deste nosso trabalho, os restantes colegas dividiram-se em dois grupos, um destinado à análise construtiva da arquitectura tradicional tibetana e o outro, com a finalidade de compreender os hábitos e necessidades quotidianas de alguns casos de estudo em particular. As características culturais e sociais são bastante globais dentro da zona histórica de Lhasa, sendo que é seguro partir da compreensão particular de alguns casos de estudo para conclusões generalizadas.

O nosso professor Knud Larsen tinha uma tendência pessoal para a questão tectónica da arquitectura, sendo essa, possivelmente, uma das razões para a sua tão grande admiração pessoal e académica pelo Tibete. De facto a arquitectura tibetana, de um modo genérico, começa nas questões construtivas e depois é processada por um filtro composto maioritariamente por simbolismos



Das últimas imagens da paisagem tibetana.



Paisagem urbana no centro económico de Shanghai.

de origem religiosa. Estes, por sua vez, dão origem a todos os elementos decorativos, justificando as cores e imagens utilizadas. Neste processo, a arquitectura é levada ao extremo na relação com as restantes faces culturais, como a música, a representação, a pintura e a escultura. Os pilares e respectivos capiteis passam a ser verdadeiras esculturas e todos os elementos construtivos (vigas, guardas, portas, caixilhos, etc.) são bases para pinturas. As necessidades arquitectónicas passam a ser pretextos para outras formas de arte e prática religiosa. Vejamos um exemplo concreto quando visitei o Templo Jokhang, estavam a fazer obras de restauro no pavimento da cobertura e ali percebi que, ainda nos dias de hoje, toda a construção tradicional é feita com a mão de obra tradicional, a do povo. E ali estava um grupo de tibetanos com as suas ferramentas rudimentares a bater e alisar a última camada da cobertura, enquanto entoavam cânticos num autêntico clima festivo. No fundo, eles estavam a cuidar da casa do seu Deus, da sua casa-mãe.

No decorrer da exploração daquela arquitectura, tivemos que fazer desenhos rigorosos, à mão, de uma parte do nosso hotel. Para tal, tivemos de fazer levantamentos precisos do edifício — processo nada fácil num edifício de construção tão rudimentar. Este exercício permitiu-nos perceber melhor a sintaxe arquitectónica e também ir, de forma mais aprofundada, de encontro à origem da arquitectura tibetana.

Uma longa despedida

Após dois longos meses, chegou a hora de partir rumo a outras descobertas. Foi com pena que abandonei o Tibete, até porque sabia que talvez não voltasse ali e ainda havia muita coisa por descobrir daquela cultura rica e única. Mas, por outro lado, já sentíamos necessidade de voltar à nossa realidade, ao nosso Ocidente. Assim deixámos Lhasa em direcção a Shanghai, numa longa viagem de comboio que viria a durar 52 horas, confinados a duas cabines de 4m². Foi uma experiência tão interessante como desesperadamente claustrofóbica, silenciosa, onde nem a monótona paisagem chinesa permitia grande efusão. Não fosse aquele arroz de amendoins!

Chegámos a Shanghai e, desta vez, estávamos por nossa conta, sem guia nem professor. À nossa espera estava uma China sem história, vendida à globalização. O primeiro contacto com a cidade aconteceu no caminho de táxi, da estação para o hostel. O ar voltava a ficar pesado, mas a cidade apresentava-se mais limpa, organizada e coerente na sua escala. Estávamos na



Pavilhão chinês na Expo Shanghai 2010.



Rua Nanjing Lu.

capital económica da China e simultaneamente em ano de Expo Shanghai. Este acontecimento foi recebido com muito entusiasmo pelos chineses que, pouco habituados a contactar com outras culturas, dentro e fora do país, tiveram a oportunidade de ‘viajar’ pelo mundo. Até então, Shanghai, ao contrário de Pequim, não tinha mais do que arranha-céus para mostrar aos turistas que ali passassem. Hoje, muito à semelhança de algumas cidades Norte-americanas, já adquiriu a sua própria identidade cosmopolita, com direito à sua própria “Times Square”, a cintilante rua Nanjing Lu.

Por fim, a 2 de Novembro regressámos finalmente à Noruega, onde viríamos a concluir, até ao fim do semestre, o trabalho de projecto iniciado no Tibete.

ENTREVISTA

EMBAIXADA ARQUITECTURA

— Como é que surgiu a oportunidade de participarem nesse projecto com os Standard Architecture?

O convite surgiu no final do verão de 2007 através da arquitecta paisagista Cláudia Taborda, um dos membros Standardarchitecture.

A Cláudia já nos tinha convidado por diversas vezes a participar em projectos onde fez curadoria e a partir daí começámos a desenvolver uma grande relação de confiança e cumplicidade, de maneira que na possibilidade do atelier fazer uma colaboração com um atelier Europeu a Cláudia indicou o nosso nome.

— A encomenda foi feita por privados ou por alguma instituição governamental? Qual foi?

Foi uma iniciativa mista porque na China nada se faz sem o apoio do governo e das autoridades locais. Uma empresa principal, a Tibet Tourism CO.,LTD liderada pelo ‘Chairman’ Kevin Ouyiang geriu e orientou o desenvolvimento do projecto e a relação com as várias regiões por onde o complexo se estendeu. A iniciativa desta intervenção foi feita por pessoas muito próximas da cultura Tibetana, de salientar Kevin Ouyiang que tinha estudos em antropologia especificamente da região e que contribuiu para uma primeira abordagem ao programa mais acertada.

— Houve algum trabalho de investigação ou qualquer tipo de preparação a respeito do contexto tão específico que é o Tibete, a sua cultura e arquitectura?

Sim, houve. O projecto consistia num complexo turístico ao longo dos Rios Yarlung Zangbo e NiangOu, e durante cerca de uma semana fizemos uma visita intensiva por todo o percurso terminando em Lhasa. Toda a equipa dos Standardarchitecture tinha e tem um enorme respeito e conhecimento pela cultura Tibetana e foram eles que nos guiaram nesta visita pelo Tibete.

— Que característica(s) da arquitectura tradicional ou da paisagem tibetana vos inspirou principalmente?

A construção das casas em madeira e os muros limites das propriedades

construídos em pedra com o capeamento feito através da armazenagem de paus de madeira empilhados foram imagens que ainda hoje temos presentes na memória. Mas o que mais nos impressionou foi o desenho espacial dos Mosteiros, ao mesmo tempo que se impõem na paisagem, desenvolvem-se e adaptam-se reforçando a sua força natural. O Potala Palace parece esculpido na Montanha que controla a planície onde se desenvolve a cidade de Lhasa.

— Recorreram a algum tipo de construção e mão-de-obra tradicionais ou essa foi feita por processos tecnologicamente actuais?

O tipo de construção consensual a todo o grupo de trabalho foi a da estrutura de madeira ou aço com paredes de alvenaria de pedra, o mais usado tradicionalmente. Todos os desenhos de projecto surgiram com esta base construtiva mas no desenvolvimento do projecto percebeu-se juntamente com os governantes que a população local sendo bastante carenciada não entendia porque razão este grande investimento não lhes providenciava melhores condições, condições estruturais semelhantes às da população das cidades grandes. Sendo que a questão colocada era a da construção em betão, a opção foi a de construir em betão mas com a aparência tradicional local.

towards the project site, along the Barkor

seven weeks in Tibet...

incense burner

site

flagpole

towards the project site, against the Barkor

...the site,

ground floor plan

by far olshan, townhouse in a foreign culture, autumn 2004, NTNU, trondheim

For the 'townhouse in a foreign culture' course at NTNU, a site for development was to be chosen in the Barkor area, in Lhasa, Tibet. The Barkor is an ancient street around the Jokhang Temple, centre of Tibetan Buddhism. Therefore the Barkor plays an important role to pilgrims coming to Lhasa, as they walk the holy 'kora' around the Jokhang numerous times, before proceeding into the temple.

As such koras are always walked (or sometimes prostrated) in clockwise direction, clockwise traffic is strongly dominating the Barkor, which is very unusual for a pedestrian street.

On the Barkor, which almost forms a perfect circle around the Jokhang Temple, the northeastern corner is rather remarkable, as this is the only place on the Barkor, where a building stands out on the street, and thus breaks up the street in several directions. In this corner, there are actually even two buildings on the street. One of the two used to be a small chapel, but seems no longer in use. The other contains, like almost every building on the Barkor, shops on the ground floor, and dwellings on top. This is the site I have been working with during the course. I tried to get more out of its unique location, out on the middle of the Barkor, looking out over the Barkor in two directions (see pictures above, taken from the roof of the existing building). In addition the view reaches all the way to the Potala Palace and the mountains around the town.

The new building reacts to the site, by carefully ending the public space on the dead end side, with some public activities added to the dead end.

PROGRAMME

the program...

first floor plan

second floor plan

roofs in use

The Barkor is besides the religious centre, also the economic and social centre for the Tibetan people. Shops and very crowded tea-houses are to be found in abundance. All in traditional Tibetan style, contrary to the suburbs and outer areas of the centre, where modern Chinese and western influences dominate.

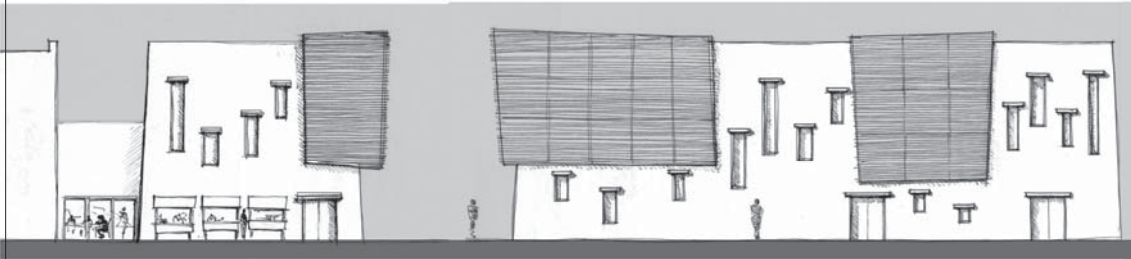
The old townhouses in Lhasa are mostly courtyard houses, housing several families, and usually a few small shops or a tea-house or restaurant on the ground floor. Many of these courtyard houses used to be owned by monasteries, so that monks could live there during festivals and special events. Nowadays not so many monks still live in the city centre, and not so many festivals are celebrated in Lhasa anymore.

The program for the project site will be a shop and tea-house, run by monks, to financially support the monastery, that need money for maintenance, and get a few little shares of their entrance fees. On the top of the shop and tea-house there will be dwellings for the monks that work in the shop.

In the shop religious artifacts can be sold to for example pilgrims and tourists. In this way the rapidly growing tourism can support the Tibetan culture. The building will also contain a small temple for the monks working there.

by far olshan, townhouse in a foreign culture, autumn 2004, NTNU, trondheim

PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | SALÃO DE CHÁ/LOJA DE ARTESANATO, BAS OLSMAN

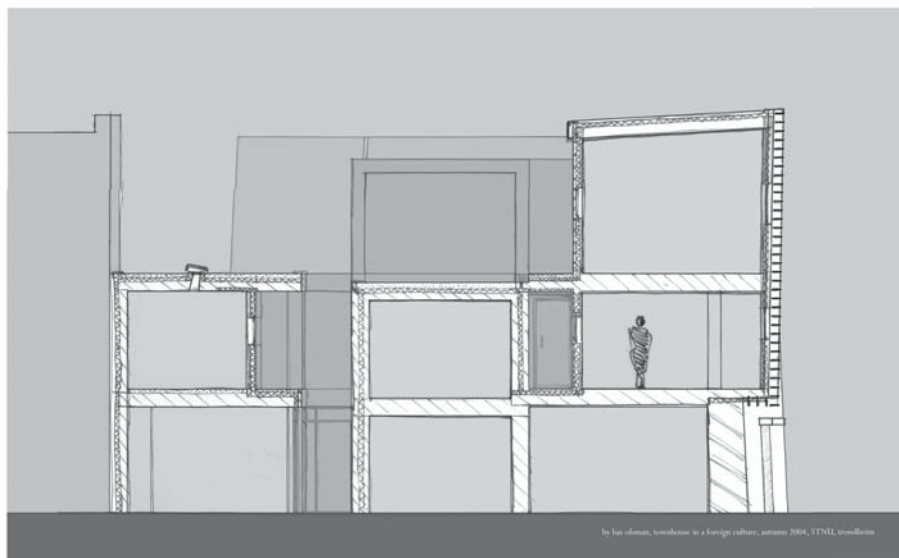


& the building

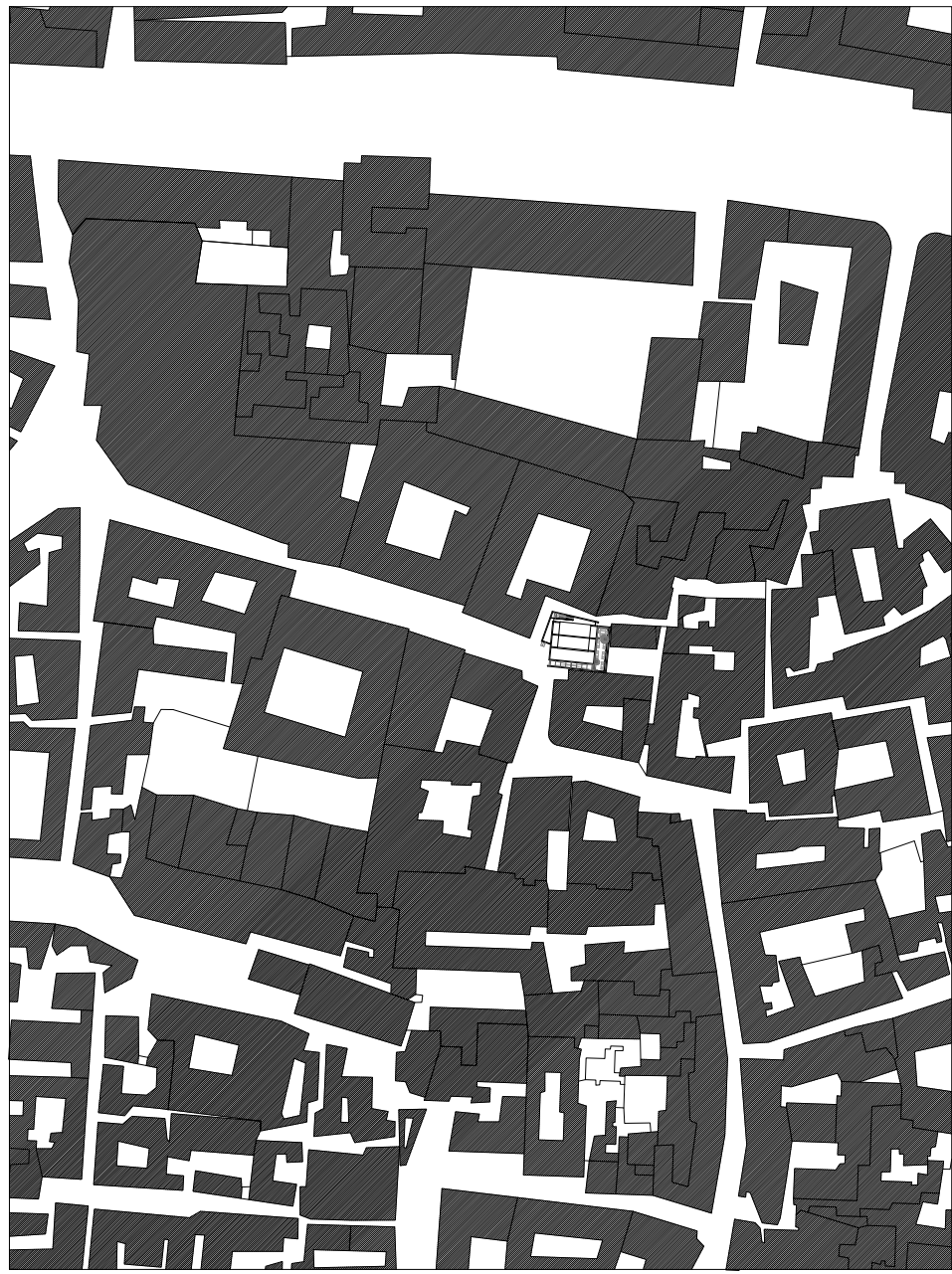
One of the main concepts while designing the building was the circulation around a central space. In Tibet, one often goes around a holy space, rather than into it. This was an inspiration to design a building with a core that contains the temple and some service spaces, with the teahouse and shop and courtyard organized around it, lacking clear borders, but being rather one big open space. The courtyard for example could both be used as a summer terrace for the teahouse, or as an outside area for the shop, where statues could be sold.

Another concept was the struggle between new and old. The Barkor has had the same appearance for a long time, and is therefore vulnerable to drastic changes. A difference has been made between the outer facade, and the ones facing the courtyard. The outer facade functions as a shield, shielding off the totally modern inside. The shield has not been made in a totally traditional manner though. However, the main material used for the outer facade is the white stone, that is used for nearly every building in the Barkor area. By leaving the traditional window patterns and creating a more playful facade layout, the facade has still been given a contemporary touch. In addition there are parts from the inside breaking out of the main outer facade in two places. These 'outbreaks' are a modern reference to similar, though more traditional, outbreaks that are commonly found in Tibetan architecture.

For the interior, the main concept was to give to each function a space of a different style and atmosphere. The shop, selling mostly religious artifacts, is mainly located at the outside of the building, where the stone facade is. It has an open connection with the temple, which will give the shop a mystic and religious atmosphere. The temple and shop are mainly decorated with Tibetan textiles. The teahouse is located in the more modern area of the building, made of concrete glass and steel. The dwellings on top are made of wood, which, although in a modern way, creates a warm and homely atmosphere.



by Jan Olsson, architecture in a foreign culture, autumn 2004, STNU, trondheim



N.T.N.U. FALL 2009
 FACULTY OF ARCHITECTURE AND THE ART
 DEPARTMENT OF ARCHITECTURAL DESIGN AND
 MANAGEMENT
 TOWN HOUSE INFOREIGN CULTURE AARASD
 PROFESSOR KNUD LARSEN
 PROGRAM:
 BACKPACKER HOSTEL AND BAR | LHASA, TIBET
 CARLA COELHO DE DARVALHO



WALKING THROUGH THE OLD TOWN STREETS IN LHASA, WE CAN FEEL THAT EACH ONE OF THEM HAS A SPECIFIC ORIENTATION, A MAIN DIRECTION AND A HIERARCHY. THIS SITE PLAN IS NOT IN THE SARGAR ROUTE BUT IS IN BETWEEN THIS RELIGIOUS, SOCIAL AND TRADE PATHWAY AND THE MAIN STREET THAT MAKES THE ENTRANCE OF THE CITY, THE *BEIJING STREET*. THIS SITE PLAN IS CROSSED BY AN ERRATIC AND BUSY STREET, A MARKET STREET WHICH CONNECTS THESE TWO IMPORTANT ROUTES.

ACCORDING TO THESE ASPECTS, THE PROGRAMME HAS A SOCIAL COMPONENT IN THE GROUND FLOOR AND MORE PRIVATE BUT ALSO PUBLIC SPACES IN THE UPPER FLOORS. A BAR AND A RESTAURANT IN THE BOTTOM AND A BACKPACKERS HOSTEL ABOVE IT, CONSIDERING RESPECTIVELY THE RELATION WITH THE WORDS WRITTEN BEFORE "SOCIAL" AND "ENTRANCE OF THE CITY".

CONSIDERING TWO DIFFERENT TYPES OF SPACES, THERE ARE TWO DIFFERENT ENTRANCES. HOWEVER, BOTH ARE TARGETED TO THE CORNER WHICH CONNECTS WITH THE BUSY STREET, THE ENTRANCE FOR THE GROUND FLOOR CONFRONTS WITH THE DIRECTION OF THE STREET, AND THE OTHER FACES THE CONTINUATION OF THE STREET THAT TURNS OF DIRECTION. THEREFORE, THERE ARE TWO DIRECTIONS OF CIRCULATION IN THE BUILDING.

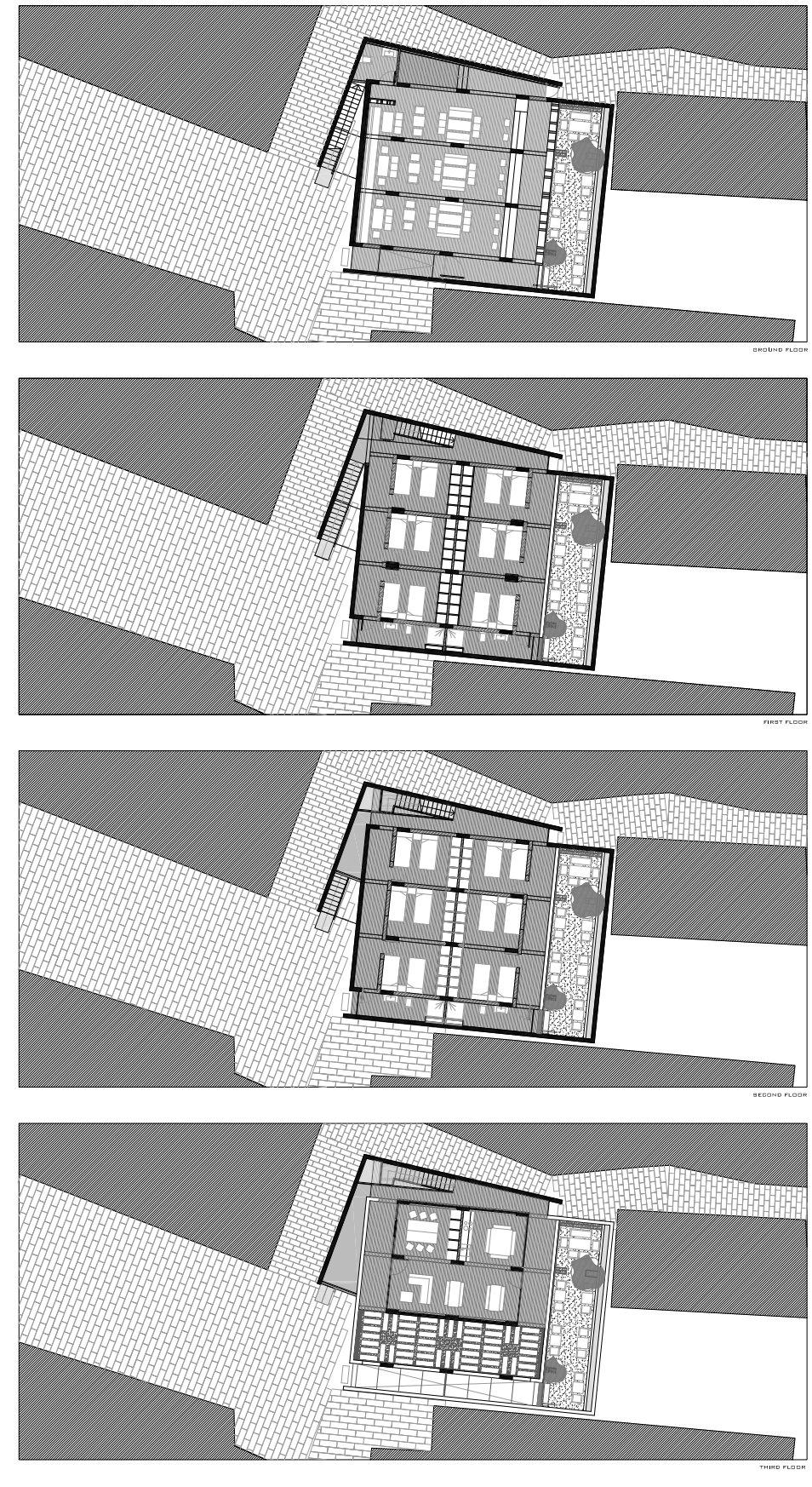
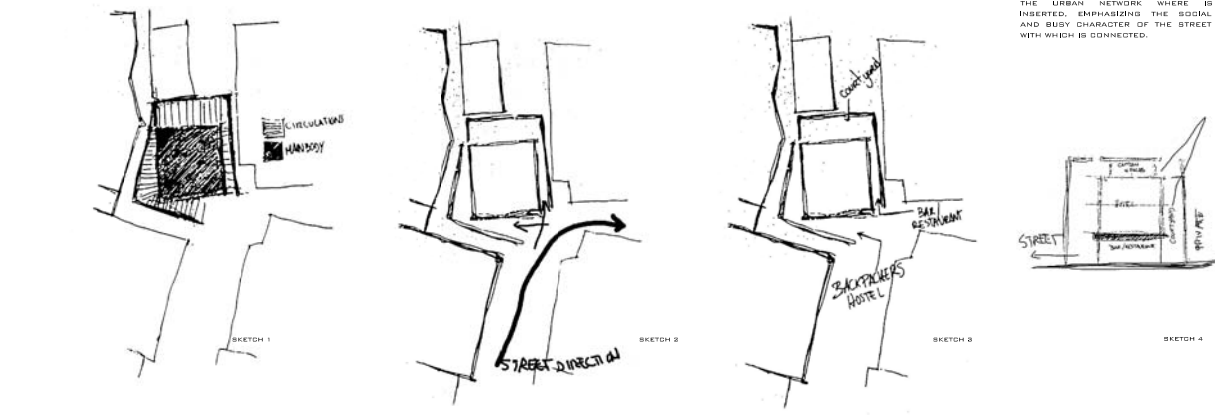
AS VISIBLE IN THE SKETCHES, THE BUILDING IS COMPOSED BY AN ORTHOGONAL "MAIN BODY" AND BY THE "SURROUNDINGS SPACES" WHICH VOLUNTARILY FOLLOW THE URBAN NETWORK. INSIDE THE MAIN BODY ARE THE MAIN ROOM IN THE GROUND FLOOR AND THE BEDROOMS IN THE UPPER FLOORS; AND THE SURROUNDING SPACES CORRESPOND TO THE CIRCULATIONS, ENTRANCES AND TOILETS. ONLY THE MAIN SPACES ARE COMPLETELY CLOSED BECAUSE THE CORRIDORS ARE A KIND OF "IN-BETWEEN" INTERIOR AND EXTERIOR.

THE BUILDING DOES NOT CROSS THE LINES OF THE SURROUNDING BUILDINGS HEIGHTS AND IS LOWER IN SOUTH TO ALLOW THE ENTRANCE OF THE SUN LIGHT AND TO ENABLE A CITY VIEW FROM THE ROOF TERRACE. CONSIDERING THE INFERIOR SCALE OF THE BUILDINGS IN THIS DIRECTION.

CONSIDERING THE PRIVATE COURTYARD OF THE SURROUNDING BUILDINGS AT EAST, THE WALL OF THE BUILDING RESES TO UNDERLINE THIS PRIVATE SPACE AND ENCLOSES ALSO A PRIVATE COURTYARD FOR THE NEW BUILDING. NOT ONLY FOR THE BAR/RESTAURANT BUT ALSO TO THE HOSTEL. THEREFORE, FROM EVERY LEVEL IS POSSIBLE TO ENJOY A PRIVATE EXTERIOR SPACE WITH A FALLING WATER WALL (EAST) AND A GREEN WALL (NORTH).

THE BUILDING HAS IT STRUCTURE AND EXTERIOR WALLS IN CONCRETE AND THE INTERIOR DIVISIONS ARE IN BRICKS. ALL THE "EXTRA SPACES" SUCH AS STAIRS AND PLATFORMS AS LOOKOUT POINTS ARE IN METAL AND THE COMMON ROOM IN THE ROOF TERRACE IS A GLASS BOX WITH A METAL ROOF.

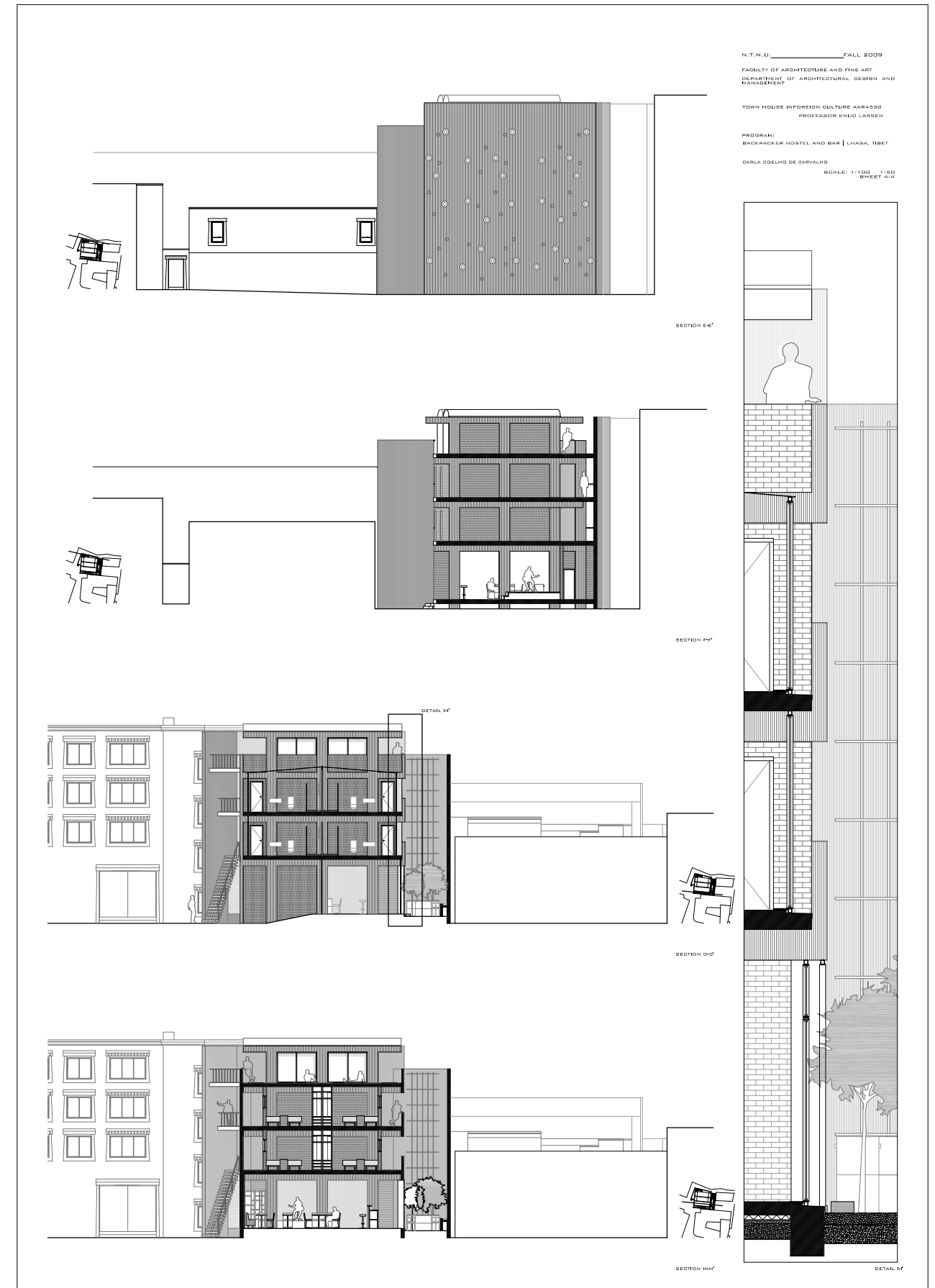
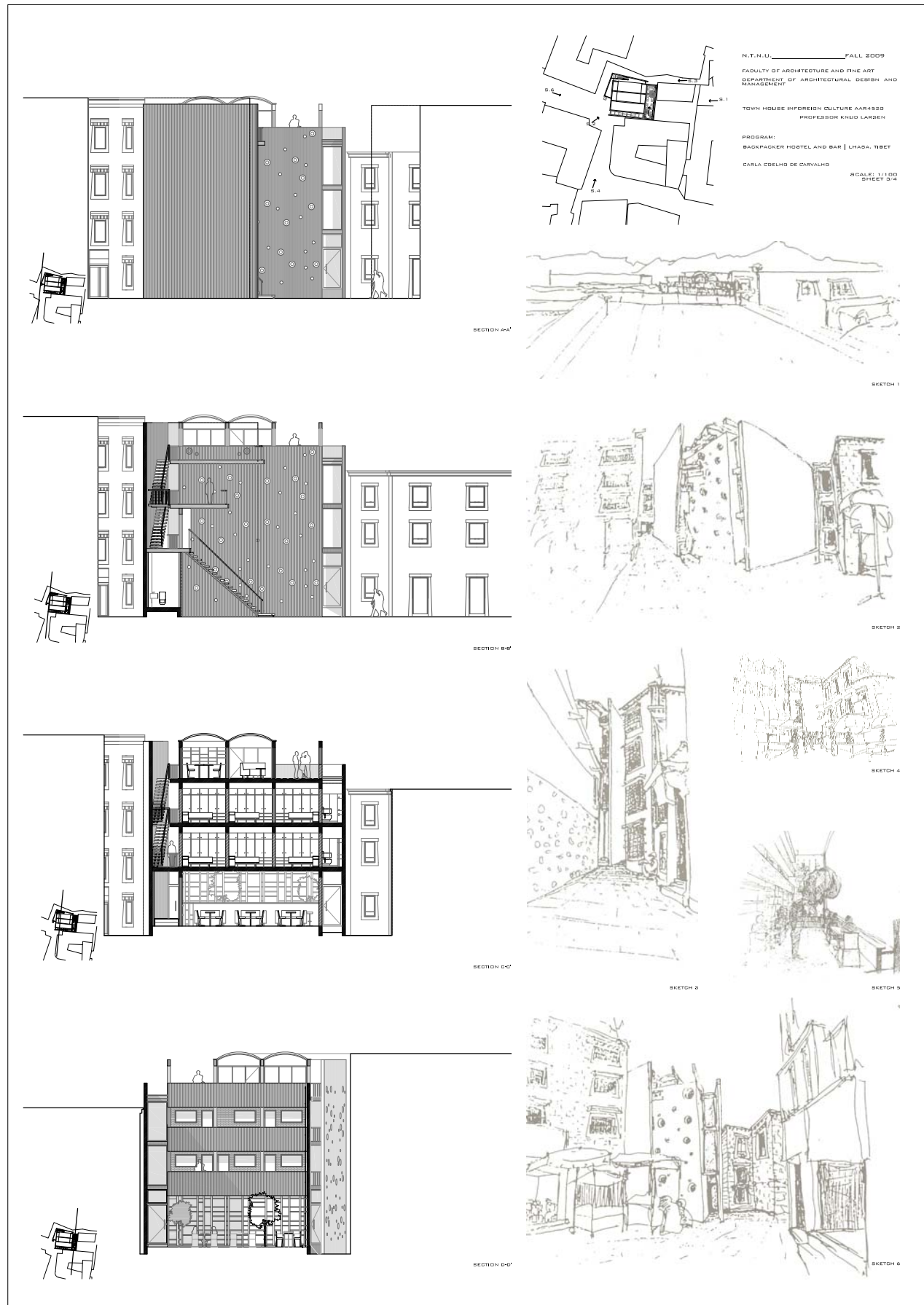
THE BUILDING IS A SAME OF INTERIOR AND EXTERIOR WHICH TRY TO RESPECT THE SURROUNDING VOLUMETRIES AND THE URBAN NETWORK. WHERE IS INSERTED, EMPHASIZING THE SOCIAL AND BUSY CHARACTER OF THE STREET WITH WHICH IS CONNECTED.

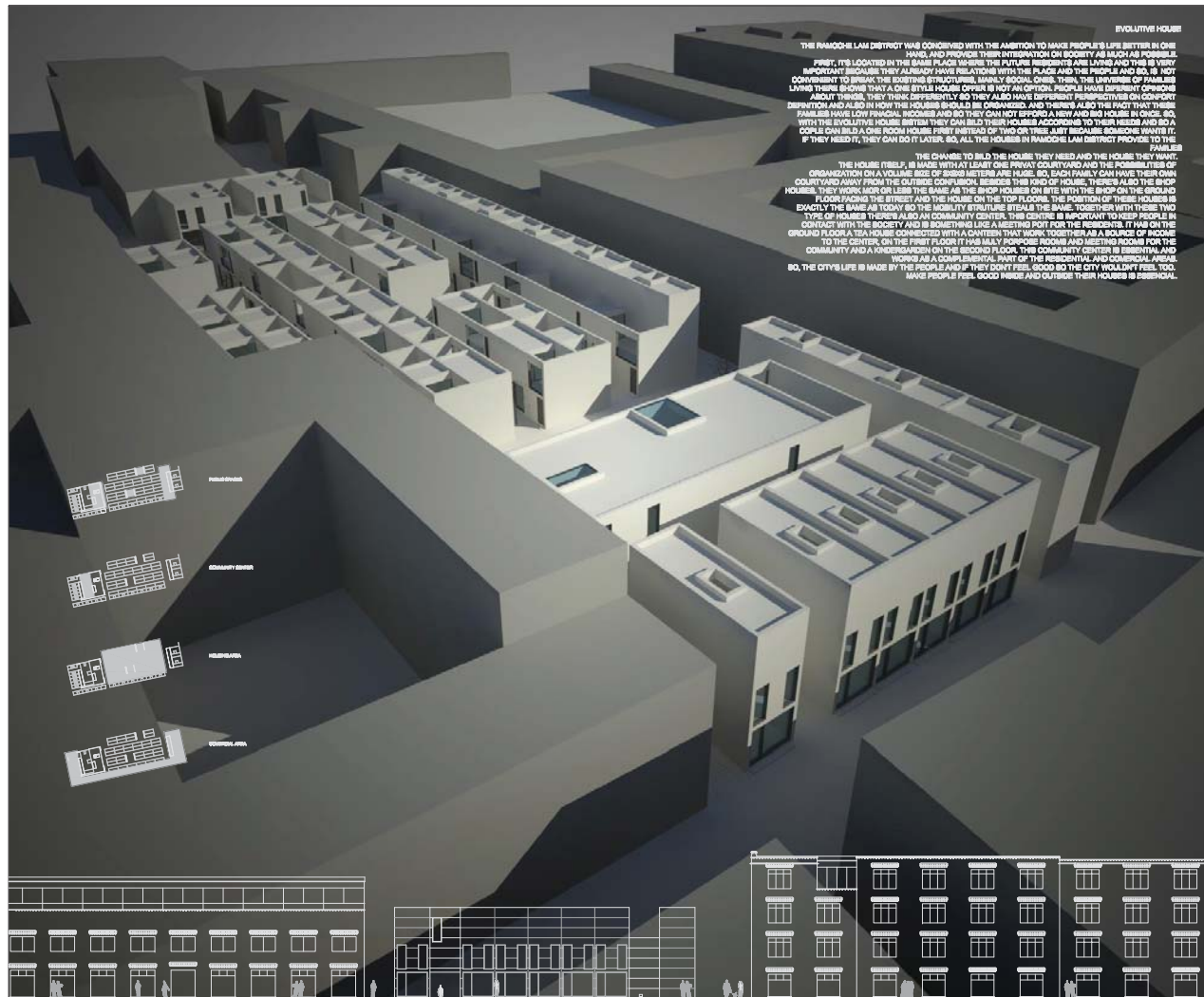


N.T.N.U. FALL 2009
 FACULTY OF ARCHITECTURE AND THE ART
 DEPARTMENT OF ARCHITECTURAL DESIGN AND
 MANAGEMENT
 TOWN HOUSE INFOREIGN CULTURE AARASD
 PROFESSOR KNUD LARSEN
 PROGRAM:
 BACKPACKER HOSTEL AND BAR | LHASA, TIBET
 CARLA COELHO DE DARVALHO



PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | "BACKPACK HOTEL", CARLA CARVALHO





EVOLUTIVE HOUSE

THE RAMOCHE LAM DISTRICT WAS CONCEIVED WITH THE AMBITION TO MAKE PEOPLE'S LIFE BETTER IN ONE HAND, AND PROVIDE THEIR INTERESTION ON SOCIETY AS MUCH AS POSSIBLE. FIRST, THE LOCATION IN THE SAME PLACE MAKES THE PLANNING AND LIVING AND THIS IS VERY IMPORTANT BECAUSE THEY ALREADY HAVE RELATIONS WITH THE PLACE AND THE PEOPLE AND SO, IS NOT CONSIDERED TO BRING THE EXISTING SITUATION. SECONDLY, SINCE THE TYPE OF LIVING OF RAMOCHE LIVING THINGS SHOWS THAT A ONE-STORY HOUSE OPTION IS NOT AN OPTION, PEOPLE HAVE DIFFERENT CONCEPTS ABOUT HOW THEY SHOULD LIVE, THEY ALSO HAVE DIFFERENT PERCEPTIONS ON HOW THEY SHOULD LIVE AND ALSO IN HOW THE HOUSES SHOULD BE ORGANIZED, AND THERE'S ALSO THE FACT THAT THERE ARE MANY LOW-LEVEL HOUSES AND SO THEY CAN NOT AFFORD A HIGH-LEVEL HOUSE IN ONE, SO, WITH THE EVOLUTIVE HOUSE OPTION THEY CAN BUILD THEIR HOUSES ACCORDING TO THEIR NEEDS AND SO A COUPLE CAN BUILD ONE ROOM HOUSE FIRST BEFORE OF TWO OR THREE. JUST BECAUSE SOMEONE WANTS IT, IF THEY NEED IT, THEY CAN DO IT LATER, SO, ALL THE HOUSES IN RAMOCHE LAM DISTRICT PROVIDE TO THE FAMILIES.

THE CHANGE TO BUILD THE HOUSES THEY NEED AND THE HOUSES THEY WANT.

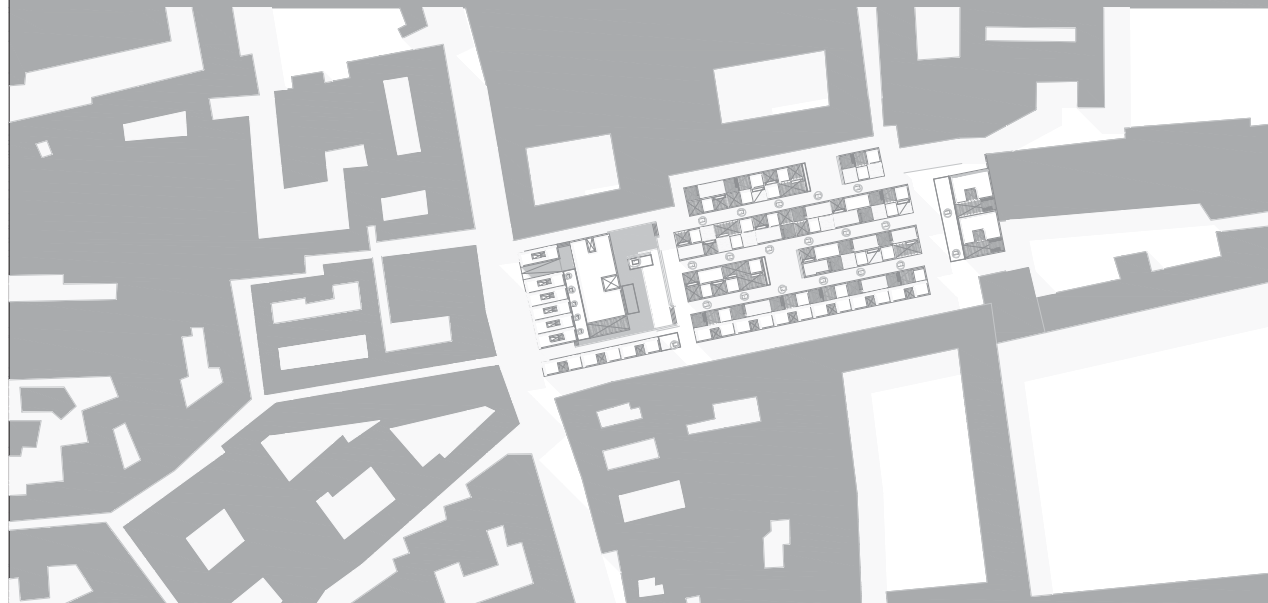
THE HOUSES WILL BE MADE WITH AT LEAST ONE PRIVATE COURTYARD AND THE POSSIBILITY OF ORGANIZATION ON A VILLAGE SCALE OF ROOMS AND HOUSES. SO, EACH FAMILY CAN HAVE THEIR OWN COURTYARD AWAY FROM THE OUTSIDE COMMUNITY. BESIDES THIS KIND OF HOUSE, THERE'S ALSO THE SHOP HOUSES, THEY WORK AS A LESSER SCALE. AS THE SHOP HOUSES ON THE TOP FLOOR, THE GROUND FLOOR FACING THE STREET AND THE HOUSES ON THE TOP FLOOR. THE POSITION OF THESE HOUSES IS EXACTLY THE SAME AS TODAY, SO THE SITUATION IS LIKE THE SAME. TOGETHER WITH THESE TWO TYPE OF HOUSES THERE'S ALSO AN COMMUNITY CENTER. THIS CENTER IS IMPORTANT TO KEEP PEOPLE IN CONTACT WITH THE SOCIETY AND IS SOMETHING LIKE A CENTER FOR THE RESIDENTS. IT HAS ON THE GROUND FLOOR A TEA HOUSE CONNECTED WITH A GARDEN THAT WORK TOGETHER AS A SOURCE OF INCOME TO THE CENTER. ON THE FIRST FLOOR IT HAS ONLY ROOMS AND MEETING ROOMS FOR THE COMMUNITY AND A KINDERGARTEN ON THE SECOND FLOOR. THIS COMMUNITY CENTER IS ESSENTIAL AND HELPS AS A COMPENSATION PART OF THE RESIDENTIAL AND COMMERCIAL PARTS.

SO, THE CITY'S LIFE IS MADE BY THE PEOPLE AND IF THEY DON'T FEEL GOOD SO THE CITY WON'T FEEL TOO. MAKE PEOPLE FEEL GOOD INSIDE AND OUTSIDE THEIR HOUSES IS ESSENTIAL.



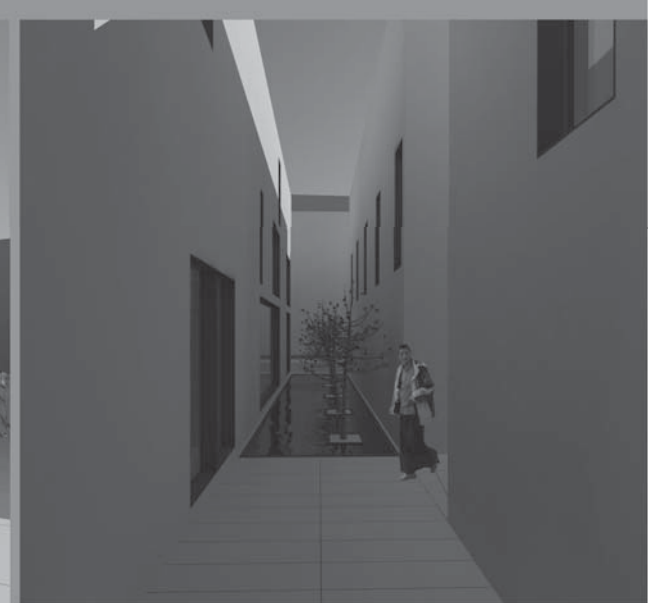
RAMOCHE LAM DISTRICT _ DAVID dA SILVA

THE PLACE 01



RAMOCHE LAM DISTRICT _ DAVID dA SILVA

COMMUNITY CENTER 02

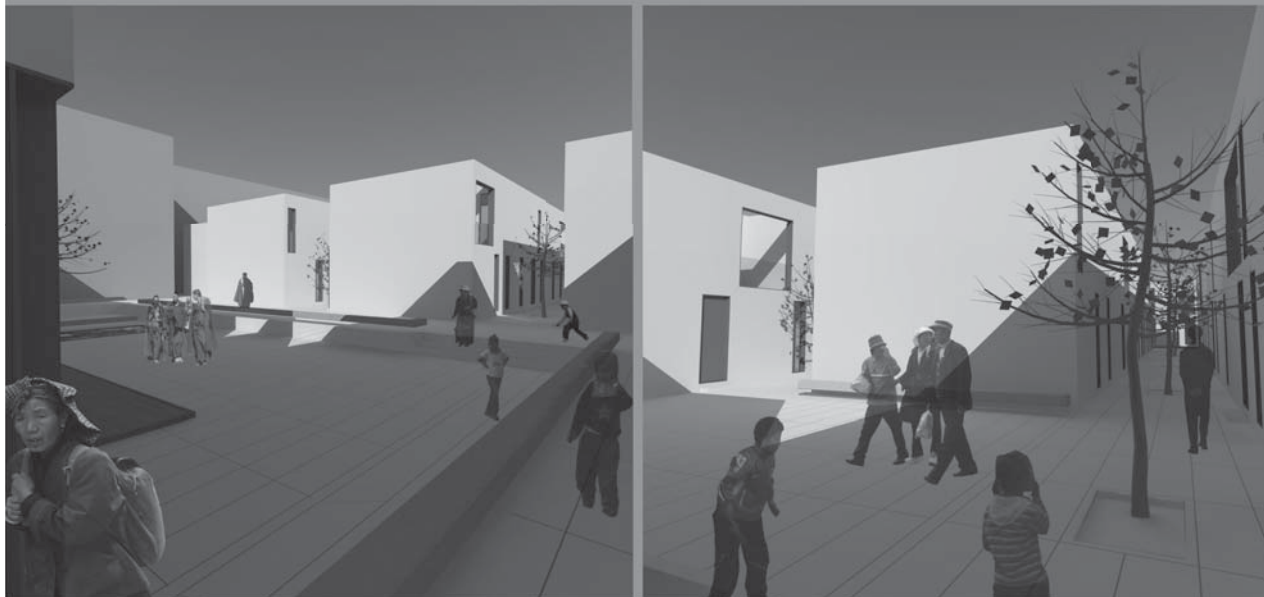


PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | HABITAÇÃO SOCIAL, DAVID SILVA



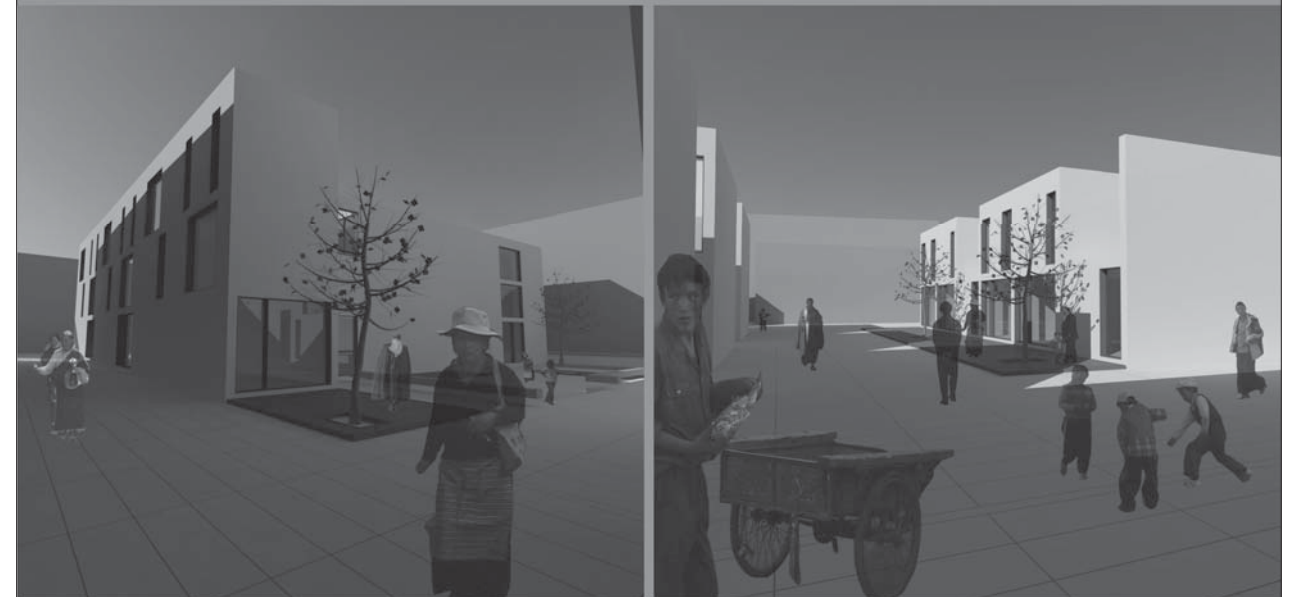
RAMOCHE LAM DISTRICT _ DAVID dA SILVA

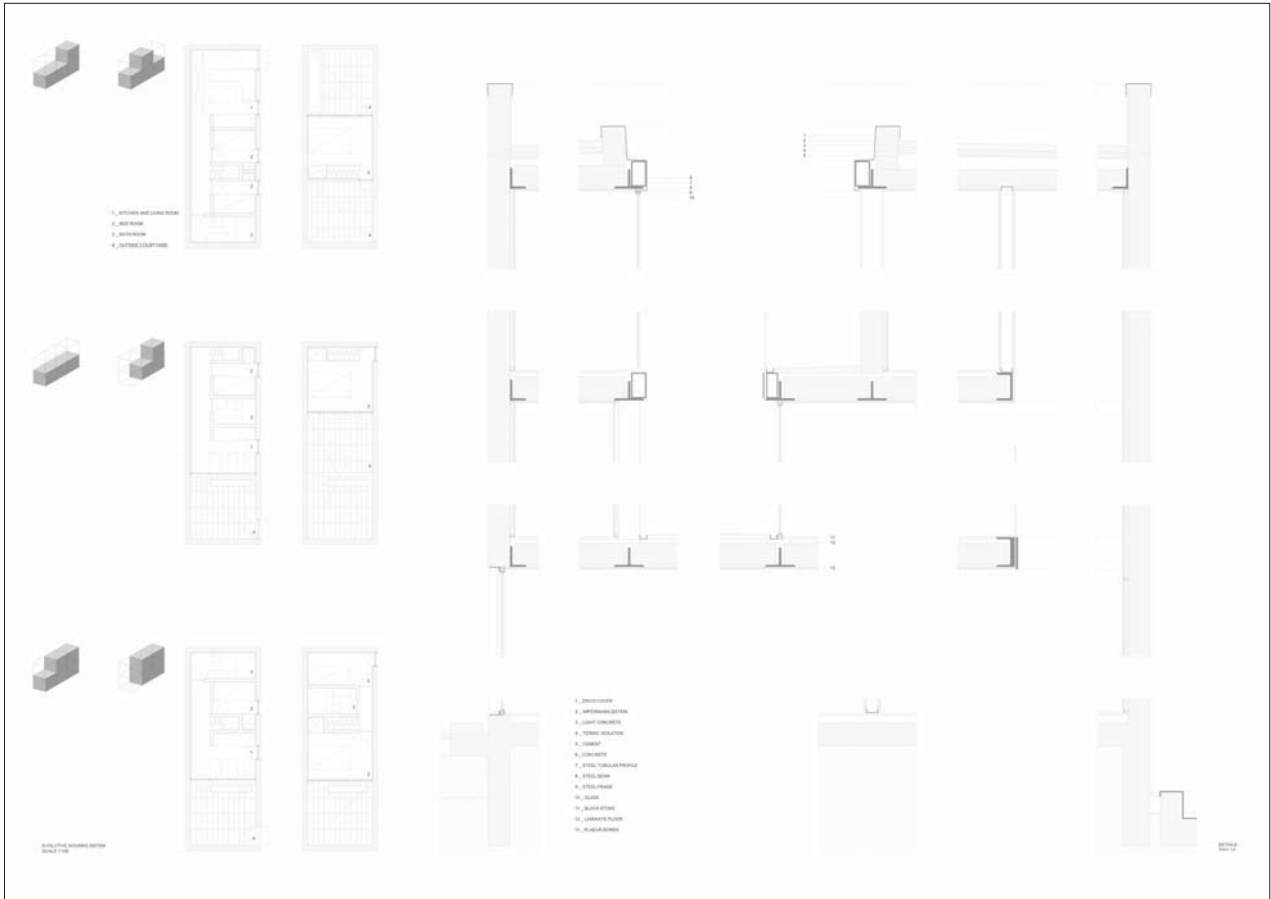
THE HOUSE, 03



RAMOCHE LAM DISTRICT _ DAVID dA SILVA

SHORT HOUSES, 04





RAMOCHE LAM DISTRICT _ DAVID dA SILVA

05



Greenhouse

in Lhasa

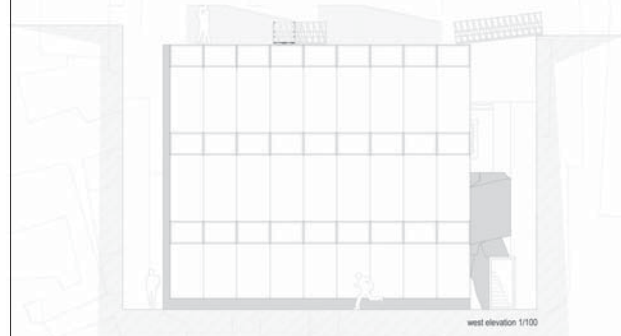


THE SITE

The site is located in Lhasa's Old Town slightly near to Beiyang Road, on northeast side of the Ashikang Temple. The streets on the west and south side of the site are commercial streets and they pretty much work as an everyday market in the old side. These streets are mostly pedestrian and the only vehicles that cross it are motorcycles, bicycles or rickshaws with small trailers. The site has an area about 150m² and two free sides facing the street, to north and west. The south and east facades are partly free, and partly blocked by residential buildings. The nearby buildings have heights between 6m and 8m, and usually they won't go above 12m. The street market mostly sells fresh products such as meat, fat and vegetables, but also some dry fruits and sweets. This is a highly vibrant place, full of life, and something that people are used to. People who work here they also live in these nearby courtyards, in the heart of the Old Town, but they grow their vegetables in greenhouses outside of town. Usually to get to there it takes a few minutes by car, each way. That means forty minutes of daily transportation (and they have to do it because they sell fresh products), plus the time to load everything, and the time spent on taking care of the other growing vegetables. That leaves to the next chapter.

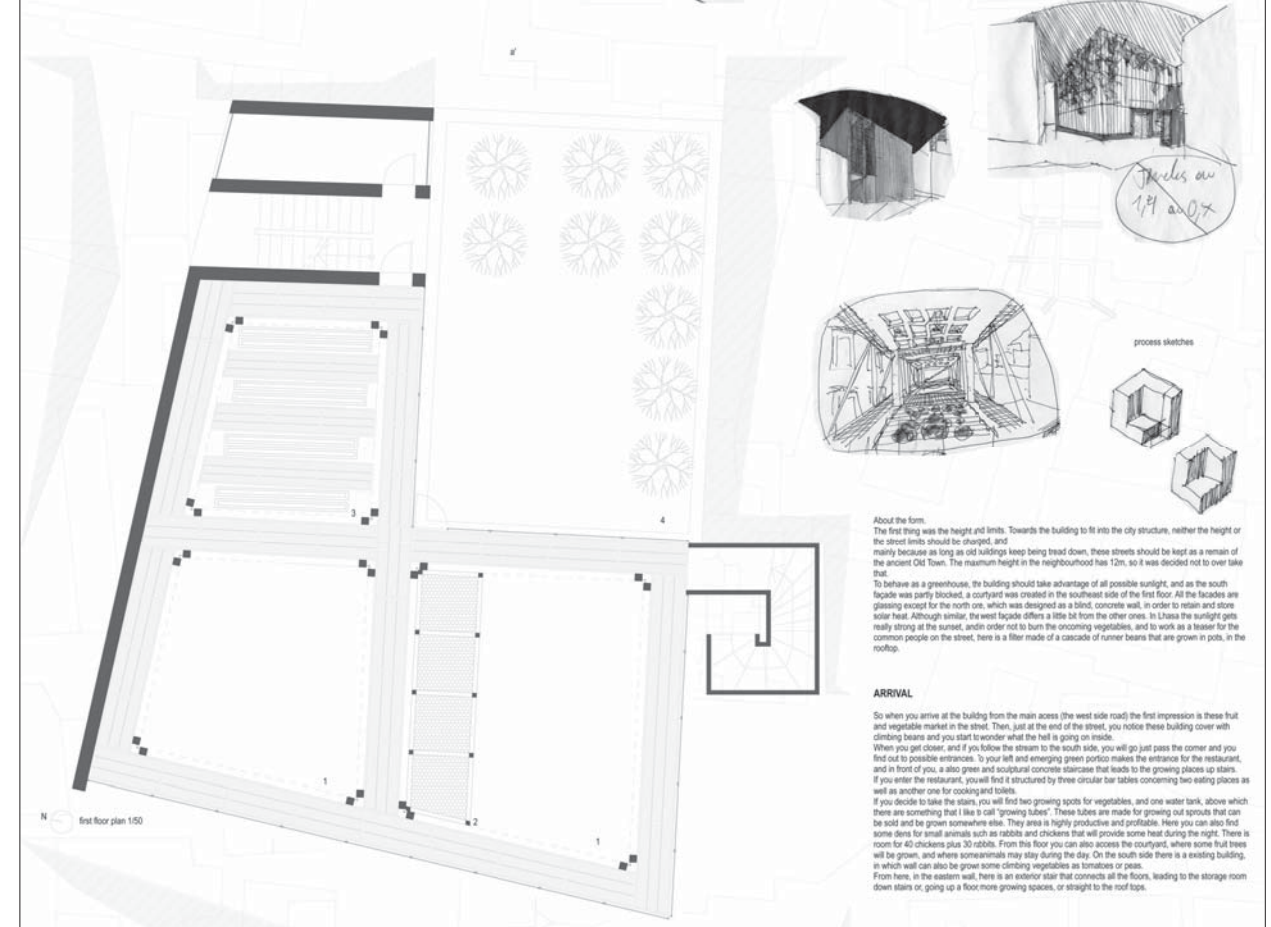
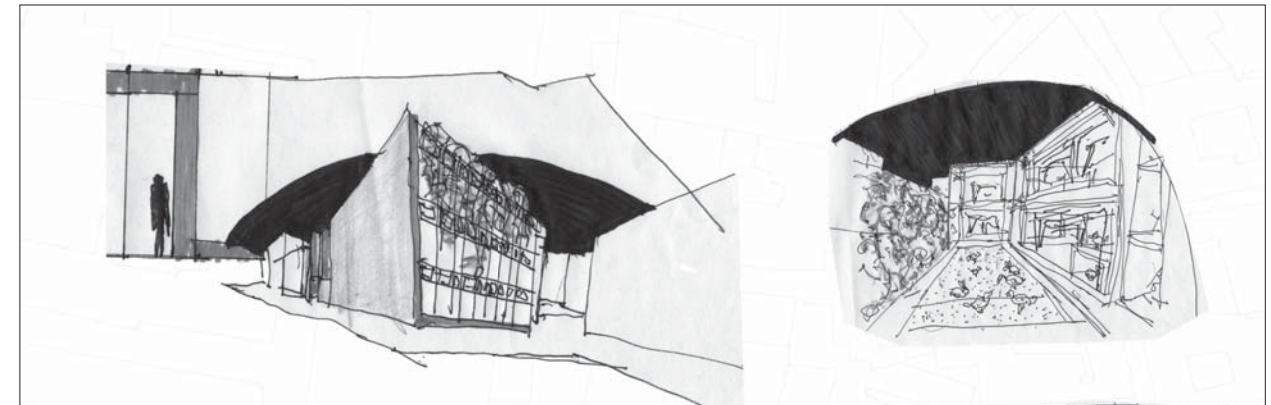
CONTENT AND MAIN FORM

(Beach Boys gave me a hint for this one.)
Wouldn't it be nice to save these long transportation? Wouldn't it be nice to grow your own vegetables next to your home? Wouldn't it be nice to give some use to the city squares?
That's why this proposal for the site is a commercial farming space. The transport needed for bringing vegetables from the greenhouses to the market only brings negative things. Firstly it consumes time and money to families that live less than 1km a day. And then because of the pollution that it produces, which, by the way, is becoming a problem in Lhasa. If we could help to reduce it, it would be better.
However, with this small site it was not possible to create an alternative to the greenhouses outside the town, but it could work mainly as a model, an example, in a "pedagogical" way. In order to accomplish that, the building is formed by three different zones:
- Two stories for growing vegetables in the middle levels.
- One restaurant thought out to be used as a salad bar on the ground floor.
- One rooftop, supplied with smaller "low-tech-easy-to-copy-greenhouses", that is connected to the nearby buildings with also "low-tech-easy-to-copy-steel-bridges".
The main objective of the project is to make Tibetans realize that there are alternatives, and that they are not difficult to accomplish.



restaurant 2 kitchen 3 toilets 4 storage room

diogo vasconcelos - town houses in a foreign cultural context - greenhouse in lhasa - december 2009



About the form.
The first thing was the height and limits. Towards the building to fit into the city structure, neither the height or the street limits should be changed, and mainly because as long as old buildings keep being bread down, these streets should be kept as a remnant of the ancient Old Town. The maximum height in the neighbourhood has 12m, so it was decided not to over take that.
To behave as a greenhouse, the building should take advantage of all possible sunlight, and as the south facade was partly blocked, a courtyard was created in the southeast side of the first floor. All the facades are glassing except for the north one, which was designed as a blind, concrete wall, in order to retain and store solar heat. Although similar, the west facade offers a little bit from the other ones. In Lhasa the sunlight gets really strong at the sunset, and in order not to burn the incoming vegetables, and to work as a heater for the common people on the street, here is a filter made of a cascade of runner beans that are grown in pots, in the rooftop.

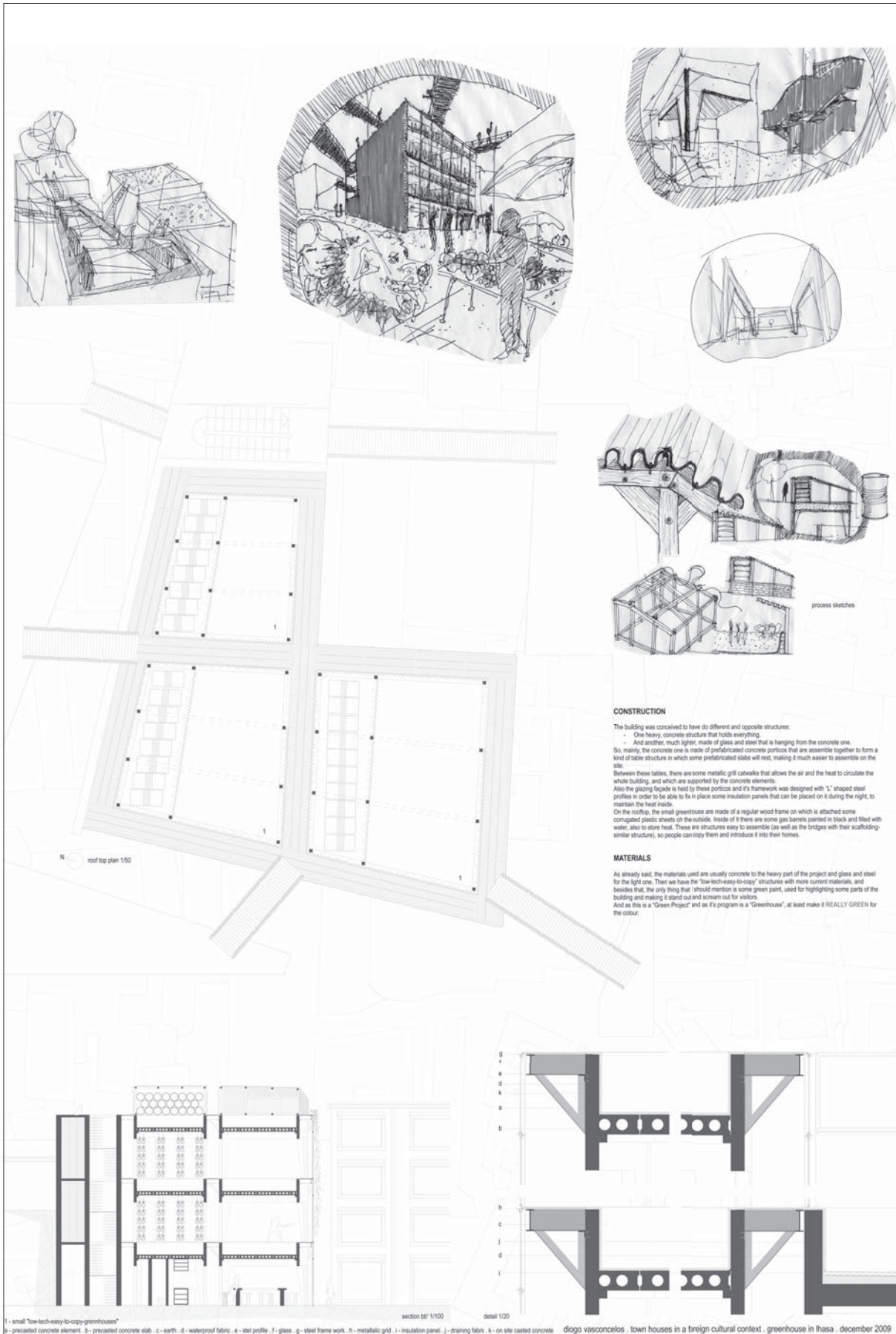
ARRIVAL

So when you arrive at the building from the main access (the west side road) the first impression is these fruit and vegetable market in the street. Then, just at the end of the street, you notice these building cover with climbing beans and you start to wonder what the hell is going on inside.
When you get closer, and if you follow the stream to the south side, you will go just past the corner and you find out to possible entrances. To your left and emerging green portico makes the entrance to the restaurant, and in front of you, a also green and sculptural concrete staircase that leads to the growing places up stairs.
If you enter the restaurant, you will find it structured by three circular bar tables concerning two sitting places as well as another one for cooking and toilets.
If you decide to take the stairs, you will find two growing spots for vegetables, and one water tank, above which there are something that I like to call "growing tubes". These tubes are made for growing out sprouts that can be sold and be grown somewhere else. They are highly productive and profitable. Here you can also find some dens for small animals such as rabbits and chickens that will provide some heat during the night. There is room for 40 chickens plus 30 rabbits. From this floor you can also access the courtyard, where some fruit trees will be grown, and where some animals may stay during the day. On the south side there is an existing building, in which wall can also be grown some climbing vegetables as tomatoes or peas.
From here, in the eastern wall, here is an exterior stair that connects all the floors, leading to the storage room down stairs or, going up a floor more growing spaces, or straight to the roof top.

1 growing spaces 2 small animals dens 3 growing tubes 4 fruit tree courtyard

diogo vasconcelos - town houses in a foreign cultural context - greenhouse in lhasa - december 2009

PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | HORTA URBANA/RESTAURANTE, DIOGO VASCONCELOS



CONSTRUCTION

The building was conceived to have do different and opposite structures:

- One heavy, concrete structure that holds everything.
- And another, much lighter, made of glass and steel that is hanging from the concrete one.

So, mainly, the concrete one is made of prefabricated concrete porcoses that are assemble together to form a kind of table structure in which some prefabricated slabs will rest, making it much easier to assemble on the site.

Between these tables, there are some metallic grill catwalks that allows the air and the heat to circulate the whole building, and which are supported by the concrete elements.

Also the glazing facade is held by these porcoses and it's framework was designed with "L" shaped steel profiles in order to be able to fit in place some insulation panels that can be placed on it during the night, to maintain the heat inside.

On the rooftop, the small greenhouse are made of a regular wood frame on which is attached some corrugated plastic sheets on the outside. Inside of it there are some gas barrels painted in black and filled with water, also to store heat. These are structures easy to assemble (as well as the bridges with their scaffolding-similar structures), so people can carry them and introduce it into their homes.

MATERIALS

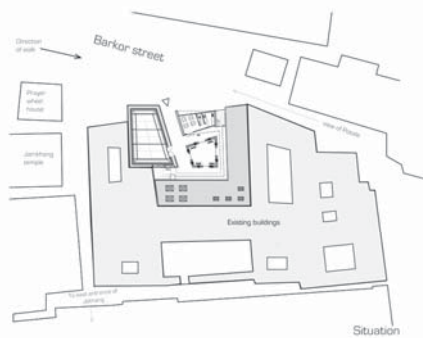
As already said, the materials used are usually concrete to the heavy part of the project and glass and steel for the light one. Then we have the "low-tech-easy-to-copy" structures with more current materials, and besides that, the only thing that I should mention is some green paint, used for highlighting some parts of the building and making it stand out and scream out for visitors.

And as this is a "Green Project" and as it's program is a "Greenhouse", at least make it REALLY GREEN for the colour.

1 - small "low-tech-easy-to-copy-greenhouses"
 a - precasted concrete slab, b - precasted concrete slab, c - earth, d - waterproof fabric, e - steel profile, f - glass, g - steel frame work, h - metallic grid, i - insulation panel, j - draining fabric, k - on site casted concrete
 section 1b' 1/100 detail 1/200
 diogo vasconcelos, low houses in a breign cultural context, greenhouse in fhasa, december 2009

ARTIFACTORY

LOCATION: LHASA, TIBET
FUNCTION: ART CENTER



The prominent Barkor street in the Old Town has from early days been Lhasa's main market area. Around the Barkor you find what the city has to offer. Shops, restaurants, residents, hotels, stupas, giant prayer masts, burning incense, prayer flags, sacred trees etc.. Barkor is crowded every day for both business, religious, and touristic reasons.

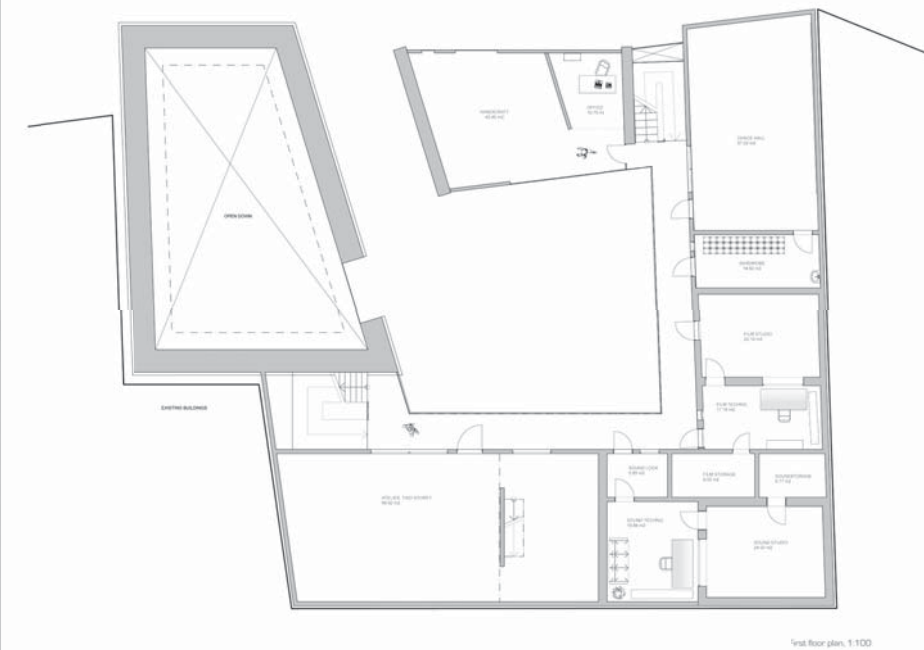
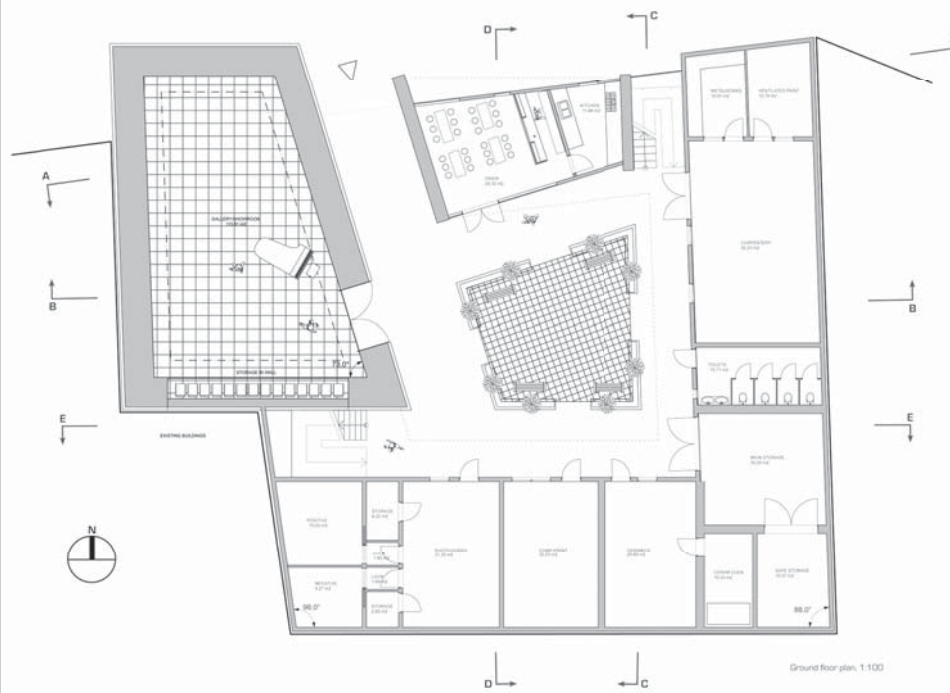
Traditional Tibetan culture contains a lot of wonderful art; thangka paintings, handicrafts, metal works, carpentry, music and dance, - both traditional and modern. As a small and central oasis located in the heart of Lhasa's Old Town, Artifactory will be a conglomerate for such art, inviting everyone to see and contribute.

Magnus Langli, Dec 2006
AAR 4520

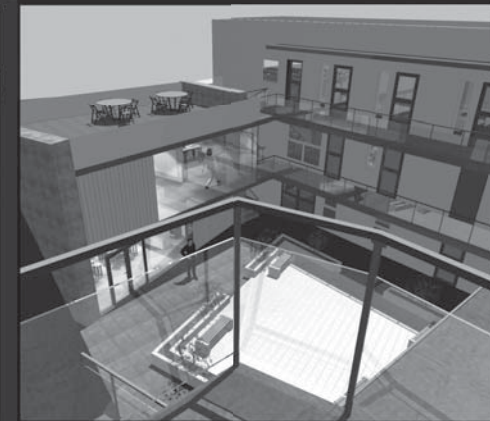
SKETCHES



According to the varying heights of the neighboring buildings, Artifactory has both 2 and 3 stories towards the street to follow this existing divergence.



Rendering of the street entrance



Rendering of the courtyard seen from the roof floor



Street facade 1:100

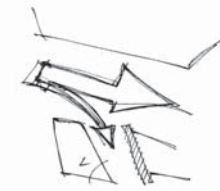


Section A 1:100



Section B, inner facade north 1:100

PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | CENTRO DE ARTES, MAGNUS LANGLI



Because most people walk around Barkor clockwise, the entrance is slanted towards the direction of walk, to ease the view into the courtyard and to lead the traffic inside.



The different windows to the street give you small glimpses and sights of the courtyard at different angles from the street, and welcome you into this world of art.



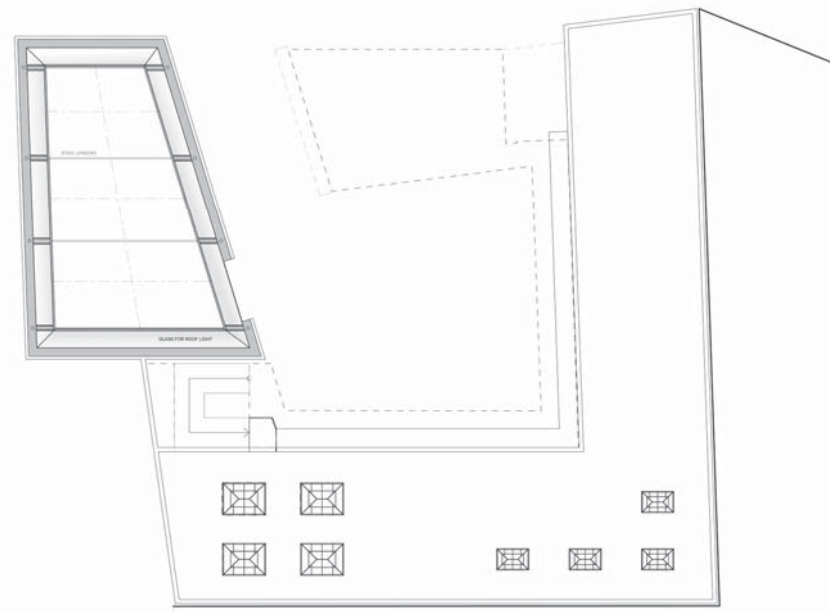
As a relation to the surrounding buildings, the tall gallery and showroom building has battered walls [7].



Inner courtyards are very typical for Tibetan architecture, for daily use and to let light inside the surrounding rooms. The site must be open and inviting.



Second floor plan, 1:100



Roof plan, 1:100



Section C, inner facade west, 1:100



Section D, inner facade east, 1:100



Section E, inner facade south, 1:100

PROGRAM

GROUND FLOOR:

Gallery & showroom - 114 m²
 Diner - 29 m²
 Kitchen - 11 m²
 Metalworks - 11 m²
 Ventilated paintroom - 13 m²
 Carpentry - 55 m²
 Toilets - 16 m²
 Main storage - 30 m²
 Safe storage - 16 m²
 Ceramics oven - 10 m²
 Ceramic works - 29 m²
 Computer/print art - 31 m²
 Photoworks - 31 m²
 2 Photo storage - 7 m²
 2 Light locks - 4 m²
 Negative photo dev. - 9 m²
 Positive photo dev. - 15 m²

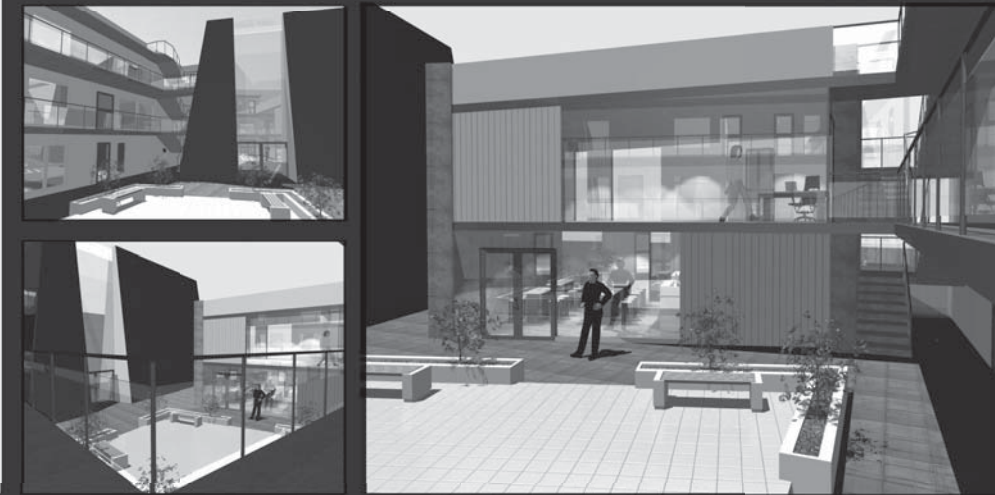
Netto m² for all floors: 972

FIRST FLOOR:

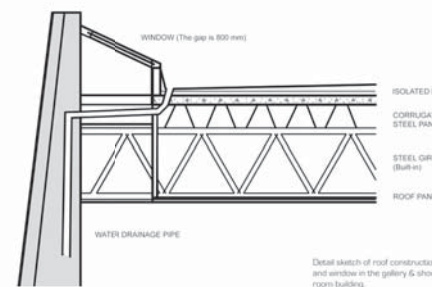
Handicrafts - 43 m²
 Office - 11 m²
 Dance studio - 57 m²
 Wardrobe - 15 m²
 Film studio - 22 m²
 Film technic - 17 m²
 Film storage - 8 m²
 Sound lock - 6 m²
 Sound technic - 20 m²
 Sound storage - 7 m²
 Sound studio - 24 m²
 Atelier (two-storey) - 100 m²

SECOND FLOOR:

Social room - 40 m²
 5 Dorms à 15 m² - 75 m²
 Dormitory - 10 m²
 Hall - 5 m²
 Wardrobe men - 16 m²
 Wardrobe women - 11 m²
 Shower men - 13 m²
 Shower women - 9 m²
 Atelier mezzanine - 31 m²



Perspective of the courtyard



Detail sketch of roof construction and window in the gallery & showroom building.

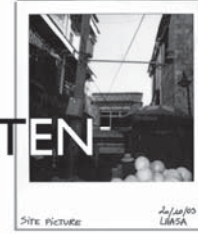
BARKOR, LHAISA



KINDERGARTEN

For "the townhouse in a foreign culture" course, two different sites were proposed and both in the old town of Lhasa. The site chosen is the second one in a secondary street opened to a crowded street which allows to join the Barkhor (old street very used by pedestrians). This street near to the site is used in an open market each day of the week, therefore it's also a crowded street. The situation of the site (setback) is a good advantage because it allows public buildings to receive a lot of people in front of the building without disturb the pedestrian traffic.

Two sides of the site turned to the west (Barkhor) and the north are bordered by a street which allows to join an other main street in Lhasa, "the Beijing road". The other two are bounded by housing (south and east). Therefore, the shape of the site adapting to the complex typology of the city is the result of corners of the streets and the shapes of the existing buildings. The Barkhor is really active every days showing how much Tibetan people work and are busy. Create a kindergarten near to the main street allows a child to wait, with others, his parents after school, and to have more space that at home in order to work.



Inside the first impression is to be in a very open space, so it's difficult to differentiate inside and outside. In fact the main idea is according to the way of living of Tibetan people (living squares) and in addition of the common rooms, to create many different spaces open and free to be used like the children wish it. Therefore each level has one free space and the plan is often organized around it.

The building is organized for the ground floor and the first floor around a big main staircase (not covered) and this one can be either occupied by the children (depending their activities, lecture, course, playground, rest room) or used to go up and allow to access to a courtyard completely open to the sky and to these ends. The floor is for the youngest children, and each once a child to know that children like to have their own spaces adjacent to their site, that's why in two rooms of this level turned to the south, the division of the height in three parts allows to win space and keep the adults away. These new shapes generate interesting open spaces which can also be accessed (the roofing of the lower floor) by a small door (children's scale 1.70m) and are nice view toward the active street. The last floor has also an open playground with a light on the old tower possible by the shape of the floor which overhangs the lower floor.



The form of the building follows the existing narrow streets being an important characteristic of the old town. The shape of the building is linked with the program: a kindergarten has to go to protect children from what happens outside, that's why the construction seems very closed by the heavy walls from the street. In fact none of the facades is completely closed; at the north it's divided into two by a courtyard that allows to distinguish the internal organization of the building, the East facade respects the limits of the actual building at the south a part of the site is not built (let for children) allowing the others facades of the neighbours to receive more sunlight, so the south facade is completely overhanged to link this open space and benefits from natural light and finally the west facade is delimited by a heavy wall, but it's also the side of the entrance turned to the crowded street of the Barkhor, from where the structure of the building is in part visible. The entrance is a transitional space, open but covered between public and private which has a sight on the lower common open space. This lower level (one meter) gets a secure feeling to the children, it's bounded by the facades of neighbours and the kindergarten, and is turned to the street without be able to access it directly.

The Tibetan culture includes also a traditional architecture; houses are made with materials coming from the country and all of them show the details of the construction they are texture buildings. It's important to read about the history of architecture in this place before to build something new.

The kindergarten reuses Tibetan customs but appropriates them to the program: the heavy stone walls with big openings, the red wood pillars, the courtyard in the middle of the parcel.

The main structure is based on three stone walls for the perimeter of the building, made of a frame of steel pillars and three main concrete walls bear all the building. All the structure is visible pillars, beams, steel roof, concrete like in the Tibetan traditional architecture.

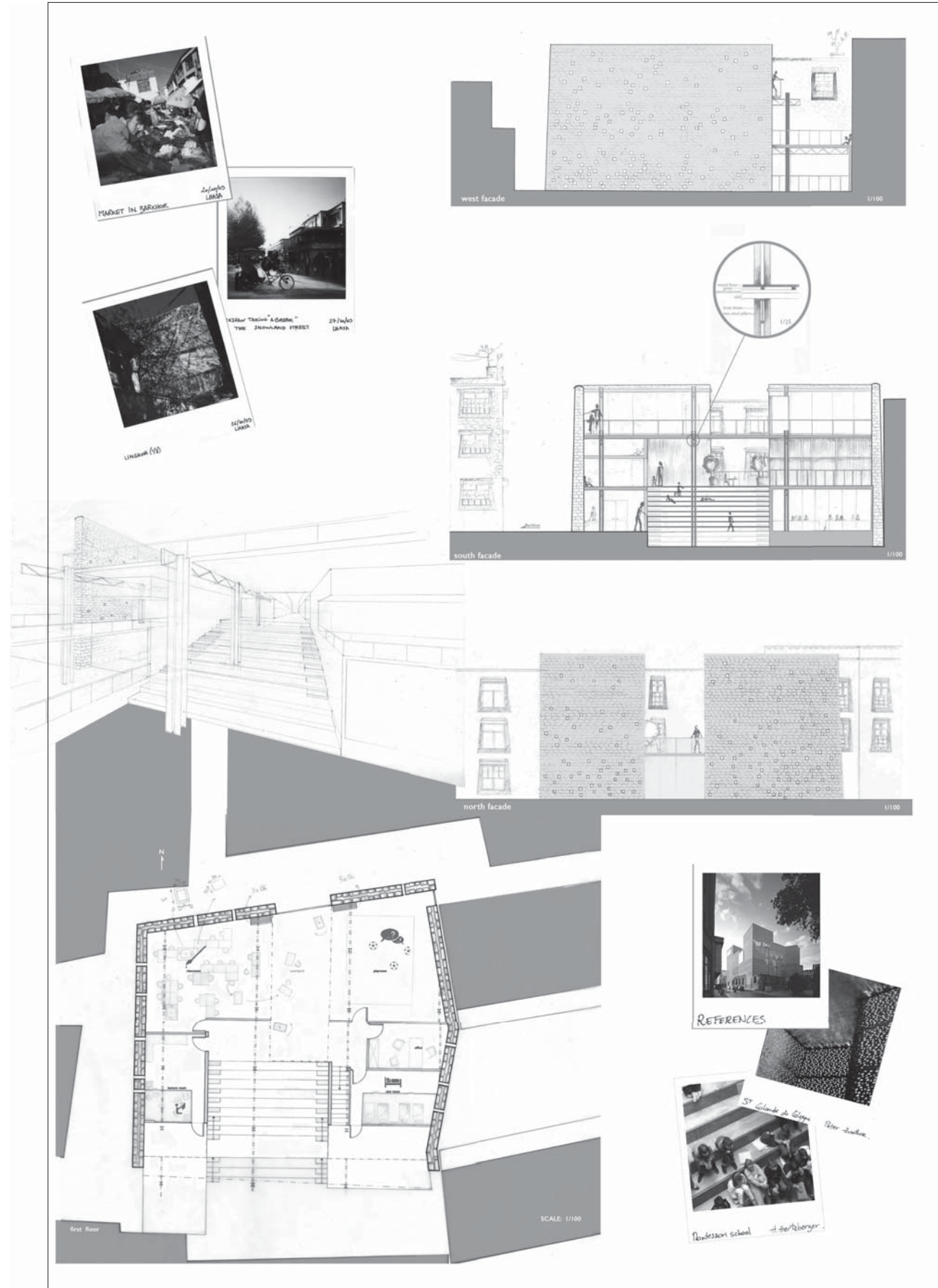
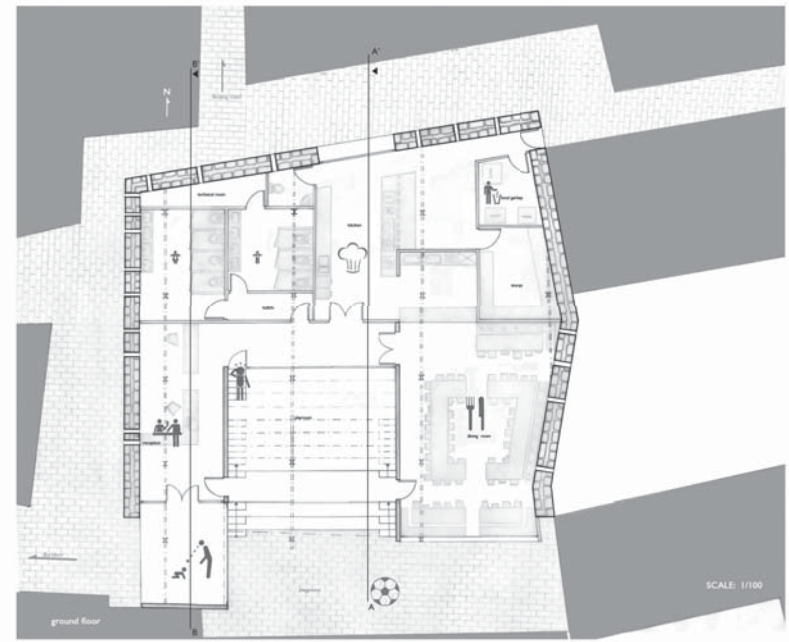
In the building construction has an important part and contributes to qualify the spatial qualities.

The structure is even visible from outside, since the Barkhor you can see the beams standing out the stone walls like if the building was not finished yet. This accentuate the idea of three facades closed to the street and the last is completely open like if every things would like escape it. To be aware about it and get an idea of what is made you really have to experiment it.

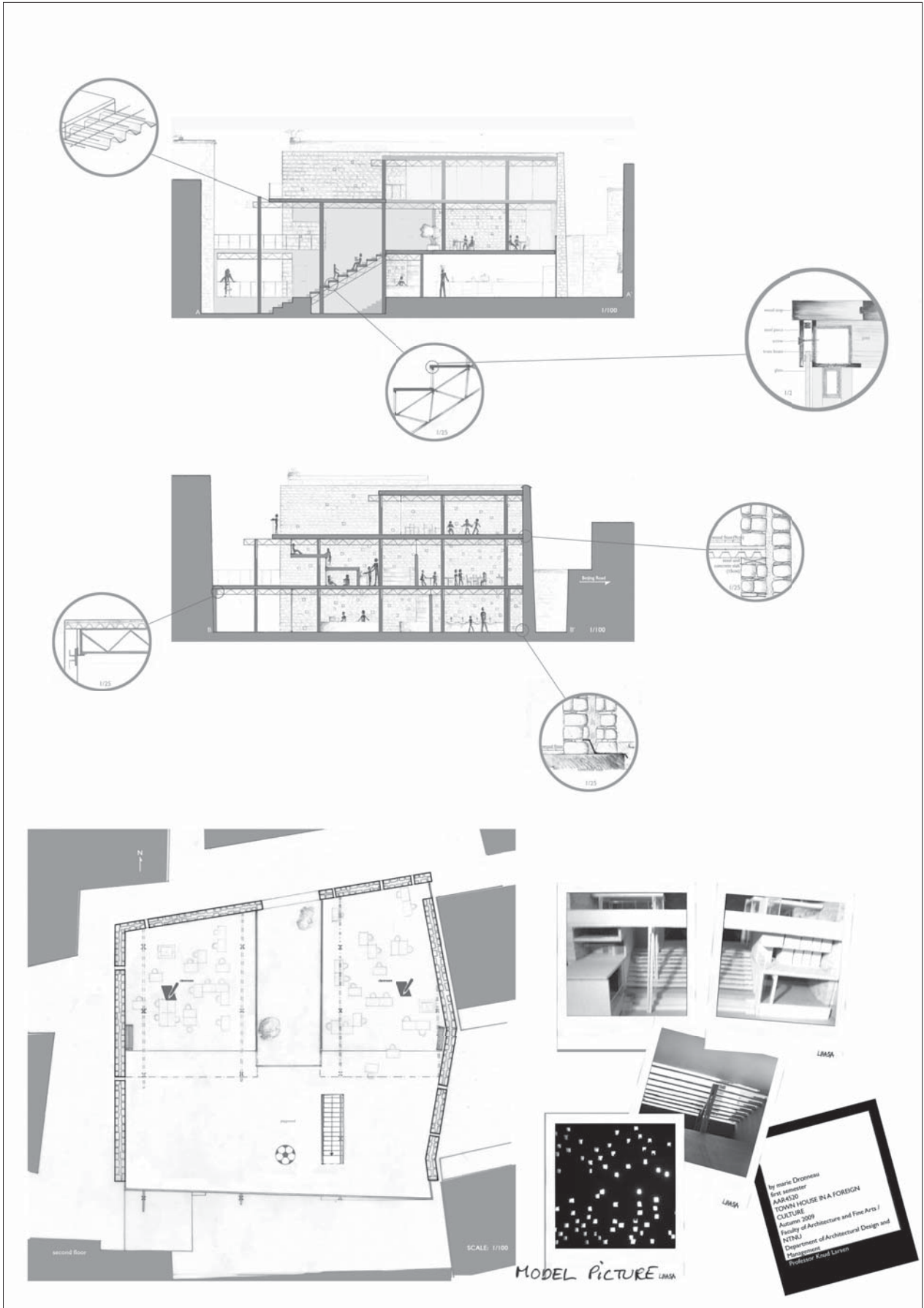
These three facades have been made to match the idea of the program and animate the interiors. Most of the rooms are enlightened by the principle but it's of course not enough to light one entire room, that's why each room receives sunlight both from the south facade and/or the courtyard.

To prevent that there is too much light from the south in the rooms with some glass windows, the second floor overhangs the lower floor, a part of the open space and the main area.

Finally the facade contributes also to enlighten the narrow and insecure streets after the sunset.



PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | INFANTÁRIO, MARIE DRONNEAU



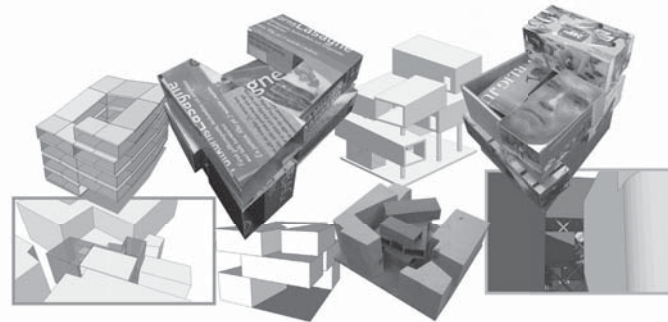
a mediatheque in Lhasa

Town Houses in a foreign cultural context

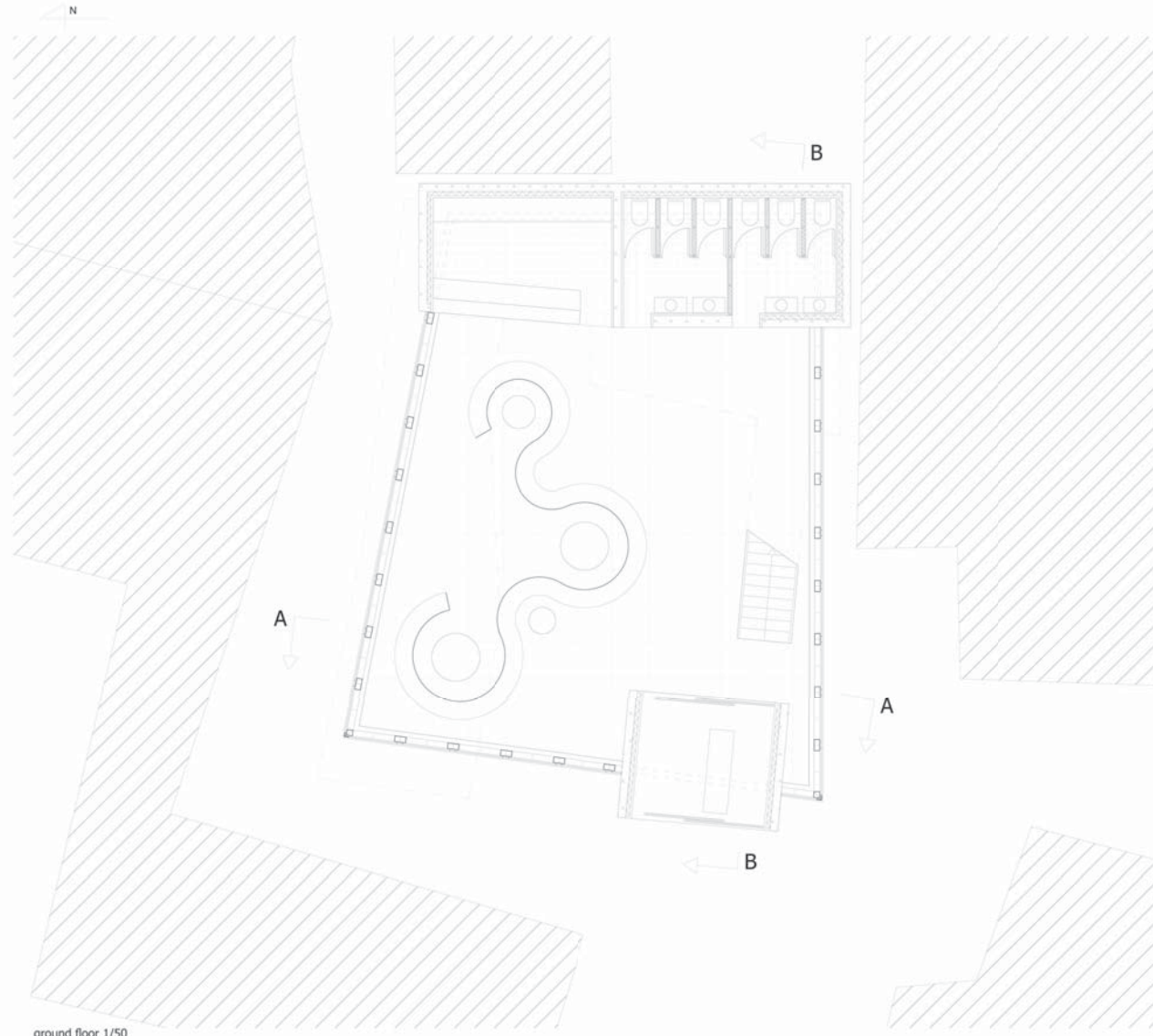
CAMBUZAT Matthieu
Autumn semester 2009



City map of old Lhasa and location of the site



Different steps of the process. Formal and program research



ground floor 1/50

THE CONCEPT

WHY A MEDIATHEQUE?

This project starts with this picture

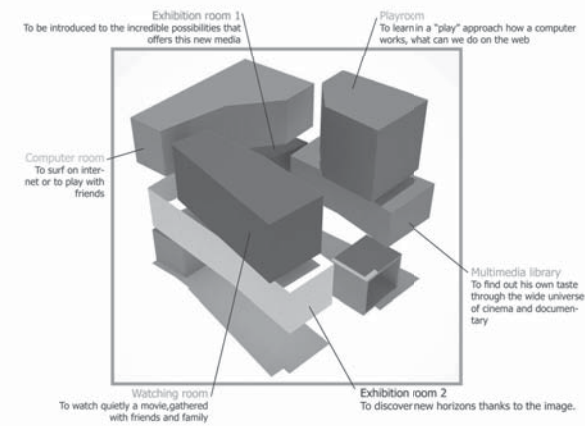
Seeing the Tibetans' attract for screens, I decide to offer a center for images and movies accessible for everybody whereas current structures are intended for tourists. Besides, only rich people can afford new technologies as computer or DVD reader.



This "mediatheque" has two objectives:

- Through exhibitions, movies offered in the library or internet access, it allows diffusing cultural content, as an open-window on the rest of the world. It could also serve as a new vehicle of transmission for the Tibetan culture and history.

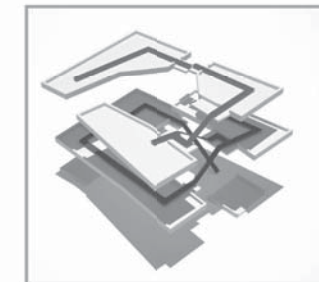
- Introducing Tibetans to these new technologies in a really simple and play approach in order to make them more free and autonomous with these tools.



BOXES

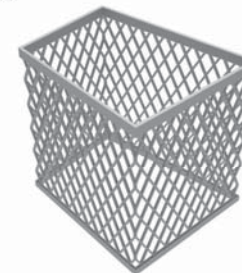
The program and its layout are as really important. Clear delimited areas make up the different parts of the program. Each function takes place in a single box. Transitions between each boxes are logical and answer to a will to initiated softly Tibetans to these technologies

This idea of a unique path is essential, contrasting with the western mediatheques that more look like a hive where people act individually. Here, strolling through the building and using the different tools proposed in an experience that you share with friends or family.



THE NEST

All the boxes are inlaid in a nest. More than a structural scheme, it allows to define clearly a central space completely lit from the sunlight that contrasts by its characteristics with the boxes. The nest also links all the different functions, gathered then as a whole.

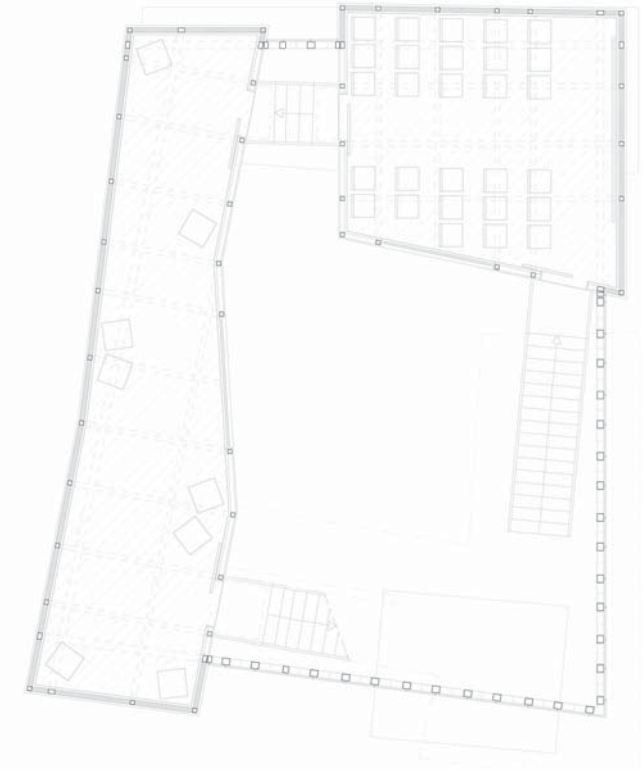


THE SCREEN METAPHOR

This central space is also the place where you can see what happen in each room in a same way as could watch television. Thanks to a system of shadow puppetry, actions are more suggested than really showed including Tibetans acting behind the translucent glass. This concept transform a box in a giant TV, demonstrating to shy people, frightened by these news tools that they can also be part of the experience.

A BEACON IN A CROSSROAD

This project takes place in the crossroad of two wide market street where the depth of the view is rather impressive, especially coming from the west. This site was the perfect place to implant a new beacon in this urban landscape. The boxes stand out of the nest glowing in the sunlight and lighting during the night.

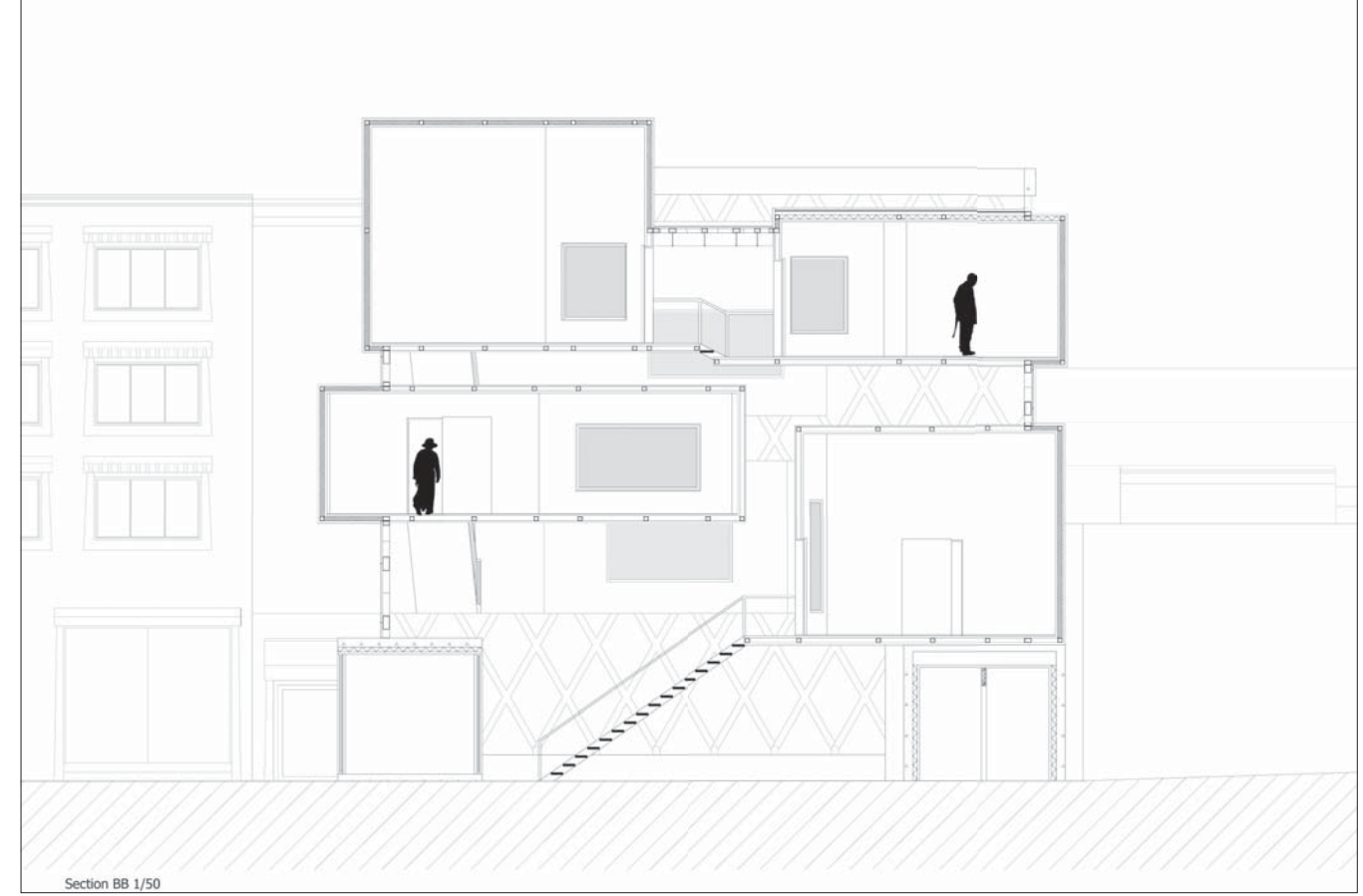
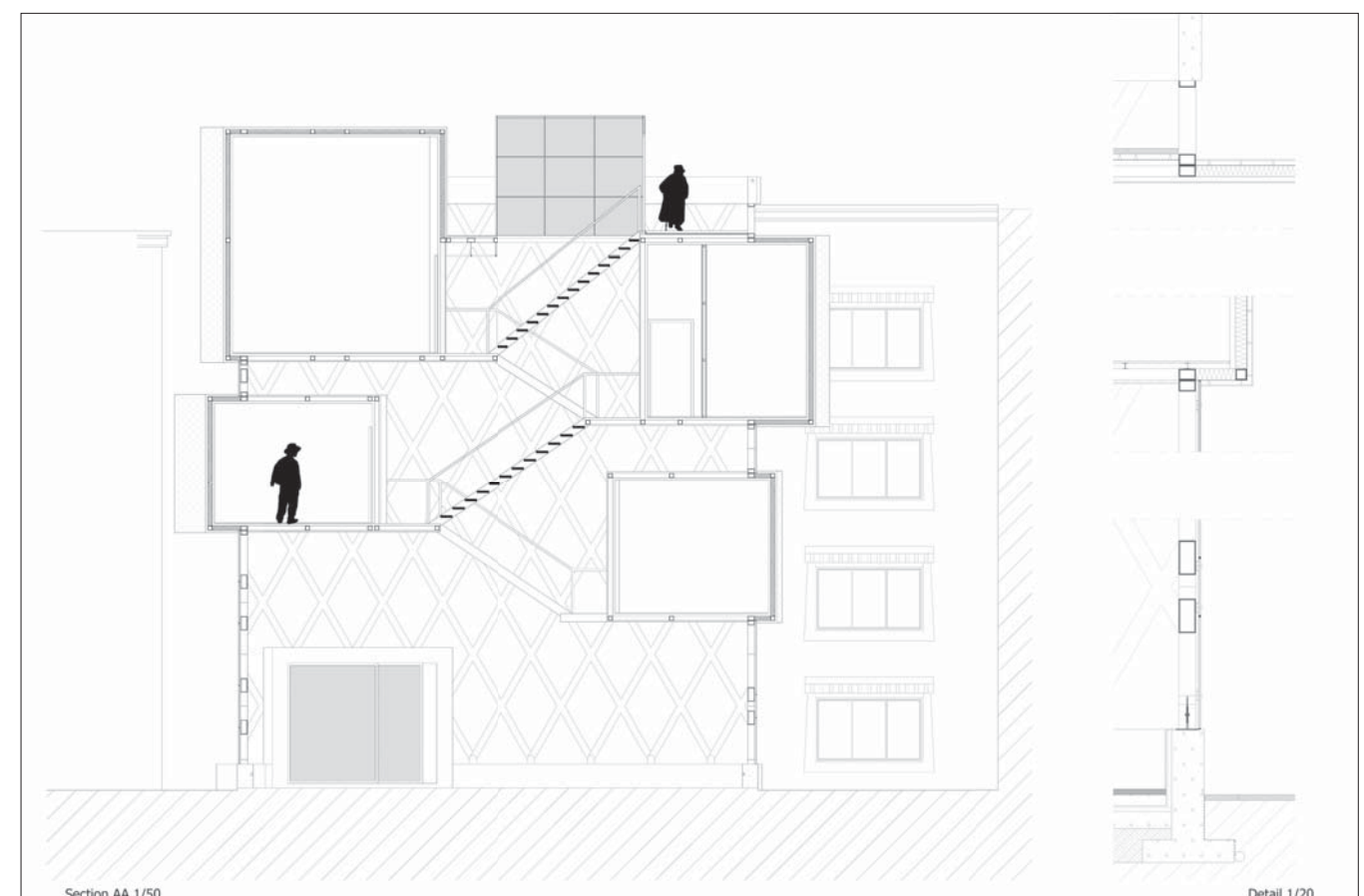
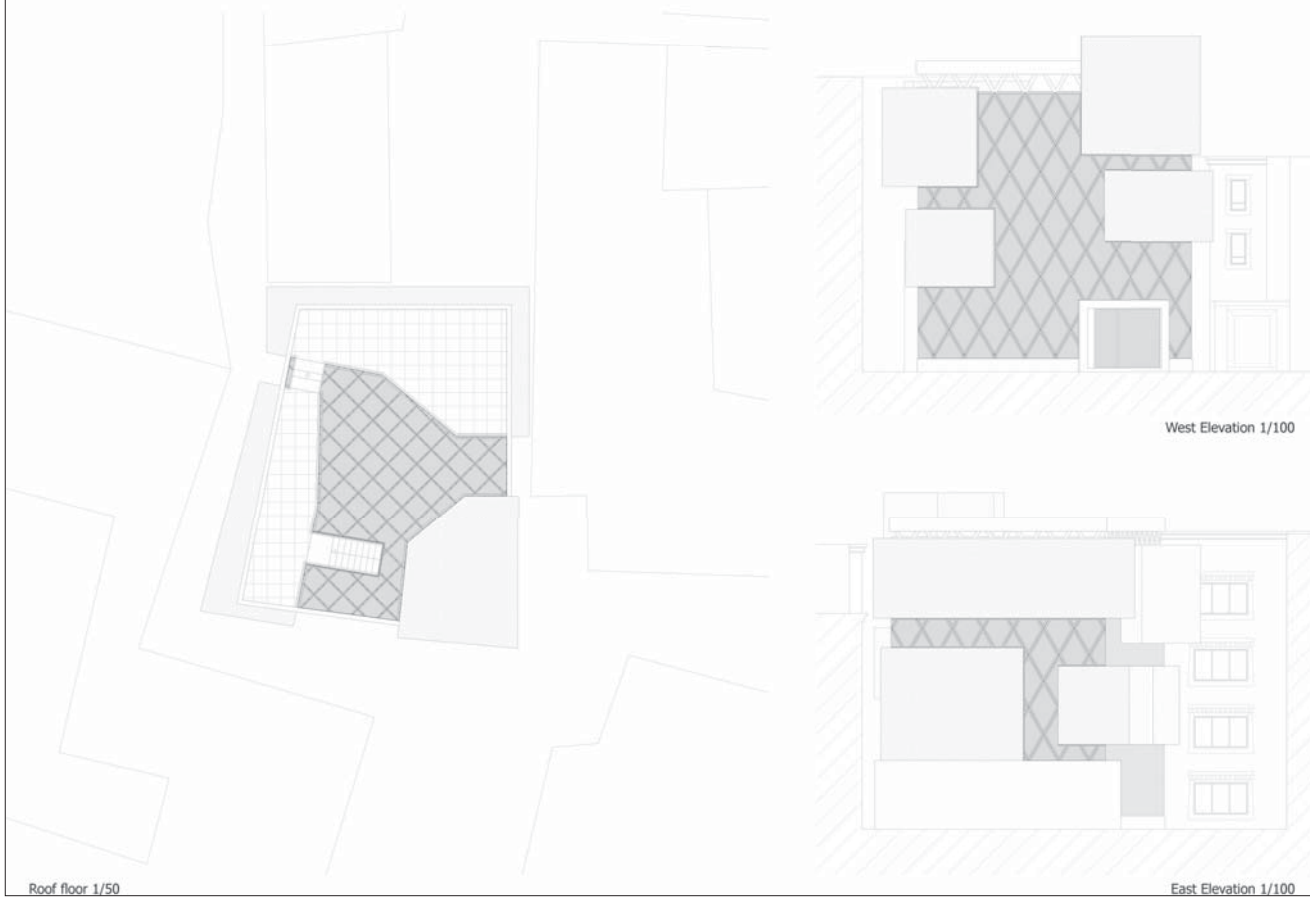
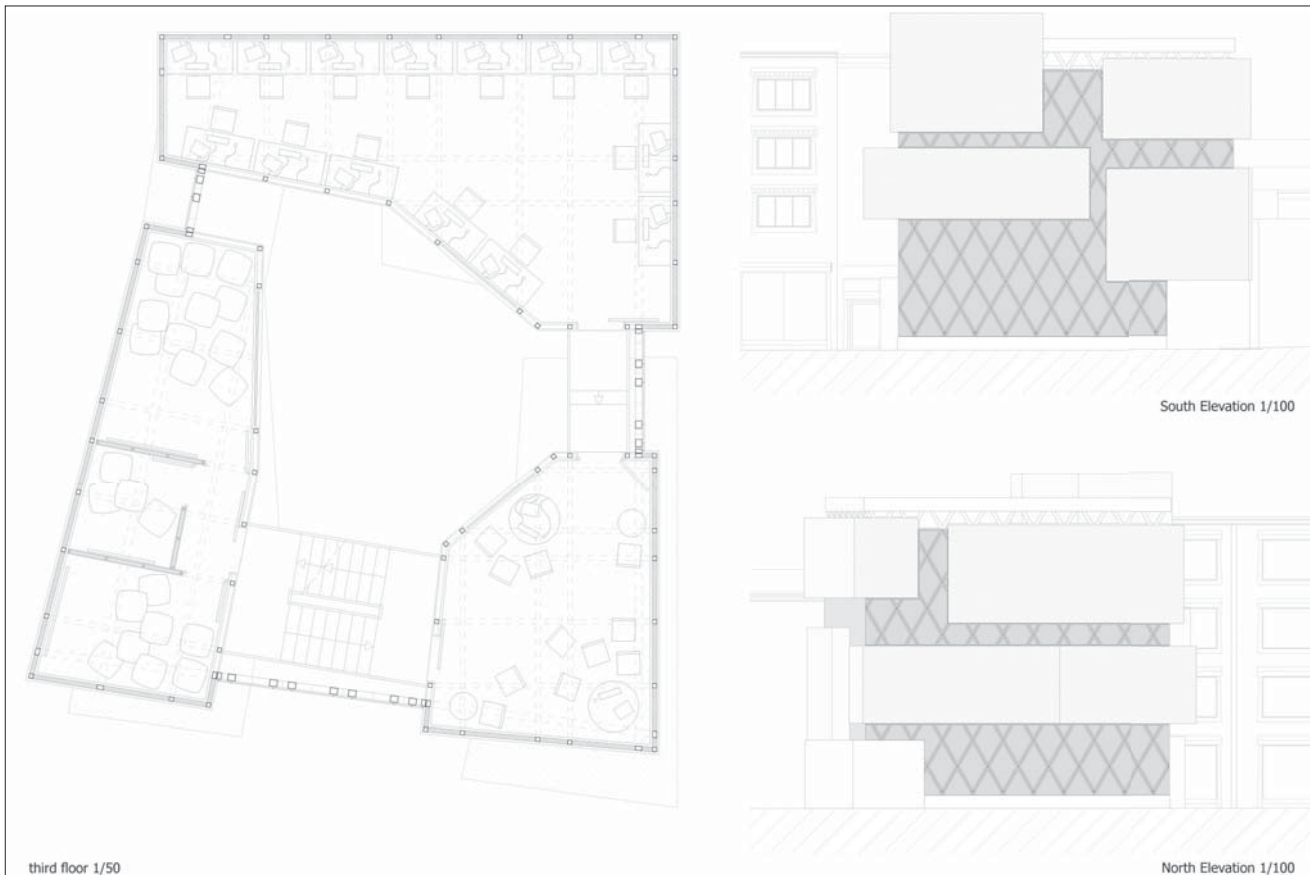


first floor 1/50



second floor 1/50

PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | MAEDIA TECA, MATTHIEU CAMBUZAT



KA-TA HOTEL IN LHASA, TIBET

"Town house in a foreign culture" had its main task in Lhasa the capital of Tibet. Lhasa is a unique town with its people, culture and architecture. There are several old houses located in the old town with the strong distinct features recognizing tibetan architecture. The task was to make an infill project in this historical town. The old Lhasa is falling apart and the old houses are torn down and replaced with copies soon looking old. In my mind a new house should be recognised as a new one all though I liked the old traditional style - specially the human scale.

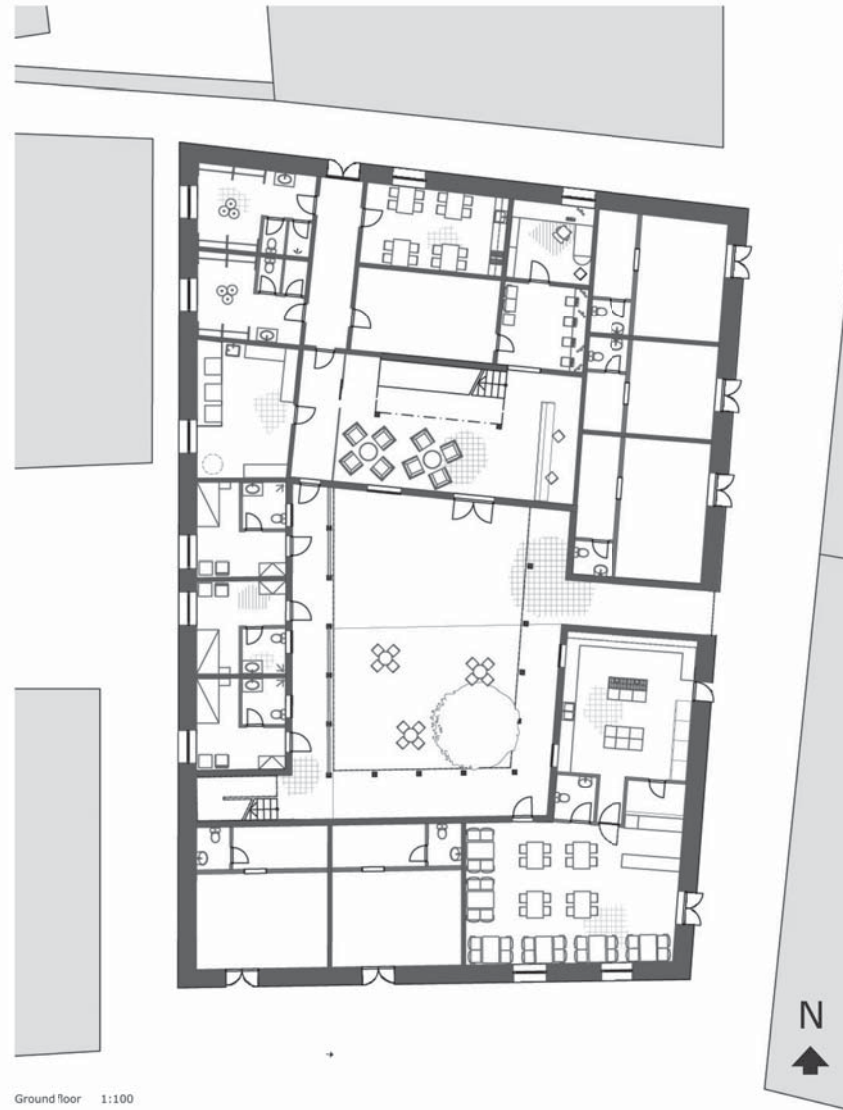


Map of the old town in Lhasa 1:3000

My site is located in the heart of Lhasa in the Barkor street with one facade against the old street. When I saw the site I noticed several. Its facades faced streets on three sides and gave good access to light. The location was very good and I thought it would be nice to design a hotel there. The house lying there had few architectural qualities even though it was a new one. I kept the site limits to the streets but made a space between the existing building and the hotel. This to get more access to light in the deep part of the building. Another reason was the leap in the facades. This site is drawn a little bit backwards from the others and make it more natural to go into the narrow street where the entrance is.



Site plan 1:100



Ground floor 1:100

The room size is based on the tibetan column grid. The most commonly used one is 2 x 2,2 m between the pillars. The consequence is that the rooms are 1, 2 or 4 pillar rooms and I have also kept the layout of the traditional tibetan house with a courtyard surrounded by the building. This made it natural to have the circulation around the courtyard and all rooms have access from this path to their rooms.

The hotel is parted in two parts. The two first stories are quite traditional with the layout and size. The outer walls are made of outer wall of stone and the inner of concrete. The slaps are also made of concrete. Because I used modern material as concrete in the structure there were no use for the tibetan columns in the rooms. The use of concrete was important because of the more modern third floor consisting of wooden boxes.

The first floor houses the administration and staff and the reception. It also offers the guests a restaurant and several shops for their pleasure. The two street facades have always been active with shops and I wanted to keep it that way. The third street facade is facing more an alley which until now has been closed and I have chosen to open it again for passage. Otherwise it would have been used for garbage and private "missions" like it is today. The block will be more open and you can reach the hotel from several directions.

The main room floor is the second floor. The rooms are more common and suited for people who like comfort and prefer a certain standard. The corner rooms are provided with a typical tibetan feature - the small light courtyards. The rooms are quite deep and the milk coloured glass offers fine light in the rooms.

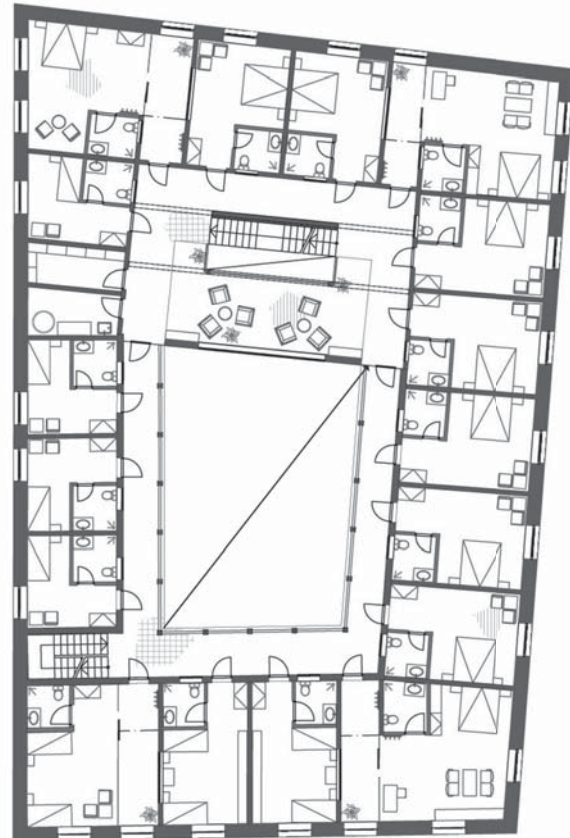
The third floor is inspired by the tibetan roof landscape and their attitude against more temporary structure - like tents. Many tibetans are still nomades part of the year and I liked the idea. The third floor is made of wooden boxes lifted up from the roof by low concrete pillars. I wanted to make the last floor less heavy and dominating in the courtyard. The contrast between the stories makes the third floor even lighter.

The boxes are not as temporary as the tents but the use is determined by the season. In the tourist season Tibet is overflowed by backpackers and they like to be more or less free. The roof landscape offers small private rooms between the boxes where the guests can relax and talk with the new people they meet.



Section A-A 1:100

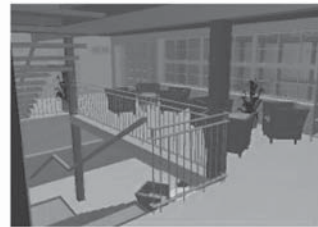
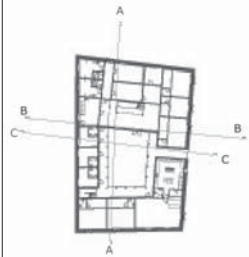
PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | HOTEL, MONA MELLEM



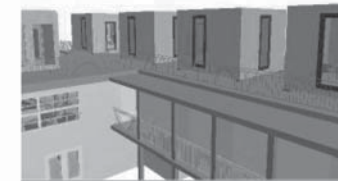
First floor 1:100



Second floor 1:100



Sosiale-/lesekroken i 2. etasje



Treboksene sett fra taket

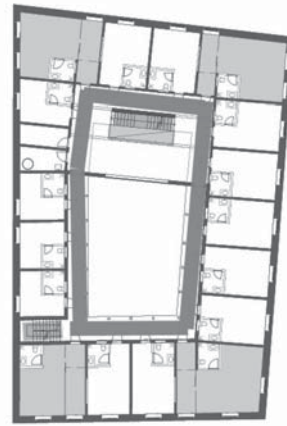


Snitt B-B 1:100



Snitt C-C 1:100

- Sirkulasjon
- Soirom
- Vertikal kommunikasjon



INSPIRATION PICTURES



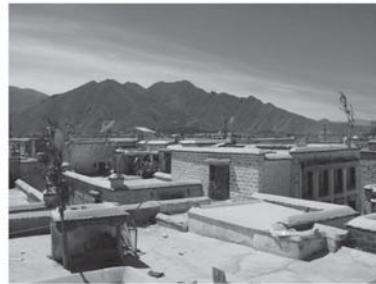
Gorha courtyard



Stone as a material



Tent structure on roof



The roof landscape

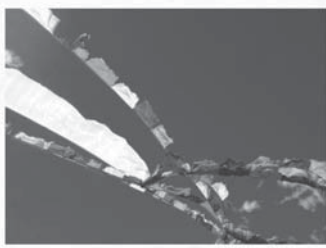


Nomade tent



Small courtyard for light





“Shangri La” – the roof of the world
– protected and locked away in the Himalayan fortress.

A country of stone and snow, high mountains, endless plains and wide valleys. The landscape is wild and overwhelming, the people are charismatic and friendly, pleased to show you their country. Tibetans are used to hardship, and despite the disastrous Chinese occupation, they have managed to keep their culture and humour alive. The history, society and daily life is stringly connected to the Buddhism.



Lhasa, the historic focus of Tibetans, is the capital of Tibet. The town is in legends glorified as the “place of goods”. Today it has grown into a regional capital, covering almost the entire floor of the Lhasa valley. The old town, which has the largest architectural interest, has historical streetscape and buildings of good quality. Throughout the town many religious chapels and monasteries proves the importance of the religion. Barkor is the main kora, located in the middle of the old town, surrounding The Jokhang temple.

Orphans in Tibet

The medical resources are few, and especially on the countryside is it a lack of hospitals and medicines. Because of this many diseases that are relatively harmless for westerners become deadly for Tibetans. Parents become ill and dies and the children are left alone too early.

On the other hand parents seldom leave their children on purpose.

The orphans become beggars or “adopted” by other families. The Buddhism’s main principle is non-violence and humanity, so the orphans will be supported, still with less living – conditions (bad clothes, shoes and little money). They appear as servants, like herds, and get food as wages.

Current institutions for blind, deaf and orphaned are established and run by westerners. Only a couple are run by the government.

I want to give orphaned children, mainly from the countryside, a home, safety, education and possibilities they normally wouldn’t get because of their situation. The children stay at the orphanage until they can manage on their own. They will get education on schools in Lhasa from they are 6 years old. The orphanage has room for 48 children, between 4 – 20 years.

The site

– is situated in The Old Town, near the little chapel Karmashar, east of Barkor. It is an open space in relation to the narrow streets in the area. The street life is calm contrary to Barkor – a nice location for an orphanage. On the north side of this little marked place two old “townhouses”, Tashi Khangsar and Tanshim Pengpa (1896) enclose new “dwelling blocks” with less architectural importance (fig. 1). By removing these blocks a long and narrow site appear. In north an old mansion, Tentrakang (1890), delimit the site. The eastside is bounded by a wall and the Westside is bounded by existing buildings. (fig.2)

Visions

Tentrakang is a two storey stone building which I preserve and use as a part in the orphanage.

I put the main outdoor space in front of Tentrakang to make this building free. Inside the old building you find computer room and classroom (nursery school) on the ground floor, and library and workshop room on first floor. Towards the street I put the administration building and staff rooms. And a part of the ground floor is rent out for shops, to give some life to the street. The “street” building is a traditional building with slanted walls, made by stone. It is supposed to fit in between the other facades, and to avoid the unpractical gap between slanted walls the building are dragged one metre away from the neighbour. Between these “traditional” buildings I make some modern buildings in concrete. They are faced toward an internal street that leads to Tentrakang. The sleeping “units” for the children are two storey freestanding buildings. The children are divided in four groups – girls 4 – 12, boys 4-12, girls 12-20 and boys 12 – 20. Six children are sharing one room.

On the other side of the small street lays the common rooms as kitchen, bathrooms and a big assembly room. (fig.3 – 4)

Between the “units” and the neighbours a smaller outdoor space is accessed through passages between the units.



Figure 1: The current situation



Picture taken from the marked place toward the site



Figure 1: The current situation



Figure 2: The new site



Figure 3: The division of the site



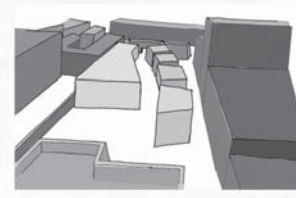
Figure 4: The future situation



Sketch of the internal street



Sketch of the backyard

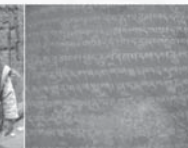
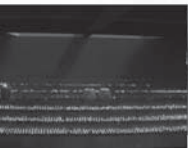


SITEPLAN 1:500



PLAN - GROUND FLOOR
1:100

- 1 Computer room
- 2 Class room
- 3 Animal husbandry
- 4 “Sleeping unit” (4-12 years)
- 5 Assembly room
- 6 Kitchen
- 7 Storage
- 8 Laundry room
- 9 Bathroom
- 10 Shop
- 11 Reception/administration



PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | ORFANATO, MONICA MARSTAD



PLAN - FIRST FLOOR
1:100

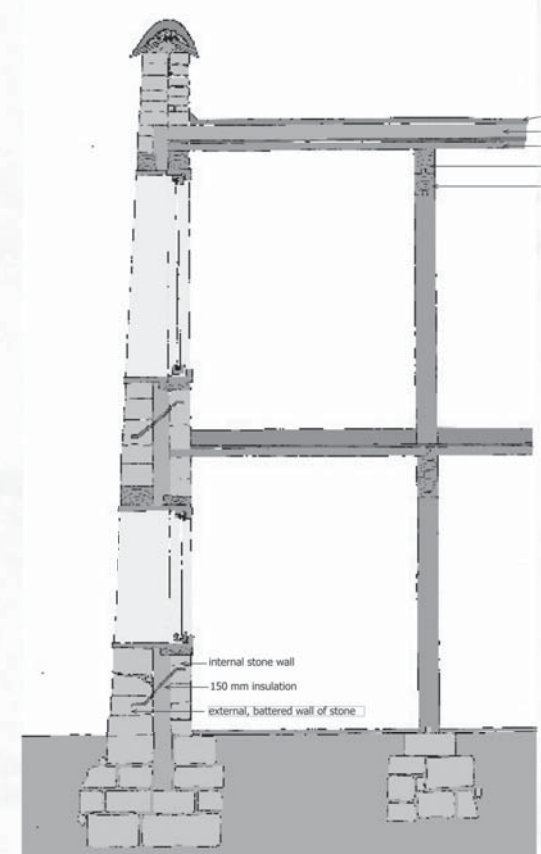
- 1 Library
- 2 Workshop room
- 3 "Sleeping unit" (12-20 years)
- 4 Gallery
- 5 Storage
- 6 Laundry room
- 7 Bathroom
- 8 Staff room
- 9 Meeting room
- 10 Administration



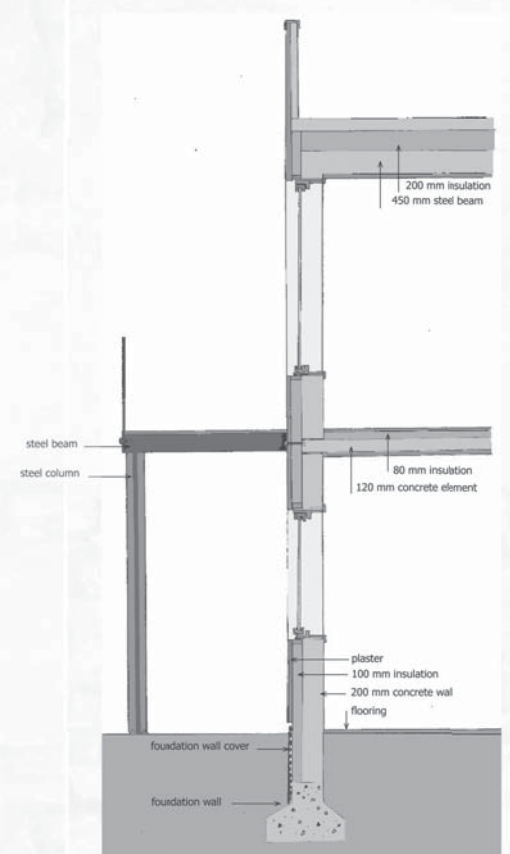
STREETFACADE
1:100



SECTION C - C
1:100



TRADITIONAL WALL
1:20



MODERN WALL
1:20





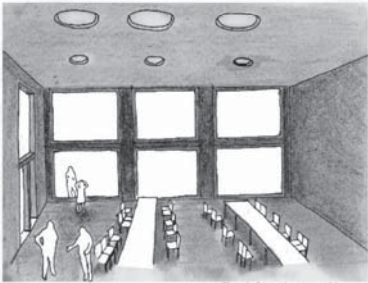
FACADE OF TENTRIKAIG
1:100



SECTION A-A
1:100



SECTION B - B
1:100



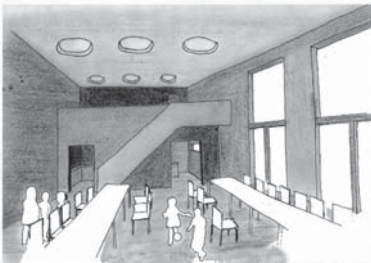
Sketch from the assembly room



a nice retirement



example of a large roof terrace



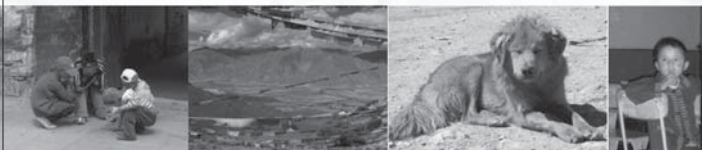
Sketch from the assembly room



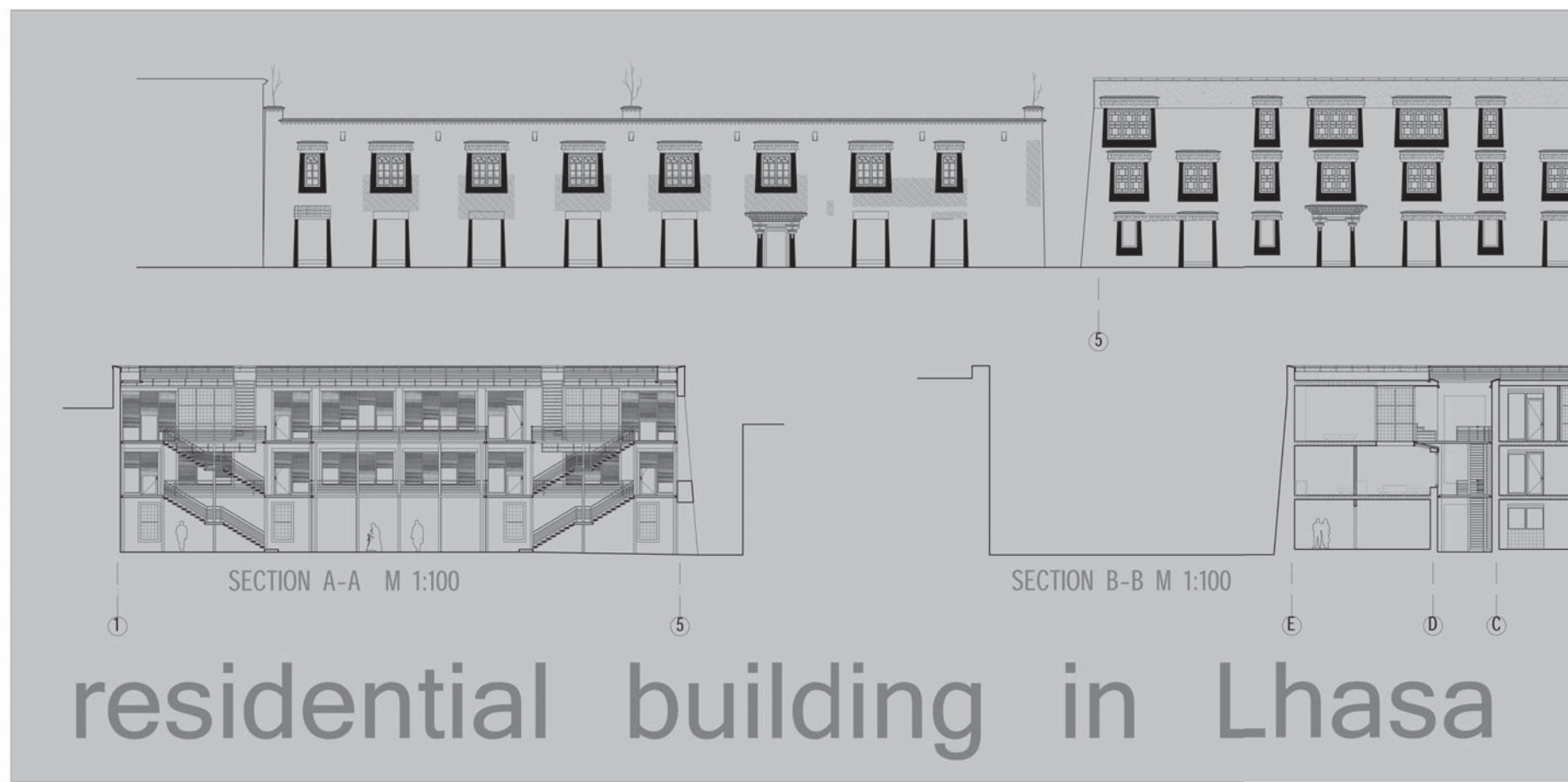
traditional window



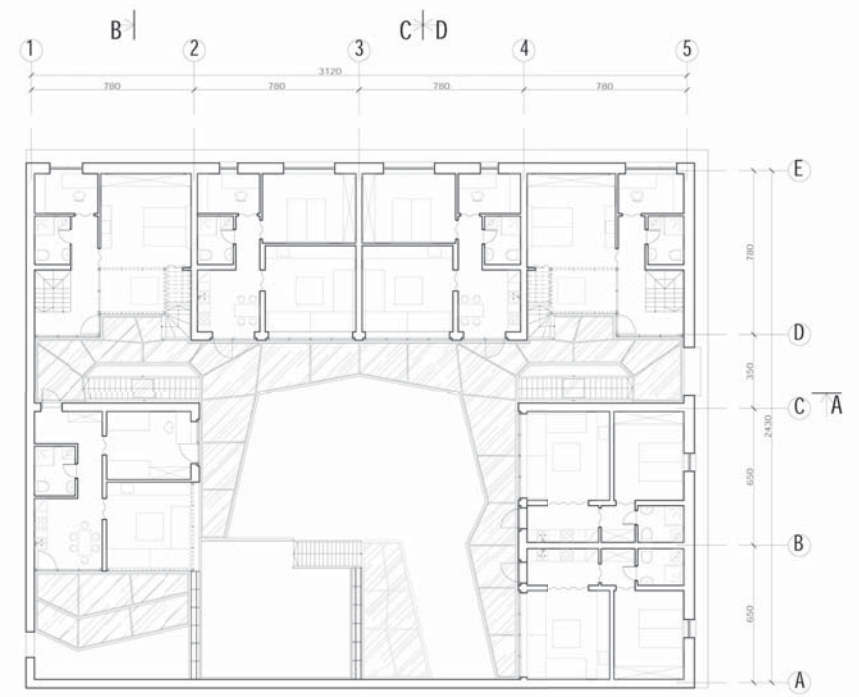
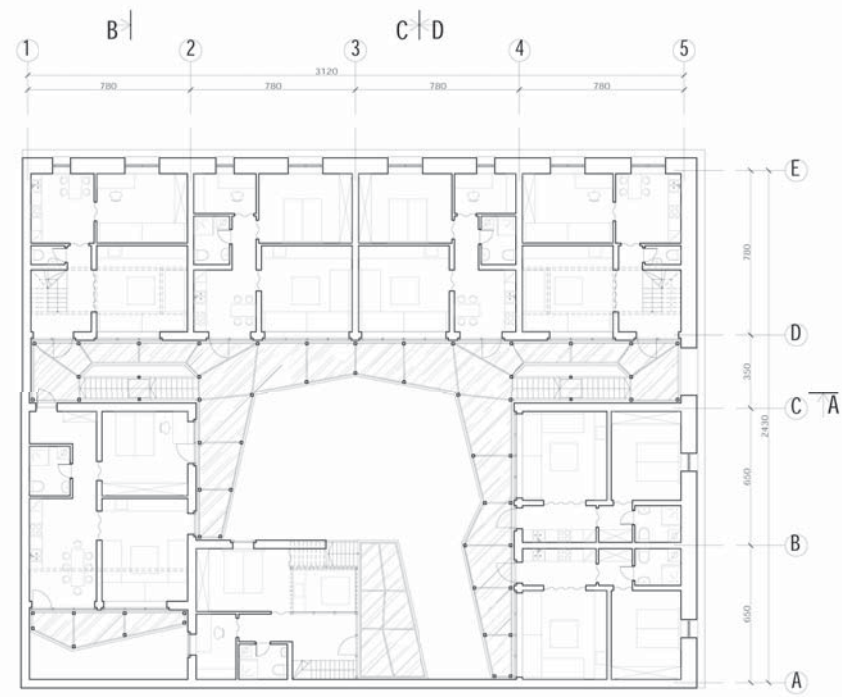
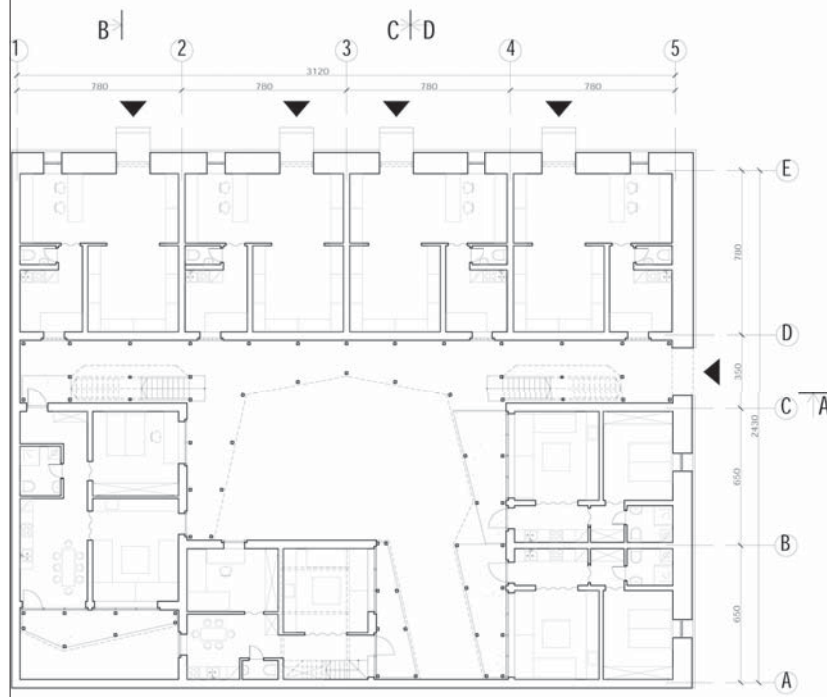
example of traditional construction - columns and visible beams



MITSHANG - AN ORPHANAGE IN LHASA
AAR 4520 TOWNHOUSE IN A FOREIGN CULTURE
MONICA MARSTAD
FALL 2004



residential building in Lhasa



PROJECTOS ACADÉMICOS (NTNU) | HABITAÇÃO, RASA SIMATONYTE



